

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS-UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL DE DOUTORADO

CARMEM BARROSO RAMOS

**NAS ÁGUAS DO TURISMO TEM *GENTES ENCANTADAS*: duas temporalidades na
teia da memória das Comunidades do município de Barreirinhas-Ma**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em História do Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Vale dos Rios dos Sinos –UNISINOS.

Orientadora: Professora Dra. Marluza Marques Harres
Coorientador: Professor Dr.: Rodrigo de Azevedo Weimer

São Leopoldo, RS

2018

CARMEM BARROSO RAMOS

**NAS ÁGUAS DO TURISMO TEM *GENTES ENCANTADAS*: duas temporalidades na
teia da memória das comunidades do município de Barreirinhas-Ma**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em História do Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Vale dos Rios dos Sinos –UNISINOS.

Orientadora: Professora Dra. Marluza Marques Harres
Coorientador: Professor Dr.: Rodrigo de Azevedo Weimer

São Leopoldo, RS

2018

Vivian Oliveira da Silva
Bibliotecária 13/743

Ramos, Carmem Barroso

Nas águas do turismo tem gentes encantadas: duas temporalidades na teia da memória das Comunidades do município de Barreirinhas - MA. / Carmem Barroso Ramos. – São Leopoldo, 2018.

227f.

Orientadora: Profª Drª Marluza Marques Harres.

Coorientador: Profº Drº Rodrigo de Azevedo Weimer.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2018.

1. Memória. 2. Comunidades Ribeirinhas. 3. Narrativas. 4. Interferências. 5. Lençóis Maranhenses. I. Título. II. Harres, Marluza Marques. III. Weimer, Rodrigo de Azevedo.

CDU: 82-94:22.015 (812.1)

CARMEM BARROSO RAMOS

NAS ÁGUAS DO TURISMO TEM *GENTES ENCANTADAS*: duas temporalidades na teia da memória das comunidades do município de Barreirinhas-Ma

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Vale dos Rios dos Sinos –UNISINOS.

Aprovado em ___ de _____ de 2018.

Banca Examinadora

Professora Dra. Marluza Marques Harres
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(Orientadora)

Professor Dr. Rodrigo de Azevedo Weimer
Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul
(Coorientador)

Professor Dr. Jairo Henrique Rogge
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(Arguidor)

Dr^a Miriam de Fátima Chagas
Ministério Público Federal
(Arguidora)

Professora Dr^a Sinara Robin
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(Arguidora)

Professor Dr. José Henrique de Paula Borralho
Universidade Estadual do Maranhão
(Arguidor)

AGRADECIMENTOS

Em todo o transcorrer do curso de Doutorado, muitos acontecimentos fizeram parte dessa jornada. As dificuldades, que não foram poucas, ensinaram-me a não perder o foco do propósito almejado.

Nesse intervalo de quatro anos, pude contar com muitas pessoas que, de forma variada, contribuíram para a conclusão deste trabalho. Assim, demonstro meus agradecimentos:

À Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMASUL, pelo incentivo direcionado a nossa formação acadêmica.

Ao meu companheiro de todas as horas, Siney Ferraz, por ter lido, relido e feito críticas importantes ao meu trabalho. Nossos constantes diálogos e sua atenção incansável em relação ao desenvolvimento desta tese me deu ânimo para prosseguir.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História-UNISINOS pela convivência, em especial à minha orientadora Marluza Marques Harres e a meu coorientador Rodrigo de Azevedo Weimer, os quais, com suas críticas construtivas contribuíram imensamente para o desenrolar do trabalho.

Aos colegas de jornada, pelo carinho, conversas e brincadeiras, enfim pelos agradáveis momentos que aliviavam o peso da responsabilidade dos estudos de doutoramento. A querida Ilma Maria de Oliveira, meu mais especial agradecimento por sua disponibilidade em compartilhar e dialogar seus saberes de forma solidária e amorosa.

Aos meus pais Manoel e Celeste, verdadeiros anjos protetores, pelas lições que me constroem dia-a-dia; pelas preces e orações sob a proteção de Mãe Sant'Ana.

Aos meus irmãos Fernando (in memorian), Geordano, Lúcia, Jorge, João, Patrícia, Manoel Jr., Vinicius e Paulo, pelo carinho e pelo diálogo aberto, instrumentos de força para que eu continuasse a jornada.

A minha filha, Ana Catharina, pelas conversas alegres e descontraídas que serviram para abrandar os momentos de tensão e preocupação.

A minha cunhada, Maria José Rodrigues (Zezé), pela leitura dos meus primeiros escritos e pelas suas “dicas” sempre enriquecedoras.

A todas as pessoas das Comunidades de São Domingos, Boa Vista, Mangaba e Atins que abriram suas casas e seus corações expressando sua verdade em gentilezas e palavras. Suas vozes teceram este trabalho. A todas e todos, além dos mais sinceros agradecimentos, meu respeito, admiração e a dedicatória deste trabalho.

... por natureza somos todos criaturas pensantes e nenhum de nós é capaz de ter do mundo, e de qualquer assunto, um ponto de vista absoluto e absolutamente verdadeiro(...). A verdadeira realidade do mundo está em poder ser visto por todos nós, de pontos diferentes de percepção. Não há uma só verdade, mas verdades relativas às épocas, lugares, perspectivas em que se formularam e que se sustentaram.

Hannah Arendt

RESUMO

Esta tese analisa a dinâmica sociocultural das Comunidades que vivem às margens do rio Preguiças, na região dos Lençóis Maranhenses. Nesse processo, pelo viés da história oral e sociocultural, centramo-nos em duas temporalidades de práticas distintas. Uma, onde as tradições seculares foram construídas a partir de suas narrativas (histórias, causos e provérbios), sua economia de autossustento, suas festas familiares, seus compadrios e seu tempo devagar. Outra, que tem como foco o tempo curto das multidões, dos espetáculos, do comércio lucrativo, da especulação imobiliária, do turismo. Esses dois tempos, essas duas culturas, esses dois valores provocam mudanças e conflitos. Os valores chegantes tentam sobrepor-se aos “velhos valores”. As interferências do turismo mudam as rotinas, as relações com o tempo e com a própria história das Comunidades. Assim, a partir da imersão dentro dos povoados de São Domingos, Boa Vista, Mangaba e Atins, sendo estes emblemáticos neste processo, buscamos o entendimento das interferências e permanências das tradições locais.

Palavras-chave: Memória, Comunidades Ribeirinhas, Narrativas, Interferências, Lençóis Maranhenses.

ABSTRACT

This thesis analyzes the sociocultural dynamics of the communities on the banks of the Preguiças river, in the Lençóis Maranhenses region. In this process, through the use of oral and sociocultural history, we focus on two temporalities of distinct practices: one where secular traditions were constructed from their narratives (histories, causes and proverbs), a self sustainable economy, their family celebrations, relationships and their slow time; the other is quick time, crowds, spectacles, profitable trade, real estate speculation, tourism. These two times, these two cultures, these two values bring about changes and conflicts. The incoming values try to override the "old values". The interferences of the tourism change the routines, the relations with the time and with the own history of the communities. Thus, from the immersion in the villages of São Domingos, Boa Vista, Mangaba and Atins, being these emblematic in this process, we seek the understanding of the interferences and permanences of the local traditions.

Key-words: Memory, Riverside communities, Narratives, Interferences, Lençóis Maranhenses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capa da Cartilha Memória de Vida..... 19

Figura 02 – Região de abrangência dos Lençóis Maranhenses	20
Figura 03 – Rodovia MA-402	22
Figura 04- Mapa da rota migratória indígena	29
Figura 05 Casa da antiga Fazenda Santa Cruz	32
Figura 06 – Mapa das migrações para a região dos Lençóis Maranhenses	33
Figura 07- Maranhão: frentes de ocupação	35
Figura 08- Mapa de localização da bacia hidrográfica do rio Preguiças	42
Figura 09- Vista aérea do rio Preguiças	43
Figura 10 – Mapa dos Lençóis Maranhenses e seus principais povoados	48
Figura 11- Viagem de canoa a remo transportando a produção agrícola	49
Figura 12– Plantio de bananas próximo às levadas no São Domingos	50
Figura 13 – Levada do São Domingos	51
Figura 14 – Desenho do curral de pesca dos pescadores de Atins	59
Figura 15– Construção do curral de pesca	60
Figura 16– Cabanas: moradias temporárias dos pescadores na região da pesca	63
Figura 17– Calendário das chuvas e da estiagem	64
Figura 18- Uso do cocho e do jacá pela comunidade em suas tarefas	67
Figura 19 - Sr. Isac no seu estaleiro de canoas	69
Figura 20 - Janaubeira da comunidade São Domingos	70
Figura 21– O fruto buriti	71
Figura 22- Processo da retirada do linho do buriti	73
Figura 23- Desenho das crianças da Escola fundamental do povoado São Domingos	76
Figura 24– Uso do jacá pelas comunidades ribeirinhas	91
Figura 25 – Pote de cerâmica	92
Figura 26 – Forno para fazer bolos e assados	93
Figura 27 – Forno para fazer farinha de mandioca	94
Figura 28 – A chegada da pesca	95
Figura 29 – Desenho do <i>batatã</i> feito pelas crianças da comunidade	108
Figura 30 – Primeiros carros que entraram na região.....	126
Figura 31 – Crianças utilizando a vara e o remo para conduzir a canoa	127
Figura 32 – Poço lacrado no bairro da Cebola na sede do município	133
Figura 33 – Bacias petrolíferas na área de influência de Barreirinhas	135
Figura 34 – Mapa dos Lençóis e os caminhos que levam ao mar	138
Figura 35 – Recorte do mapa da América do Sul	139

Figura 36– Armazém de compra e distribuição de castanhas em Barreirinhas.....	143
Figura 37 –Mapa da Rodovia MA-402	146
Figura 38– Rota turística Jeri-Delta-Lençóis	148
Figura 39- Campo de energia eólica entre Barreirinhas e Paulino Neves –MA	148
Figura 40 – Logomarca da campanha publicitária	154
Figura 41– Panfleto publicitário dos roteiros turísticos na região dos Lençóis	156
Figura 42 – Moradias temporárias em construção no povoado São Domingos	163
Figura 43– Lagoas de estabilização de esgotos sanitários	165
Figura 44 – Mulher lavando roupas na beira do rio	166
Figura 45 – Hugo e seu irmão Odon colhendo a produção de bananas	167
Figura 46 – Confeção de canoas no povoado São Domingos	168
Figura 47 – <i>Prints</i> das redes sociais dos moradores das comunidades	171
Figura 48 – Registro do cotidiano local	172

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DOS LENÇÓIS MARANHENSES: HISTORICIZANDO SEUS RASTROS NA BEIRA DO RIO PREGUIÇAS	27
2.1 O processo migratório e o povoamento da região	27
2.2 Os rios da região	40
2.3 O “Rio Mãe” Preguiças e suas comunidades	44
2.4 O mundo da pesca	56
2.5 O extrativismo na região e nas margens do rio Preguiças	64
2.6 As festas nas comunidades ribeirinhas	73
3 O PERCURSO HISTÓRICO DAS TRADIÇÕES NAS EXPRESSÕES DOS RIBEIRINHOS DOS LENÇÓIS MARANHENSES	78
3.1 O percurso teórico sobre a questão da oralidade	78
3.2 Os espaços de relações: como se constrói o passado	89
3.3 As narrativas sobre as águas	97
3.4 As narrativas sobre as rezas, benzimentos e curas	111
3.5 As narrativas sobre medos e assombrações	116
4 AS MUDANÇAS CHEGARAM...	125
4.1 A chegada da Petrobrás	128
4.2 <i>Navegar é preciso</i> : as mudanças nos caminhos dos pescadores-navegadores da região dos Lençóis Maranhenses	136
4.3 A chegada dos padres com novas ideias aos povoados camponeses e ribeirinhos ...	140
4.4 A abertura das estradas e a chegada do turismo	145
5 DOIS MUNDOS NAS MESMAS ÁGUAS: as diluições e as permanências	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICES	192

1 - INTRODUÇÃO

Compreender o universo das experiências e tradições das comunidades ribeirinhas dos Lençóis Maranhenses diante do crescimento do turismo é o objetivo desta tese. A história dessas comunidades se divide em dois momentos: primeiro, o da construção que se deu durante o aprendizado das experiências e tradições com seus ancestrais; segundo, o do conflito diante do novo, ou seja, o turismo que ali adentra superpondo duas temporalidades, o tempo das tradições e o tempo das transformações.

A proposta da tese teve o intuito de estudar as memórias contidas em narrativas da vida cotidiana¹ das comunidades ribeirinhas da Região dos Lençóis Maranhenses. Inicialmente o tema foi se impondo espontaneamente, pois o contato com tais comunidades nos mostrou um corpo de narrativas² (histórias, causos, anedotas) própria do *ethos*³ desses grupos estudados.

A nossa reflexão partia do pressuposto da permanência de um *ethos* peculiar dos moradores que transitam à beira dos rios, lagos e mar, a despeito das mudanças promovidas pelo turismo em suas vidas. Então a investigação foi também, em parte, uma continuidade da pesquisa do Mestrado⁴. Nesse contexto a pesquisa da tese nos impulsionou na possibilidade de

¹ Cerneau entende o cotidiano como espaço enunciativo de construções singulares. “É o lugar do homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. Este herói anônimo vem de muito longe. É murmúrio das sociedades. De todo tempo, anterior aos textos” (DE CERTEAU, 1994, p.57). O conceito de cotidiano remete de imediato à cultura de uma sociedade, isto é, a uma concepção multidimensional da realidade social. O estudo do cotidiano parte do habitual. As práticas são instituídas e instituidoras de representações utilizadas pelos indivíduos para dar sentido a seu mundo (BRASIL, 1999 apud GANDARA 2010, p.20). Já Agnes Heller (1972, p.20) entende que a vida cotidiana é o homem por inteiro, nela colocam-se as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. Dessa forma a vida cotidiana não está fora da História, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social.

² A narrativa constitui o espaço em que a memória se manifesta, tomando toda recordação a forma de um relato retrospectivo. Representa a fonte do contar, logo a origem da narração, exposição oral de um sujeito para um grupo de ouvintes, com o qual compartilha interesses e expectativas (ZIBERMAN, 2010, p.38).

³ Gomes (2008, p.49) esclarece que a palavra *ethos*, com *th* ou sem *h*, deriva do grego, que quer dizer costume, comportamento. Equivale em latim, à palavra *more*. Derivados adjetivados dessas duas palavras se tornaram respectivamente, ética e moral, dois termos equivalentes de grande significado para a filosofia e para a cultura. Porém a palavra *ethos* só foi usada teoricamente a partir do antropólogo inglês Gregory Bateson, quando na década de 1930, tentou explicar a singularidade do modo de sentir o mundo e de se comportar, de acordo com princípios, normas e valores reconhecidos do povo Iatmul, das ilhas Samoa, onde ele fazia pesquisas antropológicas. Bateson não estava interessado em nos aspectos materiais ou sociais desse povo, mas como vivenciavam seu sentido de ser no mundo, e como essa vivência expressava valores e normas. Na década de 1970, a palavra *ethos* é retomada, quando da necessidade de explicar a subjetividade da cultura. Assim ela é encontrada em muitos textos antropológicos e críticos de literatura que analisam a cultura como um sistema de valores, ou como um texto literário, ou ainda como algo que só é apreensível pelo diálogo entre pesquisador e membro da cultura. Vaz (2004, p.12) complementa que o *ethos* corresponde à dimensão do agir humano social e individual na qual se faz presente um dever-ser.

⁴ Nossa dissertação de mestrado teve como título: *Ação do turismo nos Lençóis Maranhenses: a Comunidade São Domingos entre a tradição e a modernidade*. Realizamos um estudo de caso, partindo das análises dos Planos de Turismo nacional, estadual e municipal voltado para a região. A escolha desse povoado é devida ao interesse turístico na construção de casas de veraneio. Aprofundando a pesquisa constatamos a resistência dos moradores

entender o mundo das crenças, valores étnicos e socioculturais dessas comunidades, traçando um paralelo com as mudanças trazidas pelo turismo. Assim, durante o percurso da pesquisa, buscamos indícios de interferências mútuas entre as tradições dessas comunidades e o que se apresenta como novo (conjunto das atividades do turismo).

Na observação do cotidiano das comunidades estudadas, percebemos que homens e mulheres desenvolveram um aprendizado de tarefas com seus ancestrais, entre elas: o trabalho de confecção de canoas e barcos, a agricultura, a pescaria, o artesanato, o extrativismo e as pequenas criações, acumulando, desse modo, grandes experiências nessas atividades. Nessa direção, recorreremos a Walter Benjamin (1994) com suas preocupações e reflexões sobre o significado da experiência e seu potencial desaparecimento diante das mudanças promovidas pelo progresso linear.

A pesquisa oral com os ribeirinhos nos fez ver a articulação das tradições locais no enfrentamento com os processos de mudanças que o turismo trouxe e traz. As narrativas (histórias, causos, crenças e provérbios) colhidas durante o trabalho de campo se ligam às experiências do trabalho e demais dimensões da vida cotidiana. Essas narrativas são socializadas na casa de forno, na hora de fazer a farinha; nas praias, especificamente nas barracas dos pescadores; na hora do banho ou lavagem de roupa e louça na beira do rio; na coleta e raspagem do buriti; na cozinha, durante o preparo de doces e bolos; no trabalho do artesanato da fibra do buriti e na construção de canoas em seus quintais.

Lançamos mão da história oral como uma ferramenta imprescindível na busca de nossas indagações. Vale destacar que Thompson (2002) diz que a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história, e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Thompson (2002, p.22) reitera que a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação.

Convém lembrar que alguns pesquisadores criticam o uso da memória como fonte histórica por pensarem que esta padece de distorções causadas pela transformação da memória em fábulas e que, por influência do entrevistador, a informação foge da neutralidade e objetividade científica (FRISCH; HAMILTON; THOMSON, 1998). Rebate Thompson (2002),

em permanecer em seu povoado, apesar das ofertas de compra de terras. Atualmente, devido à ampliação da zona turística para a região da chamada Rota das Emoções, compreendendo as regiões de Barreirinhas – Piauí -Ceará, por causa da ampliação da MA-402, está havendo uma demanda menor de turistas na região dos Lençóis Maranhenses, conseqüentemente, também nos povoados.

afirmando que não podemos esquecer que, às vezes, a história oficial está comprometida com fontes escritas fraudulentas e de braços dados com a manutenção do poder vigente. Diz o autor que a própria estrutura de poder funcionava como um grande gravador que modelava o passado a sua própria imagem.

Lozano (2006, p.15) destaca que o estudo da memória começou através da antropologia, no âmbito da pesquisa dos processos de transmissão das tradições orais, ligado, principalmente, aos contatos com as sociedades rurais. Nessas sociedades, a passagem de conhecimentos ainda transita pela oralidade. A tradição oral foi, então, um objeto de conhecimento do *corpus* teórico da antropologia e um meio de aproximação e interpretação cultural. A questão da oralidade ultrapassou o campo da antropologia, tornando-se objeto de estudo de outras disciplinas e, atualmente, se configura na corrente historiográfica denominada história oral.

Delgado (2007) completa que, dentro do espaço interdisciplinar, a história oral utiliza vários recursos no intuito de estimular a memória, fonte principal que alimenta as narrativas. Enfim, a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em várias dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas e consensuais.

Sem dúvida, o recurso do uso da memória para conhecer os personagens que nos propomos a estudar foi determinante para seguirmos em frente. A partir da história oral, a presente pesquisa buscou registrar a memória das comunidades ribeirinhas dos Lençóis Maranhenses no que tange às suas narrativas orais.

Le Goff (1998) sinaliza que a memória é um conjunto de funções psíquicas passadas, baseada na ordenação e releitura de vestígios. Já Halbwachs (1990) entende que a memória é percebida como reconstrução do passado com a ajuda de fatos presentes cujas narrativas dos outros confirmam essa construção.

As práticas narrativas, tendo a memória e a oralidade como pedra fundamental, nos auxiliaram no entendimento do conjunto da cultura dos ribeirinhos. Complementa Zilberman (2010, p.28) que a memória é uma faculdade humana encarregada de reter acontecimentos adquiridos previamente. Tal acontecimento é armazenado em algum lugar do cérebro, recorrendo-se a ele quando necessário. Assim, o objeto armazenado pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, de modo que a memória pode remeter a uma lembrança ou recordação em situação apropriada.

Zilberman (2010; p.30) recupera Benjamin na sua preocupação com o ângulo comunicativo da linguagem, quando afirma que cada expressão da vida mental humana pode ser entendida como um tipo de linguagem. Compete ao homem, “ser linguístico”, nomear as

coisas. Esse ato não é arbitrário; ao fazê-lo, ele identifica o sentido de cada coisa presente na “entidade mental” que se expressa. Zilberman completa:

Na linguagem, e em especial na oralidade, desembocam as preocupações de Walter Benjamin. O ato de nomeação extrai a natureza das coisas, fazendo com que a palavra as imite, podendo passar por elas. Ao mesmo tempo em que o substantivo manifesta, por mimetismo, o ser do objeto que expressa, ele pode substituí-lo. Palavras e coisas se identificam, conforme um sentimento mágico de que são exemplos algumas religiões nas quais se proíbe o uso de determinados vocábulos para não atrair a atenção de seus portadores (ZILBERMAN,2010, p.31).

A oralidade é o modo mais notório da relação entre o nome e a coisa, mas a escrita, originalmente, não tem como objetivo romper essa unidade. A oralidade é, igualmente, a expressão mais credenciada da memória, quer dizer, aproxima não apenas as palavras e os seres, mas também as pessoas, falantes e ouvintes (ZILBERMAN,2010, p.31).

Nesta investigação, em se tratando de um grupo que acumula experiências ditas tradicionais, usamos a categoria de análise *população tradicional*, vinculada às tarefas ligadas à terra e ao ambiente circundante. Referida população teve como primeira frente de ocupação as margens dos rios, portanto é uma comunidade que apresenta características de população de “beira de rio” e, nesse sentido, os traços tradicionais são marcantes. As ciências sociais e humanas reconhecem que o conhecimento tradicional é aprendido através das experiências práticas ou empíricas. Por outro lado, voltam seu olhar para esse homem simples valorizando seus saberes (SANTOS 2006).

Almeida (2006, p.66) diz que as terras tradicionalmente ocupadas são terras indígenas, terras quilombolas, terras ribeirinhas, terras dos seringueiros, reservas extrativistas e babaquais. O autor ainda enfatiza que o tradicional se referia a histórico ou pré-histórico. Com a inserção da expressão terras tradicionalmente ocupadas, na Constituição de 1988, rompe-se com a imemorialidade. Desse modo, a noção de tradicionalidade está para além de laços imemoriais; tem relação com a dimensão afetiva e simbólica de um território⁵. No alinhavo desta tese, os autores Almeida (2004; 2008); Diegues (1996), O’Dwyer (2003), D’Antona (1997); e Conceição (2001) foram igualmente importantes.

As categorias de análise desenvolvidas corresponderam aos conceitos básicos que refletiram aspectos essenciais e gerais do real e suas conexões, considerando a realidade social e cultural em seus movimentos e relações. Os conceitos dos autores estudados nos favoreceram consolidar o fundamento das pesquisas orais e da memória e, ao mesmo tempo, entender que o

⁵Decreto Nº 6.040, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2007).

conhecimento científico precisa se deslocar das grandes narrativas a fim de se aproximar do cotidiano.

No decorrer das atividades de pesquisa, dentre outras atividades, observamos o cotidiano dos ribeirinhos em suas tarefas diárias na relação com o rio, na atividade da lavoura voltada para o autoconsumo, nas atividades do artesanato da palha de buriti e na confecção de canoas. Nossas visitas nos aproximaram das comunidades e assim passamos a conhecer os espaços de suas atividades cotidianas (os quintais com as casas de forno, os caminhos, as trilhas, os portos, as fontes⁶ de onde chegam e saem canoas e barcos com peixes, as roças, as pastagens para criações de gado e cabras).

Na continuidade da pesquisa, nos deparamos com uma rede de relacionamento entre as pessoas das várias comunidades: Dona Maria, Dona Conceição de Maria (também chamada de Conchita), Dona Francisca (que todos chamam de Chica) e Dona Adriana, na comunidade São Domingos; Dona Edviges Silva, conhecida como Dona Desa, mulher de voz forte e altiva, na comunidade Boa Vista.

Outro entrevistado, o Sr. Manoel Silva, nascido na localidade Mangaba, forneceu-nos relatos sobre sua vida e o que presenciou na região. Sua memória dos acontecimentos desenrola o processo de transformação pelo qual passou a região: recordando a história de seu pai e parentes mais velhos refez a história do lugar.

Ainda no povoado Mangaba, localizamos os Srs. José de Assis Sousa e Edivan Carvalho Costa, produtores de farinha de mandioca. Nosso encontro aconteceu na casa de forno em plena farinha⁷. Iniciamos a entrevista indagando sobre o trabalho na fabricação de farinha. Daí então, a conversa seguiu permeando-se entre os afazeres cotidianos e as narrativas sobre suas crenças.

Na comunidade Atins, conversamos com o Sr. Anésio, um experiente pescador, que nos falou sobre sua vida na pesca, a chegada do turismo no local, e se alongou, como era de se esperar, por outros temas, abarcando as histórias de pescadores. Já D. Rosa, esposa do Sr. Anésio - que se destaca nas mais variadas tarefas, indo do cuidado da casa à cata de mariscos (sururu, sarnambi, siri e caranguejo) e à costura - relatou suas experiências com o trabalho da cerâmica e o artesanato da palha de carnaúba e fibra de buriti. A entrevistada não se esqueceu de falar sobre as histórias dos entes ou *gentes d'água*.

⁶ As fontes são locais na beira do rio, escolhidos pelos ribeirinhos como espaços para tomar banho, lavar roupas e louças, banhar seus animais, desembarcar com canoas cheias de mandioca para as casas de farinha ou para guardar suas canoas.

⁷ Ato de fazer a farinha.

Todos os entrevistados se pronunciaram sobre o seu viver diário nas comunidades, incluindo seus afazeres (trabalho, festas, casamentos, nascimentos, batizados e velórios) e suas narrativas (crenças, rezas, benzimentos, causos e provérbios). Os relatos trouxeram também as visões dos ribeirinhos sobre o turismo, o que nos ajudou a perceber as suscetibilidades da relação entre os chegantes (turistas) e os integrantes das comunidades estudadas.

Com referência às narrativas, destacam-se várias naturezas: sobre o trabalho (pesca, lavoura, produção de farinha, extrativismo, cerâmica, olaria, criação de animais); sobre as águas ou *gentes d'águas* (mãe d'água, cabeça de cuia, cabal d'água, batatã); sobre histórias de pescadores (peixes e barcos encantados, o touro da praia dos Lençóis⁸, as fantásticas viagens a pesca); sobre as rezas e benzimentos; sobre as botijas de ouro ligadas a pactos com o diabo e homens que viram bichos. Essas construções do conjunto de narrativas abrangem desde experiências práticas até visões mágicas do mundo no qual os entrevistados estão inseridos.

O processo de recolher as memórias dos ribeirinhos se deu por meio das entrevistas livres e/ou histórias de vida. As entrevistas foram abertas⁹. Os entrevistados recorreram as suas memórias ao lembrar seus antepassados. Todos os relatos foram comparados e complementados com documentos, relatórios institucionais e trabalhos acadêmicos produzidos na região. Alguns temas foram direcionados a pessoas mais velhas, entre 60 a 85 anos, principalmente para buscar as origens do povoamento, assim como as primeiras experiências de vida nas localidades.

Foram realizadas 18 entrevistas, gravadas em áudio, num total aproximado de 27 horas. Nem todas foram citadas no texto da tese, no entanto, as vozes dos entrevistados nos proporcionaram perceber as visões de mundo dos ribeirinhos. Dessa forma, neste trabalho usamos as falas de acordo com a necessidade imposta pelos assuntos¹⁰ tratados. O trabalho

⁸ Os entrevistados de nossa pesquisa, principalmente os pescadores, relataram várias histórias a respeito da temática do sebastianismo, sendo esta temática parte inerente à vida dos ribeirinhos que se aventuravam na pesca em mar aberto. No segundo capítulo deste trabalho, registramos alguns destes relatos.

⁹ Na entrevista há dois tipos de dados envolvidos: objetivos e subjetivos. A entrevista pode ser estruturada, semiestruturada ou não estruturada, com perguntas fechadas ou abertas. Nessa última modalidade, o entrevistado tem toda liberdade de respostas (TRAVANCAS, 2012, p.16). Segundo Duarte (2005) apud Travancas (2012, p.18) a entrevista em profundidade é uma técnica de pesquisa qualitativa e busca reunir informações a partir de uma experiência subjetiva do entrevistado. São as entrevistas abertas. É claro que a entrevista difere no campo jornalístico e no acadêmico, Rouchou (2000) apud Travancas (2012, p.19) afirma que a diferença entre o campo jornalístico e o acadêmico ocorre da seguinte forma: o historiador tem o tempo ao seu lado, o jornalista joga contra o tempo. A urgência da notícia pode ser a pouca seriedade no trato com a entrevista. No campo acadêmico, com o uso da história oral, as entrevistas vão servir como documento sobre assuntos analisados e terão um estatuto de permanência, ao contrário do jornalismo.

¹⁰ Após as análises das entrevistas, um leque temático se abriu, o qual passou a envolver as pescarias na região; a vida na comunidade; o trabalho; as festas; as danças; a presença de escravos e seus descendentes das antigas fazendas locais; histórias ligadas a crenças (benzimentos, rezas, curas, histórias das *gentes d'água* e de botijas enterradas), temas estes tratados no primeiro e segundo capítulos. O leque temático envolveu, ainda, a mobilização dos sindicatos rurais com a presença dos religiosos católicos da pastoral da terra; os primeiros visitantes (turistas); as estradas clandestinas no rio e no mar e o contrabando na região, assuntos desenvolvidos no terceiro capítulo; e

contém os relatos de: D. Maria Machado, de 77 anos, colhido no dia 03 de março de 2015; Sr. Enéas Conceição, de 84 anos, feito em 20 de fevereiro de 2014; Sr. Manoel Silva, de 82 anos, em 20 de dezembro de 2014; D. Conchita Machado, de 75 anos, em 10 de março de 2015; D. Adriana Oliveira, de 64 anos, em 12 de novembro de 2014; D. Rosa Pereira, de 65 anos, em junho de 2014 e em 03 de março de 2015; D. Francisca Machado, 64 anos, em 20 de junho de 2014; Sr. Anésio Pereira, de 66 anos, em 12 de fevereiro de 2016; Sr. Isac Machado, 70 anos, em 13 de fevereiro de 2015; D. Desa Santos, 72 anos, em setembro de 2016; D. Rosa Amélia, em dezembro de 2014; e Srs. José de Assis e Edvan Carvalho, em fevereiro de 2015. Na transcrição das entrevistas, decidimos grafá-las, aproximando-as o máximo possível da língua formal, conservando algumas marcas do linguajar local, sem interferir, contudo, na ordem e sentido dos relatos dos entrevistados.

A coleta de dados não se restringiu apenas às entrevistas, tendo sido complementada com a produção de imagens (fotografias e vídeos). Algumas fotos antigas foram cedidas pelos moradores. Esse conjunto de imagens são impressões das experiências. Como afirma Castro e Marin (2004) apud Silva (2009, p. 26) “as fotos são registro do tempo, do cotidiano, dos lugares, das práticas sociais dos grupos, de família e da comunidade; são registro dos velhos, dos lugares que vão sendo descobertos, dos valores cujo sentido nem sempre é expresso verbalmente”.

Além das entrevistas diretas foram utilizadas fontes indiretas como alguns estudos elaborados sobre a região que trouxeram subsídios para percebermos a dinâmica sociocultural na região. No trabalho desenvolvido por Ferreira (1994) sobre o deslocamento de famílias camponesas às margens do rio Preguiças, é esboçado um roteiro etnográfico das atividades econômicas tradicionais dos pescadores-lavradores na região dos Lençóis Maranhenses. Segundo a autora, a prática do nomadismo era comum, principalmente nos povoados Tapuio e Laranjeiras. No verão cultivavam a roça e no inverno migravam para a região das praias ou próxima do mar, vivendo das pescarias.

Já D´Antona (2000) apresenta em sua pesquisa um estudo sobre as comunidades dos Lençóis Maranhenses, enfatizando as interferências crescentes da urbanização, do turismo e dos Modelos Governamentais de Unidade de Preservação, afirmando que estes são desatentos às práticas econômicas tradicionais. O autor foca na relação dos indivíduos com a natureza, caminhando com as noções de degradação e ou preservação ambiental e critica a delimitação do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

também as resistências ao turismo de massa pelos moradores mais velhos, aspecto abordado no terceiro e quarto capítulos da tese.

A riqueza dos relatos e informações documentais inscritos no trabalho de Baial Ramos, intitulado *História de Barreirinhas: Portal dos Lençóis Maranhenses*, publicado em 2008, foram relevantes. Também tivemos acesso ao livro artesanal produzido em outubro de 2010 pelos alunos da escola básica da comunidade São Domingos durante a oficina do Projeto VagaLume. Esse material manuscrito intitulado *São Domingos, o presente de volta ao passado*, foi feito a partir de relatos dos velhos moradores e utilizou ilustrações dos alunos da escola. Referido trabalho trouxe elementos para entendermos as origens dos povoados ribeirinhos, suas relações, suas crenças e experiências.

Figura 01- Capa da Cartilha feita pelos alunos da escola da comunidade.



Fonte: Associação VagaLume - Cartilha Memórias da Vida (2010)

A pesquisa de Pereira (2003) no município de Cururupu - MA, especificamente na Ilha dos Lençóis, que focaliza a questão do ecoturismo e o patrimônio cultural, enfatiza, de um lado, as práticas discursivas da imprensa e, do outro, as representações dos moradores locais. O trabalho discute as várias interpretações deturpadas que a imprensa local e a nacional fizeram a respeito da população albina que se designa de filhos do Rei Sebastião¹¹.

Particularmente, para entender as comunidades ribeirinhas, a contribuição de Gandara (2008), nos estudos sobre o rio Parnaíba como formador de cidades-beira, foi imprescindível. A autora percebe o rio como espaço social vivido no contexto das transformações sociais e culturais. A paisagem do espaço-rio se manifesta como testemunho do momento, pois é ele o campo das representações simbólicas.

¹¹ De acordo com Pereira (2003, p.61e 62), os nativos albinos (homens e mulheres com ausência total ou parcial de melanina) da Ilha dos Lençóis em Cururupu-Ma, incitam uma simbologia rica a partir de suas marcas corporais e do espaço onde seus símbolos estão alocados – numa ilha “encantada”(morada de Dom Rei Sebastião), isolada (para chegar lá só se for de helicóptero ou de barco) e misteriosa(com um conjunto de histórias sobre encantamento- Dom Rei Sebastiao é visto em forma humana ou em forma de um touro negro. Dizem que também é possível encontrar no local objetos de ouro os quais ninguém deve ousar retirar de lá, pois pertencem às riquezas do Rei Sebastião). Pereira aborda as várias versões de como essa população albina é interpretada pelos discursos jornalísticos.

Nessa linha, Pachêco Filho (2011) estuda o rio Grajaú como agente integrador de fronteiras que uniu culturas e encurtou distâncias no sertão maranhense. O autor afirma que por meio do rio, descendo ou subindo, chegaram os pioneiros da ocupação colonizadora, interferindo, de forma definitiva, na vida do rio e dos habitantes de suas margens. Este estudo também permite deixar para trás a falsa ideia de que o sertão era um lugar isolado das demais regiões da província, mostrando que os sertanejos, principalmente os ribeirinhos, sempre utilizaram o rio para se integrar com outras localidades.

O local deste estudo se configura na região denominada de Lençóis Maranhenses instituída como Parque Nacional em junho de 1981 pelo Decreto Lei 86.060. Tem como porta de entrada o município de Barreirinhas - MA (com uma área de 3.112 quilômetros quadrados) que integra a microrregião do Leste Maranhense, no litoral oriental do Estado.

Figura 02- Região de Abrangência dos Lençóis Maranhenses.



Fonte: Ministério do Turismo (2008).

Muitos veios d'águas cristalinas cortam a região, onde destacamos o rio Preguiças que interliga a região interiorana com o litoral congregando em suas margens várias comunidades, dentre elas: Tapuio, Laranjeiras, Boa Vista, São Domingos, Mangaba, Moitas, Morro do Boi,

Espadarte, Vassouras, Alazão, Caburé, Mandacaru, Santo Inácio e Atins. Assim, essas comunidades locais sempre foram sociocultural e economicamente viradas para o rio, sendo descritas pelos ribeirinhos como fonte de vida.

Para fins de delimitação, escolhemos as comunidades ribeirinhas Boa Vista, São Domingos e Mangaba. Esses povoados se relacionam com os lugares da pesca (Atins, Vassouras, Mandacaru, Espadarte). Pensamos nesses locais como representativos já que seus moradores ainda mantêm laços fortes de pertencimento e identidade ao seu lugar de nascimento e vivência.

As pessoas que moram nessas comunidades se inter-relacionam de várias formas: relações de parentesco, compadrio¹² e relações de trabalho, sendo que estas são determinadas segundo a natureza das produções. No período de peixes e mariscos as atividades agrícolas ficam temporariamente suspensas, sendo retomada em outros momentos. Nas atividades agrícolas cultivam mandioca, macaxeira, arroz, milho, feijão, banana, além de seus canteiros de verduras e legumes. A colheita da mandioca seguida da fabricação da farinha foi e continua sendo o momento de reunir parentes e vizinhos, tornando-se um gostoso compartilhar de conversas e histórias.

Na coleta dos frutos como buriti, bacuri, caju, juçara e pequi, as relações eram comunitárias. Esses alimentos se destinavam ao complemento da alimentação familiar. Hoje, com o turismo, principalmente, o buriti e bacuri são aproveitados para fazer doces, geleias e sorvetes que são vendidos aos turistas em restaurantes e pousadas. No caso do pequi é aproveitado para fazer diversos pratos salgados. Os alimentos feitos com esses frutos silvestres tradicionais são muito procurados pelos turistas, fato que denota o interesse em experimentar a gastronomia tradicional do lugar.

Vale esclarecer que, a partir da década de 1960, a região veio sofrendo mudanças no âmbito sociocultural e econômico. Primeiramente pela presença da Petrobrás que ensaiou a prospecção de petróleo. Este foi um período de dinamização em vários aspectos, principalmente sociocultural com a entrada de novos hábitos. A construção de estradas vicinais introduziu equipamentos de transportes terrestres, como o jipe e o caminhão, assim como o avião e o

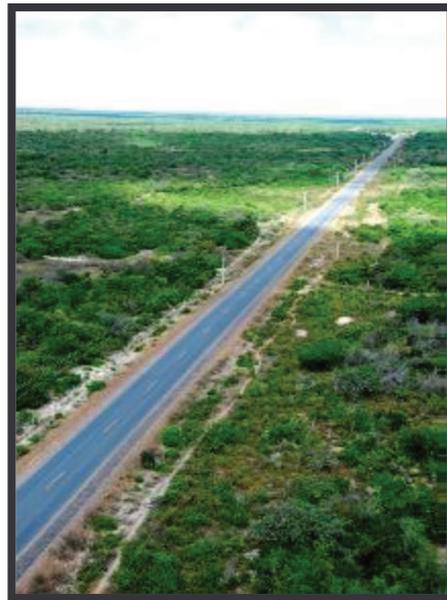
¹² O sistema de compadrio era muito importante nas comunidades, pois reforçava as relações de parentesco e vizinhança, garantindo coesão entre todos. Durante os festejos dos santos padroeiros, eram selados o ritual de apadrinhamento através de casamentos ou batismos. Quando chegavam os festejos juninos, eram reforçados os laços. Galvão (1976, p.15) reforça que na Amazônia e no Nordeste além dos padrinhos de batismo, crisma e casamento, existe o padrinho e o compadre ou comadre de fogueira. Durante os festejos juninos duas pessoas ligadas por amizade passam de mão dada por três vezes nas tradicionais fogueiras, repetindo juntos: “São Joao disse, São Pedro confirmou, que Nosso Senhor Jesus Cristo ordenou que nós sejamos compadres nesta vida e na outra”. Daí em diante passam a se tratar por compadres ou comadres.

hidroavião, grandes navios e rebocadores. Os moradores antigos se referem a esse período como um momento de grandes novidades. Nessa época as aberturas das primeiras estradas trouxeram os primeiros visitantes com interesse de conhecer o lugar, o que constitui o pontapé inicial do turismo, segundo os moradores.

O conserto e o melhoramento das difíceis estradas, já que os caminhos eram de densa areia, vieram devagar. Assim, a piçarra¹³ colocada nas estradas e a construção de pontes de madeira diminuíram o tempo das viagens que, em sua maioria, utilizavam via marítima.

O marco principal em relação às mudanças foi a inclusão da região no roteiro turístico nacional que fomentou a abertura e a pavimentação asfáltica da Rodovia MA-402-Translitorânea. Essa estrada permitiu um maior fluxo de automóveis, diminuindo em grande escala o transporte marítimo, favorecendo a ligação com outros centros e desenvolvendo assim o turismo de forma intensa.

Figura 03 - Rodovia MA-402.



Fonte: Plano Municipal de Turismo (2011).

Quem se depara com a movimentação do turismo se impressiona em ver um aparente processo de homogeneização, no entanto quem observa este fator mais profundamente evidencia dois mundos, duas temporalidades se superpondo: a das permanências, que contém conteúdos tradicionais, e a que traz o novo.

¹³ Os moradores relatam que, a princípio, as estradas eram de areia. Posteriormente, chegou a piçarra, que é um barro misturado com pedras bem pequenas, usado para a pavimentação rústica das vias terrestres. Em muitos povoados da beirada do rio, as ruas ainda são de areia e de piçarra.

Essa aparente homogeneização nos fez indagar se os ribeirinhos encaravam o turismo como única perspectiva a seguir e/ou qual o nível de diluição¹⁴ e permanência entre a visão de mundo do turismo e a visão de mundo das comunidades ribeirinhas.

Recorrendo às memórias dos ribeirinhos sobre a ligação deles com as tradições, observa-se que há uma força de ancestralidade em suas práticas cotidianas ligando-os ao seu ambiente circundante (águas, lagoas, matas, areias) que continua a produzir e reproduzir elementos socioculturais próprios. Assim é formado o ambiente de trabalho e de vida. As águas do rio e sua confluência com o mar ainda é determinante na vivência das comunidades ali inseridas. Suas narrativas se referem sobre a coragem e o medo no enfrentamento das águas buscando resistir às adversidades diárias.

O trabalho da tese é composto de quatro capítulos nos quais buscamos recuperar a memória e a história das comunidades ribeirinhas, frente ao turismo intenso que chegou à região dos Lençóis Maranhenses.

O primeiro capítulo intitulado *As comunidades Ribeirinhas dos Lençóis Maranhenses: historicizando seus rastros na beira do Rio Preguiças*, abordará a fixação desses grupos sociais na região. Neste capítulo iniciamos com os questionamentos: De onde vieram? Como chegaram? Como se deu os processos migratórios dessas famílias? Quais eram seus afazeres anteriores? Como aconteceu sua adaptação ao novo lugar? Quais seus sonhos e esperanças? Ainda aqui perseguimos a própria história da região feita pelas famílias que chegaram e começaram a fundar povoados e vilas nas margens do Rio Preguiças, da nascente até a foz.

Com base na literatura já produzida, confirmamos que a região dos Lençóis Maranhenses, outrora, foi habitada por algumas tribos indígenas. Posteriormente, duas frentes de ocupação surgem: a frente litorânea realizada pelos religiosos (jesuítas), os portugueses na figura de senhores de engenhos e seus escravos; e a frente chamada agropastoril, formada por migrantes cearenses e piauienses. Essas informações foram coletadas a partir de livros, relatórios do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), documentos da Secretaria de Turismo do Estado do Maranhão, dissertações sobre a região e, principalmente, relatos colhidos com os antigos moradores.

¹⁴ Este termo foi desenvolvido na obra *O Manifesto Comunista* de Karl Marx e resgatado por Marshall Berman na obra *Tudo que é sólido desmancha no ar: uma aventura da modernidade* (1986). Na pretensão de mostrar as contradições da vida moderna, Berman coloca em xeque a visão “sólida” e a visão “diluidora” em marcha diante da força do mercado mundial que absorve e destrói todos os mercados locais e regionais, assim como promove transformações sem precedentes em todos os âmbitos das relações sociais.

Aqui também tratamos do contexto das tradições culturais de comunidades de beira-rio e beira-mar, lançando mão do conceito de experiência de Walter Benjamim na intenção de mapear o *ethos* dessas comunidades. A partir do conjunto de suas narrativas orais, buscamos compreender o “antes” que se configurava nas práticas culturais tradicionais desse grupo social.

Os personagens que sobressaem aqui são as águas da região: nelas estão contidas as experiências tradicionais e são elas mesmas que motivam a presença do turismo. As águas se conectam com as diversidades dos acontecimentos passados e presentes expressos nos relatos colhidos. Entender os caminhos das águas - tanto as formas de uso pelas comunidades ribeirinhas como a forma utilizada pelos turistas - é aprender sobre suas experiências e saberes. Este capítulo abarca a formação das comunidades na região em estudo. Utilizamos como auxílio teórico Faoro (1991), Gomes (2002), Vainfas (2000), Carvalho (1997), Barth (2000), Santos (2005), Ribeiro (1978;1997), Almeida (2004; 2006), O’Dwyer (2003), Chartier (1990), Benjamin (1994), Huizinga (2000), Ferretti (2000), D’Antona (1997), entre outros.

O segundo capítulo intitula-se *A Construção e a expressão das tradições dos ribeirinhos da Região dos Lençóis Maranhenses*. Neste texto retornamos à cena novamente o personagem águas, como pano de fundo para as narrativas populares descritas nas histórias, causos, provérbios populares e anedotas, ligando-as a uma pedagogia dos valores ribeirinhos. As narrativas se constituíram em ferramentas que nos ajudaram na organização e na compreensão das experiências do grupo social estudado. A partir das narrativas buscamos entender a coragem, os medos e limites do homem e da mulher ribeirinha diante da vastidão de seu mundo cercado de águas.

Através da história de vida dos ribeirinhos, principalmente dos mais velhos, elencamos várias narrativas que guiavam e guiam a transmissão de valores às gerações mais novas. Tais narrativas carregam seus significados de acordo com a necessidade e com os locais onde serviam de exemplo para encorajar ou impor limites.

Dessa forma, tentamos mapear as narrativas dessas comunidades imbricadas no ambiente ribeirinho. Para efeito didático, dividimos as narrativas em: as narrativas sobre as águas; as narrativas sobre as rezas, rituais e curas; e as narrativas sobre os medos e assombrações.

Em relação às águas recolhemos um conjunto variado de histórias sobre *povo ou gentes d’água (cabeça de cuia, cabal d’água, a cobra grande, peixes gigantes e as mães d’água)* seres encantados que moram em determinados cantos dos rios, lagos e o mar.

No que se refere às narrativas sobre rezas, rituais e curas descrevemos a importância dos rituais místico-religiosos para essas comunidades em relação ao ato de benzer através de rezas

com o uso de ervas e minerais com poderes mágicos contra os perigos e as adversidades do dia a dia. Os relatos colhidos se conectam com os elementos da natureza local: água, areia, plantas, escuridão e bichos.

Com referência às narrativas sobre os medos e assombrações, destacamos as histórias sobre as botijas de ouro enterradas, as quais sempre se ligam a cenas de pactos com o diabo e homens que viram bichos. Nessas narrativas, os ribeirinhos repassam valores éticos e morais sobre a questão do uso do dinheiro e riqueza, assim como formas de lidar com o inesperado. Benjamin (1994), Thompson (2002), E.P.Thompson (1998), Halbwachs (1990), Alberti (2004), Delgado (2003), Bosi (1994; 2003), Menezes (1985), Gagnebin (1994), Giddens (2007), Castro-Gomez (2005), Geertz (1989; 2001); Zilberman (2006), Galvão (1976), entre outros, nos forneceram subsídios teóricos sobre esse aspecto.

No terceiro capítulo, *As mudanças chegaram...*, analisamos a chegada das transformações a partir da entrada da Petrobrás na região, na década de 1960. Um dos marcos principais, após a instalação do órgão, foi a abertura das estradas terrestres, pois os moradores se deslocavam por via marítima, em viagens longas e perigosas. As estradas eram difíceis porque não era fácil vencer a areia, assim relatam os moradores. Então, a Petrobrás está na memória dos moradores como a promotora das primeiras mudanças, trazendo, além das estradas de piçarra, luz elétrica, carros, aviões, navios, os primeiros visitantes e outros valores culturais.

No bojo das mudanças veio o turismo, a partir da Instituição do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM), em 1981, como área de proteção ambiental. A região passou por rápidas mudanças, principalmente a partir do investimento em propaganda. A divulgação promoveu a entrada de muitas pessoas no local. Paralelamente a tudo isso, a conclusão da rodovia estadual MA-402, também chamada Translitorânea, proporcionou a abertura oficial ao turismo. As políticas governamentais e os planos voltados para o turismo tiveram relevância na chegada das transformações. Nesse contexto se dá o encontro daquele que chega com os que já estão na região. Como referência teórica nos guiamos por D'Antona (1997), Montenegro (2010), Martins (2000; 2008), Latour (1994), Krippendorf (2000), Escobar (2007), Barbosa (2002), além de documentos, planos e relatórios regionais e nacionais sobre a política de turismo do período de 2000 a 2010.

No quarto capítulo, *Dois mundos nas mesmas águas: as diluições e as permanências*, o ponto central é o encontro dos turistas que chegam com os de “dentro” (as comunidades ribeirinhas). Aqui, nosso intuito é entender como se processa a chegada de novos valores e sua conexão com as comunidades locais. E, sob esse nexos, perceber se há resistência por parte dos ribeirinhos na defesa de seus valores culturais. Assim sendo, entender como se dá o rearranjo

diante das transformações em marcha. Além das entrevistas dos ribeirinhos, neste capítulo dialogamos com Elias (1998), Latour (1994), Bosi (2003), Bauman (1998), Castells (1999), Motta (2014) e Laplantine (1994).

2 - AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DOS LENÇÓIS MARANHENSES: HISTORICIZANDO SEUS RASTROS NA BEIRA DO RIO PREGUIÇAS

[...] cantei, cantai,

bem-te-vis, sabiás da praia,
 garças brancas dos manguezais.
 Vamos formar a partitura
 para fazer a louvação,
 Rio Preguiças e pescadores,
 povo simples e artesãos.
 Vamos juntos entoar [...]
 E nossa História cantar!

(Enéas Conceição)

2.1 - O processo migratório e o povoamento da região

Os dados sobre os primeiros habitantes e a data exata de ocupação da região dos Lençóis Maranhenses¹⁵ são esparsos. Mas alguns estudos já elaborados, tanto acadêmicos como relatórios institucionais nos trouxeram valiosas contribuições. D'Antona (1997, p.103-4) aponta indícios da presença indígena. Refere-se à existência de lugares com denominações indígenas, o que pode denotar a presença de etnias, como “Caeté” que dá nome ao povoado Caetés, localizado próximo às morrarias¹⁶. Esses índios, que habitaram o litoral maranhense, pertenciam ao grupo dos Tupinambás e Tabajaras, fixados na orla marítima ou próxima a ela.

Os Tapuias,¹⁷ constituídos pelos Guajás, Guajajaras, Gamelas e Barbados, habitavam os vales dos rios Itapecuru, Pindaré, Grajaú, Mearim e Munim. Esses grupos eram seminômades. Com a chegada dos europeus, modificaram e alargaram seus territórios. Pela proximidade com o rio Preguiças há indícios de que fundaram a comunidade ribeirinha Tapuio, que se manteve da pesca e agricultura.

O relato memorial de D. Maria, 75 anos, do povoado São Domingos, dá pistas da presença indígena na região. Ela conta:

¹⁵ A região denominada de Lençóis Maranhenses, instituída como Parque Nacional, em junho de 1981, pelo Decreto Nº 86.060, tem uma paisagem diversificada. A região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM) é uma área de proteção ambiental possuindo como elementos característicos: vegetação costeira, mangue vermelho e uma complexa paisagem de dunas e lagoas, sendo chamado de “deserto brasileiro”. O PNLM situa-se no litoral oriental do Estado do Maranhão, possuindo uma superfície de 155.000 hectares e uma área costeira regular com 270 km de perímetro, abrangendo parte dos municípios de Barreirinhas (44,86%), Santo Amaro do Maranhão (42,15%) e Primeira Cruz (6,89%) (IBAMA, 1995). A criação do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses foi baseada em uma proposta apresentada pelo projeto RADAMBRASIL, para preencher lacunas existentes no então sistema de Unidades de Conservação, bem como para atender as reivindicações da comunidade científica e instituições que atuam na área ambiental do Estado do Maranhão (IBAMA, 1995).

¹⁶ Morraria é um termo usado pelas comunidades locais. Já o termo Lençóis é mais recente, fruto da institucionalização da área em Parque Nacional, a partir do ano de 1981.

¹⁷ Todos os outros povos que não falavam o tupi foram denominados Tapuias. A imagem desses povos é duplamente distorcida, pois as informações sobre eles chegaram através de duas visões culturais: dos portugueses e dos seus informantes, os tupinambás, por isso o que se sabe sobre seus costumes é um tanto vago. Os tapuias pertenciam a vários troncos culturais e linguísticos, alguns grupos eram os jês, os caraíbas e os cariris. A maioria dos tapuias habitavam o interior, assim tiveram menor contato com os portugueses nos primeiros anos da colonização. (Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História- Universidade Federal de Uberlândia, disponível em: <http://www.leah.inhis.ufu.br/node/62>).

Meu pai ia buscar barro lá no Tapuia para fazer tijolos e telhas. Ele cavava o chão para tirar o barro que servia para fazer tijolos. Em muitos desses buracos, ele encontrou restos de potes, alguidares, tigelas, canecas e outros objetos de cerâmica muito antigos.

Os dados documentais da presença indígena nessa região são bastante escassos, no entanto os relatos que chegaram até nós, através da pesquisa de campo, deixam indícios de que os primeiros habitantes foram grupos indígenas. Como não temos um trabalho arqueológico de datação, não há possibilidade de imprimir uma data exata da presença da etnia Tapuia na região.

Na obra *Os índios na história: a saga do povo Tenetehara em busca da liberdade*, Mércio Pereira Gomes enfatiza que, em sua jornada pela busca de refúgio, os índios Tapuia foram forçados a sair da ilha de São Luís devido a um contingente numeroso de Tupinambás, vindos da costa leste (Métraux, 1927, apud Gomes, 2002).

Os Tapuia expulsos teriam subido o rio Itapecuru, um dos principais formadores da baía de São José, e foram se instalar nas matas que margeiam o seu curso médio, onde, mais tarde, ficaram conhecidos pelo nome de Barbados. Ribeiro (1983) cita que, em 1714, houve uma revolta dos Tapuia no Piauí, Ceará e Maranhão, quando eles dizimaram várias fazendas de gado. Pela visão de Ribeiro, percebe-se que os Tapuias viviam em uma região mais alargada, que compreendia do Maranhão ao Ceará.

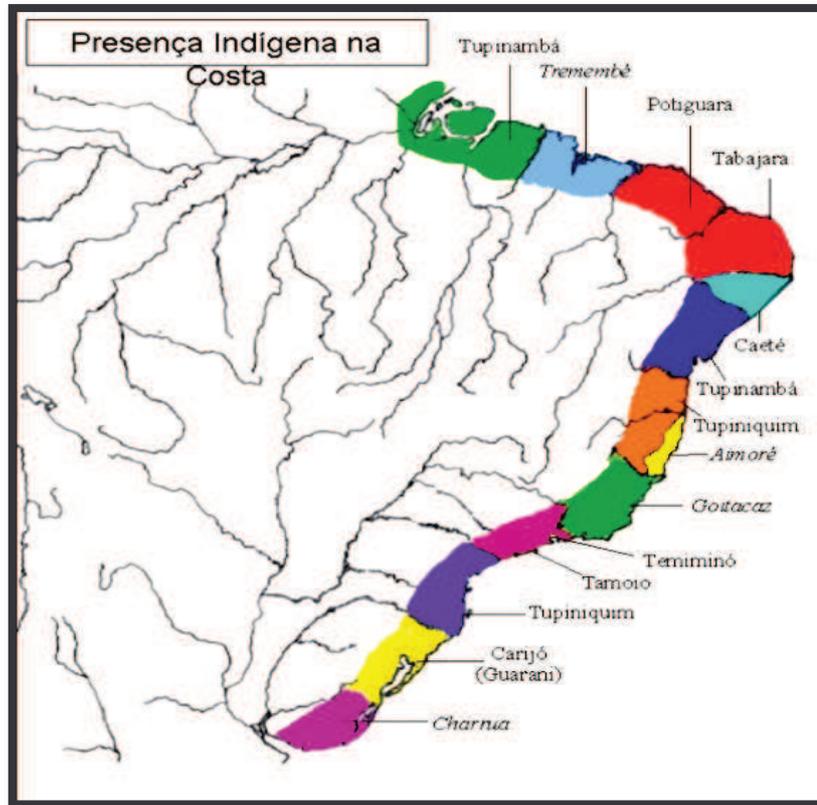
De acordo com Gomes (2002), a primeira tentativa de colonização do Maranhão se deu em 1535-38, através de uma expedição organizada e financiada por uma associação entre João de Barros, Ayres da Cunha e Álvares de Andrade. A esses homens foram doadas duas Capitânicas Hereditárias que se estendiam desde o cabo do Rio Branco, na costa nordestina, até a desembocadura do Rio Amazonas, abrangendo inclusive a ilha de São Luís e áreas circundantes. Os donatários receberam o direito de estabelecer feitorias, repartir terras entre os colonos e de instalar as instituições pertinentes a uma administração portuguesa colonial.

As capitânicas hereditárias foram o primeiro projeto português de colonização da área da América do Sul que tinha sido destinada a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494. Esta expedição fora bem capitalizada e equipada, pois comportava dez navios e 900 marinheiros e potenciais colonos, além de 120 cavalos, mas naufragou nas costas do Maranhão. Os relatos dos naufragos que conseguiram de alguma forma voltar a Portugal, levam a crer que esta ilha era habitada, naquele tempo, por “gentio tapuia”, ou índios de língua e cultura não tupi, que se mostraram hostis às intenções dos sobreviventes (HOLANDA 1989, Apud GOMES, 2002).

Os dados colhidos por Gomes indicam que a presença dos Tapuia no litoral maranhense se deu no meio de muitos conflitos violentos no período da colonização conduzindo-os a

migrações intensas pelos cursos dos rios. Esses caminhos os levaram até à região dos Lençóis Maranhenses.

Figura 04: Mapa da rota migratória indígena.



Fonte: Lemad.fflch.usp.br

De acordo com Vaínfas (2000, p.38), a nomenclatura jesuítica que classificava os nativos por meio da oposição cristãos versus pagãos conviveria com outras também derivadas do colonialismo. Assim, havia as expressões aliados versus inimigos, de acordo com as estratégias de conquista. Os índios vinculados a interesses escravocratas eram classificados em negros da terra ou negros brasis. Nessa saga classificatória, Vaínfas complementa:

[...] a necessidade de identificar os povos que habitaram o Brasil, fosse para catequizá-los, escravizá-los, combatê-los ou mesmo aliar-se a eles, levou os colonizadores leigos ou eclesiásticos a rascunhar classificações minimamente etnográficas. A que mais prosperou, sem escapar da nomenclatura genérica, foi a que distinguiu os tupis dos tapuias, correspondendo aos primeiros aos povos que, pela semelhança de língua e costumes, predominavam no litoral brasileiro no século XVI, e os segundos correspondendo aos “outros”. Aos que não falavam o que os jesuítas chamaram de “língua geral” ou “língua mais usada na costa do Brasil”, nas palavras de Anchieta, o primeiro a compor uma gramática da língua tupi. De maneira que, na verdade, nunca houve um grupo cultural e linguístico “tapuia”, que nada mais era do que, basicamente o vocábulo tupi utilizado para designar os que não falavam essa língua, ou seja, povos de outros troncos ou famílias linguísticas (VAÍNFAIS, 2000, p.38).

Desse modo, no Brasil Colonial, segundo Vaínfas (2000, p.39), os povos que falavam a língua geral foram denominados com diferentes grafias: Tupinambás, Tupiniquins, Potiguares, Caeté, Tamoios, Temiminós etc. Já os Tapuia também foram identificados como Aimorés, Goitacazes, Guaianases, Cariris, Tremembés etc. Houve muito equívoco em várias dessas denominações, sobretudo em relação aos ditos “Tapuias”, o que a etnologia e antropologia contemporânea procuraram corrigir.

Os Tapuia são de muito mais difícil identificação no período colonial, pertencendo boa parte deles ao tronco linguístico Jê ou famílias linguísticas independentes, além de menos controladas pelos portugueses. Alguns deles se notabilizaram pela resistência aos portugueses. Sendo que seus costumes foram menos registrados. Na concepção dos portugueses, os Tapuia se tornaram exemplo máximo de selvageria e barbárie dos brasis, enquanto o mesmo não aconteceu com os Tupis ou Tupinambás (VAINFAS, 2000, p.42). Nessas lutas infundas, esses povos que receberam a denominação Tapuia estavam fugindo das guerras justas¹⁸, dessa forma, se aldearam nas margens dos rios maranhenses.

Em relação ao povoamento não indígena, relata-se que tenha ocorrido pelo rio Preguiças e seus afluentes, através de embarcações. A fixação dos grupos não indígenas na região foi determinada pela fertilidade das margens dos rios, pelas áreas apropriadas à agricultura e à pesca.

Em documentos pesquisados encontramos dados de que a região dos Lençóis Maranhenses foi povoada por duas frentes de ocupação. A primeira conhecida como frente litorânea realizada pelos Jesuítas, na figura da Companhia de Jesus¹⁹ juntamente com colonos portugueses no século XVIII. Foi instalada na fazenda por nome Santo Inácio no povoado Santo Antônio. Essa fazenda permaneceu como propriedade da Companhia de Jesus até 1759 (IBGE, 1984; IBAMA, 1995; IBAMA, 2011; MARANHÃO, 1991).

¹⁸ Eram ações de tropas de guerra executadas contra índios que se mostravam resistentes à ação colonizadora dos portugueses ou se negassem a aderir à difusão da doutrina cristã (CARVALHO, 1997, p.15).

¹⁹ O padroado foi instituído com a formação da Ordem de Cristo, a partir de 1319, com os fundos da antiga Ordem dos Templários. O padroado ganhou importância e autoridade, funcionando como órgão canalizador dos recursos do país para os cofres da nobreza territorialista. No padroado, a Igreja exerce as funções do Estado. Dessa forma, a Igreja tinha atribuições administrativas relevantes (registros de casamentos, de nascimentos, mortes e forais de doação de terras). No século XV, a Igreja estava profundamente dominada pelo Estado. No Brasil Colônia, os padres aqui aportados não podiam se corresponder diretamente com Roma e só podiam encontrar-se com o Papa em raras ocasiões, por causa da distância e dos custos. Frente a esse isolamento, fizeram com que o trabalho missionário se autossustentasse e, como forma de defesa, os religiosos passaram a instituir uma organização econômica independente: as fazendas. A independência econômica das Missões provocou atritos entre a coroa e a criação de fazendas pelos religiosos. Os religiosos passaram, em muitos casos, à classe dos proprietários o que fez com que, dificilmente, pudesse o discurso do clero servir de fermento de libertação (FAORO, 1991, p.197).

De acordo com as informações da Fundação Sôusândrade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA (2002),

No local atualmente conhecido como Povoado Santo Antônio localizado à margem do rio Açuí, foi assentada a primeira comunidade formada por portugueses e negros escravos, considerada a mais antiga área. Neste local existiu um engenho de cana-de-açúcar movido à roda d'água entre os séculos XVIII e XIX. Historicamente Santo Antônio se destacava pela presença da fazenda de gado da Companhia de Jesus, bem como pela importância econômica decorrente da produção de açúcar, arroz e aguardente.

O Sr. Antônio Rodrigues,²⁰ nascido em Santo Antônio, em 1935, comentou que *antigamente quando Santo Antônio era o grande povoado de Barreirinhas, lá aportavam barcos e navios. Havia engenho movido pelas águas do rio Açuí que deságua no rio Preguiças; havia muitos negros; hoje só há do passado, o cemitério.*

Os relatos orais, assim como estudos historiográficos sobre a região, trazem dados da presença da mão de obra escrava, tanto na fazenda Santo Inácio no povoado Santo Antônio como na fazenda Santa Cruz, na produção do açúcar, cultivo do milho, arroz e mandioca.

Ramos (2008), ao pesquisar no Almanaque Administrativo da Província do Maranhão, de 1861, dados relativos aos 17 quarteirões²¹ da freguesia de Barreirinhas, constata o seguinte:

Quarteirão de Sanct'Antonio - tem excelentes terras para a lavoura do arroz, mandioca, milho e sobretudo para a cana, à margem do rio Preguiças e dos riachos Açuí, Massangano e outros menores. Neste quarteirão está o engenho do Sr. Antonio da Silva Costa; um dos principais da freguezia. Tem também campos muito próprios para criação do gado vacum e cavalari, muar e lanígero, nos quaes se acha a afamada fazenda Sanct'Ignacio pertencente à extinta Companhia de Jesus. E hoje se acha retalhada por diversos particulares. Sua população é – livre 320 almas e 150 escravas (RAMOS, 2008, p.60).

Ramos (2008) complementa que a Fazenda Santa Cruz fica às margens do Rio Preguiças, com data de fundação de 1834:

O quarteirão de Santa Cruz tem terras para a cultura da mandioca, arroz e cana em grande escala. Neste quarteirão está assentado o engenho Santa Cruz do Sr. Manoel Carlos Godinho, o primeiro da comarca a todo respeito. Sua população era de 380 almas, e escrava de 160 (RAMOS, 2008, p. 61).

O Sr. Manoel Carlos Godinho foi um grande latifundiário, proprietário também da Fazenda Vila Regina na beira do rio Preguiças em frente ao povoado São Domingos. Explorava no âmbito da Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão. Com o alargamento de suas posses, os Godinhos se mantiveram como lideranças políticas na região por vários anos.

²⁰ O depoimento foi dado a Baial Ramos e incluído na sua obra *A História de Barreirinhas* (2008, p.346).

²¹ Corresponde às áreas das antigas fazendas da região onde era usada a mão de obra escrava (RAMOS, 2008).

Em visita à velha fazenda, observamos que a casa grande foi construída de frente para a margem do rio, próximo ao porto, este muito arborizado por grandes e velhas árvores, denotando que as atividades comerciais eram ligadas ao rio. A casa ainda preserva o piso original em ladrilho de cerâmica artesanal. Possui diversos cômodos grandes que se dividem em áreas residenciais e comerciais. Ainda está de pé o pelourinho. A casa está em completo abandono, pois não há políticas voltadas para preservação patrimonial, no que concerne ao conjunto arquitetônico local.

Figura 05: Casa da antiga Fazenda Santa Cruz.



Fonte: Acervo da autora (2016).

Em conversas com o Sr. Enéas Conceição²², ele relata que *os portugueses, donos da Fazenda Santa Cruz, eram proprietários de escravos*. Era comum no século XIX que as maiores propriedades rurais da região possuíssem escravos para o trabalho na produção de cana de açúcar, e também de aguardente e arroz.

A segunda frente, chamada agropastoril, foi formada por cearenses, piauienses e caboclos²³. Concentrou-se mais no interior do continente, preferindo construir suas vilas

²² Senhor Enéas M. Conceição de 82 anos, é professor aposentado. Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2012.

²³ Ribeiro (1997, p. 288-289) usa o termo caboclo exemplificando que: “[...]surgiu e se multiplicou uma vasta população de gentes destribalizadas, deculturadas e mestiçadas que é fruto e vítima principal da invasão europeia. [...]. No curso do processo de transfiguração étnica, eles se converteram em índios genéricos, sem língua nem cultura próprias, sem identidade cultural específica. A eles se juntaram, mais tarde, grandes massas de mestiços, gestados por brancos em mulheres indígenas, que também não sendo índios nem chegando a serem europeus, e falando o tupi, se dissolveram na condição de caboclos.”

próximas às redes hídricas dos principais rios da região. Essa frente aconteceu a partir da segunda metade do século XIX (IBGE-MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1984).

O Sr. Manoel Silva²⁴ nos indicou pistas sobre os passos dos homens e mulheres que aportaram na região dos Lençóis:

Eles saíram do rio Parnaíba. Nesse tempo, já tinha navegação pelo rio Parnaíba e as balsas iam até Teresina. Barreirinhas sempre teve ligação com Parnaíba, com o rio Parnaíba e com o pessoal de Parnaíba. Quando me entendi, já havia essa ligação. Acho que vieram por Parnaíba, porque dava para vir. A parte de mar é muito pequena, vem pelo rio até Tutóia e sai bem pertinho. Em menos de meio dia, a canoa entra em Barreirinhas. Só não vai canoa pequena contra os mares, mas de lá pra cá, a favor do vento e do mar, qualquer canoa traz as pessoas.

Figura 06: Mapa das migrações para a região dos Lençóis Maranhenses.



Fonte: José Ribamar de Castro Ramos (2008, adaptado).

Após a construção de uma antiga “estrada provincial” que ligava o município de Campo Maior (PI) à Vila de Miritiua, atual cidade de Humberto de Campos, passando por Barreirinhas, surgiram alguns povoados agrícolas. Essa frente é fruto do comércio flúvio-marinho que se intensificou na região a partir do século XIX e meados do século XX. Foi formada por uma população que possuía estreitas ligações com a pesca, a agricultura e o comércio (IBAMA,

²⁴ O Sr. Manoel Silva, no momento da entrevista tinha 80 anos. Nasceu no povoado Mangaba, às margens do Rio Preguiças. Durante sua adolescência e vida adulta foi pescador e também lavrava a terra para a subsistência. Quando casou, mudou-se para a cidade de Barreirinhas e recomeçou a vida como comerciante. Realizamos em torno de cinco seções de entrevistas com ele, no período de janeiro a dezembro de 2014.

2000). Como passasse ao norte, próximo ao litoral, essa estrada pode ser uma evidência de que esse caminho teria sido uma via de acesso utilizada pelos primeiros habitantes da região que, segundo relatos dos velhos moradores, vieram de canoas, burros e até a pé.

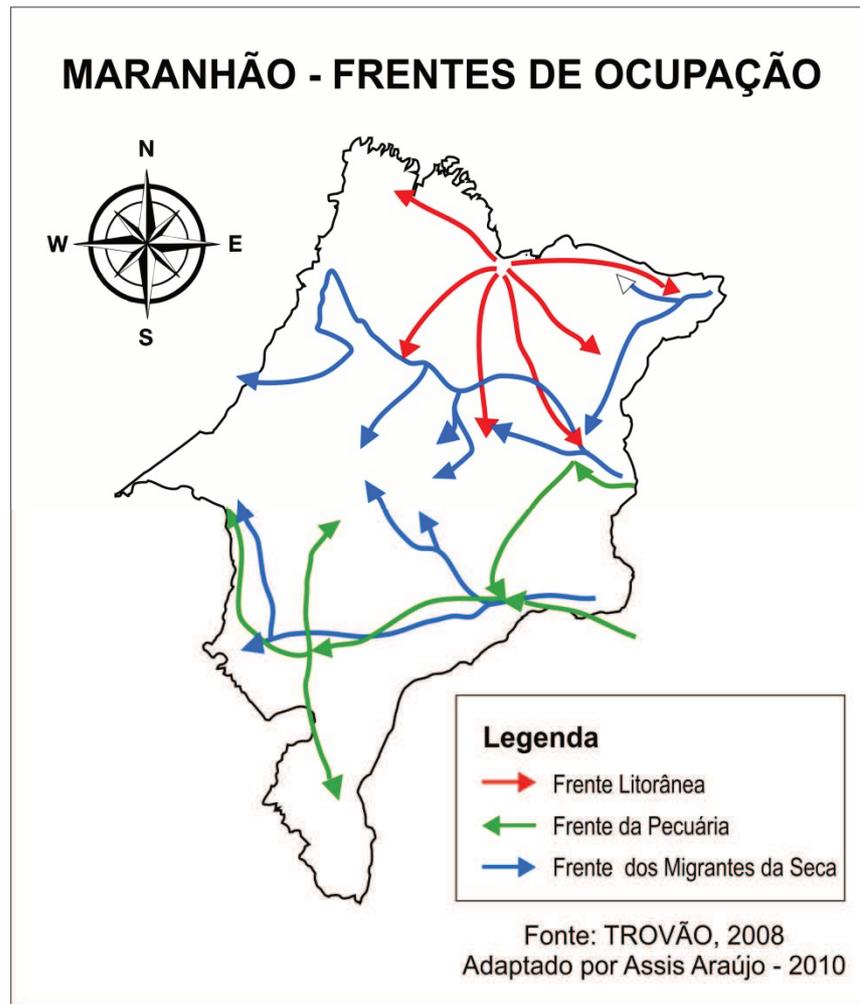
O Sr. Manoel conta a história da vinda de um amigo de Parnaíba (PI) para a região dos Lençóis Maranhenses:

As mesmas pessoas que habitam Parnaíba foram as mesmas que habitaram Barreirinhas. O coletor de lá - nesse tempo tinha coletoria - era do litoral do Piauí. Ele me contava as histórias dos avós dele. Ele veio de lá corrido. O pai dele e ele tinham um carnaubal. Aí chegavam os forasteiros e tomavam as terras. Ele contava: “Esse pessoal que vieram de Minas tomaram as terras do meu pai e quiseram me matar. Aí a gente veio fugido para Barreirinhas”. Ele tomava três tiquirinhas, de manhã, meio dia e na hora da janta. E me contava a história de lá, como foi que ele veio. Mataram um parente dele, o pessoal que vinha tomando as terras que produzia carnaúba. E lá, nesse tempo, eles tinham muito carnaubal. Aí chegaram e tomaram. Aí o irmão dele matou um invasor e fugiu com o pai dele. Iam matar todos, aí ele veio embora para Barreirinhas.

O relato do Sr. Manoel coloca em evidência o uso da propriedade da terra na região do Piauí, pois, segundo Alves (2003, p.13), o Piauí se apresentou como uma área de grande potencial para a prática da pecuária e se confirmou ao longo do povoamento nessa atividade econômica. A grande proliferação de fazendas de gado permitiu que se formasse no século XVIII uma das mais importantes zonas produtoras de gado vacum e cavalariço no Brasil.

D’Antona (1997) contribui observando que parece haver relação entre as secas no Ceará e os movimentos migratórios para a região dos Lençóis Maranhenses. Alguns remontam à segunda metade do século XIX e outros são das primeiras décadas do século XX.

Figura 07: Maranhão: frentes de ocupação.



Fonte: <http://geomorfologiacesc.blogspot.com/2012>

Essas migrações em busca de lugares com matas e rios perenes têm indício no mito das *bandeiras verdes*²⁵, já apontado por José de Souza Martins. Padre Cícero do Juazeiro, em seus sermões, orientava os devotos a procurarem as *bandeiras verdes* que estavam nas beiras dos rios e das florestas. Era um lugar onde não seriam submetidos ao pagamento da renda e poderiam cultivar livremente. Vieira (2001), ao estudar o movimento sociorreligioso no Pará²⁶

²⁵ Em sua obra *A Sociologia como Aventura: Memórias* (2013), Martins faz referência às bandeiras verdes descrevendo que, anos depois da morte de padre Cícero, sua profecia migrava ainda vivida para o interior da Pré-Amazônia e Amazônia. Essa profecia dava sentido ao movimento dos que se deslocavam à procura de terras férteis e livres para morar e plantar. Havia uma dimensão mística e milenarista nessa busca. Nessa obra o autor relata que, nos primeiros momentos da pesquisa, quando quis saber dos entrevistados em que rumo ficava a Bandeira Verde e como sabiam que caminho seguir, disseram-lhe que seguiam o caminho de Santiago. Era uma referência aos peregrinos de Santiago de Compostela, na Espanha, os quais, desde a Idade Média, seguiam a direção da Via Láctea, o campo de estrelas para alcançar um lugar santo. Como se pode perceber, uma geografia imaginária dizia aos romeiros que caminho deveriam seguir.

²⁶ A profecia das *bandeiras verdes* combina dois elementos: a ocupação territorial e o aspecto religioso, à medida que entende a ocupação de novos espaços como proteção indicada por ordens espirituais. As histórias sobre as *bandeiras verdes* fazem parte do imaginário popular e se encontram espalhadas no interior do Piauí, Maranhão, Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Pará. Muitas pessoas mais velhas dizem lembrar de ouvir estas histórias quando eram crianças, contadas por padres e romeiros (VIEIRA, 2001, p.142).

e que tem como referência a profecia de Padre Cícero, afirma que ele previa a existência de um território sagrado situado na mata, onde se viveria em paz, em uma terra de abundância que deveria ser alcançada após um percurso penitencial. A autora percebe a existência de referenciais culturais religiosos em torno desses grupos migrantes que constroem sua identidade. Para a autora a crença na profecia foi um elemento que desencadeou várias migrações.

A construção de uma ponte sobre o rio Mocambo, localizado geograficamente no atual município de Urbano Santos – MA, em 1849, constituiu motivação para a chegada de pessoas dispostas a habitarem às margens dos rios. Isso contribuiu para a formação de pequenos povoados. A ponte compunha a estrada que ligava a Comarca de Campo Maior, no Piauí, a Brejo e a Icatu, no Maranhão. Essa estrada facilitou o acesso por terra ao rio Preguiças e seus afluentes e a ocupação das suas margens, originando-se a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Barreirinhas, atual cidade de Barreirinhas. A estrada permitiu também a formação de alguns povoados rurais ribeirinhos como Morro Alto, Prata, Palmira, Bosque, Pacas, Coqueiro, Varas, Sobradinho e outros²⁷.

Novamente D'Antona (1997, p.154) nos mostra que na borda verde que limita com o areal são encontradas localidade (vilarejos, povoados e sítios) onde as pessoas se ocupavam no inverno da agricultura (mandioca, arroz, feijão e milho), da criação de poucos animais e da pesca nas lagoas, rios e riachos.

Na busca por mais informações sobre o povoamento da região, Arcangeli (1987, p.95 apud D'ANTONA, 1992, p. 103), divide em quatro fases a formação econômico-social do Maranhão: a) conquista e povoamento; b) inserção na economia internacional com a metrópole; c) involução econômica; d) inserção na divisão internacional do trabalho. A partir desta divisão os autores chegam a história do município de Barreirinhas, que se constituiu em distrito na época da involução econômica maranhense. Foi um período marcado pelo desmembramento da grande propriedade e pela proliferação das pequenas propriedades em áreas novas por pequenos produtores voltados para o autoconsumo, a policultura e o trabalho familiar. Com a agroexportação (algodão e cana de açúcar) em declínio essas terras se tornaram improdutivas. Dessa forma, os trabalhadores (mão de obra escrava ou livre) se agregaram a essas glebas visando produzir para seu autoconsumo.

²⁷ D'ANTONA, A. *O verão e o inverno: sobre o modo de vida de comunidades residentes na região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. 1997. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) Unicamp - São Paulo. Neste trabalho é disponibilizado, em anexo, um Relatório sobre os povoados do interior e do litoral da Região que compreendem os Lençóis Maranhenses.

Sá (2007, p.74) reforça que alguns fatores ainda vão servir de obstáculo ao pleno desenvolvimento da agricultura camponesa, principalmente o fato de que a população “livre” esteve durante todo o século XIX submetida a diversas formas de recrutamento de sua força de trabalho que drenavam a população das comunidades ou desviavam-na da atividade agrícola.

Após a decadência do sistema do agroexportador o campesinato livre, comunal e parcelar, liberado de sua posição de reserva de mão-de-obra, voltam-se inteiramente para a agricultura de subsistência, ampliando-se o volume da produção de bens alimentares produzido para seu autoconsumo (SÁ,2007, p.74).

A população que formou a região dos Lençóis Maranhenses deixou como legado um conhecimento tradicional,²⁸ transmitido oralmente e vivenciado nas atividades relacionadas aos ciclos que regem a natureza local. Em consequência, a pesca no rio e no mar, os plantios dos roçados, o extrativismo vegetal, a confecção de canoas e utensílios de cerâmica e fibras vegetais (como o jacá, o tapiti, o cofo, as esteiras para o uso geral) e tantas outras tarefas que foram herdadas dos primeiros povos que chegaram, ficaram entranhadas nos corpos e na memória desse grupo.

De acordo com Diegues *et al.*(1999, p. 26), a colonização do Brasil, empreendida pelos portugueses, a partir do século XVI, formou entre a população rural não indígena um modelo sociocultural de adaptação ao meio que, apesar das suas diferenças regionais e as que se podem detectar ao longo do tempo, apresenta características comuns que marcam ainda hoje as comunidades humanas em diversas regiões do país. Esse modelo sociocultural de ocupação do espaço e de utilização dos recursos naturais deve a maior parte de suas características às influências das populações indígenas e ao caráter cíclico e irregular do avanço da sociedade nacional sobre o interior do país. Diegues (1999) ainda classifica as populações tradicionais não indígenas em: caiçaras, jangadeiros, caboclos ribeirinhos amazônicos, sertanejos e ou

²⁸Santos (2005, p.32 e 33) enfatiza que, entre os anos de 1980 a 1990, foram impostas às regiões do Sul reformas neoliberais por agências internacionais (Banco Mundial e FMI). O regresso das discussões sobre legitimidade dos saberes e as comparações interculturais ocorreria com os debates produzidos pelos estudos pós-coloniais que colocarão como emergente a discussão sobre os saberes local, tradicional ou etnociências. Esses estudos e debates chamam a atenção para a pluralidade de sistemas de saber no mundo e sua importância nos processos de desenvolvimento, visto que as ciências sociais não reconheciam as formas locais de conhecimento. No entanto, hoje, o conhecimento local, tradicional e as etnociências se colocam como forma de oposição ao conhecimento moderno. “Na era moderna a oposição binária entre saber local/tradicional e saber moderno/global tem sido elaborada de diferentes formas: a ciência do concreto/ciência pura (Lévi-Strauss,1962); conhecimento tácito/conhecimento científico (Polanyi,1966); saber popular/saber universal (Hunn, 1982); conhecimento indígena/conhecimento ocidental (Posey, 1983, 1999; Warren et al., 1995); e o conhecimento tradicional/conhecimento moderno (Huber e Pedersen, 1997)”.

vaqueiros, caipiras, açorianos, varjeiros (ribeirinhos não amazônicos), pantaneiros, quilombolas, pastoreiros (campeiros), pescadores, babaqueiros e sitiantes.

O próprio termo “população tradicional” segundo Almeida (2004), está sendo deslocado para “povo” ou para “comunidades tradicionais”, como bem deixa explícito o Decreto Presidencial de 27 de dezembro de 2004, que institui a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Comunidades Tradicionais e o Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Esses instrumentos, tal como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, ajudam a compreender que o tradicional não está mais ligado necessariamente ao histórico, ou seja, nós não estamos lidando com formas de conhecimento que são históricas simplesmente ou que se afirmaram pelo costume. Elas são relacionais como afirma Barth (2000), isto é, ocorrem em diferentes lugares geográficos e podem se referir a diferentes contingências históricas.

Discutindo a respeito das fronteiras étnicas, Barth (2000, p.26) diz que hoje ninguém mais sustenta a ingênua suposição de que cada tribo e cada povo mantêm sua cultura através de uma indiferença hostil em relação aos seus vizinhos. No entanto, ainda persiste a visão simplista de que os isolamentos social e geográfico foram fatores cruciais para a manutenção da diversidade cultural.

Completando, Barth (2000, p.26) enfatiza que uma investigação empírica do caráter das fronteiras étnicas traz duas descobertas que demonstram bem a inadequação dessa visão:

Em primeiro lugar, torna-se claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. [...] as distinções entre categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, apesar das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias individuais, estas distinções são mantidas. Em segundo lugar, há relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes se baseiam precisamente na existência de status étnicos dicotomizados. [...] as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos. A interação dentro desses sistemas não leva à sua destruição pela mudança e pela aculturação: as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias.

É muito relevante os debates em torno das políticas de reconhecimento social de coletividades e comunidades tradicionais depois da promulgação da Constituição de 1988. O’Dwyer (2003) reconhece que tem sido um campo de debates e aprendizados intenso. A autora enfatiza que o texto constitucional não evoca apenas uma identidade histórica que pode ser

assumida na forma da lei. É preciso que esses sujeitos históricos existam no presente e tenham como condição básica o fato de **ocupar uma terra**²⁹ que, por direito, deverá ser em seu nome titulada. Assim, qualquer invocação ao passado deve corresponder a uma forma atual de existência que se pode realizar a partir de outros sistemas de relações que marcam seu lugar num universo social determinado (O'DWYER, 2003, p.02, grifo nosso).

Almeida (2004) continua apontando que o tradicional era histórico ou pré-histórico. Hoje ele se configura inserido na expressão “terras tradicionalmente ocupadas” na Constituição de 1988, rompendo assim com a imemorialidade:

A própria categoria *populações tradicionais* tem conhecido deslocamentos no seu significado desde 1998, sendo afastada mais e mais do quadro e do domínio dos sujeitos biologizados e acionada para designar agentes sociais, que assim se autodefinem, isto é, manifestam consciência de sua própria condição. Ela designa, desse modo, sujeitos sociais com existência coletiva, incorporando pelo critério político-organizativo uma diversidade de situações correspondentes aos denominados seringueiros, quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos, castanheiros e pescadores que têm se estruturado igualmente em movimentos sociais (ALMEIDA, 2004, p.12).

Enfatiza ainda Almeida (2006) que o tradicional não se justifica pela História, pois foi roubado a esses povos o direito de permanecer nos mesmos lugares. Foram sempre deslocados forçadamente, empurrados de um lado para outro. Nesse caso, importa o hoje e não o ontem.

O Maranhão é um dos Estados do Brasil que ainda possui grupos com práticas tradicionais sendo perceptíveis comunidades camponesas, oleiras, artesãs, ribeirinhas e quilombolas. Nesses grupos, o ritmo de vida segue outra ordem diferente daquela do mundo urbano.³⁰

A forma de povoamento na região dos Lençóis, fruto das migrações, identificou as aptidões culturais das comunidades e povoados, como, por exemplo: lavradores, pescadores, extrativistas, artesãos etc. Se o povoado se localizar próximo à praia será menos agrícola e mais pescador. Se ficar em lugares mais distantes da praia, a aptidão que sobressai é a de agricultor. No entanto, a prática das várias aptidões é feita seguindo as mudanças da natureza (D'ANTONA, 2000).

²⁹Barcellos (2008) em seu trabalho *Desterritorialização e resistência tupiniquim: mulheres indígenas e o complexo agroindustrial de Aracruz Celulose*, reitera que a modernidade ocidental, somada a outras formas de dominação, como o colonialismo, o capitalismo, os projetos de desenvolvimento e o neoliberalismo hegemônico vem alterando profundamente a relação do homem com o ambiente. O controle da natureza, vinculado ao acúmulo de riquezas, tem destruído ao longo da História, fontes de subsistência e sistemas culturais de variadas populações da América do Sul.

³⁰Os dados do IBGE de 2010 mostram que o Maranhão é o Estado que detém o maior percentual da população vivendo em áreas rurais. Por esses dados, 36,9% dos 6,5 milhões de maranhenses não moram em zonas urbanas. As pessoas que vivem na zona rural do Maranhão dependem da agricultura de subsistência, pesca ou atividades extrativistas e vivem, de certa forma, de tarefas não urbanas.

Nos Lençóis Maranhenses, a aptidão extrativista se dava pelo fato da região ser rica em buriti, bacuri, pequi, caju, juçara e mangaba. Na época da coleta desses frutos todos se envolviam nesta atividade. A época da coleta do caju ocorre nos meses de agosto e setembro; o buriti, nos meses de outubro, novembro e dezembro; o bacuri, o pequi e a mangaba, nos meses de dezembro a fevereiro; enquanto a juçara tem coleta frequente por ser abundante nas margens do rio.

Na entrevista do Sr. Manoel, ele acrescenta como era o cotidiano local:

Nesse tempo, vinha tudo de lá, passava em vários lugarejos. Era assim, tudo dependia dos rios. E nós que morávamos do Tapuio para lá, tudo dependia da pesca. O fazedor da farinha comprava o nosso peixe; o peixe seco era trocado por farinha. O restante da farinha que sobrava eles vendiam. A farinha não tinha valor nenhum, era uma tristeza. Eles chegavam e perguntavam: “Está pagando quanto por um paneiro de farinha?” A gente é que dava o valor. Vários comerciantes cearenses compravam farinha em Barreirinhas e levavam para vender no Ceará.

Havia uma inter-relação de dependência entre as comunidades, tanto as distantes das águas quanto as próximas dos rios e mar. O lavrador também pescava no tempo da estiagem, fenómeno comum na região. Muitas famílias, às vezes, tomavam a decisão de morar na região da pesca, como se observam vários casos. Conforme coloca o Sr. Manoel “tudo dependia dos rios”, então morar próximo a eles facilitava o autoconsumo.

A entrevista do Sr. Manoel também toca na questão da desvalorização da produção da farinha que, segundo ele, abriu espaço para a vinda de muitos cearenses que compravam o produto a preços baixos na intenção de obter lucros na revenda. Muitos acabavam se fixando na região.

2.2 - Os rios da região

Muitas histórias sobre grandes rios foram retratadas em livros ou transmitidas oralmente. Os rios são os fiandeiros que engendram sentidos. Um rio é gerador de outras vidas em seu entorno. A partir deles surgem povoados, vilas, que se transformam em cidades-beiras³¹.

Na região dos Lençóis Maranhenses muitas povoações surgiram às margens dos cursos d'água, sendo a cidade de Barreirinhas a que se tornou uma importante cidade-beira, portal do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

³¹ O conceito de cidades-beira ganha amplitude no fato de referir-se a cidades que surgem nas beiras de rios, beiras de mar, beiras de lagoas, beiras de estradas, beiras de pista (de aviões), beiras do caminho, beiras de rodovias (GANDARA, 2008).

Gandara (2008, p. 37) nos diz que há uma quantidade imensa de rios que cortam o Brasil e aparecem em diferentes áreas de conhecimento. Eles estão presentes na historiografia clássica brasileira em estudiosos como Capistrano de Abreu e Caio Prado Júnior, preocupados com os problemas de interiorização da civilização, penetrações e povoamentos.

Estudando a vida em torno do rio Parnaíba, como formador de cidades-beira, Gandara (2008) analisa o rio como espaço social vivido no contexto das transformações sociais e culturais. A paisagem do espaço-rio se manifestará como testemunho do momento, pois é ele o campo das representações simbólicas. Complementa a autora que,

Ao mirar um rio brasileiro, ao longo de seu correr, oportuniza-se vê-lo descer montes, vencer declives, romper pedras e projetar-se para o leito mais abaixo, a caminho da foz. Eles correm serpenteando, como num remanso, espreguiçando-se sobre seu destino como se já adivinhassem ir abraçar o mar. Essa brandura de correr, esse verdor com que a vida é refletida, faz nas gentes um jeito brando de falar e um modo conciliador de ser, [...] que está nos modos de vida de todos os dias. É possível encontrar os rios brasileiros cantados e narrados na literatura, tanto pela melancolia como por seus encantos. Eles demonstram personalidade, como se fossem gentes (GANDARA, 2008, p.37).

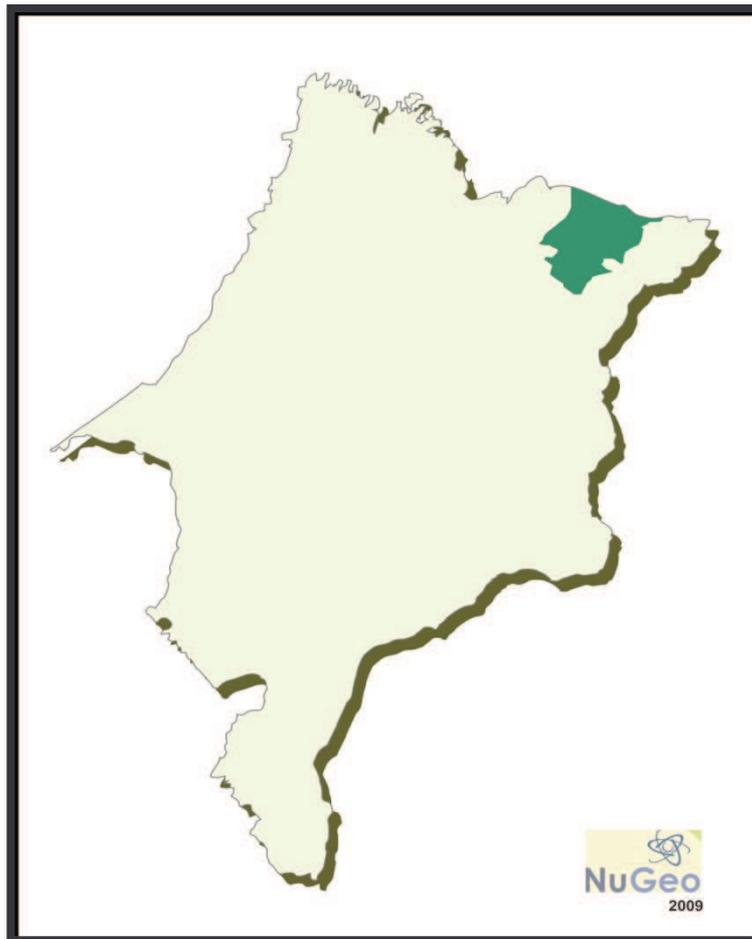
Ao destacar a *brandura e o modo conciliador* dos grupos da beira d'água, a autora citada parece expor uma visão essencialista que pode conduzir a generalizações, assim como entender a identidade cultural dessas sociedades como sendo estáticas.

Pachêco Filho (2011) afirma que o rio é um agente integrador de fronteiras, que une culturas e encurta as distâncias no Maranhão. Em seu estudo também permite deixar para trás a falsa ideia de isolamento dos grupos que habitam as beiras de rios.

A região dos Lençóis Maranhenses se caracteriza, de maneira geral, por suas bacias hidrográficas inseridas em praticamente toda a extensão da planície costeira. Como não possuem grandes desníveis topográficos nos cursos médios e inferiores em direção ao mar, os rios possuem baixa velocidade na sua vazão. Por serem rios de planície, durante as cheias, invadem as partes mais baixas formando várzeas e rios intermitentes, ligando os riachos e as lagoas aos igarapés e, por fim, ao mar (MARANHÃO, 1991).

A bacia hidrográfica do rio Preguiças possui uma área de 6.707, 91 km² e representa 2,02 % da área do Estado do Maranhão. A bacia localiza-se no nordeste do Estado, sendo formada por três rios: Preguiças - o principal com maior extensão -, Negro e Cangatã, tributários do primeiro. O rio Preguiças nasce no município de Santana do Maranhão numa altitude de cerca de 120 metros e percorre quase 135 quilômetros de extensão até sua foz no Oceano Atlântico, no município de Barreirinhas (NUGEO/UEMA, 2009).

Figura 08: Mapa de localização da bacia hidrográfica do rio Preguiças.



Fonte: UEMA/NUGEO, 2009.

Segundo relatórios do IBAMA e da Secretaria do Meio Ambiente e Turismo do Maranhão (1991), os recursos hídricos dessa região são compostos de muitos riachos, entre eles: Santo Inácio, Massangano, Achuí, Tucuns, Bom Passar, Passagem do Canto, Formiga, Baixão do Buritizal, São Domingos e São Bento. Quanto aos rios, destacam-se: o rio Negro, o Juçaral, o Cocal e o Preguiças.

Os rios apresentam como características dominantes o fato de serem sinuosos em meandros e terem leitos rasos. Este fator ocorre por bastantes depósitos de sedimentos, por serem muito assoreados pela erosão fluvial natural da região e pelo assoreamento da ação antrópica, pois o processo de ação humana é cada vez mais intenso às margens dos rios. (MARANHÃO, 1991)

Figura 09: Vista aérea do rio Preguiças.



Fonte: Valdemir Cunha.

No seu curso superior, o rio Preguiças se encontra dentro de um vale, possuindo uma boa vazão. Nessa área fazem-se muitas plantações, principalmente de arroz. Em seus trechos próximos à cidade de Barreirinhas, vêm ocorrendo transformações decorrentes do processo irregular de urbanização. Em seus cursos médios e inferiores, o rio sofre influência das marés, o que determina a intensidade e a direção de sua correnteza, apesar de aparentemente parecer lento.

D' Antona 1992, p.215) descreve que

O Rio Preguiças é via natural de acesso para as localidades ribeirinhas (Barreirinhas, Morro do Boi, Vassouras, Espadarte) até o litoral (Atins, Mandacaru, Caburé), o rio não está nem aqui nem lá, mas pode estar aqui ou lá. Navegando por ele acompanha-se a transição por suas margens na sucessão de cenários (palmeiras, várzeas, mangues, dunas, praias) e a travessia pela água marca a passagem, o deslocamento de um lugar a outro, de um tempo a outro.

Da comunidade São Domingos até a foz, no povoado Atins, ocorre a influência da água salgada originária dos regimes das marés, principalmente em época de pouca chuva. O rio percorre a planície flúvio-marinha, apresentando trechos cada vez mais sinuosos, possibilitando o aparecimento de várias ilhas fluviais, braços, furos e igarapés, formando um belo estuário coberto por manguezais até alcançar a área do mar. É considerado o mais importante da região dos Lençóis, por ser o maior, navegável e de fácil acesso ao mar (MARANHÃO, 1991).

A vegetação praiana, restingas e manguezais, predominam desde sua foz (Atins) até o povoado de São Domingos. Nesse ponto, a vegetação muda e começam a aparecer as palmeiras da juçara e do buriti. Estas contribuem ricamente para a manutenção nutricional dos ribeirinhos.

2.3 - O “*Rio Mãe*” Preguiças e suas comunidades

Entre os ribeirinhos mais antigos, o rio Preguiças ganha o adjetivo de *Rio Mãe*, pelo fato de provê-los do alimento do dia a dia (peixes e mariscos) e por oferecer-lhes a terra úmida para plantar a banana, o arroz, a mandioca e os legumes nas várzeas alagadas. Para outros o rio era meio de vida por ser uma via de transporte. Muitos ganhavam a vida transportando pessoas e mercadorias. Quando os velhos moradores falam do rio suas vozes ecoam: “o povo vivia do rio”.

O rio Preguiças é um agregador de comunidades e recebe a maioria dos córregos e rios da região, sendo responsável pelos processos histórico, econômico e cultural dos núcleos de população ribeirinha que se formou em seu entorno.

O Sr. Manoel Silva mostra em seu depoimento a importância dos rios na região, retomando a questão de que tudo está interligado. Enfatiza também o trajeto do Rio Preguiças, o grande *Rio Mãe*, que vai se encontrando com vários rios, desde a nascente até chegar a sua foz.

A maioria do povo vivia do rio, da pesca. Pescava no verão e no inverno fazia sua rocinha pra fazer a farinha. Aí guardava aquela farinha e arroz com casca de um ano pra outro. Aí vivia do rio, o rio que mantinha. Era o peixe para manter salgado e vender. Tinha hora que aparecia quem comprava, e o resto era para o consumo. Então se vivia do rio. Lá tinha o rio Cocal, o rio Pacas, o rio do Morro Alto e o *Rio Mãe*. Esse *Rio Mãe*, Preguiças, tinha seus afluentes que iam no fim do município de Barreirinhas, tudo navegável. Tinha o Pacas que o prefeito reunia os trabalhadores lá, porque no inverno caía muito buritizeiro pra dentro do rio. Naquele tempo, tinha o inspetor de quarteirão que mandava reunir. O prefeito dava ordem pra limpar o rio para as canoas passarem, porque elas traziam a farinha, traziam laranjas. O rio era navegável. Esses três rios jogavam tudo no Preguiças. Dois saíam da mãe e um deles é o rio Pacas. Hoje ele não é mais navegável. Nesse tempo vinha tudo de lá, passava em vários lugarejos. Era assim: tudo dependia dos rios. O rio era a vida de todos nós da praia e os daqui de cima [do interior]. O *Rio Mãe* passa na Prata, no Morro Alto, aí ele vai até a Palmira. Lá na Palmira ele vai limitar com o Urbano Santos, e aí limita com o Brejo. Lá é a nascente, uma grande vargem que tem lá, que não seca, que é onde ele nasce, o nosso rio Preguiças. O nosso rio foi assim a mãe, todo mundo dependia dele.

O rio Preguiças carrega uma representação maternal na memória dos velhos ribeirinhos. Ele é o protetor, o mantenedor, o que dá a vida. E é um ser multifacetado interpenetrado por

outros entes (gentes d'água).³² Foi batizado de *Rio Mãe*, adquirindo assim uma personalidade de raiz profundamente humana: a mãe que acalanta e que oferece seu colo, protegendo os filhos de todas as mazelas do mundo, principalmente da fome.

Os ribeirinhos atribuem o nome do rio à existência de muitos bichos-preguiças que habitavam na vegetação das margens. O Sr. Manoel conta que quando ia pescar encontrava muitas preguiças nos mangues que margeiam o rio e que muitos colegas dele as caçavam como alimento. Outros moradores indicam que o nome do rio esteja relacionado à lentidão de suas águas que se mantêm mansas e tranquilas, correndo “preguiçosamente” ao sabor das marés.

Apesar da aparente lentidão das águas do rio Preguiças, elas são muito respeitadas pelos ribeirinhos, pois, conforme os mais velhos das comunidades, a lenta correnteza das águas é traiçoeira, sua beleza causa um perigoso fascínio sobre as pessoas. Por isso, recomendam que se tenha cuidado ao mergulhar, pois, de vez em quando, o rio “leva um”. Esse conselho, dado pelos mais velhos, tem sua raiz também nas histórias do mundo submerso encantado do rio Preguiças. Segundo eles, existe uma população que mora embaixo d'água, seres que dançam, cantam, conversam e se alimentam como qualquer homem e mulher da superfície, ensinando os mesmos a se protegerem e a se orientarem no ambiente das águas. A fala de dona Desa mostra a forte ligação do rio com o sobrenatural:

Aqui no porto, nesse recanto aqui, antes do Pedro Bruno, onde dona Santa morava, ali próximo da Levada tinha outro salão³³. A gente só vê ele em sonhos. Parece que estamos aqui, a gente ouve até a respiração. Eles são bonitos, as mulheres são bonitas, loiras. Tem gente de todo tipo, tem velhos, do mesmo jeito daqui. Eles moram dentro da água. Você entra na água, dentro da água você respira bonzinho, você não morre sem fôlego, não.

Os ribeirinhos estabelecem uma ligação muito estreita com o rio Preguiças, explicitando sua lógica integrativa na comunicação com as águas. Chartier (1990) considera não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, nas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. As relações intrínsecas entre o rio e os ribeirinhos são mediadas pelas narrativas que se destacam pela presença das *gentes d'água*, expresso acima na fala de dona Desa. São construídas representações intuitivas diante da força que o rio exerce.

Gandara (2008) afirma que os rios são construtores de “mundos sociais” e acumulam uma boa quantidade de representações. Lugar onde as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação como terreno da criação

³² No segundo capítulo deste trabalho ampliaremos o contexto cultural das histórias e causos dos povos ribeirinhos e sua relação intrínseca com o rio.

³³ A referência a salão expressa forte relação com a crença nos encantados, o que é muito comum em muitos municípios maranhenses.

cultural, passagem de força e encontro de indivíduos. Servem de baliza ou marco quase mítico para estratégias socioculturais.

Conceição (2001) enfatiza que a civilização de “beira do rio” é herdeira da adaptação cultural mais tradicional. Foram desenvolvendo formas de conhecimento e adaptação aos recursos, em consonância com as gerações anteriores. Tem-se, dessa forma, um saber acumulado e uma socialização dentro de formas adaptativas asseguradoras das quais as novas gerações compartilham. Os mais idosos comentam que o rio Preguiças tinha seu leito muito profundo e que muitos barcos, mesmo os de grande porte, navegavam até seu curso superior. Sobre esse aspecto o Sr. Manoel comenta que Barreirinhas

Era um lugar esquecido no meio do mundo. Só se podia chegar de barco ou avião. O transporte mais comum era o barco. Mesmo depois da primeira estrada construída, pouco mudou a forma de chegar e sair. Eu ficava olhando o movimento de dezenas de barcos, sempre, à tardinha, vindo de vários lugares, trazendo pessoas, mercadorias e peixes. Os barcos de pesca eram diferentes dos de mercadorias. A viagem era feita de barco a vela. A viagem no verão durava dois dias pra vir porque tinha vento, e pra voltar três ou quatro dias. Agora no inverno, pra vir era quatro dias ou cinco, porque quando o vento parava, o barco parava de andar. E na volta de São Luís a Barreirinhas, gastava-se dez dias, oito dias no inverno. Esse era o trajeto. No verão era ligeiro, mas no inverno tinha essa demora toda. Então o barco transportava porco, galinha, farinha seca. Abastecia-se o barco de lenha, pois nesse tempo não existia carvão, era a lenha mesmo. Lá no rio, encostavam no mangue, tinha muita lenha seca, enchiam lá na frente. Enchiam de lenha que era pra cozinhar os dias que estavam na viagem. A comida era mais peixe. Era só peixe, não se comia carne. Peixe pra fazer mais rápido, não é? Nesse tempo, na saída das barras, se comprava o peixe, salgava e secava e guardava pra comer na viagem. E na ida era a mesma coisa comprava aqui, salgava, era comido com farinha seca. Assim era a trajetória.

Em seu relato, ele enfatiza que, mesmo depois do acesso a algumas estradas, a mudança foi pouca. Os ribeirinhos continuavam com seus afazeres, “virados” para o rio. O meio de transporte embarcado (barcos a vela, barcos a remo e canoas) transportavam passageiros e mercadorias. Muitas vezes os viajantes transportavam cartas com as notícias de parentes e amigos.

A viagem de barco, além de longa, reservava muitos perigos, pois eram frequentes casos de naufrágios. D. Valdemira de Castro³⁴ que, na época da entrevista, tinha 93 anos, conta a história de um acidente que aconteceu com ela e sua família numa viagem em direção a São Luís.

Acontece que minha vizinha, mãe Santa, queria nos educar e então resolveu mudar para São Luís. A família Reis tinha terminado a construção de um grande barco feito aqui em Barreirinhas e nos ofereceu passagem na

³⁴ Depoimento cedido a Baial Ramos, incluído em sua obra: *História de Barreirinhas* publicado em 2008, p.329.

primeira viagem. Então minha avó resolveu ir nessa viagem. Éramos sete da família, de muda para São Luís. Quando, ao sair da boca da barra, o barco ia e vinha na mesma rota, nada de seguir viagem, pesado; gemia como se fosse vivo. A tripulação estranhou. Nós, passageiros, demos alarme. “Meu Deus!” - gritamos. Parte do casco do barco submerge, enche de água. E agora? Gritamos misericórdia, estávamos em perigo, muitas crianças. “Calma!” - pedia o mestre, senhor Severo Dias. A gente via os tubarões e peixes grandes. Avistava-se o farol.

Depois de três horas veio o socorro. A maré foi vazando e o barco ficou em um grande lago. Nossa avó freta um bote para transportar nossas bagagens. Andamos quilômetros até chegar no Mandacaru, as pernas sangrando, devido as ostras que nos arranhavam. Fomos até o farol e de lá avistamos as tábuas do barco boiando no rio. Quatro horas da tarde chega ela, chorosa nos abraça, já com a viagem firme para sairmos à noite de volta para Barreirinhas.

Dona Valdemira de Castro expressa que o barco *gemia como se fosse vivo*. A memória clara desse momento dramático traz à sua imaginação a embarcação como um ser perigoso. Sentimentos de medo e cisma lhe preenchem o espírito. Essa viagem não sucedida de Dona Valdemira mudou os planos da família. Não saíram mais para estudar fora. Os velhos moradores sempre contam com detalhes as aventuras de suas viagens. Sair da região dos Lençóis era sempre viver o risco de não voltar.

Ao longo do Preguiças, desde sua foz até a sede do município de Barreirinhas, há vários povoados que até hoje se comunicam através do rio. Alguns povoados que ficam nesse percurso são: Tapuio, Laranjeiras, Boa Vista, São Domingos, Mangaba, Moitas, Morro do Boi, Espadarte, Vassouras, Alazão, Caburé, Mandacaru, Santo Inácio, Atins, entre outros, como indica a figura abaixo.

Figura 10 – Mapa dos Lençóis Maranhenses e seus principais povoados.



Fonte: Centro de Formação Cultivar / Florescer (Artista Gráfico: Alberto Miranda).

Chegar e sair desses povoados era enfrentar caminhos difíceis. As pessoas viajavam a pé ou de cavalo em estradas de areia. Quando iam de canoas a remo ou de barcos a vela, precisavam conhecer o horário da maré cheia e da vazante. Em tempos de ventos fortes redobravam seus cuidados com a maré.

O rio Preguiças é fonte de riqueza para os ribeirinhos há mais de um século e meio no âmbito do autoconsumo: a pesca, em seu entorno; o plantio da banana, mandioca e arroz em suas várzeas; as casas de forno para fazer farinha de puba na beira do rio, onde famílias inteiras se encontram; as mulheres na lavagem de roupas e louças; a extração do linho e do fruto do buriti; o banho dos animais de trabalho; o extrativismo vegetal. Assim o rio Preguiças é testemunha de toda experiência da presença dessas comunidades. Em seus versos José Maria de Jesus e Silva³⁵, poeta da região, declama:

Te vejo e vi, velho Rio,
Te enroscando, manso frio,
Como serpente no cio,
Se espreguiçando a sonhar.
Vai, no embalo das águas,
Murmurando as tuas mágoas,
No pastoreio das algas,
Que tu levas para o mar.
Buritizais, juçareiras

³⁵ Ramos (2008, p. 112)

Compõem tua cabeleira
 De mãe-d'água feiticeira
 Que nos quer enfeitiçar.
 Para levar-nos contigo
 Para o profundo abrigo
 Onde o Rei adormecido
 Nos espera para acordar. [...]
 Oh, meu Rio encantado,
 Não fiques assim calado,
 Vem sussurrar ao meu lado
 Tua história verdadeira!

Figura 11: Viagem de canoa a remo transportando a produção agrícola.



Fonte: Acervo do Sr. Enéas Conceição.

A comunidade localizada no povoado de Tapuio, às margens do rio Preguiças, com uma mata ciliar formada por juçareiras, buritizeiros e palmeiras de carnaúba era composta de lavradores, pescadores, artesões e extrativistas. D'Antona (1992) observou na comunidade que os homens se ocupavam da pesca no rio e da lavoura de acordo com suas habilidades pessoais. Essa combinação é o traço principal da atividade de autoconsumo. A rotina de trabalho na lavoura iniciava bem cedo. Quando não estavam roçando ou pescando, dedicavam-se a outras atividades como costurar as redes de pesca. Homens e mulheres reservavam sempre um tempo para conversar nas portas de suas casas, rodeados pelas crianças que brincavam nas ruas.

Os produtos cultivados nas comunidades eram a mandioca e a banana, mas outros também eram plantados junto aos bananais como o abacaxi e o maxixe. Nos quintais, as mulheres plantavam verduras e legumes para o consumo familiar. Novamente o Sr. Manoel nos

diz que nessa região havia aqueles que eram mais agricultores e aqueles que eram mais pescadores.

D'Antona (1992, p.118) pensa os moradores de Tapuio como lavradores-pescadores, pois a agricultura sempre foi reconhecida como a atividade mais organizada e cuidadosa do município de Barreirinhas. As técnicas do roçado incluíam cortar o terreno por valas ou *levadas* que interligavam os lotes até o rio Preguiças. Cada família fazia uma levada junto a sua roça e a conectava com outra, formando um sistema de irrigação. Entretanto, esse sistema não era algo particular dos moradores de Tapuio. No povoado São Domingos também era e é comum o uso das levadas (valas) como prática de lavouras irrigadas, bem como para facilitar a navegação de pequenos barcos.

Figura 12: Plantio de bananas próximo às levadas no São Domingos.



Fonte: Acervo da autora.

No rio Preguiças foram abertas várias *levadas* com a pretensão de diminuir as distâncias no trajeto do rio via foz, nas viagens em canoas a remo. O termo *levada* já indica que as pessoas, suas canoas e seus barcos eram levadas (os) tanto pelas marés quanto pelos ventos. Mas também indica a abertura de novos caminhos por onde passavam. As levadas que cortam a geografia do rio Preguiças são atalhos que, ainda hoje, facilitam ao navegador trilhar a estrada de água. Dessa forma, os ribeirinhos redefiniram vários significados para a palavra *levada*. Nesse âmbito Montenegro (2010) explica que

A análise histórica tem como foco primordial as relações, os percursos, as práticas, porque através do seu estudo é que se poderão construir outras formas

de compreensão, que desnaturalizam a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra. É nessa perspectiva que Deleuze e Veyne reafirmam a proposta de Foucault de rachar as coisas, desnaturalizá-las e ir em busca dos fios que as engendram, que as significam.

Montenegro (2010), em suas andanças de pesquisa, afirma que é surpreendente como em alguns depoimentos de homens e mulheres das camadas populares são operados esse movimento de rachar as palavras, de descrever outra prática e, por extensão, alterar o significado, desconstruindo a associação que se quer natural entre o signo e a coisa. Esse movimento de desnaturalizar as palavras revela um combate, uma luta na história, um desfazer de laços e armadilhas que trazem embutido o controle sobre a vida e o fazer dos trabalhadores.

O Sr. João de Deus Dias³⁶, que nasceu em 1934, comenta que *a levada do São Domingos foi feita à custa do povo pobre, não foi a prefeitura não, talvez o prefeito da época tenha ajudado com a comida e a cachaça. Foi feito tanto a levada do São Domingos como o canal da praia, tudo na enxada e enxadeco.*”

Figura13: Levada do São Domingos.



Fonte: Acervo da autora

Estudando as famosas *levadas* da Ilha da Madeira, Quintal (2009) afirma que a história das *levadas* se confunde com a dos homens. As primeiras *levadas* da Ilha da Madeira foram construídas logo nos primeiros tempos da colonização, no século XV. Segundo as crônicas da

³⁶ Depoimento cedido a Baial Ramos. Está incluído em sua obra: *História de Barreirinhas*, publicado em 2008, p.340.

época, eram canais pouco extensos escavados na rocha e com alguns segmentos feitos de grossas tábuas em forma de calha. Durante séculos foram construídas exclusivamente com a força de homens valentes que usavam instrumentos rudimentares. As *levadas* do Rio Preguiças também foram construídas à custa do trabalho dos ribeirinhos, já que as famílias precisavam viajar e se dirigir às suas pescarias ou às roças nas margens do rio. Geralmente nessas roças se plantava a mandioca como produto de primeira necessidade.

Durante a pesquisa, acompanhamos o processamento da farinha de mandioca: inicia-se com a retirada do tubérculo da roça, nos próprios quintais de casa ou em roçados mais distantes. É levada à casa de forno. Reúne-se então o grupo familiar e a vizinhança para descascar a mandioca; após essa etapa, é lavada e ralada. Depois de ralada, ela se torna uma massa homogênea, que vai a uma prensa chamada de *tapiti*³⁷ e, posteriormente, vai ao forno.

Todas as comunidades trabalham no beneficiamento artesanal da farinha de mandioca e de outros subprodutos. No fabrico da farinha se distinguem duas formas. Uma delas, a farinha comum, mais grossa, é chamada de farinha d'água. Leva esse nome porque a mandioca antes de ser ralada e levada ao fogo para torrar, é deixada por três dias dentro do rio ou em um cocho para *pubar* ou fermentar. A outra chama-se farinha branca ou seca; nesse caso, não há fermentação da matéria-prima. Da mandioca se retira também o amido (*tapioca*), usado para fazer *beijus* e bolos que são oferecidos na Festa de São Gonçalo³⁸, festa típica em várias comunidades ribeirinhas.

Os tempos de colheita e fabricação da farinha de mandioca são sempre momentos de reunir parentes e vizinhos, tornando-se um gostoso compartilhar de conversas e histórias. Portanto, essas áreas de cultivo não têm apenas significado econômico, mas também simbólico, pois estão inseridas em seu modo de vida. Sobre essa questão, Ferraz (1998) – ao estudar os conflitos de terra na comunidade Sete Barracas, na região do Bico do Papagaio (TO) - percebe que o espaço agrário, com suas tarefas tradicionais, tem função sociocultural, ou seja, não assume a função meramente mercadológica.

Nas *farinhadas*, homens, mulheres e crianças se juntam na tarefa. O processo de torrar a farinha é feito pelos homens, pois é um trabalho que exige mais força, mas, na ausência dos

³⁷ Prensa de origem indígena, usada na extração do *tucupi*, líquido tóxico da mandioca.

³⁸ Durante a visita a campo no mês de junho, mês das festas juninas, tivemos a oportunidade de participar da festa de São Gonçalo. O *cordão de São Gonçalo*, como é chamado, é uma dança realizada para o pagamento de promessas. Os cordões são formados por homens e mulheres vestindo roupas comuns, que fazem a cerimônia obedecendo a nove jornadas de cantos da reza. A cada intervalo entre a dança e o canto, o mestre da reza leiloa frutas, bolos de *tapioca*, galinhas assadas, dispostos no altar. Ao final do ritual da festa, dança-se muito *fórró*, pois esse santo é padroeiro dos *violeiros*, além de ser santo casamenteiro.

homens, as mulheres fazem todas as etapas da produção. Na fabricação da farinha é comum o compartilhamento das casas de forno entre os vizinhos, assim também o partilhar da farinha e da tapioca produzidas.

Outro produto retirado da mandioca é a tiquira, aguardente forte, de alto teor alcoólico, fabricada em grande quantidade na região. É considerada uma bebida tradicional pela população das comunidades, pois já foi comum seu uso antes do almoço e antes do jantar para abrir o apetite. Os tipos de tiquira são: a branca, a azulada e a temperada. Da tiquira são feitos gostosos licores de sabores variados como jenipapo, murici, bacuri e caju. Reza a lenda que não se deve tomar banho ou molhar os pés após beber tiquira. Se isso acontecer, a pessoa poderia ser vítima de um grande mal-estar, que poderia até levá-la à morte.

Outra atividade praticada nas comunidades era a fabricação de tijolos e telhas. A produção era destinada a construções em geral da região. A cerâmica também era intensamente produzida. Hoje, há uma redução no exercício de tais atividades.

Na comunidade São Domingos eram fabricados utensílios de cerâmica (potes e alguidares) e chapéus de palha de carnaúba para serem vendidos a compradores do centro urbano de Barreirinhas que exportavam para Piauí e Ceará. A ligação comercial com estes Estados era bem forte, devido à região ter sido formada por migrantes oriundos desses lugares. A cidade de Parnaíba, no Piauí, era a principal fornecedora da maioria dos produtos que eram vendidos no comércio de Barreirinhas. São Luís, geralmente, fornecia tecidos.

O trabalho desenvolvido em quaisquer dessas atividades ajudava muito a custear as despesas domésticas. D. Adriana Oliveira³⁹ relembra:

Mamãe fazia contrato de quinhentos potes por ano para o senhor Zé Correia na Barreirinhas, que era o comprador. Quando chegava o inverno a gente não fazia, porque custava enxugar e era ruim para queimar [...] aí nós íamos fazer chapéu. Mamãe fazia o contrato do chapéu também: chapéu de palha de carnaúba. Nós éramos muitas, fazia de cem, aí engomava aquela quantidade e ia deixar. Aí mamãe só ia receber o dinheiro [...], ela comprava da calcinha ao calçado, e a roupa de sair.

Dona Rosa e Dona Adriana aprenderam, desde muito cedo, a fazer potes com sua mãe, tijolos com seu pai, pescar e fazer roça com seus pais e irmãos mais velhos. Cada detalhe destes trabalhos lhes é familiar. A vivência nessas tarefas lhes garantiu diversas habilidades que carregam consigo.

Boa Vista, Mangaba e São Domingos são comunidades próximas, onde muitas famílias têm relação de parentesco. Pela árvore genealógica de várias famílias percebemos casamentos

³⁹ Dona Adriana, moradora do povoado São Domingos, tem 65 anos. Seu depoimento foi colhido em novembro de 2014.

entre parentes próximos e distantes. A formação do povoado São Domingos se deu com a chegada das famílias Cruz, Castro e Barroso que construíram suas casas na beira do rio Preguiças, aproveitando a fertilidade das margens do rio, os locais bons de pesca, o clima ameno. Muitas famílias com o rio no fundo dos seus quintais, usufruíam dos recursos da agricultura do arroz, banana e do extrativismo vegetal, pois era comum a palmeira do buriti e da juçara nas áreas alagadas próximas ao rio.

Essas comunidades, formadas por lavradores, pescadores e artesãos, utilizavam o calendário da natureza. No período de peixes e mariscos mais frequentes, as atividades agrícolas ficavam temporariamente suspensas, sendo retomadas em outros momentos. Praticavam o cultivo de mandioca, macaxeira, milho, feijão, banana, caju e manga, alimentos que se destinavam ao autoconsumo. D. Rosa Machado,⁴⁰ 65 anos, detalha como era seu cotidiano:

[...] nós, todo mundo trabalhava em comum, todos juntos. Os nossos produtos eram guardados, não tinha venda, era só para a manutenção, né? Nossos artesanatos, eu fazia pote. Chegava com o barro, molhava e de manhã cedo amassava e sentava. Todo mundo no trabalho. De tarde todo mundo tinha seus seis, sete, oito potes prontos. Ia para ser raspadinho, depois já ia para o sol, pra semana, já ia ser queimado. O legume pela mesma forma, né? Nós pisávamos o arroz, às vezes de tardezinha assim, pra comer na roça amanhã bem cedinho. Não tinha máquina de pisar [pilador de arroz], era na mão, era no braço brabo [...]. O papai trabalhava com tijolo, eu era lavadeira de pau. É uma pecinha de madeira que entra dentro da grade e a gente limpava lá pra sair com facilidade [...]. Nós tínhamos nossos guezinhos [vara de pescar] não era linha, era gué, como se diz, caniço. Depois apareceu a caçoeira [rede de pesca]. Nós tínhamos nossa caçoeira. E eu pescava mais meu pai, botava na beira dos paus ou mesmo no meio do rio, que era pro arenque, né? E pegava peixe que dava pra almoçar e jantar e ainda avizinhava [compartilhava com o vizinho]. Salgava tigelas e alguidarzinhas cheias de peixe pra comer dois, três dias, assadinho [...].

Dona Francisca Machado⁴¹, lavradora e moradora do São Domingos também relembra que *a vida era trabalhando no pesado; minha avó trabalhou até 90 anos plantando banana. E meu avô era um pescador de fama; enchia um paneiro de peixe. Hoje se pesca pouco, o camurim, a sardinha[...]*”. Ao falar do cotidiano de seus avós, a moradora demonstra importância e orgulho do trabalho de seus ancestrais, tanto no plantio, quanto na pesca.

Indagada sobre os afazeres de sua época, Dona Francisca Machado relata que

Os serviços eram a lavoura. As mulheres faziam chapéu e pote. Nós fazíamos pote, chapéu, trabalhávamos na roça no inverno, e de costura. Trabalhei muito com minha mãe. Nesse tempo não tínhamos gás, nós íamos buscar lenha pra cozinhar, torrar farinha, fazer bolo... Vendia muito chapéu e pote; tinha contrato pra comprador de Barreirinhas, o João Xexéu comprava e levava pra

⁴⁰ Rosa Machado nasceu e viveu sua juventude em São Domingos; quando casou, foi viver no Atins. Depoimento dado em junho de 2014.

⁴¹ Dona Francisca, 66 anos, é moradora do povoado São Domingos. Seu relato foi colhido em junho de 2014.

Parnaíba. Levava os potes e chapéus e trocava por mercadorias do comércio. O senhor Mundico comprava o tucum, a pele de gado, o bode, e mandava pra Parnaíba. Ele tinha dois barcos que vinham cheinhos de mercadoria para o comércio dele.

As atividades de produção de cerâmicas cessaram em alguns povoados. Segundo moradores, a causa principal foi a dificuldade de conseguir barro, pois geralmente esse material fica em terrenos particulares, e os donos não permitiram mais sua retirada. Somou-se a isso a melhoria das vias de acesso, o que trouxe ao município e a seus povoados um comércio variado com a inserção de produtos industrializados⁴². Dessa forma, os utensílios que tinham valor utilitário ganharam a nova condição de objetos estéticos e hoje constituem uma atividade econômica ligada ao mercado turístico.

Atins e Mandacaru são lugares próximos ao litoral onde se pesca o ano todo, na foz do rio Preguiças e no mar. O Sr. Anésio Pereira⁴³, morador do Atins, lembra que *aqui tinha cinco casas. Aqui era só as casinhas com as lamparinhas colocadas com esse breu do mato. Aqui perto de casa era aquele matão fechado, queria que visse. Era a coisa mais esquisita do mundo. A gente acostumou aqui.*”

D’Antona (1997) observa que os moradores dessas comunidades próximas à foz do rio se definem como pescadores, mas, como nos demais povoados, verifica-se a combinação de várias práticas. Para o autoconsumo plantavam arroz, feijão, mandioca, sendo estas plantações cuidadas geralmente pelas mulheres. Homens e mulheres se dedicavam à pesca e à criação de pequenos rebanhos de animais, entre eles, bois, cabras, carneiros e porcos, com a finalidade de manter uma reserva para os dias de necessidade.

Essa colocação é corroborada pelo Sr. Anésio Pereira:

Eu me equilibrei porque não vivia só da pesca, eu crio bode, crio um gadozinho, de todo lado eu tenho uma ajudazinha. A mulher também ajuda. Compro farinha, vendo farinha, vendo carvão, tudo isso nós funcionamos, aí as coisas crescem, não vivo só da pesca não. Eu fui seguro para render a produçãozinha porque senão hoje eu estava no fundo.

2.4 - O mundo da pesca

⁴² Em conversas com os antigos moradores ficamos sabendo que, com a entrada de utensílios de plástico, que começou na década de 1970, diminuiu a produção de utensílios de cerâmica e de fibras vegetais para uso geral. O artesanato da palha da carnaúba e da fibra do buriti passou a ser incentivado, mas com valor estético e comercial.

⁴³ O Sr. Anésio tem 66 anos, mora no povoado Atins, pesca desde os 15 anos de idade. Entrevista colhida em fevereiro de 2016.

O litoral maranhense possui 640 km de linha de costa, a segunda maior do Brasil, ocupando importante papel no cenário da produtividade pesqueira nacional, devido ao grande volume de produção de pescado no Estado. Dentre os fatores que garantem a alta produtividade, destaca-se a presença de reentrâncias assim como um número elevado de rios que desembocam no mar, oferecendo uma grande quantidade de nutrientes essenciais para a manutenção da cadeia trófica marinha (CASTRO & SILVA 2007 APUD MONTELES et al., 2010).

A pesca é considerada uma das atividades mais antigas exercidas pelo homem em período anterior ao Neolítico. Por sua vez, ela proporcionou aos pescadores adquirir um vasto conhecimento ao longo de vários séculos sobre os aspectos relacionados ao ciclo de vida das espécies capturadas, à época de sua reprodução e à categorização dos cardumes (DIEGUES, 2004).

Na região dos Lençóis Maranhenses, a pesca constituiu uma das principais atividades junto à lavoura, ao extrativismo vegetal e ao artesanato, sendo desenvolvida por membros de famílias que, desde muito cedo, aprenderam essas tarefas. Os pescadores usavam suas embarcações tanto para pescar como para transportar pessoas e cargas. O Sr. Anésio conta sua trajetória nas atividades de pesca e sobre o aprendizado de viajar embarcado. Tornou-se um exímio pescador e navegador. Conhece cada caminho nas trilhas do mar e do rio, sabe como desviar a embarcação de lugares com pedras e bancos de areia.

Meu pai tinha uma terrinha, umas criações e pescava. Eu ajudava meu pai desde os treze anos. Tive uma briga com ele. Ele me deu uma pisa [surra] muito forte, foi minha soltura, saí de casa. No outro dia, apareceu um barco aqui. O rapaz me pediu para eu encher água no barco, aí enchi. Ele ia para Tutoia e me convidou para dar um passeio, aceitei e fui. Eu não pedi ao velho [pai], não. A minha mala era uma caixa de sabão. Aí saí, não sei se era de tardezinha ou de manhãzinha, saí fugido. Fui para Tutoia, da Tutoia fui a Parnaíba, Fortaleza, Rio Grande do Norte, Aracati. Andei por lá. Depois, peguei uma barça e fui para Belém. Uma barça medonha. Em Belém eu passei uma temporada boa. Voltei para São Luís. Em São Luís, o pessoal começou a aperrear por documentos. [...]. Aí voltei para tirar meus documentos sem falar com meu pai. Minhas tias que me ajudaram. Sempre trabalhando no barco, aprendendo.

Nessa arrumação eu trabalhei seis anos e conheci muitos lugares. Quando eu parei essas viagens, fui para a pesca de novo. Foi quando dei a primeira viagem de cozinheiro. Quando foi na outra viagem, me tiraram de cozinheiro e me botaram para a proa. Eu disse: ‘Senhor, eu quero de cozinheiro’. Ele disse: “O cozinheiro aqui não sabe fazer nada, você aprendeu ligeiro”. Aprendi a costurar, a fazer nós, nó de cabeça, todo tipo. Aí ele me entregava o quarto [a direção da navegação]. Nós fazíamos viagem lá para Manaus. Me entregavam o quarto⁴⁴ direitinho e eu entregava de volta. Essa história de quarto é o seguinte: nós temos dois ou três quartos na noite. Se a

⁴⁴ Termo utilizado na navegação. É usado pelos operadores do convés para dividir o tempo durante a navegação. Assim sendo, mantém o navio a navegar vinte e quatro horas.

gente entrar seis da manhã, tem que tirar de seis à meia noite, e meia noite até de manhã. Se todos conhecerem o serviço, aí tira três horas para cada um.

A trajetória de vida do Sr. Anésio mostra sua passagem por vários tipos de atividades, desde a ajuda a seu pai na lavoura, criação e pesca, até sua iniciação na arte da navegação. Todas essas atividades foram determinantes para a cristalização de experiências em explorar as águas da foz dos rios e dos mares, não só na região dos Lençóis, mas de outros cantos do Brasil. Inclusive, ele diz ter ido até a Paramaribo no Suriname⁴⁵. Relata também que muitas vezes guiava barcos e navegadores, à deriva, no mar, pois sabia detalhes dos caminhos d'água, guiando-se pelas estrelas e planetas, pelo vento e pelo sol. Esses conhecimentos foram adquiridos no dia a dia do trabalho, como ele explica nesse relato:

Chegou um rapaz aqui e perguntou se eu tinha coragem de levar um barco daqui a Belém, sem armadilha [aparelhos náuticos] nenhuma, sem bússola, sem nada. Eu disse: 'Levo. Quer apostar? Eu levo. Já levei a canoa do Sinésio, do Marcílio. Saía dessa barra [foz do rio] aqui e ia lá na barra próximo à barra de Belém, sem bússola, sem nada. De noite ia pelos planetas, de dia pelo sol e a teoria [experiência] na cabeça'. A pessoa pergunta se não vou me perder. 'Não me perco, não senhor. Eu saio com meu bote nessa barra seis horas da manhã ou seis da tarde, corro a noite todinha, corro o dia, quando é no outro dia digo: Vamos ao rumo da terra'. E já estou me aplumando para a região da pesca. Pesco lá dez, doze ou quinze noites, aí boto pra barra e sem ver terra. Corro cinco noites de lá pra cá, aí vejo o farol do Mandacaru, saindo de lá pra cá.

Por causa do tempo do bote, conheço a viagem dele, conheço a posição do vento, o costume. Estou lá embaixo do barco deitado, mas eu sei se o barco sai do rumo. Os meninos que deixo cuidando da navegação me perguntam o porquê. Quando boto a cabeça pra fora e olho para o céu, digo: 'Épa, a estrela que eu te entreguei para governar tá lá para um lado, o bote saiu do rumo'. Aí os meninos começam a rir. Lá onde estou deitado, eu conheço. Então que eu digo, que é uma teoria que a pessoa tem[...]. Eles mesmos dizem que estavam com sono, cochilaram um pouquinho, não prestaram atenção com a bússola, e o barco deu com a cara na costa.

Graças a Deus, eu passei trinta anos nesse serviço, nunca perdi nada, por causa da teoria e responsabilidade que tenho. As pessoas falam: "Anésio, se você fosse um cara de muito estudo seria um grande navegador". Eu não quis entrar nesses grandes navios porque não tinha estudos, tinha que aprender mais coisas, cartas. Bússola eu conheço bem. Agora o GPS é mais enrolado. Aí eu trabalhava só com os aparelhos mesmo da cabeça [experiência], mas graças a Deus nunca me atrapalhei no mar.

Nessas comunidades ribeirinhas a transmissão das tarefas de pais para filhos eram uma prática corriqueira. O Sr. Anésio, com sua história de vida, fornece-nos elementos para entender esse vasto mundo que é a pesca e suas conexões. Os ribeirinhos representados na voz dele parecem seguir aquilo que expressa Benjamin (1994) sobre a experiência. O autor reitera que a

⁴⁵ Muitos pescadores e navegadores da região dos Lençóis contam suas aventuras marítimas, principalmente as viagens para o Suriname, alguns foram presos. No capítulo terceiro desta tese retornaremos a este assunto.

experiência comunicada aos jovens através dos mais velhos forjava as relações e as tarefas do dia a dia e ganhava o sentido de *fazer*.

Em suas andanças mar adentro, na região dos Lençóis Maranhenses, especificamente no Atins, o Sr. Anésio adquiriu grande experiência na atividade pesqueira. Ele descreve os tipos de peixes que pescava, classificando-os em peixes grandes e pequenos de alto mar e peixes próximos da foz do rio, conforme ele enumera:

A cornuda é um tubarão. O espadarte é um monstro, tem mil e quinhentos quilos, mas aqui não tem mais. O sicuri é um cação também, é do alto mar. Mas tem a sicuria da terra, existe diferença para quem conhece. Tem o tubarão-espelho e o jaguará que é um tubarão pintado. Os peixes miúdos do alto mar são: o pargo ferreira, o pargo comum, o pargo preto, o cachucho, o boca negra, o mulato, a carapitanga de dente, o dourado de alto mar, o valcola, o mero-preto, o mero amarelo, se mora no canal é amarelo. Tem o tibiuro, tem a arabaiana. Também pescava a lagosta, a lula, que é a avó do camarão, e o polvo. A pescada e o peixe pedra moram nas pedras. Conheço muita espécie de peixe.

O Sr. Anésio e demais pescadores do Atins costumavam pescar grandes quantidades de peixes, lagostas, polvos, lulas e camarões. Ele nos disse que sempre reservava uma parte da pesca para o preparo de suas refeições diárias. O camurupim fêmea era um peixe apreciado, principalmente, a ova. Esta era comida simplesmente, depois de seca ao sol, assada na brasa, ou em outras receitas. Era uma iguaria reservada para presentear os amigos e parentes.

D'Antona (1997; p.82) observa que a pesca na região dos Lençóis Maranhenses ocorre no mar, no rio, nas lagoas e na foz do rio Preguiças. A temporada de pesca farta é no inverno e varia de acordo com o local e com o tipo de peixe a ser capturado. Para pegar o camurupim a pesca é na superfície, enquanto para o peixe serra e a corvina é com *caçoeira* (rede) fundeada.

Diegues (1999, p.58 e 59) reforça que essa categoria de população tradicional está espalhada pelo litoral brasileiro, pelos rios e pelos lagos e tem um modo de vida baseado principalmente na pesca, ainda que exerça outras atividades econômicas complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura. Embora, sob alguns aspectos, possa ser considerada uma categoria ocupacional, os pescadores, particularmente os chamados artesanais, apresentam um modo de vida peculiar. Praticam a pequena pesca, cuja produção em parte é consumida pela família e em parte é comercializada. A unidade de produção é, em geral, a familiar, incluindo na tripulação conhecidos e parentes.

Na rotina da pesca, o Sr. Anésio tece o seguinte comentário:

Quando eu saía para pescar, passava de quinze a vinte dias no mar. Passava mais dias no mar que em terra. O peixe pescado era todo salgado e era peixe vendável. Passei essa temporada toda só trabalhando com peixe salgado. O peixe salgado era mais valorizado que o fresco. O peixe da água salgada é

mais valorizado, a gente faturava mais. Tinha vez que a gente fazia três mil reais, dois mil e pouco, aí eu guardava.

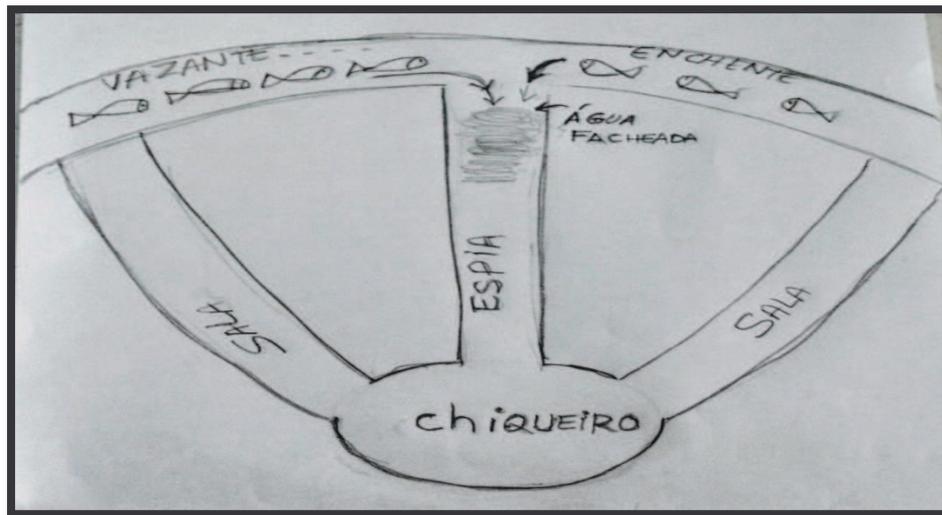
Na região é muito comum também a pesca denominada de curral. O Sr. Isac,⁴⁶ do povoado de São Domingos, lembra que *antigamente se tecia curral de vara de tucum de najá⁴⁷ pra botar no rio pra pescar peixe.*

O Sr. Anésio complementa, explicando a sua forma de fazer o curral nos dias de hoje:

Com o curral a gente pesca de enchente e de vazante. É uma armadilha. Faz o chiqueiro e puxa a sala pra cá e a espia pra lá. A espia vai até perto da beirada. Então o peixe vem abeirando aqui, quando ele chega aqui e vê a água “facheando”, a água salgada “facheia” ... aí o peixe abeira aqui e entra pra dentro do curral. [...] Ele é feito de arame com madeira, mas se faz com náilon. O arame é pra tecer as malhas, pode botar náilon também, mas o náilon não dura como o arame. O arame é mais forte, o náilon o peixe fura mais.

Essa água “facheada” (brilhosa), segundo o Sr. Anésio, faz com que os peixes fiquem desorientados e entrem no curral, não encontrando mais a saída. Então, ficam presos na armadilha.

Figura 14: Desenho do curral de pesca dos pescadores do Atins.



Fonte: Desenho adaptado dos rabiscos na areia do Sr. Anésio no momento da entrevista.

A pesca de curral é uma arte milenar criada pelos índios e aperfeiçoada ao longo do tempo. Os currais constituem grandes cercados com desenhos particulares. O que interessa é que sejam instalados na posição exata em função das correntes de marés. Os peixes que seguem as correntes são capturados. Ao tentar fugir são dirigidos para o interior da armadilha. E é despescado⁴⁸ na maré baixa.

⁴⁶ O senhor Isac Machado, 69 anos, morador do povoado São Domingos, é pescador e construtor de canoas. Entrevista cedida em julho de 2015.

⁴⁷ Era usado o talo do meio da folha da palmeira do tucum. Retiradas as folhas, restava o talo principal com o qual era trançado o curral.

⁴⁸ A população local usa o termo *despescado*, que significa o recolhimento dos peixes do curral após a maré baixar.

Figura 15: Construção do curral de pesca.



Fonte: <http://primeiracruz.tripod.com>

De acordo com Monteles et al. (2010), a pesca com o curral é considerada predatória pela capacidade de capturar grande número de peixes sem distinção de tamanho. O Sr. Manoel, referindo-se ao seu tempo na pesca, comenta como eram feitas as redes.

Na minha época não era moderno como hoje, na minha época a rede de pesca era de fio de algodão. Tinha de duas pernas, três pernas e de quatro pernas. A gente escolhia pra que a gente queria. O saco era vinte e cinco quilos, uma boroca⁴⁹ assim. Então a gente comprava e fazia a rede de linha de algodão, aí tinturava ela com a tinta do mangue pra ela durar muito, pra ela esticar um pouco. Aí quando eu estava saindo, passando pelo tempo de pescaria, é que começou a aparecer o náilon. Isso foi um assombro, o náilon, barato e bom para fazer. [...] A caçoira é de acordo com o tipo de peixe que vai pescar, tem a rede da tainha, da curuvina [corvina]. Eu saí da pesca antes da modernidade.

Em sua fala, o pescador mostra que tecer as redes de pesca com a linha de algodão tinturada com a resina do mangue vermelho as deixava mais resistentes. Os ribeirinhos sabiam muito bem aproveitar aquilo que a natureza local lhes oferecia em abundância, pois, como relata o Sr. Manoel, *o mangue era fora de série, muito bonito, grossão*.

A caçoira (rede) faz parte dos equipamentos de pesca. Quando a pesca é desembarcada, os pescadores estendem a caçoira próximo à praia e vão cercando os peixes.

⁴⁹ Vasilhame com grande volume de coisas.

Quando a pesca é embarcada em canoas permite avanços para além da arrebentação (D'ANTONA 1997).

Sobre os tipos de linhas e redes apropriadas à pesca na região dos Lençóis, usava-se a caçoeira para o bagre e para o curimatá ou curimatã. O Sr. Manoel relata suas pescarias com a rede de lanceada: *“Viu, a gente bota nas estacas, na maré cheia. Aí, rapaz, espalha na beira do rio, aí bota até onde pode, até enquanto tiver rede pra espichar. Quando a maré baixa, o peixe vai saindo e não volta mais. Lá tem um bagre preto que chama corero”*.

No litoral maranhense, em especial na região dos Lençóis, também chamada de litoral oriental ou leste, não existe nenhum avanço na tecnologia dos métodos de captura que são bastante rudimentares e seletivos. Estudando os pescadores artesanais do leste maranhense, Monteles *et al* (2010) afirma que “apetrechos de pesca” é a denominação dada para todo e qualquer instrumento utilizado na captura de peixes e outros organismos aquáticos. Esses apetrechos são bastante variados e são usados conforme a intenção do pescador. Predominam as armadilhas fixas, pequenas redes à deriva, espinhéis, puçás e similares.

Monteles *et al* (2010, p.70) cita e conceitua vários apetrechos de pesca utilizados por pescadores artesanais:

- Linha: a pesca com linha de mão é geralmente feita com fios de nylon com anzóis inseridos em sua porção final. É comumente utilizada por pescadores a bordo de canoas a vela ou remo.

- Gozeira (grozeira): é uma rede de deriva colocada na superfície ou a meia água fixa à embarcação por um cabo feito de nylon, onde seu comprimento pode variar de 200 a 400 braças. Sua confecção é em nylon com chumbo na parte inferior e, geralmente, é manuseada por 3 pescadores.

- Espinhel: arte de pesca fixa com comprimento médio de 800 braças, onde são fixados anzóis distanciados de 1,0 a 1,6 metros em estorvos (fio que prende o anzol à linha) de nylon multifilamentado. A linha mestra varia de 2 a 4 metros de diâmetro, sendo geralmente manuseada por três pescadores na captura de espécies de fundo como uritinga, cambéua, bandeirado.

- Tapagem ou zangaria: arte de pesca semifixa que se assemelha a uma cerca, onde uma rede comprida é armada e presa a estacas enfiadas no fundo dos cursos d'água. A altura e o comprimento são variáveis e não há um tipo padrão. É colocada ao longo dos canais bem como dos lavados e, à medida que a maré seca, os peixes podem ser coletados a mão pelos pescadores.

- Caçoeira pescadeira: consiste em um tipo de rede de pesca colocada à deriva e, assim como a maioria das redes de emalhar, opera nos estratos da superfície, meia água e fundo. É

tecida a mão, com nylon monofilamentado, de 1,0 a 1,2 mm. Na superfície, esse tipo de rede fica fixada a boias de isopor. Geralmente é operada por pescadores em canoas a vela de 5,5 a 6,5 metros de comprimento.

- Puçá de arrasto: é uma rede em forma de cone, com boca retangular mantida aberta verticalmente por calões de madeira e é estendida horizontalmente por dois pescadores em locais de pouca profundidade. As redes de puçá são confeccionadas a mão, de forma contínua, ao redor da circunferência, iniciando pelo sacador e inserindo-se 3 ou 6 colunas de malhas adicionais chamadas de crescidos. O material usado é o fio de nylon monofilamentado, de 0,25 mm de diâmetro.

- Rede de lanço: é usada na pesca do camarão. Possui tamanho de até 100 metros de comprimento com malhas de 24 mm que, em geral, capturam toda a fauna circundante.

- Mão: para fazer a coleta de sururus e sarnambis, a mão constitui uma ferramenta bastante importante na remoção de sedimento. Este é lavado, ficando apenas os organismos que são recolhidos e levados para o tratamento. Também na captura dos siris e caranguejos a mão é a ferramenta ideal para retirada dos crustáceos em suas tocas.

No circuito da pesca do rio Preguiças, principalmente na sua foz, eram feitas cabanas ou pesqueiras onde os pescadores moravam temporariamente até o fim das atividades pesqueiras. Ali também guardavam seus apetrechos de pesca, tratavam o peixe e o salgavam para venda e consumo.

Figura 16: Cabanas - moradias temporárias dos pescadores na região de pesca.



Fonte: Acervo da autora

Na proximidade da foz do rio Preguiças, onde predominam dunas e mangues, o caburé - uma estreita faixa de areia que separa o rio do mar – era destaque no espaço de pesca. Aí os pescadores de cada comunidade construía suas cabanas para permanecer no inverno durante o período de pesca. Por ser próximo ao mar, era um lugar estratégico. Comentando sobre as pescarias no Caburé, o Sr. Manoel diz: *“Lá onde a gente pescava tinham muitas muriçocas, aí a gente colocava um pano de ‘volta ao mundo’, se fazia o boi [bolha de proteção]. Quando a gente chegava, entrava pra dentro do boi pra dormir, aí a muriçoca não entrava”*.

Esse relato refere-se às dificuldades do trabalho na pescaria e às alternativas inventadas pelos pescadores para superar as adversidades na luta para garantir o almoço e o jantar, pois, segundo ele, a pesca era para as refeições da família. Ele e os irmãos costumavam pescar nos seguintes locais: Espadarte, Moitas, Morro do Boi, Vassouras e Atins. Logo, a construção de moradias temporárias (cabanas) nas praias era uma forma de driblar as adversidades da viagem para, assim, permanecerem mais tempo na região da pesca.

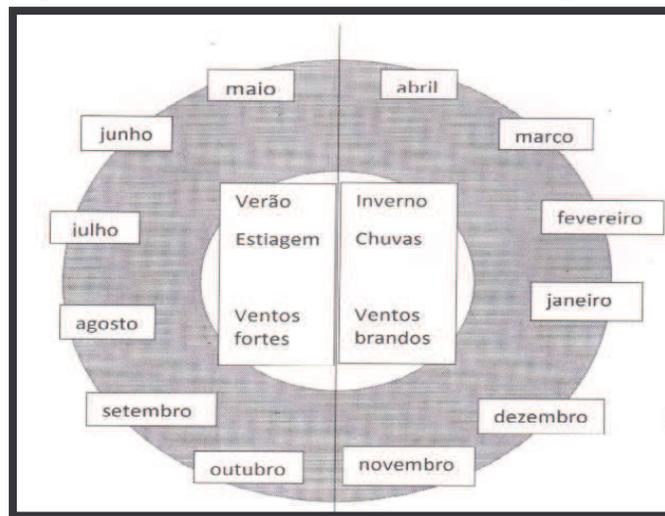
No percurso do rio Preguiças, esses locais eram de difícil permanência, pela grande quantidade de mosquitos ou muriçocas, pela intensidade de ventos, pela quantidade de mangues às margens do rio e pela distância em relação às outras comunidades do entorno. As viagens até as áreas de pesca, em canoas a remo, ao sabor das marés, eram feitas em grupos de cinco a seis pescadores, o que tornava o trabalho de remar mais leve para todos, visto que favorecia a partilha das tarefas. Às vezes, utilizavam uma folha da palmeira do buriti como vela para amenizar o cansaço das remadas.

Na luta para garantirem a sobrevivência, os ribeirinhos, através da experiência, se tornaram astutos na arte da pesca. Planejavam o período da viagem ao mar, o tamanho do barco, o tipo de rede a utilizar, o tempo de viagem, os locais onde havia mais espécies de cardumes, a

utilização da força das marés e dos ventos para diminuição do esforço no ato de remar. Importa ressaltar que o aprendizado dos ancestrais permanecem vitais até hoje.

Após o término do período das pescarias, as cabanas eram abandonadas no fim do inverno, pois, com a entrada do verão ou estiagem, os ventos eram muito fortes nos locais.

Figura 17: Calendário das chuvas e da estiagem.



Fonte: Adaptado a partir das informações locais.

No calendário dos povos da região dos Lençóis Maranhenses, o período de janeiro a junho corresponde ao inverno (chuvas), e o de julho a dezembro corresponde ao verão (estiagem), mas não há uma equivalência rígida entre datas e estações climáticas. A chuva, elemento que define as estações, representava um marco importante no *calendário social*, cujo efeito mais evidente estava nas praias: desertas no verão e repletas de pescadores no inverno (D' ANTONA, 1997, p. 67-68).

2.5 - O extrativismo na região e nas margens do rio Preguiças

A diversidade vegetal da região dos Lençóis Maranhenses é riquíssima. É provável que esse fator tenha sido preponderante para as migrações ocorridas no passado. Na verdade, a sobrevivência familiar conduzia às mais diversas tarefas. Como em toda comunidade tradicional, o aproveitamento do que a natureza dispõe era sempre usado com criatividade.

A vegetação de mangue que margeia o rio Preguiças se caracteriza pelo mangue branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*)⁵⁰. Era muito utilizado

⁵⁰ “Manguezais são ecossistemas costeiros de transição da interface terra-mar de regiões tropicais e subtropicais. Apresentam características de solos lodosos, com raízes aéreas. Os ambientes de manguezais são ecologicamente

para fazer canoas, tábuas para construir casas, cadeiras e mesas, pois, segundo os moradores, a madeira era muito durável. Serviu também de atividade econômica extrativista para a população local nos anos de 1920, sendo extraída para venda a compradores de fora do Estado. A resina do mangue vermelho era usada para fazer diversos produtos. O Sr. Manoel comenta sobre a serventia do mangue para os ribeirinhos e relata também o uso comercial com a entrada de um navio até a Fazenda Vila Regina para buscar a casca do mangue.

A casca de mangue era exportada, dizem que era para tinturaria de roupas, porque ela é vermelha. A gente pintava as redes e as roupas. Ela é tinta vermelha e não larga. É como a mancha de caju, bate o caju e não larga. A tinta do mangue também não larga, quando é o maduro. O maduro é vermelhinho. O mangue vai ficando velho e vai ficando vermelho. Quando está vermelhinho pode tirar, aí onde bate aquilo não larga. Nós pintávamos as redes e, todos os dias, a gente lavava elas. Ficava velha, rasgava e não largava a cor do vermelho. Ele conservava os fios, porque as redes [de dormir] eram de fios [de algodão]. Nós comprávamos o fio que vinha em um saco de vinte e cinco quilos, a gente torcia ele e fazia a rede. A gente comprava o fio tanto pra fazer rede de pesca como rede de dormir. O mangue também é bom para ferimentos, a gente espreme ele. Quando a gente se feria botava a casca do mangue, sarava rápido.

Meu pai trabalhava na casca do mangue, ele era o capataz. Naquele tempo, de cem pessoas uma sabia escrever, por isso ele foi escolhido pra ser capataz. Quando dava quatro da tarde começavam a chegar as canoas cheia de casca. Aí pesava na balança e separava, ele botava o nome da pessoa e as arrobas. Aí no outro dia eles espalhavam para secar. Quando estava tudo seco, amontoavam as cascas na beira do rio. Quando o navio chegava, os estivadores iam carregar o navio com a casca seca, e assim funcionou vários anos essa forma de renda.

O depoimento do Sr. Manoel esclarece a importância da resina do mangue vermelho para as comunidades ribeirinhas no processo de conservação de suas redes de dormir e de pescar, inclusive a utilização para uso medicinal. O conhecimento acumulado através da experiência própria e daquilo que ouviu de seu pai sobre o acervo vegetal da região se tornou um legado relevante para sua trajetória de vida e dos membros de sua família. Como observa Benjamin (1994, p.201), é na tradição oral que o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada dos outros incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.

importantes pela sua grande exportação de matéria orgânica para a zona costeira, e seu papel é fundamental como berçário de diversas espécies locais e de outros habitats. Além de ser uma proteção contra a erosão costeira e de estabilizar a linha de costa, o manguezal é uma fonte de renda e alimento para as comunidades que vivem em seu entorno. São áreas de proteção permanente”. Texto de Camilla Caricchio disponível em: < Zona Costeira. Bio.ufba.br <http://www.zonacosteira.bio.ufba.br/Manguezais.html>>, acesso em maio/2017.

Do povoado São Domingos até Caburé, aproximadamente 15 quilômetros na margem do rio, o mangue vermelho existia em grande quantidade e sua extração para o então mercado da época exigia muita mão de obra. As cascas do mangue eram retiradas e depositadas na fazenda Vila Regina⁵¹, que fica na margem esquerda do rio Preguiças. Lá havia um trapiche para facilitar o embarque no navio. Percorrendo o rio até sua foz, percebemos os vários tipos de mangue - inclusive o vermelho -, que ainda são encontrados em suas margens. Infelizmente, não mais com aquele vigor descrito pelo seu Manoel quando diz: *“No meu tempo o mangue era muito bonito, era uma coisa fora de série. A casca dele era grossa, naquela época parece que tudo era muito forte. Tinha mangue de dar cem arrobas”*.

Na fala do Sr. Manoel as transformações ambientais foram bruscas, pois quando perguntamos se o mangue regenerava, ele responde: *“Não. Era derrubado, eles só escolhiam aqueles grossão, a casca era madura [vermelhinho]. A raiz dele é fora do chão, então eles cortavam, derrubavam, tiravam a casca, aí ele morria. Depois de vários anos muita gente usou a madeira, fez cerca.*

Mas a exportação não se restringia apenas à casca do mangue. A região também exportava coco da praia, farinha de mandioca, doce caseiro, banha de porco, banana, madeiras, ervas medicinais, favas, tucum, castanha de caju, cera de carnaúba, farinha de goma (tapioca) e buriti (transformado em produtos artesanais, cuja atividade se mantém firme, graças ao trabalho das mulheres).

O extrativismo da castanha de caju sempre foi forte na região. Por ser uma planta nativa, o cajueiro prolifera e produz bastante, sem que sejam necessários cuidados especiais. Os cajueiros são mantidos por pequenos e médios agricultores em seus quintais, junto das roças. Os coletores aproveitam apenas a castanha, pois seu valor é muito rentável. O fruto geralmente é subaproveitado (D'ANTONA,1997).

Outro produto era a palmeira da carnaúba (*Copernicia prunifera*), muito aproveitada pelas comunidades locais para a construção de casas. O tronco era usado nas estruturas, e a palha era aproveitada na cobertura. Também na confecção de esteiras, chapéus, abanos e cestos usavam-se as palhas. As mulheres do povoado de São Domingos têm tradição na arte da confecção de utensílios de palha de carnaúba.

⁵¹ Segundo o Sr. Enéas Conceição, a Fazenda Vila Regina, também chamada de Fazenda dos Macacos, em frente ao povoado Mangaba, pertencia ao Sr. Manuel Carlos Godinho. Depois foi vendida para o Sr. Marcos Jacob. A Fazenda Vila Regina foi grande produtora e exportadora de cera de carnaúba. No final da Segunda Guerra eles usavam muito a carnaúba. Ela foi utilizada como uma espécie de combustível e servia também para fazer uma infinidade de produtos.

Na década de 1960 a cera da folha dessa palmeira era matéria-prima destinada à exportação para ser utilizada na produção industrial. A população masculina de várias comunidades ou povoados foi absorvida como mão de obra na fazenda Vila Regina. Hoje a fazenda continua a produzir a cera de carnaúba, mas de forma menos intensa, direcionada apenas ao mercado de Parnaíba (PI).

As comunidades ribeirinhas da região manejavam o extrativismo para suprirem suas necessidades cotidianas. Desse modo, a carnaúba, o junco (*Juncaceae*), o buriti, a taboca⁵² (*Gradua weberbaueri*) e as cabaças (*Cucurbitaceae*) eram usados para confeccionar uma diversidade de produtos como: redes, esteiras, chapéus, cestos, abanos, cochos⁵³, gamelas⁵⁴ jacás, cofos⁵⁵, tapitis, cuias e moringas. A madeira da região servia para fazer canoas. O barro (tabatinga) da beira do rio servia para fazer potes, alguidares e jarros. Todos estes utensílios eram imprescindíveis nas tarefas da vida diária.

Figura 18: Uso do cocho e do jacá pela comunidade em suas tarefas.



Fonte: Acervo da autora.

Dona Adriana Oliveira nos conta um pouco de sua tarefa na fabricação de cerâmica:

A gente carregava o barro, mamãe falava com o Senhor Morídio, aí ele arranjava o barro. A gente ia carregar na cabeça o cofo de barro. Aí, ia amassar, fazia o pote, depois raspava e botava para enxugar até o ponto de queimar [...]. O barro que dá o pote [a louça] é reservado para isso. Tem um tipo que tem uma pedrinha branca dentro, que quando queima ele desmancha, fica tipo uma cal. Se ficar no pote fura de um lado para o outro, não resiste ao fogo, quebra muito. Tem que ter o barro reservado para o pote. O barro bom é um barro meio lourinho que dá com um palmo de fundura. A gente tira o barro preto de cima, até chegar no barro profissional que é louro. Fica uma louça bem vermelhinha, fica uma louça bonita. Hoje está tudo como

⁵² Cesto trançado de bambu ou cipó, usado no transporte de cargas, preso ao lombo de animais.

⁵³ Espécie de vasilha feita de tronco escavado usado como depósito de comida para animais e para colocar mandioca ou outros produtos da roça.

⁵⁴ Vasilha em forma de tigela, esculpida em madeira retirada de árvores macias. Pode ser redonda ou ovalada e é utilizada para levar a comida à mesa ou para armazenar água.

⁵⁵ Espécie de cesto alongado, feito de palha de palmeiras de coco da praia ou babaçu. Muito útil para transportar peixes e produtos colhidos na roça.

artesanato. De primeiro, nós chamávamos - as louças, porque nós fazíamos para usar e vender. Hoje o povo ainda procura.

Habilidosa na arte da cerâmica (louças), D. Adriana sabe reconhecer o barro apropriado para um belo trabalho. Fica claro que conhecia cada parte daquilo que fazia, desde a retirada do barro das margens do rio até a saída final da peça do forno. Ela também em seu relato esclarece muito bem a diferença entre suas práticas antigas de confecção de utensílios e o que se convencionou chamar de artesanato. Nas palavras da entrevistada está evidente o fato de que se o objeto muda sua utilidade muda também o sentido das palavras no cotidiano, pois as louças de D. Adriana deixam de ser utilizadas no dia a dia e ganham função de objeto estético (artesanato).

Os rios, suas levadas, ilhas e igarapés sempre foram as principais vias de acesso dos ribeirinhos da região dos Lençóis Maranhenses, grandes remadores, pescadores e construtores de embarcações. Dessa forma se deslocavam por esses caminhos fluviais em busca do barro, do peixe, da juçara e do buriti.

As embarcações na região se caracterizavam como as de pequeno porte; consistiam em canoas a remo e barcos a vela utilizados pelos ribeirinhos no trajeto rio-mar para o trabalho geral e da pesca. Já as embarcações maiores e motorizadas pertenciam a poucas pessoas abastadas e provenientes de outros estados como do Ceará e Piauí que praticavam o comércio na região.

A construção de canoas e barcos, prática tradicional desenvolvida em oficinas situadas às margens do Rio Preguiças, fez nascer entre os ribeirinhos a arte da marcenaria naval, legado importante que ainda hoje resiste nas oficinas que levam o nome de seus artesãos, como o estaleiro do Sr. Cadadia e o estaleiro de Sr. Ovídio, entre outros da região.⁵⁶

No povoado do São Domingos o senhor Isac Machado, 70 anos, habilidoso artesão das canoas e remos, nos relata que se dedicou a fazer canoas e pequenos barcos. Ele conta porque decidiu trabalhar na confecção de canoas:

Eu estava pescando, tinha muita muriçoca e chuva. Então eu pedi a Nossa Senhora que me desse uma esmola, não só dali pudesse viver. E aí eu pedi a meu tio Babá, irmão do papai, que me desse um serrote, uma enxó e uma plaina [...] e aí eu comecei. Pedi a Deus que pudesse me desviar de certas coisas. Eu sei que não tinha letra e tive que fazer curso na Marinha para continuar o serviço. [...]um barco eu faço do tamanho que você queira, a largura, a grossura, todo tipo, o motor eu procuro. Porque a gente soube, para chegar até aqui fiz curso na Marinha⁵⁷.

⁵⁶ Informações relatadas pelo Sr. Enéas Miranda Conceição, em julho de 2014.

⁵⁷ Entrevista realizada em fevereiro de 2015, em sua oficina nos fundos do quintal da casa, no povoado São Domingos.

A foto abaixo mostra seu estaleiro no fundo do quintal de casa⁵⁸. É lá que ele faz canoas, remos e barcos. Conta também que era requisitado para fazer serviços de carpintaria e marcenaria como mesas, cadeiras e até telhados de casas (cumeeiras), tendo trabalhado para muitos parentes e vizinhos. O curso de marcenaria naval que o Senhor Isac fez na Marinha tornou-se sua profissão principal, da qual, junto com a pesca, retira seu sustento.

Figura 19: Sr. Isac no seu estaleiro de canoas.



Fonte: Acervo da autora (2015).

O processo de construção de uma canoa, segundo o Senhor Isac, demanda um longo tempo, pois as etapas do trabalho são detalhadas. Assim, ele demora, às vezes, até seis meses para construir uma canoa de médio porte, considerando que nem sempre esse processo é contínuo, devido à busca de materiais para o trabalho ou mesmo à simultaneidade com outras tarefas como a ida para a pesca, o preparo do chão para uma roça.

A madeira e as resinas utilizadas na produção da embarcação eram advindas do processo de extrativismo, assim como também os vários frutos e raízes que complementavam a alimentação dos ribeirinhos.

A riqueza de frutos e vegetais é uma marca dessa região. A exemplo, temos a janaúba (*Himatanthus drasticus*),⁵⁹ encontrada em abundância nas comunidades e usada como remédio

⁵⁸ O espaço de moradia de cada família se constitui da casa, do terreiro e do quintal. O terreiro é a parte mais próxima da casa; geralmente bem capinada e limpa pelos seus donos, pois é no terreiro onde todos se encontram - família, parentes e vizinhos - para conversar ou realizar tarefas coletivas (por exemplo, fazer farinha). Para as crianças, é o local das brincadeiras. O quintal, em geral, é o local de plantações para subsistência diária e criações de animais de pequeno porte (galinhas, porcos e cabras) para o consumo.

⁵⁹ Pesquisadores associados ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Fisiologia (LEFisio) e Laboratório de Pesquisa e Pós-graduação em Farmacologia (LPPF) da UFMA têm dado especial atenção a esta espécie vegetal, que pode ser encontrada também no município de Alcântara e São Bento. É uma árvore de grande porte conhecida popularmente como janaúba, janaguba, tiboma, raivosa, pau-de-leite e sucuba - e cujo extrato pode ajudar a

pelos moradores locais na cura de muitas enfermidades. Para aproveitamento da planta, o processo é o seguinte: o látex (leite de janaúba) é retirado do caule, segundo os moradores, nas fases de lua crescente e cheia, pois é o período em que o líquido do caule é mais abundante. Esse látex ou leite é muito forte, por isso é misturado com água para ser ingerido com a finalidade de sarar úlceras, gastrites, inflamações uterinas e tumores em geral. Também é usado para casos de infertilidade. As mulheres das comunidades sempre preparam as chamadas “garrafadas”⁶⁰ para serem ingeridas seguindo receitas passadas de mãe para filha.

Monteles & Pinheiro⁶¹ em um artigo referente a etnobotânica maranhense considera que a terapêutica local é fruto de um sincretismo de práticas africanas fortemente influenciadas por práticas indígenas. Conclui ainda que o resgate da terapêutica local, através da sistematização dos conhecimentos advindos desse universo, pode fornecer relevantes contribuições para a conservação da diversidade sociocultural e biológica em territórios de populações tradicionais. Tais práticas teriam sido originadas a partir de sucessivos aportes de conhecimento, combinando crenças e concepções derivadas de um vasto campo de experimentação empírica no transcurso histórico dessas comunidades.

Figura 20: Janaubeira da comunidade São Domingos.



Fonte: Acervo da autora (2016).

combater também a doença de Parkinson. Para mais informações está disponível no endereço <<http://www.fapema.br/site2012/index>>.

⁶⁰ Garrafada, termo usado na região, muito comum na medicina popular dos maranhenses, com uso de partes das plantas como raízes, folhas, o caule ou a flor. Macerados no vinho, na cachaça ou na água, produzem um remédio caseiro feito de ervas. No caso da janaúba faz-se uma incisão no caule e recolhe-se o látex que dali escorre.

⁶¹ MONTELES, R.; PINHEIRO, C. Urbano B. *Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica*. REVISTA DE BIOLOGIA E CIÊNCIAS DA TERRA, Vol. 7, - Nº 2, 2007.

Thompson (1998, p. 17) reforça que o aprendizado, como iniciação em habilitações dos adultos, não se restringe a sua expressão formal na manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações. A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras primeiro junto à mãe ou avó e, mais tarde, na condição de empregado doméstico ou agrícola. O mesmo acontece com os ofícios sem aprendizagem formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade. As práticas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares.

Nas comunidades ribeirinhas, a palmeira do buritizeiro é a marca da região, principalmente por ser abundante nas margens dos rios. O fruto do buriti alimentou e continua a alimentar muitas gerações. Não é raro encontrar as famílias colhendo o buriti e retirando a polpa do fruto nos meses de setembro a dezembro para fazer a garapa⁶² (suco), o doce e o óleo.

No Atoleiro, povoado que se localiza na estrada que vai para o Atins, existem muitas lagoas e riachos. Para poder usar a fonte (a beira do rio), os moradores derrubam alguns buritizeiros para servir como apoio na lavagem de roupa e de louça ou para sentar na hora do banho.

O processo de retirada da polpa se dá primeiramente na coleta dos frutos no chão ou apanhado no pé. Posteriormente são armazenados em jacas, cofos ou sacos. Em seguida, são colocados de molho, num cocho ou mesmo nos riachos ou cacimbas no fundo do quintal, até que as cascas duras amoleçam para a retirada da polpa.

Figura 21: O fruto buriti.



Fonte: Acervo da autora (2015).

⁶² O uso do termo garapa é muito comum na região. Designa o suco grosso e forte de vários frutos locais como o buriti, a juçara, o jatobá, a bacaba, o murici e a mangaba.

D'Antona (1997, p.75) comenta que a palmeira do buriti na região indica a presença de áreas úmidas, característica forte no local.

A todo instante observa-se o buriti. Na montaria, deu origem à esteira sob a sela. Nas cabanas, é o teto e as paredes. Das redes e toalha, é o fio. Está nas pontes e nos postes [...]. Do interior até as proximidades de Barreirinhas, os buritis dominam o cenário natural, dada a abundância com que se espalham pelas porções úmidas e constituem-se em pontos de referência, nos nomes das várias localidades: Buritizal, Buriti Amarelo, Buriti Grosso [...].

A palmeira do buritizeiro cresce de 20 a 30 metros de altura. Aos ribeirinhos serve em muitas necessidades. O caule era usado para fazer as estruturas das casas; servia de apoio na beira do rio para as lavadeiras de roupas; com as folhas se cobriam as cabanas e casas; e dos brotos das folhas (olhos) é extraído o linho usado na tessitura de esteiras, chapéus, redes de dormir, bolsas e sacolas.

A confecção de utensílios do linho da folha do buriti era e é tarefa das mulheres. Tudo se inicia com a retirada do broto (folha jovem) da palmeira para obter a fibra, de onde se obtém o linho (fibra vegetal). De posse do broto, iniciam a retirada do linho com a abertura dos folíolos da folha. Com o auxílio de uma pequena faca, é feita uma leve incisão na superfície do folíolo, de onde finas películas são retiradas e puxadas, uma de cada vez. O processo se repete por toda a extensão da folha.

O manejo da palmeira obedece a um calendário lunar, caracterizando um manejo natural praticado pela comunidade. Dessa forma, a sobrevivência da planta fica garantida. Após a retirada da fina película, as fibras são fervidas. Posteriormente são tingidas. Outrora, eram usados corantes naturais retirados de cascas de árvores, frutos e flores locais, como o manguê vermelho (*Rhizophora mangle*), a salsa da praia (*Ipomoea littoralis*), o urucum (*Bixa orellana*) e o pequi (*Caryocar brasiliense Cambess*). Hoje são usados corantes artificiais. Após essa etapa, as fibras são lavadas em água corrente até que não se perceba nenhum vestígio da tintura na água que escorre da lavagem. Na sequência, a fibra é colocada para secar ao sol; depois de seca, ela pode ser usada para a tessitura de diversos utensílios.

Figura 22: Processo da retirada do linho do buriti.



Fotos: Acervo da autora

Outras espécies de plantas compõem a biblioteca natural dessas comunidades. Entre elas, encontram-se as espécies vegetais: mirim (*Humiria balsamifera*), murici (*Byrsonima spicata*), jatobá (*Hymenaea parvifolia*), cajuí (*Anacardium microcarpum*), mangaba (*Hancornia speciosa*), pequi e bacuri. Os moradores comentam sorrindo que quando crianças saíam à tardinha para a coleta dessas plantas. Para eles, sempre era um momento divertido com os amigos coletar os frutos. Alguns desses frutos deram origem a nomes de comunidades como é o caso do Povoado Mangaba (região onde havia muitos exemplares dessa fruta); Buritizal e Buriti Amarelo; Coqueiro e Cocal.

2.6 - As festas nas comunidades ribeirinhas

Em conversas com os moradores ficou clara a existência de distinção entre os moradores da sede do município (Barreirinhas) e os moradores dos povoados, inclusive havia um grande preconceito em relação aos moradores dessas comunidades. A distinção entre os moradores dos povoados rurais e os da cidade (Barreirinhas) levava em conta os velhos estereótipos demarcadores dos valores urbanos em detrimento aos valores do campo⁶³, além dos preconceitos de origem, dicotomizados em descendentes dos antigos proprietários de engenhos e descendentes dos escravos.

O Sr. Manoel relembra que nas festas de Barreirinhas só participava quem morava lá. As pessoas dos povoados não eram bem recebidas. No entanto, os moradores da cidade eram sempre bem recebidos nas festas dos povoados.

⁶³ N. Elias (2011), Gonzalez Stephan (1996), Santos (2005), Lander (2005) e Castro-Gomez (1996) contribuem afirmando que a entrada no banquete da modernidade demandava o cumprimento de um receituário normativo que servia para distinguir os membros da nova classe urbana que começava a emergir em toda a América Latina, na segunda metade do século XIX. O processo da civilização arrastou consigo um crescimento dos espaços da vergonha, porque era necessário distinguir-se de todos aqueles estamentos sociais que não pertenciam ao âmbito da *civitas*. Grupos humanos diferenciados se tornam esvaziados de si próprios e suas culturas são espezinhadas, suas terras confiscadas e suas religiões assassinadas.

As festas na cidade de Barreirinhas eram organizadas pela Associação Artística Operária sob a organização dos Srs. Raimundo Barrada e Sebastiao Brocoió. Todos os anos, a cidade era movimentada por uma grande festa com corrida de canoa, corrida de saco, corrida de ovo na colher e jogo de futebol. Tempos depois surgiu o Bárbaros Clube, criado através de um grupo de dez amigos que costumavam beber juntos. Desse grupo surgiu um bloco de carnaval com o nome de “Os Bárbaros” que saía pelas ruas batendo lata. Também eram realizadas festas no Grupo Velho (escola) da cidade e no Salão Vitalina (RAMOS, 2008).

Já nos povoados ribeirinhos, em especial no São Domingos, as festas eram organizadas primeiramente por D. Almerinda Machado, uma antiga moradora. Esta passou a organização para o Sr. Bebé. A festa sempre acontecia na casa de famílias devotas, nos terreiros e alpendres e no largo da igreja da comunidade.

Algumas atividades místico-religiosas, traziam, em sua essência, o sentimento de gratidão à natureza e a renovação de pedidos de proteção. Há que dar destaque para os festejos de santos e santas; as homenagens à produção agrícola, no caso, as festas da banana, do caju, da castanha e do buriti; as reverências relacionadas à pesca como as festas do camurim e de São Pedro.⁶⁴ Johan Huizinga em sua obra *Homo Ludens* enfatiza que,

Na época das grandes festas, o grupo social celebra os acontecimentos principais da vida da natureza levando a efeito representações sagradas, que representam a mudança das estações, o surgimento e o declínio dos astros, o crescimento e o amadurecimento das colheitas, a vida e a morte dos homens e dos animais. Como escreve Leo Frobenius, a humanidade "joga", representa a ordem da natureza tal como ela está impressa em sua consciência. Num passado remoto, segundo Frobenius, os homens começaram por tomar consciência dos fenômenos do mundo vegetal e animal só depois, adquirindo as ideias de tempo e espaço, dos meses e das estações, do percurso do sol e da lua. Passaram depois a representar esta grande ordem da existência em cerimônias sagradas, nas quais e através das quais realizavam de novo, ou "recriavam", os acontecimentos representados, contribuindo assim para a preservação da ordem cósmica (2000, p.15).

Através das informações orais, percebemos que, em vários povoados, eram realizados festas e festejos em homenagem a santos católicos ou em comemoração a uma boa pescaria e fartas colheitas.

⁶⁴ Durante a pesquisa, no mês de junho de 2014, tivemos a oportunidade de apreciar a procissão dos barcos que navegam do povoado Mandacaru, em direção à Igreja Matriz da cidade de Barreirinhas. Merece atenção a grande quantidade de barcos que participam da procissão sobre as águas.

Tabela 1: Festas e festejos nos povoados ribeirinhos.

Mês	Festas
Janeiro	Festejo de São Sebastiao (São Domingos) Folia de Reis
Junho	Festas Juninas; Festa do Pescador (Mandacaru); São Gonçalo (Boa Vista)
Julho	Festa da Farinha (povoado Tapuio); Festa de Sant´Ana (São Domingos)
Agosto	Festejo de São Domingos; Festa de São Bernardo; Festa de São Raimundo Nonato; Festa da Banana (Tapuio)
Outubro	Festa do Buriti; Festa do Caju (povoado Bom Passar)
Novembro	Festa do Camurim (São Domingos)
Dezembro	Festa da Castanha (povoado Massangano)

Fonte: Adaptado a partir de informações locais.

Nas comunidades ribeirinhas, especificamente em Boa Vista, Mangaba e São Domingos, as festas religiosas faziam parte do cotidiano, entre elas: a festa de Sant´Ana, São Francisco, São Sebastião e a dança em homenagem a São Gonçalo. Envolviam toda a comunidade, agregando as circunvizinhanças. D. Francisca Machado relembra:

Na casa do meu avô era casa de festa; juntava muita gente. Vinha um sanfoneiro e a festa era boa, era à luz de petromax. Nesse tempo ninguém brigava e a gente dançava até de manhã. Vinha gente a cavalo e de canoa. Vinha de longe: do Atins, Tapuio, Mandacaru, Bosque, Coqueiro, Marmorana, Passagem Grande e de Barreirinhas. Nesse tempo a festa era animada. A festa de Santana tinha leilão com mesas grandes de fartura, muita joia viva e morta: cana, cacho de banana, coco d´água, laranja. Tudo ia para o leilão.

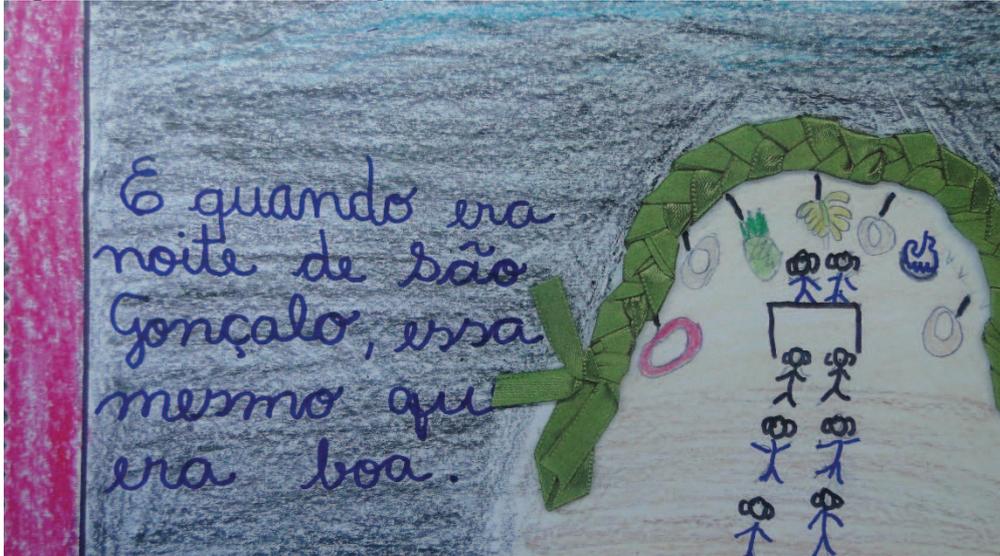
Dona Francisca fala saudosa das festas locais. Em sua fala ela afirma que era vivenciando intensamente o sincretismo religioso presente nestas festas (festejos de Nossa Senhora de Sant´Ana, São Francisco, São Sebastiao, São Gonçalo) e as danças de tambor de terreiro⁶⁵ que os moradores comungavam suas experiências.

O Senhor Bebê⁶⁶ relata: *“Brinquei muito com outros colegas, dançando tambor de terreiro. Como pai de santo, tinha prazer de servir as pessoas e quando era noite de São Gonçalo, essa mesma que era boa”*.

⁶⁵ Ferretti (2000) refere-se à comunhão de crenças afro-indígenas que se fundem no catolicismo popular, o que é muito comum em vários municípios maranhenses. Essa fusão faz parte constitutiva da vida social de muitas comunidades rurais maranhenses.

⁶⁶ Faleceu em 2011, com 85 anos, mas deixou sua voz no depoimento cedido, em outubro de 2010, durante a Oficina da Expedição VagaLume (Cartilha Memórias da Vida).

Figura 23: Desenho das crianças da Escola Fundamental do povoado São Domingos.



Fonte: Oficina da Expedição VagaLume - Cartilha Memórias da Vida (outubro de 2010).

O Sr. José Augusto Machado, conhecido na região dos Lençóis como Bebê, líder espiritual da comunidade de São Domingos, desempenhou grandes serviços como curandeiro, rezador e conhecedor de ervas medicinais. Muitas pessoas vinham de longe para se consultar e receber seus conselhos. Ele era sempre requisitado para resolver qualquer assunto, inclusive acudir mulheres em trabalho de parto difícil. No âmbito das festas locais, destacava-se como organizador e puxador das brincadeiras.

Dona Rosa faz revelações sobre sua tarefa nas festas de terreiro da Comunidade organizada pelo Sr. Bebê. Inclusive, expressa grande entusiasmo quando se lembra do som dos tambores:

Eu era cabaceira do tio Bebê [tocava cabaça na festa de tambor]. Quando nós íamos para São Benedito [local onde se fazia o ritual do tambor do Senhor Bebê], nós éramos cabaceiras, eu e minha irmã. Tio Bebê botava aqui na frente os tambozeiros e nós ficávamos atrás batendo a cabacinha. Aquilo fazia assim: xiqui, xiqui, xiqui [ela faz o som com a boca].

Como expressa Bosi (2003), o sujeito não lembra de uma ou outra imagem, ele evoca, dá voz e faz falar o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca, ele está vivendo atualmente e com intensidade nova sua experiência.

As festas, chamadas pelos ribeirinhos de tambor de terreiro, eram feitas dentro das matas. Todas as comunidades do entorno participavam. O local expresso por D. Rosa, São Benedito, era uma localidade afastada do povoado e da cidade. Mas também era realizada na praia do Atins no período de homenagem a Iemanjá. A perseguição e o preconceito forçaram

os praticantes dessas manifestações, principalmente a dança de tambor, a se isolar em lugares afastados, como a zona rural ou praias pouco visitadas.

O Sr. Manoel também relata sobre suas idas a festas de terreiro ou tambor com seu pai, diz que, *de lá do terreiro pra casa era só mato passava na lagoa grande. Eu saí de lá do Bosque no mato, naquele tempo era mato a região.*

Tinha o terreiro da Jesuína e do Bebê. Papai era do terreiro da Jesuína, ela botava ele nas costas e dançava e cantava. Ele gostava de me levar porque eu era obediente pra ele. Nessa história dele me levar eu não aceitava a mulher me botar nas costas. [...]. Meu pai frequentava o terreiro todo fim de semana.

Pelas informações colhidas percebemos que o sincretismo religioso era muito forte nos povoados, enquanto na cidade de Barreirinhas era desconhecido ou menos expressivo. As lembranças dessas festas envolviam todo o universo do rito festivo: a preparação, o acontecimento (a festa) e o encerramento. Ao final da festa, o retorno para casa a pé, a cavalo ou de canoa que se davam na madrugada, recheados de histórias sobre visões tanto de entes da terra como da água. Como novamente relata seu Manoel: *Num caminho bem fechado que tinha, existia o lugar que tinham arrancado um dinheiro encantado. Só estava o buraco lá. Passei, fui embora e ele [o espírito] não apareceu.*

O vivo entrelaçamento das festas com o contexto do imaginário das histórias locais foi relatado por vários entrevistados. Assim sendo, no próximo capítulo, nos debruçaremos especificamente sobre a memória dos Lençóis Maranhenses e suas narrativas.

3 - O PERCURSO HISTÓRICO DAS TRADIÇÕES NAS EXPRESSÕES DOS RIBEIRINHOS DA REGIÃO DOS LENÇÓIS MARANHENSES

3.1- O percurso teórico sobre a questão da oralidade

Durante a pesquisa coletamos um significativo conjunto de narrativas orais que nos apontou sobre a construção do *ethos* da vida ribeirinha dos Lençóis Maranhenses. Essas narrativas permeiam o cotidiano do trabalho, da família, da vizinhança e da religiosidade, expressando suas experiências. Assim também demonstra uma pedagogia dos valores culturais desse grupo, sendo ferramentas relevantes na compreensão das tradições das comunidades estudadas.

Alberti (2004, p.92) expressa que a passagem da experiência - daquilo que foi vivenciado - em linguagem recebe muitas vezes o nome de *narrativa*, entendendo narrativa como a organização dos acontecimentos de acordo com determinado sentido que lhes é conferido. Diz a autora que a experiência sozinha não é capaz de ser comunicada; comunicar experiências pressupõe sua organização de acordo com um sentido.

A pesquisa nos indicou que as narrativas estão presentes no dia a dia dos ribeirinhos comunicando suas tradições culturais. No bojo das suas experiências, as narrativas servem como orientação nos limites do certo e do errado; da alegria e da tristeza; do bem e do mal; da coragem e do medo; das esperanças às decepções; nas festas e no trabalho; nos casamentos e nos batizados; na religiosidade e no profano. Tudo vem carregado de tradições.

As raízes linguísticas da palavra tradição são antigas. De acordo com Giddens (2007, p.49), a palavra inglesa *tradition* tem origem no termo latim *tradere*, que significa transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém. *Tradere* foi originalmente usada no contexto do direito romano, em que se refere às leis de herança. Uma propriedade que passava de uma geração para outra era dada em confiança – o herdeiro tinha a obrigação de protegê-la.

O termo *tradição*, como é usado atualmente, é, na verdade, um produto dos últimos duzentos anos na Europa. A noção geral de tradição não existia nos tempos medievais. Não havia necessidade de tal palavra, precisamente porque a tradição e o costume estavam em toda parte (GIDDENS, 2007, p.50).

Giddens (2007, p.52) reforça que o Iluminismo pretendeu destruir a autoridade da tradição, no entanto o sucesso foi parcial. A tradição continuou forte por um longo tempo na Europa moderna e entrenchada no resto do mundo. Os estudos de Max Weber sobre a

racionalização do Ocidente como um processo de ‘desencantamento do mundo’ mostraram que a modernidade, como projeto, coordenou os mecanismos de controle sobre o mundo natural e social. Dessa forma, o Estado se tornou uma instância central que garantiu a organização racional da vida humana, significando, nesse contexto, os processos de fragmentação ou *desmagicalização* de lugares socioculturais diversos, especificamente em países latino-americanos (CASTRO-GOMEZ,1996).

Continua Giddens (2007, p. 52, 53) dizendo que uma razão para a persistência da tradição foi que as mudanças institucionais sinalizadas pela modernidade se limitaram ao aspecto institucional burocrático e econômico. Maneiras tradicionais de fazer as coisas tenderam a persistir ou a se reestabelecer na vida cotidiana. Podemos dizer que houve uma espécie de simbiose entre a modernidade e a tradição.

Antes de analisar o material colhido no trabalho de campo, priorizamos tratar sobre o itinerário teórico deste estudo. Na sequência do texto apresentamos o registro da nossa pesquisa no que concerne ao significado das narrativas dos ribeirinhos diante de suas experiências diárias. Distribuímos as narrativas em: sobre as águas; sobre as rezas, benzimentos e curas; e sobre os medos e assombrações. Essas narrativas deixadas pelos ancestrais dos ribeirinhos, trazem mensagens e lições que ainda hoje são revividas no cotidiano desse grupo social. O mundo simbólico se interpõe no conjunto das experiências do mundo real dessas comunidades

Os autores aqui enumerados nos favoreceram aprofundar sobre a importância das fontes orais em pesquisas nas ciências humanas e sociais. A partir desses estudos, entendemos que o conhecimento científico também pode buscar nas pequenas histórias de vida o solo do acontecer da realidade humana. Assim, a pesquisa nas comunidades ribeirinhas mostrou uma inter-relação de dois mundos interpostos: o da tradição e o que é chamado de moderno.

Com o apoio da história oral nos aventuramos em buscar o sentido das narrativas dessas comunidades como construção de suas experiências cotidianas. A existência das narrativas se constrói como forma de continuidade das tradições dos ribeirinhos em seu ambiente, onde novos valores adentram com a chegada do turismo. Nesse encontro com o turismo, as narrativas têm uma validade intensa como demarcadora da identidade do grupo.

Alberti (2004, p.23 a 26) enumera alguns campos em que a história oral é útil, entre estes: a *História de comunidades*, utilizada como metodologia de pesquisa para reconstituição de trajetórias de grupos específicos; as *Histórias de experiências*, entrevistas de história oral usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, situações de aprendizado e decisões estratégicas; e *registro de tradições culturais*, pelo qual as entrevistas de história oral contribuem e transmitem tradições culturais que surgem à medida

que o entrevistado delas se lembra (histórias, canções, provérbios, modos de falar de um grupo, reminiscências sobre antepassados e sobre territórios).

Delgado (2007, p.15) afirma que a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas e consensuais.

Reforça Alberti (2004, p. 26 e 27) que existem autores que fazem distinção entre tradição oral e história oral. A tradição inclui narrativas sobre o passado universalmente conhecidas em uma cultura, enquanto a entrevista de história oral se caracteriza por versões que não são amplamente conhecidas. Essa distinção pressupõe que a tradição oral seja imutável. Há um conjunto de pesquisadores que chama atenção para o fato de a tradição oral só se atualizar no momento da narrativa, momento que determina, para quem e como algo é narrado. Desse ponto de vista, tradição oral e história oral tem proximidade, principalmente se tomarmos as entrevistas como ações (ou narrações) e não somente como relatos do passado.

Jeanne Marie Gagnebin, no prefácio da coletânea *Magia e Técnica, Arte e Política* (Obras escolhidas) de Walter Benjamin, questiona: O que é contar uma história, histórias, a História? Gagnebin (1994,p.8) reitera que Benjamin critica as duas maneiras aparentemente opostas de escrever a história, as quais firmam sua origem em uma estrutura epistemológica comum: a historiografia progressista - a concepção de história em vigor na social democracia alemã de Weimar, a ideia de um progresso inevitável e cientificamente previsível; e a historiografia burguesa contemporânea - o historicismo, oriundo da grande tradição acadêmica de Ranke a Dilthey, que pretendiam reviver o passado através de uma espécie de identificação afetiva do historiador com seu objeto. Em conclusão, a historiografia burguesa e a historiografia progressista se apoiam na mesma concepção de um tempo homogêneo e vazio, um tempo cronológico e linear.

Bosi (2003; p.21) afirma que Benjamin debruçou-se sobre a memória familiar e a escassa memória pública dos burgueses franceses do tempo de Baudelaire e dos burgueses alemães de sua época para entender os efeitos do capitalismo anônimo que corrói a memória coletiva, forçando-o a agarrar-se à sua memória familiar. Jeanne Marie Gagnebin (1994), ainda no prefácio da coletânea de Walter Benjamin, esclarece que toda a obra dele antecipa uma história aberta e inacabada. Nesse caminho, Benjamin enfatiza um movimento da memória popular onde,

Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.; essa dinâmica ilimitada da memória é a da constituição

do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos. Há também um segundo movimento, que está inscrito na narração, aponta para mais além do texto, para a atividade da leitura e da interpretação (GAGNEBIN, 1994, p.13).

No que concerne aos estudos voltados para as peculiaridades das narrativas populares, como é nosso caso entre os ribeirinhos dos Lençóis Maranhenses, destacamos com Menezes (1985; p.4) que o sobrenatural, a morte, a origem do mal, a felicidade, assim como as contradições e antinomias da existência individual e coletiva preservam uma franja de mistério, jamais inteiramente recoberta pelas explicações formuladas pela ciência. Os discursos científicos tendem a silenciar diante dessas questões, consideradas como falsos problemas. Ilusórios ou genuínos, esses problemas também precisam ser compreendidos e estão, por certo, intimamente relacionados com as produções simbólicas do imaginário coletivo - entre as quais estão o mito e a ideologia - que se configuram no imenso círculo da significação.

Menezes (1985, p.17) enfatiza que, na experiência cultural do Ocidente, haveria a convivência de duas grandes tradições de pensamento. A corrente dominante vem, pelo menos, do conceptualismo aristotélico, atravessa a Idade Média, passa pelo racionalismo cartesiano e o conceptualismo kantiano, até desembocar nas várias formas de positivismo subjacentes à ideologia científica contemporânea. Mas existe também, paralela a essa, outra tradição, talvez mais antiga e mais rica, que vem, pelo menos, de Heráclito, ocupando depois parte significativa do pensamento platônico, passa por Agostinho e chega a Nietzsche, e aos nossos dias a Foucault, entre tantos outros, e que constitui um pensamento da *des-razão*, convergindo para a negação da certeza. Acreditamos que as narrativas e histórias populares se movem dentro da última forma de análise.

Bosi (2003, p.14) afirma que “nos anos setenta as grandes teorias da história, como a evolucionista e a teoria hegeliana-marxista, entram em crise, e entra em crise também o sentido da História Política. O oceano das pequenas histórias tomará seu lugar, como a história do descontínuo, do pontual, e do que parece fragmentário[...]”.

Nesse viés, Bosi se pergunta: Por que a crônica e a tradição oral estão de novo valorizadas? A autora responde que a memória oral é um instrumento precioso se queremos constituir a crônica do cotidiano. Nesse ponto, ela enfatiza que “os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p.15).

Destacamos que os estudos historiográficos vêm alargando suas fontes desde o início do século XX, realizando um processo de cruzamento de fontes. Reforça Le Goff (1996) que

os fundadores da revista dos *Annales*, em 1929, pioneiros de uma história nova, insistiram sobre a necessidade de ampliar a noção de documento. Assim, para o autor, faz-se história com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se história, deve fazer-se história sem documentos escritos, quando eles não existem, aproveitando tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais.

Ao trilhar a captura do cotidiano através das narrativas junto às comunidades estudadas, seguiremos o itinerário da memória na intenção de entender o significado das tradições culturais do grupo.

As pesquisas em Antropologia sinalizaram o entendimento sobre o *outro*, a partir de James Frazer e Edward Taylor na Inglaterra do século XIX e nos Estados Unidos com Lewis Morgan. Segundo esses autores, a presença do homem sobre a terra remontava à Idade Antiga. Assim, procuraram escalonar as sociedades em etapas evolutivas (ROCHA, 1998, p.14). Posteriormente, seria desenvolvida a teoria evolucionista, que muito contribuiu para a violência epistêmica das ciências sociais no processo do colonialismo (CASTRO-GOMEZ, 2005).

Com as pesquisas de Franz Boas, o primeiro na Antropologia a perceber a importância de estudar as culturas humanas em suas especificidades, inicia-se um processo de desconstrução do pensamento evolucionista e foca-se na reflexão sobre o conceito de cultura. Segundo Franz Boas, cada grupo produzia a partir de suas condições históricas, climáticas, linguísticas, uma determinada cultura. Boas faz um corte tremendo na ideia de absoluto e no centralismo da cultura do pensamento evolucionista. Sobre esse ângulo, Rocha (1998, p.18) explica que

Toda vez que um campo de conhecimento se abre, se lança de frente para a complexidade, ele também se relativiza. As possibilidades de explicação, por não serem mais de um só tipo, passam a se contrapor, a necessitarem de refinamento maior no seu debate. Esta complexificação é quase sempre fecunda. No caso, ampliou conhecimentos e enriqueceu enfoques através dos quais as diversas culturas do “outro” passaram a ser percebidas e estudadas.

Na inquietação e curiosidade de Boas, seu pensamento sobre as diversas culturas humanas como diferentes e plurais, vão ser vistas como relacionadas, ora com o ambiente que envolve o grupo, ora com as línguas por eles faladas, ora com os indivíduos – corpo e espírito – que criam estas culturas (ROCHA, 1998).

Com Boas a categoria de História perdia, o seu “H” maiúsculo, fundamental aos evolucionistas. O “h”, agora, era minúsculo. Não havia uma única história que se acumulasse em direção à sociedade do “eu”. O “outro” também passa a poder contar sua história (ROCHA, 1998 p.19).

Os alunos de Boas levam adiante seu pensamento, recebem influências de outras ideias que já nasciam na Europa. Trouxeram à Antropologia um redimensionamento em várias escolas de pensamento. Um grupo investiga a relação entre a cultura e o ambiente, buscando aí explicação para a cultura e a história das sociedades humanas. Um segundo, parte para relacionar a mentalidade, a psicologia dos indivíduos com a cultura por eles vivida. Um terceiro grupo investiga as relações entre linguagem e cultura (ROCHA, 1998, p.20).

A antropologia simbólica, que nasce na segunda metade do século XX, propõe-se a rejeitar a existência de esquemas únicos ou grandes narrativas desenvolvidas pelas escolas anteriores. Ao invés de esquemas universais, a antropologia simbólica de Clifford Geertz, valoriza visões locais.

Na obra *Nova Luz sobre a Antropologia*, Geertz tece críticas ao modo como era feito o trabalho antropológico:

[...]A busca de universais afasta-nos do que de fato se revelou genuinamente produtivo, pelo menos na etnografia (creio que não *apenas* na etnografia, mas deixarei que outros discutam os outros casos) - isto é, das obsessões "intelectuais" particulares (a de Malinowski com a troca, a de Lévi-Strauss com o simbolismo animal, a de Evans-Pritchard com a adivinhação) -, e nos leva para uma abrangência rala, implausível e predominantemente pouco instrutiva. Se você quiser uma *boa* generalização prática da antropologia, sugiro a seguinte: qualquer frase que comece por "Todas as sociedades têm...", é infundada ou banal (GEERTZ, 2001, p.126).

Desse modo, Geertz desenvolve uma ciência interpretativa, que se propõe a conhecer os significados que os seres humanos dão a sua forma de viver. Para o autor, a cultura deve ser percebida e não definida. Ela é produto dos significados e se manifesta em gestos, na linguagem, na forma de nomear e dar sentido as coisas com as quais homens e mulheres convivem.

Complementa Geertz (1989, p. 17) que o homem está amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Nesse aspecto, a cultura conjuga essas teias. Em suma, a contribuição da Etnografia se dá em estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário. Uma das características da descrição etnográfica é seu caráter interpretativo, que Geertz indica a partir de uma descrição densa do mundo simbólico. Enfatiza o autor que a cultura de um povo é um conjunto de textos que o pesquisador tenta ler e reconstituir a partir de enunciados com múltiplos níveis e significados.

Conforme Lozano (2006, p.15), o estudo da oralidade veio sendo ensaiado a partir da Antropologia, no âmbito da pesquisa dos processos de transmissão das tradições orais, principalmente as pertencentes às sociedades rurais, onde a passagem de conhecimentos ainda transita pela oralidade. A tradição oral foi, então, um objeto de conhecimento do *corpus* teórico

da antropologia e um meio de aproximação e interpretação cultural. Mas o estudo da oralidade ultrapassou o campo da antropologia, se tornando objeto de estudo de outras disciplinas, como é o caso atualmente da prática historiográfica chamada de história oral.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. A história oral pode dar um sentimento de pertença a grupos ou indivíduos em determinados lugares e determinadas épocas (THOMPSON; 2002, p.44).

Thompson (2002, p.104) se questiona: Como avaliar a contribuição da história oral desde o seu longo passado, de Heródoto a Michelet? O autor completa que não é possível fixar uma fronteira nítida em torno do trabalho de um movimento que reúne tantas espécies diferentes de especialistas. O método da história oral também é utilizado por muitos estudiosos, particularmente sociólogos, antropólogos e jornalistas, que não se consideram historiadores orais. Contudo, todos eles podem estar escrevendo história; e, sem dúvida, estão provendo a história. Em muitos estudos, o enfoque é sobre um problema histórico e não sobre métodos utilizados para resolvê-los; em geral optam por utilizar a evidência oral juntamente com outras fontes.

Reitera Thompson (2002, p.45) que a história oral é tão antiga quanto a própria História. Ela foi a primeira espécie de história. O autor faz referência ao historiador francês Michelet o qual afirmava que os documentos escritos deviam ser apenas uma entre as muitas outras fontes. Sua intenção era contrabalançar a evidência dos documentos oficiais com os dados da tradição oral popular.

Por sua vez, Walter Ong (1998), em sua análise sobre a oralidade e a cultura escrita, observa que, antes da invenção da escrita, a memória humana era o único recurso de que dispunham as culturas orais para o armazenamento e a transmissão do conhecimento. Por isso, os mais velhos eram considerados os mais sábios e quando alguém morria sentia-se que levava algo consigo.

Em sociedades de tradição oral, toda história era repassada pela oralidade. Tudo tinha que ser lembrado, as destrezas e habilidades, o tempo e a estação, o céu, o território, a lei, as falas, as negociações. A tradição oral era muito variada. Jan Vansina divide a tradição oral africana em cinco categorias: as fórmulas - de aprendizagem, de rituais, e de gritos de guerra; as listas de nomes de lugares e de pessoas; a poesia oficial ou privada – história religiosa ou pessoal; as narrativas - históricas, didáticas, artísticas ou pessoais; e as memórias – legais e de outros tipos (VANSINA, 1965, APUD THOMPSON, 2002, p.46).

De acordo com Joutard, em relação à importância das fontes orais,

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o "indescritível", toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas "muito insignificantes" - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional (JOUTARD, 2000, p.34)

Para que a pesquisa oral desempenhe plenamente seu papel, ela precisa reconhecer seus limites e até fazer deles uma força. Assim, a história oral fornece informações preciosas que não teríamos podido obter sem ela, haja ou não arquivos escritos. Em contrapartida, devemos reconhecer seus limites e aquilo que seus detratores chamam suas fraquezas, que são as fraquezas da própria memória, sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito (JOUTARD, 2000, p.34).

A memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Esse objeto pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, de modo que a memória pode remeter a uma lembrança ou uma recordação; mas não se limita a isso, porque compete a ela o acúmulo de um determinado saber, que se busca quando necessário (ZILBERMAN, 2010, p.28).

Zilberman (2006, p.28) recorre a Jean-Yves Tadié e Marc Tadié para fundamentar a importância da memória como formadora da identidade pessoal. Nas palavras dos Tadié, “A memória é um recurso do nosso cérebro que constitui o elo entre o que percebemos do mundo exterior e o que criamos, o que fomos e o que somos, ela é indispensável ao pensamento e à personalidade”. Pressuposto fundamental para a constituição do indivíduo, pois, “permite que tenhamos uma identidade pessoal: é ela que faz a ligação entre toda a sucessão de ‘eus’ que existiram desde nossa concepção até o momento presente”.

A memória é explicada por Delgado (2006) como uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente. As representações sobre o tempo são construções

concretas da realidade material. Em conjunturas diferentes da história os homens constroem análises e representações específicas sobre o acontecido e o vivido.

A narrativa constitui o espaço em que a memória se manifesta tomando toda recordação a forma de um relato retrospectivo. Representa a fonte do contar, logo, a origem da narração, exposição oral de um sujeito para um grupo de ouvintes, com o qual compartilha interesses e expectativas (ZILBERMAN, 2006, p. 38).

Zilberman (2006) observa que Benjamin em *O narrador*, enfatiza o papel da narrativa enquanto responsável pela preservação da memória. Há uma preocupação com a memória coletiva, mas não descarta a questão individual, quando se reporta à guerra como silenciadora de experiências, expresso na figura do soldado que se torna mudo após retornar dos horrores da guerra, quando queria esquecer experiências negativas e ficava sem ter o que contar.

Para Maurice Halbwachs (1990) a memória ultrapassa o plano individual, e nenhuma lembrança pode existir separada da sociedade. Afirma o autor que as memórias são construções dos grupos sociais. São esses grupos que determinam o que pode ser lembrado e os lugares onde essa memória é preservada. Então é certo que a memória coletiva se baseia nas lembranças que cada pessoa traz enquanto participante de um grupo. Nesse nexos, nossa realidade de pesquisa busca as lembranças partilhadas pelo povo ribeirinho, no que tange às narrativas locais.

Nas memórias da infância dos ribeirinhos, o rio Preguiças é sempre a grande referência de vida com os avós e parentes nas tarefas rotineiras da pesca, plantio, extrativismo, artesanato, nos momentos das rezas e nos banhos de rio. As saídas para a pescaria eram recheadas de muitas histórias, assim como as trilhas na procura de frutos silvestres. Todas essas lembranças ganharam cheiros, gostos, sorrisos e sons se traduzindo na felicidade de lembrar.

Por essa razão, D. Rosa, ao lembrar das músicas que cantava na festa do tambor de terreiro⁶⁷, improvisava um maracá com qualquer objeto e fechava os olhos, cantarolava e balançava o corpo. A impressão era como se estivesse tocando, cantando e bailando, como se estivesse nas rodadas do tambor. Nesse contexto, Estés (2005, p.12) reitera que ouvir e lembrar tem um efeito semelhante ao de se ligar uma tomada interna. Uma vez ativada, evoca um subtexto mais profundo na psique.

⁶⁷ Os ribeirinhos chamam de tambor de terreiro os cultos afro-indígenas. Estes se configuravam em um sincretismo entre a umbanda, os cultos caboclos e o catolicismo. Durante as entrevistas, Dona Rosa nos falou que participava do tambor de terreiro, mas também realizava os festejos de Nossa Senhora de Santana (na igreja da comunidade) e de São Gonçalo. Em ambas, havia muita joia viva e morta (frutas, bolos, galinhas e porcos assados).

Por sua vez, D. Maria lembra que ela construía, com os meninos e meninas da comunidade de São Domingos, brinquedos de tabatinga, um barro branco que se esconde debaixo da areia na margem do rio. Era uma das brincadeiras prediletas na hora do banho, quando se sentavam e cavavam a areia até retirar a tabatinga. Esta, colocada na mão, era amassada e recebia o formato de panelinhas, bonequinhas, cavalinhos, peixinhos, e tudo mais que a imaginação permitisse.

Bosi (1994), em sua obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, recupera um tempo, reconstrói um momento social coletivo, cosendo retalhos de lembranças individuais. Nessa obra ela se reporta aos espaços da memória - principalmente às lembranças da infância - , que parecem cheios de possibilidades e aventuras. Ao mesmo tempo, esses espaços se tornam míticos, heterogêneos e recheados de influências mágicas. O ambiente do entorno da casa materna se torna a extensão do seu lar. A casa e a paisagem estabelecem uma “comunicação silenciosa” que marca as relações mais profundas. Então as ruas com suas brincadeiras, as trilhas em busca de frutos, os banhos nos rios e lagos, os pés descalços na areia, todas essas lembranças ganham significado.

A memória das sociedades antigas, segundo Bosi (1994), apoia-se na estabilidade espacial e na confiança em que as pessoas da nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Estavam impregnados de valores das práxis coletivas como a vizinhança, a família extensa e o apego a certas coisas e objetos. Assim como os espaços e ambientes vividos pelos sujeitos.

Halbwachs (1990) assegura que a memória coletiva é integrada à memória do grupo e cada indivíduo do grupo se identifica com esta memória. Dessa forma, o grupo traz consigo uma memória consensualizada através das relações estabelecidas. A duração de uma memória está limitada à duração da memória do grupo. Para tanto, será necessária a preservação de elos entre os indivíduos de um grupo para que a memória persevere.

Memória, história e tempo são processos interligados. No entanto, o tempo da memória ultrapassa o tempo da vida individual e se liga ao tempo da história, já que se alimentam de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. Nesse caminho, a memória é um recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de temporalidades diversas.

Assim sendo, em um depoimento, fala o jovem do passado pela voz do adulto ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao expressá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Dessa forma, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em

uma narrativa entrecortada pelas emoções de ontem ou ressignificadas pelas emoções do hoje (DELGADO, 2006, p.17 e 18).

Ainda de acordo com Delgado (2006), para trabalhar com a memória o pesquisador precisa ter em mente que o tempo é um elemento fundamental. Ele é um movimento de múltiplas facetas, características e ritmos que, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (lentidão ou rapidez). Para Norbert Elias o tempo é um *símbolo social*, abarcando a internalização das experiências vividas. Ao analisar a construção dos calendários através da história, o autor reforça que

Aquilo que chamamos de “tempo” constitui uma rede de relações, amiúde muito complexa, e que a determinação do tempo representa, em essência, uma síntese, uma atividade de integração. Nela, os homens tomam por padrão de medida do ritmo relativamente rápido das transformações do *continuum* social o *continuum* das alterações do céu, o qual, por comparação, parece afetado por um movimento tão lento que lhes parece perfeitamente imutável (ELIAS, 1998, p. 47).

E. P. Thompson (1998) dissertando a respeito da medição do tempo em diferentes culturas, afirma que há uma relação com processos familiares, no ciclo do trabalho das tarefas domésticas, ou em relação ao trabalho nos campos. Por exemplo, entre o povo Nuer na África, Evans Pritchard registrou que o relógio diário é o do gado, a rotina é das tarefas pastoris. Já em Madagascar o tempo é medido pelo “cozimento do arroz” (cerca de meia hora) ou pelo “fritar de um gafanhoto” (um momento). Thompson reforça que não é difícil encontrar exemplos em termos de *tempo cultural*. No Chile do século XVII, o tempo era medido em credos: um terremoto foi descrito em 1647 como tendo durado o tempo de dois credos; enquanto o cozimento de um ovo podia durar o tempo de uma ave-maria (THOMPSON, 1998, p. 269 a 270).

Nas comunidades pesquisadas, a vida se organiza em torno dos acontecimentos que marcaram e marcam a região: antes da chegada da Petrobrás⁶⁸, com a Petrobrás, e agora com o turismo. O Sr. Manoel reforça, em sua fala, que “*depois da Petrobrás melhorou as estradas. A Petrobrás teve na década de 60, 70, aí ela melhorou as estradas*”. Na fala do entrevistado, a demarcação da temporalidade e a chegada das mudanças se processaram a partir da Petrobrás na região. Ele também acentua a questão da importância das estradas, já que o deslocamento era, em sua maior parte, nas embarcações pelo rio e mar.

⁶⁸ No terceiro capítulo, abordaremos, com detalhes, as transformações trazidas pela Petrobrás e pelo turismo na região. Vale destacar que a chegada da Petrobrás, nos anos de 1960, não causou alterações bruscas nas práticas cotidianas das comunidades ribeirinhas.

A vida ribeirinha se constitui de estratégias de sobrevivência ligadas diretamente ao ambiente. Cedo, todos aprendem a nadar, a remar canoas, a pescar, a tecer a fibra do buriti, a conhecer cada vegetal das margens do rio. As experiências deixadas por seus antepassados proporcionam uma orientação para a vida prática ligada ao ambiente aquático. Como afirma Connerton (1993, p.04), as experiências do presente dependem em grande medida do conhecimento que temos do passado e as imagens do passado servem para legitimar a ordem social presente.

As narrativas colhidas entre os ribeirinhos estão impregnadas de vários ensinamentos que os alertam sobre os cuidados necessários ao percorrer caminhos e trilhas; sobre os perigos do rio, como os lugares onde tem cobras venenosas (cascavel), e a famosa sucuri (cobra grande) que chega a engolir um boi em poucos minutos; sobre os locais mais profundos do rio e o risco de afogamento; os locais de banco de areia falsos; locais de areia movediças. Nessas narrativas estão um modo de viver e de se defender das adversidades da natureza. Medo e respeito se misturam no sentido de perpetuar suas vidas nas tramas das águas das lagoas, riachos, do rio e do mar.

3.2 - Os espaços de relações: como se constrói o passado

Os elos entre os indivíduos das comunidades ribeirinhas se reforçam nos espaços de socialização, sejam eles, formais ou informais. Entre esses espaços, são importantes as casas de forno, as fontes e beira do rio, os locais de reza (casas e igreja), o quintal e o terreiro, as cacimbas, os locais das festas, a pesca, as roças e a escola.

O trabalho familiar nas comunidades ribeirinhas envolvia as mais diversas tarefas: a olaria, a agricultura, a pesca, o extrativismo, a construção de barcos e canoas e o artesanato. Dona Conchita, hoje com 74 anos, ainda mora no povoado São Domingos. Ali ela exerceu uma variada gama de tarefas. Conta que, quando jovem, fez objetos de cerâmica com sua mãe e tijolos com seu pai, também pescava e lavrava a terra para o sustento da família. Sempre tinha e ainda tem sua plantação de mandioca para fazer farinha e a tapioca. A casa de forno construída no quintal de sua casa é um espaço de grande importância para ela e para comunidade, pois é onde se reúnem para fazer farinha, compartilhar trabalho, histórias e anedotas. Dentro da casa, a dispensa⁶⁹ é um local onde ela guarda a produção de farinha, bolos, bananas, além dos demais produtos comprados no comércio local para suprir a necessidade mensal.

⁶⁹ Pequeno depósito inserido no interior da casa para guardar mantimentos.

Ela lembra como era o uso da terra na comunidade: “*Meu avô fez uma roça grande aqui, muita melancia. Esses terrenos aqui eram do povo do São Domingos. Quando um queria fazer um pedacinho de roça, ia roçar e aí acabava, tirava a cerca. Pronto. Ficava o terreno, aí ia imatar [crescer o mato] de novo.*”⁷⁰

Dona Conchita recorda que, no povoado, além dos quintais, era usado todo o espaço agrário para o plantio dos produtos necessários para alimentação das famílias, como a mandioca, a banana, o feijão, o milho, o arroz, a criação de pequenos rebanhos de gado ou cabras. Nas comunidades, algumas famílias ainda têm suas criações que utilizam como reserva econômica para suprir necessidades urgentes, como despesas em casos de doença.

A natureza fornecia a matéria-prima para ser desenvolvida com criatividade uma variedade de utensílios usados no dia a dia. Assim, eram confeccionadas redes, cofos, jacás esteiras, bolsas, sacolas, tapitis, abanos para uso geral. O cofo era um utensílio imprescindível para carregar a mandioca da roça para a casa de farinha no lombo de burros, cavalos ou nas canoas, assim como demais cargas. Nos dias de hoje ainda é trançado em bambu ou cipó e vendido em feiras e mercados da região. Uma mudança bem evidente é o não uso de animais de carga, foram substituídos por transportes motorizados.

Figura 24: Uso do jacá pelas comunidades ribeirinhas.

⁷⁰ Entrevista realizada em setembro de 2014, durante pesquisa feita pela autora para a dissertação de mestrado.



Fonte: Acervo da autora

Dona Rosa nasceu no povoado do São Domingos, mas, quando se casou, foi morar no Atins. Como os demais moradores, ali aprendeu a fazer potes e alguidares de cerâmica, chapéus, esteiras, e também aprendeu a costurar, pescar e roçar. Nas festas de tambor tocava cabacinha⁷¹ (maracá), cantava e dançava. A prática da pesca e da cata de mariscos (sururu, sarnambi, caranguejo, siri) ainda é uma tarefa presente nos dias de hoje. Inclusive, Dona Rosa é registrada como marisqueira na Associação de Pescadores da Comunidade Pesqueira do Atins. Elabora gostosos pratos feitos com mariscos e peixes em geral. Faz o famoso biscoito feito de tapioca e coco da praia, uma iguaria local. Ela explica que esse biscoito vai ao forno à lenha até ficar bem sequinho, quando se põe na boca estala nos dentes. O beiju também é um alimento típico dos ribeirinhos, é muito apreciado com café. D. Rosa explica como preparava a iguaria:

Eu quebrava um coco pra fazer uma tapioca pra mim fazer a merenda dele [marido] pra ele levar [para a pesca]. Eu raspava o coco bem fininho, tirava um pouco de sumo, fazia a tapioca e banhava a tapioca com o sumo do coco, dobrava, botava ali e cobria para ele levar para comer. Eu tirava uma para mim e a outra era para ele levar para merendar.

Habilidosa na arte de tecer peças artesanais, D. Rosa confeccionava chapéus até às dez horas da noite e, pela manhã cedo, ia engomá-los. Ela conta: “Eu fazia o chapéu, a rede de palha, a rede de linho para nós dormir. Todo mundo tinha suas redes para dormir. No verão era de palha de buriti e a de fio era a do inverno.”

A sala e a cozinha das casas simples dos ribeirinhos constituíam a oficina de trabalho. Todas as mulheres da casa se reuniam na costura e na tessitura das peças de carnaúba e fibra de

⁷¹ Usa-se o fruto colhido da planta da família das *Cucurbitaceae*, também conhecida como cabaça-amargosa. Depois de seca, a cabaça pode ser enfeitada com uma rede de miçangas coloridas, para se tornar um instrumento musical, ou mesmo conservada com as sementes que produzem sons quando a cabaça é sacudida.

buriti. Depois de prontas, separavam as que eram para ser utilizadas em casa, e o restante era vendido no comércio da cidade de Barreirinhas e exportadas para o Ceará e Parnaíba - PI.

O artesanato com barro foi um trabalho muito desenvolvido nas comunidades. Era realizado em cabanas cobertas no fundo do quintal. Nesses locais, se amontoava o barro, amassava-o e fazia a moldagem dos potes, alguidares, copos, jarros, bilhas e outros tantos objetos. Depois de moldadas, as peças eram deixadas para secar, posteriormente, iam ao forno para queimar. O valor do produto advindo do trabalho com o barro consistia da necessidade dos objetos nas casas. O pote, por exemplo, era de suma importância, pois, era o recipiente onde se guardava a água de beber, para uso no cozimento dos alimentos e para a lavagem das vasilhas. Eram feitos potes maiores para serem usados como depósitos de farinha, arroz, frutas como bananas, mangas, juçara e buriti. O buriti era armazenado em grandes potes com água para amolecer e ser aproveitado como tiquara (suco encorpado) e doces ou raspados para ser seco ao sol. Nos dias atuais as comunidades estudadas não trabalham mais com a produção de potes e alguidares de cerâmica, mas a atividade de olaria ainda é praticada.

Figura 25: Pote de cerâmica.



Fonte: Acervo da autora

As comunidades de Tapuio, Laranjeiras e São Domingos eram lugares de bons oleiros e olarias. Nesses locais se faziam e queimavam tijolos, telhas e vasilhas de cerâmica. No São Domingos, morava o Sr. Tertuliano, chamado também de Tatu, ótimo oleiro, que ensinou seu ofício aos filhos e filhas. Todos o ajudavam na tarefa. Hoje as olarias ainda são bastante presentes, principalmente em Tapuio e Laranjeiras. Elas suprem a necessidade de tijolos para as novas construções. Esses oleiros não deixaram de fabricar os antigos ladrilhos usados nos pisos das casas dos ribeirinhos.

Em conversas com os moradores sobre a memória de suas casas, foi relatado que, na origem dos povoados, as paredes eram feitas de palha e/ou de barro trazido da beira do rio, e a cobertura era também de palha do buriti ou de carnaúba, feita pelos próprios ribeirinhos. Depois foram sendo construídas com adobe (ou adobo) e cobertas de telhas sem forro, com piso em ladrilhos e a fachada estilo porta e janela.

Nas comunidades observamos que há dois tipos de forno: um que é usado para fazer a farinha e beijus de massa de puba⁷²; e o outro para fazer bolos e o tradicional biscoito de tapioca. Dona Rosa lembra que os biscoitos precisam ficar no forno por um tempo prolongado até chegar ao ponto desejado. Em época dos festejos dos santos padroeiros esses locais eram bem movimentados, pois era de lá que saíam muitos bolos, doces e assados para a festa de Santana e para o festejo e dança de São Gonçalo. Nesses espaços também fluíam boas conversas.

As mulheres nas casas de fornos da região eram e ainda são as que fazem junto com os homens da família o processamento da farinha de mandioca consumida nas comunidades, assim como os bolos e biscoitos.

Figura 26: Forno para fazer bolos e assados



Fonte: Acervo da autora

⁷² Da mesma massa que é feita a farinha de mandioca é feito o beiju de puba. A massa de puba é extraída da mandioca fermentada.

Figura27: Forno para fazer farinha de mandioca.



Fonte: Acervo da autora.

As pescarias, como prática de trabalho exigiam detalhes no planejamento. Os apetrechos de pesca (barcos, linhas, redes, caçoeiras, curral,); as viagens em grupo para os locais de pesca; as cabanas ou barracas onde os pescadores dormiam e guardavam suas redes e outros materiais; a ida para os locais propriamente de pesca no rio, igarapés, na boca da barra (foz) e no mar; enfim, toda a logística da pesca era cuidadosamente preparada para ser exitosa.

Sobre sua labuta na pesca, o Sr. Anésio relata:

Comecei na pesca com quinze anos e me aposentei na pesca. Trabalhei até quando não pude mais. Pescaria não é fácil, não. Os outros perdiam a rede, o barco, mas eu nunca perdi. Todo tempo era mil e quinhentas braças, duas mil braças de rede, todo tempo minha produção foi boa. Se eu encostasse nas praias, vendia mil quilos de peixe. Chegava em casa e dizia: - Mulher, está aqui o dinheiro, aí bebia dois ou três dias (...). Mas eu tinha a responsabilidade com o bote, tinha que manter a despesa do bote, tinha que manter tudo, graças a Deus não perdi nada. Sempre comecei do zero, pesca é difícil.

E o sr. Anésio conclui: “Tudo que eu arranjei foi através do mar, eu gosto do mar, porque o fruto do pouco que eu tenho foi através dele”. Hoje, mesmo aposentado, ele ainda é convidado para pescar, só que diz que não aguenta mais as tarefas da pescaria.

Figura 28: A chegada da pesca.



Fonte: Acervo da autora (2014).

As Ciências Sociais nos indicam que é pelo processo de socialização que os indivíduos interagem e se integram. Sobre esse tema, Elias (1994) afirma que, ao nascer, cada indivíduo pode ser muito diferente, mas é apenas na sociedade que se transforma num ser mais complexo. Somente na relação com outros seres humanos é que se transformam e adquirem *status* de ser humano adulto.

Os espaços de socialização são cenários onde acontece a interação comunicativa. Segundo Elias (1994, p.43),

Os seres humanos criam um cosmo especial próprio dentro do cosmo natural, e o fazem em virtude de um relaxamento dos mecanismos naturais automáticos na administração de sua vida comum. Juntos, eles compõem um *continuum* sócio- histórico em que cada pessoa cresce - como participante - a partir de determinado ponto. O que molda e compromete o indivíduo dentro desse cosmo humano e lhe confere todo alcance de sua vida não são os reflexos de sua natureza animal, mas a inerradicável vinculação entre seus desejos e comportamentos e das outras pessoas, dos vivos, dos mortos e até, em certo sentido, dos que ainda não nasceram[...].

Sob esse ângulo, Elias (1994) reforça que o ser humano, enquanto *continuum* socio-histórico autônomo, só pode ser entendido em sua rede de relações, ou seja, em seus espaços de socialização. Ao contar e recontar suas histórias, os ribeirinhos perpetuam suas experiências em seus espaços de relações. Hartmann (2011) enfatiza que os relatos orais são uma forma de comunicação por excelência do ser humano. As narrativas simbolizam, representam, estetizam a realidade, assim como organizam e veiculam os saberes que constituem e são constituidores da cultura a que pertencem.

Elementos das narrativas de cada pessoa entrevistada nas comunidades pesquisadas refletem seu cotidiano envolto em tarefas ensinadas por seus ancestrais e ainda hoje executadas, de forma menos intensa diante do turismo que adentrou a região. É fato que a chegada do turismo trouxe mudanças que estão afetando as tradicionais atividades dos ribeirinhos, no entanto as mudanças não causaram o total desaparecimento dessas práticas.

O recorte do trabalho de campo nos aproximou de pessoas entre 40 a 85 anos, especificamente dos povoados São Domingos, Boa Vista, Mangaba e Atins. É interessante frisar que essas pessoas exerciam várias tarefas, entre as quais: pescadores e pescadoras, agricultores e agricultoras, artesãos e artesãs, rezadeiras e rezadores, oleiros, navegadores, construtores de barcos e canoas. São moradores das margens do rio Preguiças, que também circulam no entorno da beira mar, pois tais povoados estão circunscritos à foz do rio. Apesar de escolher aqueles que chamamos de mais velhos⁷³, não descartamos um entrevistado na faixa dos 40 anos o qual nos trouxe relevantes contribuições com suas narrativas.

O trabalho de campo, conjugado à nossa estada mais prolongada, ajudou-nos a perceber as particularidades locais, desde a vida do trabalho externo (pesca, roça, extrativismo) até a vida doméstica, o trabalho de tecer o artesanato, as receitas culinárias pitorescas, as festas e os momentos das rezas. As conversas individuais ou em rodas foram relevantes para entender as narrativas deste grupo como elemento formador de sua cultura.

Tivemos momentos em entrevistas individuais e em momentos da roda de conversa nos terreiros e quintais das casas dos povoados visitados. Essas conversas individuais ou em rodas coletivas impulsionaram e motivaram as temáticas abordadas. Foram momentos bastante enriquecedores. Dentro deles, as lembranças fluíram, muitas histórias e causos foram recordados.

Para Fentress e Wickham (1992, p. 20) a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas ideias coletivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros. Também isso constrói uma memória social. Portanto, quando recordamos, elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam. Na medida em que a nossa *natureza* - o que realmente somos - se pode revelar de um modo articulado, somos aquilo de que nos lembramos. Assim sendo, a maneira como nos

⁷³ Remi Lenoir (1998, p.65) observa que a noção de idade, aquela que é designada em números de anos, é o produto de determinada prática social, medida abstrata cujo grau de precisão é reconhecido em certas sociedades. Diz o autor que a idade cronológica apareceu na França no século XVI, no momento da generalização da inscrição do nascimento nos registros paroquiais. Lenoir retoma Halbwachs quando cita que um indivíduo humano privado de qualquer relação com seus semelhantes e que não se apoiasse na experiência social, não chegaria a saber que deve morrer. Dessa forma, Lenoir afirma que a idade é uma noção social estabelecida por comparação com os demais indivíduos membros do grupo.

apresentamos nas nossas memórias, a maneira como definimos as nossas identidades pessoais e coletivas através das nossas memórias e a maneira como transmitimos essas memórias a outros é o estudo da maneira como somos.

Para organizar e interpretar as narrativas colhidas usamos o seguinte critério: as narrativas sobre as águas; as narrativas sobre as rezas, benzimentos e curas; e as narrativas sobre os medos e assombrações. O conjunto de tais narrativas nos conduziu a perceber que as visões de mundo daquele povo dão sentido ao aprendizado em relação ao universo das águas (lagoas, riachos, rios e mar), assim como das roças, das pescas, do tecer o artesanato, dos festejos, dos momentos de rezas e benzimentos. Dessa forma, o mundo simbólico interfere sobre o conjunto das experiências reais desse grupo.

3.3- As narrativas sobre as águas

O universo da água é o que fundamenta as narrativas e suas interpretações nesta parte do texto; os aprendizados, desde cedo, nesse ambiente, estão imersos nas histórias repassadas pelos avós, pais, filhos e netos.

O cenário da beira d'água sempre despertou a circulação de inúmeras histórias em várias comunidades (GANDARA, 2012). Na região dos Lençóis Maranhenses tudo está virado para o rio e para o mar como fonte de vida, inclusive nos dias atuais, com o advento do turismo.

Além da utilização de beiras d'água dos rios e lagoas, os ribeirinhos também faziam cacimbas⁷⁴. Na lida em busca da água para os afazeres domésticos, ter uma cacimba no fundo do quintal era uma alternativa, principalmente para as mulheres a quem sempre foi confiada a responsabilidade pelo cuidado da casa e dos serviços domésticos.

Nas comunidades de Boa Vista, São Domingos e Mangaba, o uso das cacimbas era uma prática muito comum. Cada família cavava uma em seu quintal. Os solos dos fundos dos quintais que dão para as margens do rio são, em parte, argilosos, terrenos bons para o plantio. As cacimbas eram usadas pelos moradores também para irrigar suas pequenas produções, como hortas, bananais e outras plantas frutíferas. As cacimbas faziam parte do cotidiano das comunidades e suas beiras sempre serviram de pontos de encontro para conversas e histórias durante as atividades diárias de cada família. Aos pés das cacimbas se conversava sobre tudo. Segundo D. Desa, “*não tinha uma casa sem uma boa cacimba*”.

⁷⁴ O termo cacimba é comumente usado pelos mais velhos e associado a fonte natural onde brota água limpa.

O processo de construção das cacimbas era bem rústico: cavavam-se pequenos poços com a mão ou mesmo com pequenas ferramentas improvisadas. A água limpa começava a brotar, a pouco menos de um metro de fundura. Por ter proximidade com a margem do rio, a água fluía rapidamente.

Essas cacimbas eram uma forma de ter água limpa pertinho de casa e se deslocar com menos frequência até o rio. A água era usada para tudo: beber, tomar banho, lavar louças e roupas. A cacimba era constantemente limpa, todos tinham muito cuidado para não sujar a água. O processo da limpeza se dava toda vez que a água fosse utilizada para qualquer fim.

Os mais velhos contam que, nas épocas de chuvas muito fortes, a água do rio ficava barrenta e suja, então as cacimbas se tornavam mais que indispensáveis, pois eram a fonte de água potável. D. Maria lembra da importância das cacimbas, principalmente no povoado São Domingos.

A gente tinha que ter a cacimba, nós sempre tivemos. Teve um tempo que houve uma mortandade de porcos muito grande. E no rio, de vez em quando, tinha porco morto dentro, a maré levando e trazendo, foi um mal que deu nos porcos. Aí o povo resolveu tomar água de cacimba. Ela ainda era bem coberta e, às vezes, se dormia perto das cacimbas. Mas nós sempre precisávamos das cacimbas, a gente sempre tinha água, se não queria ir à fonte (rio), se corria nas cacimbas para lavar roupas.

O episódio dos porcos mortos boiando no rio, relatado por D. Maria, ocorreu numa das ilhas e coincidiu com casos de óbitos em crianças em decorrência de diarreia. Diante desse acontecimento, o cuidado com a água foi redobrado, inclusive, as pessoas da comunidade passaram a dormir próximo às cacimbas para mantê-las protegidas. Mesmo em lugares distantes das casas, como as roças mais distantes e nos lugares de criação de animais, faziam-se cacimbas para o uso geral.

Ao falar das cacimbas, ela o faz com admiração e gesto de apego. Lembra que “a água da cacimba era limpinha, vinha borbulhando de dentro da terra, a água clarinha mostrava as raízes das árvores de perto, que pareciam beber daquela água. E quando a gente tomava a água sentia o gosto das raízes”.

Teles (2014, p.467), ao fazer um apanhado sobre o mundo sobrenatural amazônico, percebeu a coexistência “sincrética” de tradições culturais distintas na região, onde considera que as migrações trouxeram novos elementos culturais. Analisa algumas lendas, inclusive sobre a mãe d’água. A autora relata que, no mundo amazônico, conta-se que, à meia-noite, o rio “dorme” por alguns minutos, e então a *mãe d’água* sobe à superfície, à procura de uma canoa para se sentar e pentear os cabelos. Nessa hora, as pessoas que morreram afogadas emergem

das águas e seguem para as estrelas. A função principal da narrativa é sublinhar a importância de cuidados redobrados ao se navegar no período noturno (quando justamente morrem muitos barqueiros), sob a máxima de que aquele que acordar o rio será castigado.

Galvão (1976) descreve que, na cultura dos povos ribeirinhos amazônicos, é registrado um conjunto de histórias a respeito da *mãe d'água* e sobre os *companheiros do fundo*, botos, *bichos visagentos*, entre outras lendas referentes ao rio e às matas. Os povos ribeirinhos da região amazônica cultivam a crença em *mães* de “bicho” ou de “coisas”, o que, em geral, é atribuído à influência indígena. Veríssimo de Matos (1887), citado por Galvão (1976, p.76) expressa que dos tupis-guaranis conservaram a crença geral de que tudo tem uma mãe, o *ci* do selvagem: os rios, os igarapés, as lagoas, os acidentes geográficos, os poços e até os portos onde atracam as canoas tem mãe. É endossado por estes autores o contraste de uma teogonia ameríndia onde predominam divindades femininas como a ibérica, onde era acentuada a importância de divindades masculinas.

Galvão (1976, p.76, grifo nosso) explica que entre os Teneteharas do Maranhão existe uma crença em *ywan*, nome genérico para designar os sobrenaturais *donos da água e dos seres que habitam a água*. Os *ywan* tanto podem ser machos como fêmeas. Reforça o autor que os caboclos maranhenses que moram nas vizinhanças dos Teneteharas acreditam num mesmo tipo de sobrenatural, individualizado, entretanto, sob o nome de *mãe d'água*, descrito sob a forma de mulher. Sobre os entes d'água, D. Rosa acrescenta: “Tudo tem dono. O mar tem dono, a terra tem dono. Justamente na terra tem o currupira, que são as visões da mata. E no mar tem os *cabal d'água*”.

No contexto da nossa pesquisa, sobressai um conjunto de narrativas que circulam entre os ribeirinhos sobre personagens sobrenaturais como *mãe d'água*, *cabal d'água*, *batatã*, *cabeça de cuia*. Esses personagens são representativos da vida coletiva do grupo. Os ribeirinhos contam que esses seres moram no fundo dos rios, dos riachos, das lagoas, do mar e conhecem tudo sobre o mundo das águas. Acreditamos que diante da dimensão do mundo aquático e suas incertezas, as narrativas difundidas entre esses grupos buscam lidar com essa realidade sem transtornos.

O Sr. Manoel, um dos ribeirinhos dos Lençóis Maranhenses por nós entrevistado, conta histórias e mistérios interessantes sobre *mãe d'água*:

Na água nós chamamos mãe d'água. Porque no porto do papai, ali era o porto da minha mãe, da minha avó, era ali o da mãe d'água. Isso não acontece só conosco. Comigo foi poucas vezes, mas com o Sinésio [irmão] foi mais vezes. Ali no porto da mamãe e vovó o porto é coberto de água e só tem o lugar de encostar a canoa. Muitas vezes quando papai chegava lá tinha “gente” [mãe d'água] na polpa da canoa. Quando ele chegava perto do porto, a mãe d'água

pulava na água, a gente ouvia: - Tcha! dentro d'água e via a pessoa. Era uma pessoa baixa, bem alva. Nós chamávamos tudo de mãe d'água ou gente d'água.

Como se percebe no relato, a relação com a mãe d'água era familiar. O porto que usavam para as tarefas diárias era da mãe, da avó e da mãe d'água. O convívio com esse ente perpassava por relações de afeto maternal. É notório que a *mãe d'água* constitui um dos personagens mais comentados entre os ribeirinhos. Em todas as entrevistas colhidas, ela foi sempre lembrada. O Sr. Manoel a descreve como *uma pessoa baixa, bem alva*. Mas há pessoas que afirmam ser ela uma linda mulher de cabelos compridos e que está sempre a penteá-los, quando é vista nas beiras d'água e/ou nas proas das canoas.

Dona Desa nos relata seu encontro com a *mãe d'água* na cacimba do seu quintal:

Outra vez, eu estava na cacimba, limpando a cacimba seis horinhas, pra pegar a água bem limpinha. Quando eu estava terminando de limpar a cacimba, uma mulher veio na carreira, uma mulher das cadeironas, senhora nova de seus quarenta anos. Ela veio e pisou em cima da minha mão, chega doeu. Quando suspendi minha mão que vi, ela estava descendo pro rio. Cheguei lá em casa e contei para o Valdo [marido]. Aí ele disse: “Você não sabe se não é a mãe d'água?” Não passou uns quinze dias, ele chegou da roça e foi banhar seis horas na mesma cacimba. Ela [mãe d'água] estava tomando banho, lá estava tudo molhado, fazia hora que ela banhava lá. Ele veio correndo de frente até a cozinha, chegou e disse que tinha visto a mulher lá. Era aquela que tinha pisado em cima da minha mão. Perguntei para ele se ele tinha xingado ela. Ele disse que não, porque não se achou com coragem. Depois ela foi embora correndo. É o horário que ela banha lá. [...] Era a mãe d'água. Ela estava tomando banho na cacimba quando eu cheguei. A gente ouvia a água bem de pertinho, a água cair com tudo, tudo molhado, pode ter certeza a cacimba estava ocupada.

Para Galvão (1976, p.77) a crença em entidades femininas pode ser atribuída à influência dos escravos africanos que trouxeram essas representações para o Brasil, nas quais foram identificadas entidades cristãs, por meio do processo do sincretismo. Por sua vez, o colono português veio impregnado de crenças e histórias de mouras encantadas, além das velhas tradições sobre sereias. Assim, a crença em *mães* teria sido resultado de um sincretismo cultural, em que pesou a influência do africano, do português colonizador e dos indígenas.

Dona Rosa conta a história que ouviu da mãe e da irmã sobre as lavadeiras do porto da Zizu, também chamadas de *baiadeiras*⁷⁵ do fundo d'água:

⁷⁵ A palavra baiadeira, usada pela entrevistada, vem da palavra bailar, dançar em referência às danças de tambor que eram comuns na região. Acreditam os ribeirinhos sobre outro mundo no fundo do rio Preguiças, onde o povo d'água teria uma vida parecida com os da superfície, dançam, comem, brincam, brigam, se vingam etc. Mundicarmo Ferretti (1996, p.69), em sua pesquisa sobre as manifestações religiosas no Maranhão, descreve que a morada dos encantados parece que nunca fica na superfície. Quem se relaciona com essa crença fala em lugares submersos em águas profundas, em caminhos longos para dentro da terra, etc. Ao mesmo tempo, não se costuma

Contam que, no porto da Zizu, as lavadeiras saíam do fundo da água e sentavam na beira, lavavam suas vestes, estendiam tudinho para enxugar. Muitas pessoas viram essas mulheres. Santa, minha irmã, viu foi perfeito aqui perto no porto do Isac, nesse tempo era um beiral. Ela foi chegando e viu elas sentadas lavando roupa na perna. Quando a Santa chegou, elas viraram e enxergaram a Santa e a mamãe. A Santa contava que quando elas viam alguém chegar elas caíam na água e pronto. Sumiam. Foi sim, senhora, foi verdade.

Acreditamos que essas histórias das mulheres *baiadeiras* do fundo d'água são variações das histórias da mãe d'água, pois os relatos se referem como mulheres encantadas que apareciam lavando suas roupas brancas à beira d'água. Lavar roupas no rio Preguiças era uma prática das mulheres da comunidade que comumente usavam a água do rio para quase tudo. Elas acordavam cedo e, logo pela manhã, quando o sol se levantava, arrumavam as trouxas de roupas e louças e seguiam para os portos, às margens do rio. A história de D. Rosa sobre as lavadeiras encantadas reflete o respeito pelo lugar que considera sagrado.

Outro lugar onde a presença da mãe d'água é referida chama-se Olho d'Água e fica no caminho entre Barreirinhas e Boa Vista. D. Maria conta que ali “tinha uma cachoeira, ela enchia no inverno e descia para o rio, a água saía branquinha, tipo o cabelo da *mãe d'água*, eu sempre ia lá tomar banho. Lá tinha *mãe d'água*”.

Outro ser que aparece nas narrativas dos ribeirinhos é o *cabal d'água*, personagem referente ao conjunto de seres denominado pelos ribeirinhos de *gentes d'água*. D. Desa relata o encontro com um desses seres, num dia de pesca.

Eu fui com o meu pai ao curral que estava sendo despescado.⁷⁶ Meu pai disse: “Hoje nós vamos lá, nós temos que ver quem bole com o curral”.

Sáimos daqui seis horas. Quando nós chegamos lá, ficamos pescando pra um lado e pra outro. Quando chegou ao Pau de Testa [local à beira do rio], bem confronte ao porto do finado Chico Neto, uma pessoa jogou rebolo no papai. Ele [cabal] já estava sabendo que nós íamos. Na hora que passamos lá no curral, olhamos tinha peixe dentro. Aí papai disse: “Não vamos despescar agora não, só quando a maré baixar”.

Passa uma canoa rasgando, mas não tinha voadeira que se comparasse com esse homem dentro, o homem rasgadinho, um chapeuzinho na cabeça todo esfiapado, o remo aqui assim. Minha filha, como daqui pra essa casa aí, nós olhando para o homem. Papai disse: “É agora, esse homem é o ladrão do nosso curral”.

Nós fomos em cima do homem pertinho e dissemos: “Ei rapaz, barra aí!”.

Mas ninguém se achou com coragem de ir mais perto porque não conhecia ele. E a canoa fazia zoadá na água, mas nada dessa canoa. Eu, compadre Isac e papai puxamos mesmo em cima até no porto do finado Chico Neto. Chegamos bem perto, o porto limpinho, nadinha, sumiu. Só se sabe que era um *cabal* perigoso. Tem uns bons e outros maus. Pessoas más, perigosas que

falar sobre o assunto por medo de castigo ou para não perder os dons recebidos. A autora percebe que o tambor da mata, o terecô e a encantaria foram desenvolvidas em muitos municípios maranhenses, sendo intensa sua prática nessas localidades.

⁷⁶ Despescar significa retirar ou recolher o peixe do curral.

judiam da gente. Nós não xingamos ele nem nada, ele não falava nada. Quando nós fomos saindo, papai disse: “Vamos afastar pra trás”.

O porto não tinha nadinha nem ninguém. Só esse homem que passou. Quando nós fomos saindo, ouvimos bater em cima da água – tcha!!! Todos nos molhamos. Quando nós chegamos ao meio do rio, fomos pro curral despescar, trouxemos um almoço bom mesmo. Quando a gente vinha, papai já estava gemendo, caído, uma dor de cabeça, uma dor no corpo, febre. Quando a gente estava voltando, papai já tinha adoecido, chegamos acima do Pau de Testa no remo. Eu também não pude mais pegar no remo, frio, dor de cabeça, febre, que ave maria. Papai veio remando sozinho, eu chorava era muito. Chegamos no porto do São Domingos no clarear do dia, mas nós tudinho sem poder se bulir. Viemos com a maré. Papai contou pra mamãe o acontecido. Mamãe foi chamar o compadre Bebé.

Quando o compadre Bebé chegou, mamãe contou a história do que aconteceu na noite da pesca. Aí ele disse: “Hum! Por que vocês foram bulir nessas coisas? A gente mexeu com eles, eles também se zangam”.

Aí também ele sumiu, foi para o rio, caiu dentro d’água, levou horas para aparecer. Quando voltou, trouxe uma mão cheinha de areia, aí disse pra mamãe: “Pegue essa areia e vá fazer um chá para seu pessoal, pegue água fervendo ponha na xícara e bote a areia na água fervendo”.

Aí ela fez o chá pra mim, pro papai e pra o compadre Isac. Nós tomamos o chá e nós ficamos todos bons. Tudo isso que aconteceu conosco, foi ele [cabal]. Com certeza, nós estávamos atacando eles. O terreiro de lá é forte, é grande. Lá no Pau de Testa tem um terreiro.

O *cabal d’água* dá uma lição para a vida cotidiana: a pessoa não deve se aventurar em sua relação com o rio, pois o rio é incerto, inseguro e, às vezes, traiçoeiro. Também orienta os pescadores sobre os momentos propícios da maré que indica o tempo de despescar o curral. Tais representações se integram nas perspectivas de aprendizagem em relação às águas, tanto do rio quanto do mar. Através dessas representações, o pescador se aperfeiçoa em compreender a ordem socioambiental.

Na narrativa de D. Desa, o *cabal d’água* era o responsável por despescar o curral. O grupo percebeu logo a traquinagem daquele *ente* e o enfrentou com coragem. O acontecimento que veio sobre eles (a doença) foi um sinal. O Sr. Bebé (liderança espiritual) *encarregado de desfazer o mal causado pelo cabal d’água*, afirmou a eles que foram “bulir nas coisas” que não deviam, por isso adoeceram. A mistura de coragem e medo é uma constante nas narrativas colhidas, fazendo parte do próprio *ethos* dessas comunidades.

As histórias das beiras d’água, seja dos rios, dos lagos ou do mar, aparecem com força nas narrativas dessas pessoas, sendo expressão da lida diária, como a busca pelo alimento. Na luta para preservar o curral de peixes, D. Desa, seus parentes e amigos da pescaria foram astutos e firmes na tarefa da busca cotidiana pelo alimento no rio. Assim, estão imbricados numa rede de saberes que lhes permite tornarem-se resilientes em tudo o que fazem. Superam o medo das adversidades e se colocam sempre em desafios para solucionar problemas de ordem material

(subsistência diária) ou de ordem física e emocional quando buscam os conselhos de um curandeiro da localidade. Ao longo de gerações aprenderam estes ensinamentos na espontaneidade do viver.

O Sr. Manoel conta também sobre suas pescarias, os encontros com o *cabal d'água* e os efeitos sobre a produção da pesca.

Fui botar a rede de lanceada, viu? A gente bota nas estacas, na maré cheia. Aí, rapaz, espalha na beira do rio, aí bota até onde pode, até enquanto tiver rede pra espichar. Quando a maré baixa, o peixe vai saindo e não volta mais. Lá tem um bagre preto que chama corero. Aí eu fui meter a rede com outro rapaz pra dentro do mangue. Era muito peixe e, na maré da água salgada, a água clareia quando mexe nela. Aí nós fomos metendo aqui, eles vinham de lá, os bagres de todo tamanho. E era peixe, a gente se desviava pra eles não esporar a agente. Era muito peixe. Aí eu disse: 'Rapaz, a canoa não cabe'. A gente via os bagres comer os caranguejinhos no mangue, chupando, eu ouvia a zoadada, o rabo batendo, a gente ouvia a pancada deles comendo.

Aí quando nós chegamos na canoa ficamos conversando sobre a pescaria. Quando a maré começou a vazar, os peixes começaram a sair do mangue. Aí combinamos de deixar lá, pois era noite de lua. Quando a maré foi baixando, eu vi um sujeito tirando a rede e arriando para o peixe sair, a pessoa vinha caminhando. Ele estava baixando a rede, e veio até perto da nossa canoa. Depois, eu procurei ele, mas não chegou até a canoa.

Dava pra despescar cinco horas da manhã. Quando chegamos lá onde ele tinha botado embaixo, o peixe não deu um almoço nosso. Várias pessoas viram isso. Tinha uns que subiam pra dentro da canoa, ficavam na proa da canoa [as visagens]. A gente era recomendada pra não falar. Nesse dia nós falamos. Os pescadores recomendavam: "Olha, se ver eles dentro d'água não falem!"

Os ribeirinhos denominam o *cabal d'água* como *gentes ou coisas* d'água. Dizem que têm forma de crianças ou pessoas adultas com aspectos diferentes. Eles se encontram perambulando na beira do rio ou do mar. São entes que estão entre o rio, o mar e a terra. Segundo os ribeirinhos, existem uns bons e outros maus. Quando alguém os vê não deve comentar, pois acreditam que eles estão cumprindo uma missão, que é vagar nas águas do rio e do mar. A orientação é não mexer com eles. Pois se forem bulidos, revidam de forma danosa. Geralmente, o pescador é abatido de um enfraquecimento com febre e vômito, sendo preciso chamar uma boa benzedeira para desfazer o que eles chamam de *arrumação*⁷⁷ ou *trabalho* (malefício).

Alguns pescadores dizem que o *cabal d'água* são pessoas que já morreram e estão pagando penitências. O Sr. Anésio diz que *todos que vão à barraca de seu João Lourenço vê*.

⁷⁷ A palavra *arrumação* é bastante repetida pelos ribeirinhos no ato de contar essas histórias. O sentido do termo permeia uma visão de mundo mística diante da incerteza, no caso específico, das águas. Galvão (1976) destaca que, entre os ribeirinhos amazônicos, o conceito de encantado se reporta como sendo tudo que se refere ao sobrenatural.

Vê essa pessoa andando na beira d'água.” O Sr. Sinésio relata uma história que lhe aconteceu na pescaria e que é sempre compartilhada nas conversas entre eles:

Eu estava com o compadre João, o Manezim e o Zé Fedega. Começamos a botar a rede [de pesca]. Começamos da ponta de cima. Nesse tempo tinha muito bicho, eu pensei que era jacaré. Nada. Quando passou pelo meio da ilha eram duas redes encantadas. Quando a gente vê essas coisas a gente fica calado. Ficamos ainda lá porque não teve mais jeito e fizemos a tapagem [atividade de pesca de curral]. Era maré de lua cheia, pra gente não ir contra a maré, ficamos lá mesmo. Forramos a canoa com galhos de mato e a gente se deitou. A gente dormiu logo. O compadre João ficou acordado na polpa da canoa. A polpa da canoa ficou amarrada e encostada na rede, e a canoa fazia um barulho. Tinha um camarada agarrado na rede, querendo tocar os pés na canoa. Quando ele puxou, João resmungou com ele. Disse para os colegas: - “Tem um cara aqui empurrando do meu lado.” Eles falaram: “Quando a gente vê essas coisas assim, a gente não diz nada.” Isso, a maré já vazando. Quando voltamos, ele [o João] já estava com febre e vomitando. Desde esse tempo ele ficou meio “abirutado”.

Entre os pescadores, essas histórias são carregadas de significados de sucesso ou fracasso ou de doenças que os perseguem pelo resto da vida. As idas à pesca são seguidas dos rituais de pedidos de proteção aos santos e/ou guias para que as pescarias noturnas nas águas do rio e do mar sejam livres de perigos.

Galvão (1976), em sua pesquisa de campo junto aos ribeirinhos amazônicos, afirma que é sempre recomendado pelos mais velhos aos mais novos que não façam zoada na beira d'água para não atrair a *malineza* (feitiços) da mãe do bicho ou do igarapé. Predomina também entre os pescadores o costume de pescarem uma variedade de peixes, pois temem a repreensão da *mãe dos peixes*, se pescarem uma única espécie.

Em muitas entrevistas coletadas ouvimos as palavras “arrumação” “coisa”, “negócio”, “ele”, no momento da descrição das visões sobrenaturais. Entre os contadores dessas histórias, como se percebe nos relatos do Sr. Manoel, de D. Desa, de D. Rosa e do Sr. Sinésio, existe um tabu em relação ao nome do *ente* sobrenatural. Observamos que tal restrição ao uso do nome pode estar relacionada aos perigos que as águas reservam, visto que, apesar de viverem nesse ambiente, desde o nascimento, os pescadores não detêm, especificamente, todo o controle sobre os lugares de risco no mundo das águas. Na labuta diária, eles não sabem o que está submerso, por isso evocam expectativas de soluções inesperadas, algo que lhes dê uma boa pescaria e os livre dos perigos constantes das águas.

Nessa questão, D. Maria se lembra das palavras do avô, quando ele dizia que quem via essas coisas não era para falar, porque pegava mal. O segredo que o velho preservava traz implícito o medo de ser castigado, de alguma forma, pela força da natureza. Em muitas culturas

orais, segundo Ong (1998), o significado da palavra carrega consigo uma enorme importância. Provavelmente, o poder atribuído às palavras constrói uma dimensão potencialmente mágica.

Galvão (1976) reforça que a atitude do caboclo, do pescador ou caçador em não fazer zoadas ou provocações é bastante característica das crenças dos ribeirinhos amazônicos. Do mesmo modo, o medo nos mais velhos é que as crianças maltratem os animais ou faça zoadas no porto. A atitude fundamental é o respeito pelas forças que presidem a natureza.

Galvão (1976, p.67) refere-se aos *companheiros do fundo* designando entidades sobrenaturais que habitam o fundo dos rios, poções e igarapés. São descritos à semelhança de seres humanos. Seu reino, com ruas e casas, é revestido de ouro. Alimentam-se de uma comida especial que, se provada por habitantes deste mundo, os transformariam em *encantados*. Os *companheiros do fundo* agem como espíritos familiares dos pajés ou curandeiros.

Observamos nos relatos sobre *mãe d'água*, *cabal d'água* ou *gentes d'água* uma dualidade entre o bem e o mal. Para uns eles parecem benevolentes e sinalizadores de fartura ao indicar onde tem mais cardumes. Para outros trazem má sorte, doenças e escassez, como lembra D. Desa: “*Tem uns bons e outros maus. Pessoas más, perigosas que judiam da gente*”.

Em sua análise sobre o imaginário social da Amazônia, Teles (2014) afirma que a relação das narrativas com entes sobrenaturais indica o difícil convívio com a vasta natureza e os seus desafios - vencer as correntezas dos rios ou encontrar locais com grandes cardumes - assim como a probabilidade de escassez que condicionaria a fome do grupo familiar.

Sobre fontes e beiras d'água, existem ainda referências a monstros d'água. D. Francisca Machado nos contou uma história que ouviu de seu pai sobre a *fera da levada*.

A levada era do outro lado do rio, e era larga e funda, entrava canoa até lá em cima. Lá tem uma olaria onde muitos homens trabalhavam. É perto do Tapuio, lá mora uma fera muito grande. Dizem que é uma coisa medonha. Ela mora dentro da levada. Um homem viu, só que não pode matar com um facãozinho. Só com tiro de espingarda.

A região das margens do rio Preguiças é formada por uma densa vegetação onde se escondem perigos, entre eles muitas cobras, tais como a cascavel e a famosa sucuri, que chega a comer qualquer animal de grande porte, inclusive o homem se estiver em seu caminho. Essa história que a moradora conta com assombro é a forma de lidar com o meio sociocultural do lugar que se traduz em respeito com os caminhos perigosos que cortam o ambiente do rio.

Durante as entrevistas, nossos entrevistados se expressavam com os olhos, com as mãos e gestos tentando imitar as ideias contidas nas narrativas. A impressão é que eles vivenciavam o conteúdo de suas histórias. Vale aqui parafrasear Benjamin (1987) quando diz que a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira

narração, a mão intervém com gestos aprendidos na experiência do trabalho que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada.

Entre tantas histórias que permeiam a região em estudo, a do *cabeça de cuia* também é muito lembrada pelos ribeirinhos. O Sr. Manoel conta que sempre gostava de tomar banho no rio durante a noite. E essa era a hora que o *cabeça de cuia* aparecia.

Era uma cabeça grande, bem branca andando ao contrário da maré. Se a maré enchia ele vinha, se vazava ele ia. Só gostava de passar mais de meia maré em diante, e em noite de lua cheia a gente via. Muitas pessoas viam. Aparecia no rio, do São Domingos para cá. Ele era ligeiro. Ele vinha contra a maré, aquela cabeça grande. Botaram esse apelido de cabeça de cuia, ele não fazia mal para ninguém, só andava contra a maré, muita gente via. Essas coisas também não eram para todo mundo ver.

A história do Cabeça de Cuia é parte da cultura do Piauí⁷⁸. Durante as migrações, provavelmente do Piauí para a região dos Lençóis Maranhenses, via rio Parnaíba, é provável que essa história tenha vindo na bagagem dos piauienses. O Sr. Manoel aponta vários conhecidos do seu avô e pai que vieram fugidos da seca da região do Piauí. Assim, pode ser que tenham trazido junto suas crenças, como esta história, que hoje é cantada em verso e prosa pelos ribeirinhos e poetas populares.

Magalhães (2011) analisa a história contada no Piauí sobre o Cabeça de Cuia:

Um pescador chamado Crispim, morava com sua velha mãe viúva na antiga vila do Poti. Certo dia, voltou para casa muito zangado porque não tinha pescado nada. A mãe lhe deu para comer um pirão de osso. Ele, enraivecido, bate na mãe e quebra-lhe a cabeça com um “corredor” da ossada do pirão. Caída no terreiro, antes de morrer, a mãe lhe joga uma maldição: “*Serás transformado num monstro, filho ingrato!*” E Crispim desaparece nas águas barrentas do rio (Mendes, 1990 apud Magalhães, 2011, p.153)

Na análise da história, Magalhães (2011, p.154) afirma que se trata da história de uma punição exemplar. É o indivíduo em pleno castigo, que, através da expiação, busca redimir-se por ter matado sua mãe. Entre os ribeirinhos dos Lençóis Maranhenses essa narrativa foi absorvida de forma a manter o controle sobre as crianças que fugiam sozinhas para o rio no intuito de tomar banho e se aventurar em mergulhos profundos. Seu Manoel nos disse que os pais, sempre com muitos filhos, tendo que dar conta de várias tarefas na beira do rio, alertavam-

⁷⁸ Magalhães (2011, p. 151) enfatiza que o Cabeça de Cuia é uma lenda muito associada a Teresina, à origem da cidade, remetendo ao lugar onde surgiu uma pequena povoação, denominada “Vila do Poti”, porque se situava junto à barra do rio Poti, ali onde aquele rio joga suas águas no Parnaíba. Embora existam algumas versões da lenda que trazem outros locais ribeirinhos como espaço da ação narrada em o Cabeça de Cuia, a maioria aponta para a confluência dos rios Parnaíba e Poti.

nos repetindo: “cuidado com o cabeça de cuia”. Tentavam, com essa advertência, minimizar casos de afogamento entre as crianças.

Os mais velhos das comunidades ribeirinhas contam que a lenta correnteza das águas do rio Preguiças é traiçoeira. Assim também é na boca da barra (foz). A profundidade do canal junto com a correnteza deixa até os mais experientes muito cautelosos e respeitosos aos lugares da pesca. Isso porque mesmo aqueles que conhecem o lugar e sabem nadar bem não conseguem se desvencilhar dos perigos (lugares profundos ou com redemoinhos).

O imaginário social⁷⁹ dos ribeirinhos tem estreita relação com o sobrenatural, onde a presença de narrativas míticas preenche seu cotidiano. Isso porque seus afazeres lhes mantinham (ou mantêm) em permanente contato com a natureza e seus *entes com os quais* constroem vínculos socioculturais.

Menezes (1985, p.105) compara um conjunto de mito produzido pela humanidade ao longo de seu percurso com uma floresta escura de símbolos. As inúmeras teorias que pretendem dar conta de sua natureza e significado não fizeram mais do que abrir algumas trilhas que permitem caminhar em setores dessa selva escura, sem jamais lograr o seu intento de esclarecer a totalidade desse território.

Complementa Menezes (1985, p.113 e 114) que o mito é um pensamento instituinte do ser. Ele é uma disposição mental e uma forma modelar que se atualiza mediante relatos de acontecimentos fundamentais. O mito, portanto, não fornece explicações, mas sim, motivos originais ou primordiais. O mito não responde às perguntas ‘por que?’ ou ‘como?’, mas sim à indagação ‘em consequência de quê?’. Para o mito, por trás da causa se acha uma origem. Em conclusão importa não perder de vista o fato fundamental de que o mito não é apenas uma narrativa arcaica que teria preservado este ou aquele traço institucional: ele constitui um lugar onde se pensa toda cultura (MENEZES, 1985, p.124).

⁷⁹ BACZO, B. A Imaginação Social In: Leach, Edmund et All. *Anthropos-Homem*. 1985, p.308 p.309. A Psicanálise pôs em evidência que a imaginação não é uma faculdade, nem um poder psicológico autônomo, mas sim uma atividade global do sujeito para organizar um mundo ajustado às suas necessidades e aos seus conflitos. Por outro lado, a Antropologia Estrutural pôs em destaque o fato de qualquer cultura poder ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos e de todos esses sistemas procurarem exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social e as relações que esses dois tipos de realidades mantem entre si. Já a história das mentalidades, na esteira da escola dos Annales, pôs em relevo a longa duração em que a imaginação social opera, assim como o peso da inércia dos imaginários nos comportamentos econômicos e demográficos, bem como a especificidade dos períodos *quentes* em que a produção dos imaginários se acelera e intensifica. Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico. Para Mauss, através dos imaginários, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de *bom comportamento*. O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva.

Retomando os personagens ligados às águas nas narrativas dos pescadores, existe o *batatã* e os peixes encantados, que correspondem também à denominação *gentes d'água*. Todos esses personagens são representativos de visões de mundo dos ribeirinhos no sentido de transmissão de valores coletivos.

O *batatã* é descrito como um clarão ou uma bola de fogo⁸⁰ que aparecia e desaparecia dentro do mangue, na praia, nas matas e nas margens do rio. O Sr. Manoel relata que um amigo seu encarou o *batatã* e todos achavam que ele tinha se queimado, mas no outro dia não havia nenhum sinal de queimadura. O Sr. Zeca também relata seu encontro com o *batatã*: “Eu ia daqui para a praia e via um clarão, corria para lá e o clarão já estava longe.”

Figura 29: Desenho do *batatã* feito pelas crianças das comunidades.



Fonte: Associação VagaLume- memórias de Vida (2010)

Em *A Geografia dos Mitos Brasileiros*, Cascudo (2002) identifica os mitos do *batatã* e da *mãe d'água* imersos na adaptação étnica do indígena e do colonizador europeu. Na região dos Lençóis Maranhenses, os moradores falam *batatã* em vez de *batatão*. Há uma pequena variação linguística, no entanto as narrativas são similares correspondendo ao aparecimento de uma grande labareda de fogo.

O Sr. Anésio conta também um encontro com essa bola de fogo numa pescaria:

Eu fui pescar com o Pedro Pereira, ele ainda é vivo[...]. Aí fomos pescar no barco, ele desse lado e eu do outro. De repente, formou um fogo lá embaixo, aí lá vem o fogo. Eu disse: ‘Pedro, esse fogo é acostumado a descarregar nego

⁸⁰ Fogo-fátuo: cientificamente esse fogo esquisito está ligado à decomposição dos corpos de seres vivos. Nesse processo, as bactérias que metabolizam a matéria orgânica produzem gases que entram em combustão espontânea em contato com o ar. Esse fenômeno fez surgir lendas de fantasmas, assombrações e almas penadas. No Brasil, ele deu origem a um dos primeiros mitos indígenas de que se tem notícia: o boitatá, a enorme serpente de fogo que mata quem destrói as florestas. Esse fenômeno foi descrito, ainda em 1560, pelo jesuíta português José de Anchieta: “Junto do mar e dos rios, não se vê outra coisa senão o boitatá, o facho cintilante de fogo que rapidamente acomete os índios e mata-os.” Disponível no endereço <mundoestranho.abril.com.br/ambiente/o-que-e-fogo-fatuo>.

aqui na costa. Mas tu tens coragem?’ Ele disse: “Tenho, rapaz!” Quando o fogo se formou, eu disse: ‘Pode cobrir de tarrafa [rede de pesca] pra gente saber o que é”. Aí quando chegou perto, ele deu um tremelique na mão. Ele conversando com a Ana Rosa aqui, ele disse: “Nesse tempo, seu Anésio tinha muita coragem. Mas eu dei um tremosão [tremelique] na perna aqui, o fogo fazia assim, suspendia e baixava. Essa costa aqui tem muita visão. E essa não foi mentira”.

O Sr. Manoel foi mais além na sua busca de explicação para a bola de fogo andante. Um amigo farmacêutico lhe explicou que qualquer matéria orgânica ou animal quando morrem nesses ambientes, no processo de decomposição, produzem o gás metano, assim gerando esses fenômenos luminosos.

Os peixes encantados são entendidos como pessoas que morreram e foram transformadas em peixes que aparecem e desaparecem no rio na intenção de serem desencantados. D. Maria se recorda da história do peixe grande encantado contado pelos seus velhos avós e pais:

Meus pais e avós contavam que sempre viam um peixe em cima d’água do tamanho de uma canoa. Eles falavam que uma mulher teve um filho e ele sumiu no rio. Diziam que ele aparece para procurar sua mãe. Se ele achar sua mãe e mamar no peito dela, ele se desencanta, deixa de ser peixe e volta a ser menino de novo.

Nas extensas famílias dos ribeirinhos, a mãe ia lavar roupa ou louça no rio e levava seus filhos para ajudá-la. Como o tempo não permitia vigiar todos os filhos para que não se afogassem, essas histórias ganharam conteúdos pedagógicos, principalmente para que as crianças não se aventurassem nos mergulhos profundos na hora das brincadeiras no rio. Em consequência, essas narrativas são vistas com ares de limite dos pais aos seus filhos pequenos quanto ao cuidado com os perigos das águas e se tornaram presentes na memória dos ribeirinhos, da mesma forma que a história do *cabeça de cuia*.

Nos espaços de grupos sociais da beira d’água, o dia segue regado de histórias que misturam o real e o imaginário. Nessa lida do mundo da pesca, Alves e Justo (2011, p. 07) em seus estudos também sobre povos ribeirinhos afirmam existir nessas narrativas uma relação especial com a história. Não a história oficial, mas uma história composta de imagens que ultrapassam o concreto, ainda que derivadas dele. As narrativas não são avaliadas sobre méritos de veracidade, mas em sua capacidade de se tornar matéria viva implicada nas práticas.

O Sr. Anésio, durante suas pescarias, navegava em toda a costa maranhense. Conta ele que, certo dia, foi parar na praia do Lençol ou Bate-Vento, nas proximidades do município de

Cururupu – MA. Nesse ponto, relata seu encontro com o touro encantado que se liga às histórias sobre o sebastianismo, presente em todo o litoral maranhense.

Eu fui pescar lá na Praia do Lençol [praia do bate vento]. O pessoal falou: "Hoje não é dia de pescar, peixe tem, mas hoje você vê o boi". Eu disse: 'Se o homem tiver coragem, nós laçaremos ele'. Toda vez que a gente vai, nesse dia de hoje, a gente vê o boi. Boi preto, chega a boca dele quando olha para gente é só fogo. Ele aparece no beijo d'água. Naquele dia, botamos a caçoeira, fizemos um primeiro lance e tiramos uns peixinhos, uns quatro quilos de peixe. Saí botando a rede com água nos peitos. Quando o mar clareou aqui, eu vi aquele facho grande dentro da rede. Aí saí puxando para as beiradas. Um colega falou: "E se não aparecer um homem de coragem para fazer isso"? Eu disse: 'Se tiver um companheiro de coragem nós vamos. Só se não tiver que a gente não faz, mas se tiver nós fazemos'. Aí, puxamos para as beiradas. Aí ficou o facho no rumo de fora e o boi dentro da rede. O que fiz? Eu gritei para o companheiro: 'Puxa a rede aqui'. O companheiro largou a rede e "arrastou seco no mundo" [saiu] e eu fiquei puxando a rede sozinho. Eu disse: 'Ó, rapaz, eu ia experimentar'. Ele explicou que lhe deu um tremor, se tremeu todinho. Esse é o boi encantado. Quando tiramos a rede não tinha nenhum peixe. O fogo acabou tudo. Não vimos mais boi, não vimos mais nada. O meu destino era puxar. Diz o cabra que se achar uma pessoa que tenha coragem de puxar a correntona que o boi vem puxando ele desencanta, e você pega o ouro.

A praia do Lençol ou dos Lençóis é afamada por todos os pescadores da região como a morada do Rei Dom Sebastiao⁸¹. Por isso, é evitada pelos medrosos e buscada avidamente pelos corajosos pescadores. O Sr. Anésio conta essa história, sempre colocando em ênfase sua coragem para com as coisas da pesca, do mar e da navegação. Nunca desistia de encarar com ousadia os perigos que reservava a atividade da pesca. Em seu relato expressa um desapontamento em não desencantar o reino do Rei Sebastiao e pegar suas riquezas, que dizem estar debaixo das águas dessa misteriosa praia.

Reza a lenda que Dom Sebastião, o jovem rei de Portugal, não morreu, ele se encantou com todo seu reinado, por sortilégios dos Mouros, numa ilha com dunas iguais às do deserto marroquino onde houve a batalha. E um dia ele há de emergir do fundo do mar onde está sediado seu palácio de riquezas, para instaurar seu Império e distribuir bens materiais para seus adeptos (PEREIRA, 2005, p13). A Ilha dos Lençóis, em Cururupu, foi a escolhida para a morada do

⁸¹ Dom Sebastiao se tornou uma figura histórica, ao ser morto em batalha contra os Mouros, nos campos de Alcácer-Quibir, na África em 1578. O sebastianismo foi transplantado para o Brasil em várias vertentes, entre elas, os movimentos messiânicos, ocorridos no século XIX, e a vertente ligada à encantaria. Ferretti (2000) apud Pereira (2005, p.13) destacam que Dom Sebastiao se encontra presente na Ilha dos Lençóis, sendo difundido na linha da encantaria como Rei Sebastiao. É uma entidade de cultos afro-brasileiros identificado como encantado. Trata-se de uma categoria vinculada à pajelança amazônica (aqueles que viveram na terra há muitos anos, *venceram* a morte e *continuam* vivos nas encantarias). Pereira (2005) completa que o Rei Dom Sebastiao é *visto* na Ilha dos Lençóis em forma humana ou em forma de animal, precisamente como um touro negro. No local, é possível encontrar objetos de ouro, no entanto não se deve ousar em retirá-los de lá, pois são riquezas do Rei Sebastião.

reino encantado do El-Rei Dom Sebastiao, cantado em verso e prosa pelo povo maranhense, como na toada musicada de Humberto, cantador do bumba-meu-boi do Maracanã:

Maranhão, meu tesouro, meu torrão,
 Fiz esta toada pra ti, Maranhão
 Terra do babaçu que a natureza cultivava
 Esta palmeira nativa é que me dá inspiração
Na Praia dos Lençóis, tem um Touro encantado
E o reinado do Rei Sebastião
 Sereia canta na proa
 Na mata o guriatã
 Terra da pirunga doce
 E tem a gostosa pitombotã
 E todo ano a grande festa da juçara no mês de outubro, no Maracanã
 No mês de junho tem o bumba-meu-boi
 Que é festejado em louvor a São João
 O amo canta e balança o maracá
 A matraca e o pandeiro é que faz tremer o chão
 Esta herança foi deixada por nossos avós
 Hoje cultivada por nós pra compor tua história, Maranhão (grifo nosso)

Na toada, Humberto do Maracanã inicia enfatizando “Maranhão, meu tesouro, meu torrão”, um pedaço de chão com muitas riquezas: E quais são? Fecha a toada concluindo que a riqueza foi o legado deixado pelos nossos antepassados formadores de nossa identidade cultural: “Esta herança foi deixada por nossos avós, hoje cultivada por nós pra compor tua história, Maranhão.” Esse contexto de histórias e mitos segundo Sader (1996) contém o segredo inexplicável de um saber que leva o ser humano a encontrar o que é necessário para saber quem é e como é.

3.4 - As narrativas sobre as rezas, benzimentos e curas

Os grupos que permaneceram na região dos Lençóis Maranhenses aprenderam através de formas adaptativas maneiras de encarar as dificuldades próprias do lugar. As mais diversas narrativas que fazem parte do cotidiano representam essa imbricada relação entre natureza e relações humanas.

As histórias dos benzimentos, rezas e curas nas comunidades estudadas se misturam com os nascimentos e mortes. Na região é difícil encontrar alguém que não tenha nascido pelas mãos de uma parteira ou parteiro. O Sr. Bebê, já mencionado, era chamado em casos de partos muito difíceis. Conta D. Maria, sobrinha do parteiro, que ele foi ensinado a fazer partos em sonhos. Diz ela: “Uma pessoa vinha toda noite durante o sono e lhe ensinava a fazer partos através de sonhos. Os sonhos só acabaram quando meu tio fez o primeiro parto”. Em suas

andanças, o Sr. Bebé também ganhou o *status* de benzedor da região. Entre suas tarefas religiosas constava, além dos partos difíceis, benzimentos de recém-nascidos, cura de malefícios da *mãe d'água e cabal d'água*⁸², encomendação das almas dos mortos⁸³, além de qualquer pedido que lhe fosse solicitado.

Pessoas próximas dele comentam a forma como se tornou um benzedor conhecido na região. D. Maria completa:

Minha mãe tomou o tio Bebé da mão de um homem na beira d'água. Era o cabal d'água que ia levar ele. Ele chegava na beira do rio, mergulhava nas águas do rio Preguiças e ali permanecia horas debaixo d'água. Ele ia aprender com os encantados. Meu tio Bebé era muito respeitado por suas curas e benzimentos, encontrava objetos perdidos, rezava para qualquer malefício e conhecia o poder de plantas e ervas.

Além do Sr. Bebé, Dona Rosa relembra outros e outras benzedores e benzedoras, como o Bernabé, o João Dias e a velha Rosa. A entrevistada se lembra das palavras do próprio Bernabé: “O João Dias é bom, mas se não tiver o Bernabé, eu não piso”. Ele dizia também: “Meu nó não tem quem desate”.

Dona Maria comenta sobre as práticas a respeito da cura, benzimentos e rezas na comunidade de São Domingos:

Se rezava pra mau olhado, se rezava pra vento virado, se rezava pra dor de dente, pra frieira, pra inseto de frieira de pé de criança que fica todo cortado e garantia que morria. Quem sabe benzer de frieira, sabe benzer de fogo selvagem⁸⁴, aquela doença que pipoca a pessoa. Pra tudo se rezava, a força da oração era o Credo: “Morto e sepultado essa enfermidade que eu estou fazendo este trabalho” [a doença]. Se rezava as três Ave Marias que é aquelas três contas acima da cruz de Cristo no terço. As três Ave Marias são a força do benzimento. A pessoa pode discordar dessa história de benzimento, mas existe. Até porque nós sabemos que está no livro de Marcos. Conta que foi uma missão que Jesus mandou os discípulos fazer: “Faça isso em meu nome, faça essa cura em meu nome”. Aí também volta a fé, lá vem a história da fé.

⁸² Durante as entrevistas foi relatado que quando as pessoas encontravam as *gentes d'águas* (mãe d'água ou o cabal d'água), às vezes, eram afetadas negativamente com tremores, calafrios, dores de cabeça e febre e, para curar-se desses males, procuravam as benzedoras ou os benzedores.

⁸³ Esse ritual era liderado pelo Sr. Bebé, durante os primeiros sete dias de morte de um ente querido. A comunidade se reunia no cemitério, às quatro da manhã, para prestar homenagem através de rezas, cantos e acendimento de velas ao redor da sepultura do morto, na intenção de encomendar a alma aos anjos e arcanjos. Após esse ritual, seguiam para a casa da família do morto onde era servido um café com variados bolos de goma de tapioca.

⁸⁴ Fogo selvagem ou pênfigo, de acordo com o médico Dráuzio Varela, é uma doença autoimune. A primeira manifestação clínica é o aparecimento de bolhas cheias de líquido, intraepidérmicas, de diâmetros diferentes, primeiro nas membranas mucosas da boca, vagina e pênis, ou na pele do tórax, rosto e couro cabeludo, mas que depois se espalham pelo corpo todo. Quando essas bolhas se rompem, surgem no local feridas em carne viva que podem ocupar grandes áreas e servem de porta de entrada para infecções. É uma doença grave. Ainda não se conhece a causa exata da doença, mas parecem estar envolvidos fatores genéticos e imunológicos, assim como infecção por vírus, o uso de certos medicamentos e a presença de outros agentes externos. No Brasil, o fogo selvagem acomete principalmente crianças e jovens das áreas rurais de algumas regiões. Para mais informações está disponível no endereço eletrônico: <https://drauziovarella.com.br/letras/f/penfigo/>.

Para tudo tem que ter fé. Vai fazer isso com fé, vai benzer tem que ter fé, você peça com fé.

Dona Desa também se pronunciou sobre suas rezas e benzimentos. No momento da entrevista, ela não se desgrudou dos grandes colares coloridos que carrega no pescoço. Sempre se coloca pronta a ajudar quem precisa de seus conselhos e orações. É devota de Nossa Senhora Santana, padroeira do povoado São Domingos e ajuda a comunidade a organizar os festejos locais, inclusive o de São Gonçalo.

Ela já prestou diversos auxílios à comunidade, sendo sempre requisitada para ajudar em questões de saúde, conselhos em conflitos familiares, perda de objetos, rezas para as almas encontrar um bom lugar, proteção para aqueles que iriam ao mar para pescar. Apesar das mudanças que chega à região com o turismo, ela ainda pratica seus saberes e assim se expressa: “Minha filha, crente diz assim, pelo amor de Deus, mãe larga isso, isso não dá certo pra senhora mais não. Mas a gente já está neste destino”.

Em nossa entrevista em janeiro do ano de 2016, perguntamos a Dona Desa:

Carmem- Quais seus santos de devoção na hora dos benzimentos?

D. Desa- São Lázaro, Nossa Senhora do Livramento, São Francisco das Chagas. Tem uma reza para fogo selvagem, mas a gente não chama fogo selvagem, chama fogo brabo, porque se chamar pelo nome dele, ele não morre.

Carmem- O que é o fogo brabo?

D. Desa- Ele pipoca, vai saindo a carreira e pipocando para dentro da carne, esbagaçando a carne. Tem que ser benzimento. Dá febre, frio, dor no corpo. Dizem que é levado por um mosquito.

Carmem- Que planta a senhora usa para benzer?

D. Desa- Às vezes, a gente pode benzer com a folha da mamona bem verdinha ou uma planta bem verdinha que tiver. A arruda também é boa. Eu benzo com a tesoura também. Mas a tesoura que a gente benze ela não corta mais nunca. Depois pode jogar no mato, não presta mais. Se benzer com a tesoura, use só uma tesoura, não use uma, duas ou três, não. É só uma porque essa não corta uma roupa mais nunca. Ela pode ser novinha, não presta, isso tem uma ciência. Em tudo você tem que ter ciência no que você vai fazer.

Durante os benzimentos, D. Desa tem o auxílio dos santos católicos de sua devoção, e também recorre a outros “ajudantes” que lhe ensinaram a arte de benzer.

Tinha aqueles pressentimentos à noite. Eu sabia que tinha uma pessoa que me avisava. Era umas crianças de menor, assim até dez anos. Aí os meninos me diziam tudinho como era. Quando era para benzer uma pessoa, eles mesmo rezavam para eu ver direitinho. E eu aprendia tudinho, aquilo era rápido de eu

aprender. [...] eram cinco crianças que falava comigo. Elas vinham em sonhos, eles contando, eu vendo eles falar tudinho, tudinho.

Ela descreve alguns lugares onde encontrava seus guias espirituais. Cita vários pontos do percurso do rio Preguiças, em geral próximo do seu povoado, como também próximo à Levada do Povoado São Domingos, no porto do Senhor Bebê e no povoado Mangaba. Diz que quando está com *eles* é como se estivesse aqui, na superfície, pois eles moram dentro d'água. Os relatos sobre como D. Desa aprendeu a benzer faz conexão com a beira e fundos dos rios e com a mata. Em seus encontros de aprendizado com as gentes d'água, reflete suas visões de mundo com um forte sincretismo religioso. Ao mesmo tempo, essas narrativas apresentam uma validade social que a ajudaram a perpetuar um modelo de vida.

Ainda sobre vivências místico-religiosas, relata seu encontro com uma alma em penitência:

Era doze horas da noite, estava escuro. Eu disse pro meu marido olhar o menino que eu ia fazer o comer dele. Fiquei no fogão de dentro de casa mesmo. Ah, minha nega do céu, nesse dia vi coisa, fiquei tão agoniada, que caçava terra nos pés [...]. Uma pessoa estava fazendo uma penitência, uma alma que fazia penitência. Quando se saiu de lá, suspendi a luz, ela dizia tudinho o que estava se passando. Ela dava um grito. O galo cantou nesta mesma hora, o burro deu um relincho medonho, o cachorro latiu, tudo misturado dentro desse momento. Eu queria que tu visse, os animais tudinho deram gritos. Gritando que parecia que estavam mordendo eles. Estava do lado de cá do chiqueiro. Quando levantei a luz, vi que aquela alma foi perdida, fazia penitência. Ela se reclamou muito, era muita reclamação. Nesse dia foi pesado.

Ela ainda descreve alguns procedimentos que utiliza em suas experiências místico-religiosas, para vencer casos como alma em busca de penitência, tristezas profundas, casos de alcoolismo, fumo e até animais sumidos.

Nessas alturas, peguei uma vela, fui ao pé de uma bananeira e acendi a vela. Vou fazer aqui um ponto de luz, porque eu não me sossego mais, eu tenho que sair dessa. Acendi a vela e fiquei de joelhos encostada naquela vela. Botei dentro de uma quenginha⁸⁵, aí fui pensar só coisa boa. Tudo que Deus me liberava era aquilo, eu tinha que vencer com o poder de Deus. Aí eu entreguei para os santos: Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora de Montserrat, São Francisco, São Francisco das Chagas, Nossa Senhora do Livramento era de me livrar. Também quando eu acabei de dizer as coisas tudinho que eu queria dizer, acabei de rezar o Pai Nosso. Quando eu levantei de lá eu ia leve. Fiquei tão contente com aquilo ali.

Em suas experiências com benzimentos, ela afirma que busca sempre ajudar a quem precisa. Relata como encontrou uma vaca de sua comadre que sumiu.

⁸⁵ Quenginha ou quenga, é um vasilhame que aproveita metade de um coco da praia, após a retirada da polpa.

Uma vez a rês [vaca] da minha comadre se sumiu [...]. Aí seis horas, saí pra fora, fiquei olhando e tudo, me preparei direitinho. Porque eu vi, a gente se concentra, a gente fica bem concentrado ali, senta bem e aquilo ali vem, a pessoa vê. Parece que a gente está olhando aquilo bem direitinho. Eu a vi passando no caminho do jeito assim. Aí uma pessoa me disse que ela estava ali. A pessoa disse: “Você procura é essa?” Quando deu de manhã, levantei, saí. Falei para ela [comadre], aí ela foi no dito lugar e a vaca estava lá. Essas coisas têm as horas certas. Dia de sexta-feira, seis horas a gente se prepara. Isso aí não é brincadeira não, tem as horas certas, tem os momentos, você se previne.

Dona Desa lembra com respeito de uma antiga moradora, D. Isabel, conhecida pela força de sua reza:

Um dia ela saiu de casa, cinco horas da manhã. No caminho, viu uma cobra. Mas lá mesmo a cobra ficou. A velha Isabel tinha matado a cobra só na reza. A reza tinha efeito imediato. Outra vez um camaleão comeu o feijão do seu canteiro de temperos. Então ela disse: “Tu vai secar e tu daí não sai”. O camaleão caiu no chão sequinho.

Segundo D. Desa, existem pessoas de reza forte para neutralizar o mal, como D. Isabel, assim como pessoas de “olho ou mão ruim” para os bichos, para plantas e até para as pessoas. Ela exemplifica: “A Nezita do Osvaldo chegou na casa de Dona Sisi, e lá tinha um pé de pimenta grandão, estava encarnadinho, que estava baixando. Ela foi e tirou uma mão cheia de pimenta. Com vinte quatro horas, ele morreu até na raiz.” Esses exemplos são repetidos nas comunidades no sentido de proteger os canteiros, as plantas frutíferas do quintal e até mesmo as roças. Essas narrativas perpassam a vida real no sentido de manter o vigor da planta.

Outra história bem comentada é a da avó do Sr. Zeca e suas rezas fortes. Os moradores contam que D. Vitorina era uma velha senhora que não sabia ler nem escrever, no entanto, sabia rezar muito. Dizem que até quem quisesse se esconder ela escondia. Curava qualquer pessoa ou animal rezando. A troca de experiências sobre rezas, curas, benzimentos, e até a anulação de malefícios eram compartilhados em vários momentos, principalmente quando estavam reunidas, costurando roupas, tecendo redes, esteiras e sacolas, ou cozinhando.

Os relatos e percepções dos ribeirinhos sobre suas rezas e benzimentos trazem para a vida prática as visões de mundo sobre como estar protegido diante dos fatos inesperados da vida diária. O caso da cobra - que poderia ter atacado dona Isabel - e o ataque do canteiro pelo camaleão exemplificam essa visão quase mágica do mundo no sentido de manter certo controle sobre as forças da natureza. O rito de passagem para se tornar um benzedor ou uma benzedeira está ligado fortemente com as *gentes d'água*. Em todos os relatos é recorrente a relação com o mundo das águas.

3.5 - As narrativas sobre medos e assombrações

Nas rodinhas de conversas, nos terreiros das portas de casa, o assunto do dia eram as histórias de medos e assombrações, principalmente as narrativas sobre as botijas de ouro enterradas e encantadas e as histórias de pactos com o diabo. Como irmãs siamesas essas histórias carregam com força o fenômeno do assombro.

Em suas pesquisas sobre a cultura popular do sertão nordestino, Câmara Cascudo (1975) revela muitas narrativas sobre botijas, as quais variam de acordo com a época, o espaço e as pessoas que estão narrando. Macedo e Lopes (2012, p.22) reforçam que a sobrevivência dessas histórias é uma das evidências de como se dá a relação entre o mundo natural e o sobrenatural. Assim, a recorrência ao sonho de botija funciona como elemento desencadeador de rememoração do passado.

De acordo com Macedo e Lopes (2012, p. 23), as botijas são tesouros em forma de moedas (de ouro e prata) ou de joias que foram enterradas em lugares secretos por determinadas pessoas, em eras passadas. Essas pessoas, após a morte, acabam se tornando almas penadas e não conseguem encontrar o caminho da salvação, devido terem abraçado os valores da ganância e ambição em vida.

No rastro dessas histórias Dona Maria nos contou o caso da botija de ouro enterrada na Lagoa Grande. Essa lagoa fica nos arredores da comunidade São Domingos.

A dona Bebezinha, nós conhecíamos ela por esse nome. Bebezinha diz que sonhava que vinham dizer pra ela que tinha lá um dinheiro, uma vasilha com ouro pra ela, que deram o sinal, viu no sonho. Deram o sinal pra ela. Debaixo de uma planta chamada *barbatimão*, ela ia ver umas labaredas de fogo, que ela olhasse as labaredas crescendo. No local que as labaredas apagassem, ela ia ver uma faca enfiada na terra, e que ela pegasse na faca. Quando ela pegasse na faca estava desencantado o dinheiro. Aí, cinco horinhas da tarde ela ia pescar lá nas lagoas, uns peixinhos desse tamanhinho, as piabinhas. Aí, nessa tarde, nesse dia, falaram muito em sonho isso.

Quando nesse dia, à tardinha, ela foi mais o filho dela pescar. Tempo de inverno, a lagoa bem cheia. Quando ela já estava pescando, quando ela olha, vê o fogo no pé de planta. Aí ela encarou o fogo. O fogo baixou, até tocar no chão. Quando tocou no chão, ela viu a faca enfiada. Então ela ficou com um medo louco, correu pra casa, pegou na mão do filho dela e correu pra casa. Quando foi de noite ela sonhou, o cara veio de novo e disse:

- Oh! Por que que você não pegou na faca?

Pois bem, ela ficou com medo da casa. Dizem que passou a ver acordada o vulto. Aí ela ficou com medo desse local. Ela morava num sitiozinho, o dono botou eles pra criarem umas cabras. Aí ela entregou e foi morar em outro local mais abaixo, e pra lá acabou de criar os meninos dela. Esse local que eu falo, que é na Lagoa Grande, dizem que tem botija, tem *arrumação* de visagens lá. [grifo nosso]

A planta denominada barbatimão, que seria o lugar onde as labaredas de fogo apareciam na história de D. Maria, foi recorrente em várias histórias de botijas, até considerado o guardião das botijas. É uma planta comum na comunidade São Domingos. Os ribeirinhos têm cuidado com a planta, não a desmatando quando vão fazer roças.

A palavra *arrumação* surge da boca de nossa entrevistada, como algo nada auspicioso, cercado de perigos diante da incerteza da situação. Dona Bebezinha da história de D. Maria sonhou várias vezes com alguém que lhe incentivava a pegar o ouro enterrado. Um dos aspectos fundamentais que emergem das narrativas que tratam de botijas é o sonho, segundo Cascudo (1975), lembrado em narrativas de muitos povos em diferentes épocas, aparecendo como aviso divino ou sobrenatural.

E dona Maria ainda reforça que uma artesã do povoado que costumava passar pela Lagoa Grande também viu a *arrumação*:

Uma pequena que vinha vender tapetes, ela vinha bem cedinho, faz pouco tempo. Ela passou cinco horas da manhã, ela levantou e veio vender tapetes com outra mais nova. Quando ela chegou no ponto exato da Lagoa Grande ela viu pra dentro do mato um clarão. Quando é seis e meia da manhã, dentro do mato, se torna um pouco turvo. Ela ficou assim, parou, entrou no mato, numa meia vereda, caminhou e diz que ela viu no chão de longe assim um objeto escuro que brilhava, preto, mas que brilhava. Ela ficou com um medo louco. Correu pra trás, pegou na mão da garota e foi embora pra Barreirinhas vender os tapetes. Pra lá venderam, compraram as coisinhas e voltaram onze horas. Quando foi onze horas que ela ia passando, já de volta pra casa, ela se lembrou de entrar no mesmo ponto que ela tinha entrado, onde ela tinha visto aquela *arrumação* de ter uma luz acesa. Ela pensou assim: “Vou já lá olhar.” Ai tornou entrar, diz que o negócio ainda estava no mesmo lugar. Estava uma mala preta, mas diz que tão preto, um objeto como uma mala. Preto que brilhava assim na vista dela. Ficou louca de medo.

Os moradores entrevistados se referem sobre o *medo louco* que sente o escolhido para desenterrar uma botija. Muitos adoeceram ou morreram após tal aventura, mas existem aqueles corajosos que são caçadores de tesouros e até planejaram a busca da botija. Na beirada dessa lagoa, todos os moradores dizem que há uma botija de ouro enterrada e falam ter visto ali fenômenos estranhos, tipo um fogo que aparece do nada, debaixo do barbatimão, velas acesas ou um grande cachorro. Para desenterrar a botija o ritual é ir sozinho ao local, que é avisado em sonho para a pessoa específica, assim como a hora e os sinais que indicariam o sucesso da empreitada.

Similar à história da botija dada a D. Bebezinha é a que uma velha senhora relata sobre um sonho com uma botija de ouro que era para ser desenterrada no porto que dava para os fundos de sua casa, às margens do rio Preguiças. No sonho, ela tinha que desenterrar uma botija que estava na beira do rio perto de uma árvore. Ela veria um gato preto. Esse era o sinal de que

estava no lugar certo. No entanto, ela deveria ir sozinha. A senhora relatou que teve medo e nunca foi lá desenterrar a tal botija.

Durante as entrevistas, foram relatadas pelos moradores histórias das velhas fazendas Santo Inácio (no antigo povoado Santo Antônio) e Santa Cruz, lugares que deram origem ao município de Barreirinhas. Veio à tona a história sobre o encantamento e desencantamento de tesouros naqueles locais.

Dona Maria e o Sr. Enéas Conceição relatam que, na Fazenda Santa Cruz, durante a revolta dos Balaios⁸⁶ (Balaiada, ocorrida entre 1838 e 1841), para proteger seus pertences, o senhor de engenho reuniu todo o ouro que possuía e chamou um escravo de confiança, entregando-lhe um tacho cheio de ouro e prata. Ordenou a este escravo que o escondesse em um lugar seguro e que não deveria revelar sua localização a ninguém. A fazenda foi invadida e saqueada pelos balaios. Torturaram muitos escravos da fazenda. Nesse ínterim, alguém revelou o nome do escravo que escondeu o tesouro. Os balaios o açoitaram à exaustão, mas ainda assim ele não revelou o esconderijo do tesouro do senhor do engenho. No terceiro dia de açoite, já sem orelha e sem dedos, o escravo morreu. E assim nasceu a lenda de que o tesouro, agora encantado, repousa nas profundezas do rio Preguiças. Muitas outras histórias são recontadas afirmando que esse tesouro foi desenterrado e entregue aos descendentes dos donos da fazenda. O ritual da descoberta do tesouro é cercado de acontecimentos, sonhos, doenças e morte dos que se aventuraram na busca do ouro.

A narrativa sobre o negro açoitado pelos balaios, símbolo da violência da ocupação da fazenda, foi contada e espalhada em toda a região. Ouvindo essa história não de uma, mas de várias pessoas, uma indagação nos despertou: Quem teria espalhado essa versão da história? Acreditamos que provavelmente a pequena elite local tenha repassado essa narrativa, pois em suas nuances carrega consigo elementos de estigmatização em relação ao Movimento da Balaiada.

Novamente, D. Maria relata mais uma história do tesouro encontrado na antiga Fazenda Santa Cruz. Segundo a entrevistada, havia vários locais de tesouros enterrados, inclusive dentro da casa principal da fazenda.

Na Santa Cruz, antes de Barreirinhas, tem até um mausoléu onde estão enterrados os donos. Acharam o tesouro que estava enterrado lá. O moço que

⁸⁶ A Balaiada ocorreu no período de 1838-1841. Foi uma revolta de negros e índios contra os grandes proprietários agrários da região. Foi um movimento marcadamente popular. Naquele momento, a sociedade maranhense estava dividida, basicamente, entre uma classe baixa, composta por escravos e sertanejos, e uma classe alta, composta por proprietários rurais e comerciantes. O movimento iniciou-se na região do Piauí se concentrando em Aldeias Altas, atual Caxias-MA, de onde se espalhou pela região maranhense. A Balaiada foi debelada por Luís Alves de Lima e Silva - Duque de Caxias (JANOTTI, 1987; SANTOS, 1983).

morava lá, o encarregado da fazenda, ele e o irmão dele contaram mesmo, não foi brincadeira. Ele disse que em sonho lhe foi dado o tesouro enterrado. Eles dois foram e tiraram. Cavaram lá debaixo dos tijolos e encontraram. Tinha era muita coisa de ouro e tinha umas armas antigas tudo dentro de um tonel. Dizem que ele botou dentro de um cofre, encheu o cofre de coisa que achou debaixo do chão. Ele pegou e levou pra dona Maria Lúcia Godinho que ainda é viva, mulher do finado Antônio José. Ele pegou e entregou pra ela. Pois é ela que é a dona hoje em dia da fazenda Santa Cruz. Pois bem, aí diz que depois deram em sonho de novo pra ele. Ele disse que não ia arrancar, de jeito nenhum, porque ele não se sentiu bem, porque o irmão dele que ajudou ele a arrancar morreu dentro dois meses, porque arrancou o tesouro. Do nada o irmão dele adoeceu e morreu. Aí ele disse que não ia mais arrancar e não arrancou. Ele não queria mais aquela graça de jeito nenhum. [...]. Isso não está com muito tempo não, pode estar com quinze anos que aconteceu isso.

Diferente de muitas histórias de desenterramento de botijas de ouro, neste caso, aquele que encontrou o tesouro o devolveu à atual dona da velha fazenda, D. Maria Lúcia. Todos que conhecem tal história na região repudiam a atitude do encarregado da fazenda, pois, em sonho, o tesouro lhe foi dado e depois desenterrado. Novamente lhe deram em sonho outro tesouro, mas ele decidiu não desenterrar, já que, no primeiro desenterramento, o irmão que o ajudou morre dois meses depois e isso lhe causa um sentimento ruim. E não se aventurou mais na busca do tesouro. Como diz dona Maria, *ele não queria mais aquela graça de jeito nenhum*.

Cipriano (2010, p.05) enfatiza que, longe de serem fossilizadas, essas tradições são elaboradas por narrativas a partir de um tempo e de um lugar de constituição histórica, sendo constantemente reatualizadas. Cada uma delas, a sua maneira, fabrica lugares legítimos para falar de verdades que lhes são singulares: as tradições fabricam (com) textos.

O Sr. Manoel lembra da aventura dos seus irmãos, à procura do ouro enterrado na Fazenda Santo Inácio, também chamada de Fazenda dos Padres Jesuítas.

O Candinho e o Sinésio eram já rapazes feitos. Meus irmãos queriam encontrar um dinheiro enterrado lá no Cantinho. Os padres jesuítas, que fundaram a cidade, traziam muito dinheiro. Pra não pagar impostos diziam que eles enterravam o ouro. Na cidade tem muito ouro enterrado por aí. O Candinho e o Sinésio se prepararam com facão, cada um fez uma chibata de relho de boi⁸⁷ pra surrar o cabra [o gritador]. O gritador passava todo mês na noite de lua cheia. [...]. Queriam dar uma surra nele e descobrir onde estava o dinheiro enterrado. Essa era a intenção deles. O grito eu ainda ouvi. A gente escutava. Meu pai deixou eles ir.

Quando o gritador passava, segundo o Sr. Manoel, era indício de que havia botijas para serem desenterradas nas redondezas. Este sinal era percebido em vários locais da região. Os irmãos do Sr. Manoel, muito corajosos, se aventuraram na empreitada de surrar o gritador e

⁸⁷ A chibata de relho de boi, descrita pelo entrevistado, era um bastão seguido de uma tira grossa de couro de boi. A finalidade dessa chibata era castigar o gritador, uma espécie de protetor do tesouro.

trazer ouro, mas não tiveram êxito. O entrevistado explica que o ouro que seus irmãos queriam desenterrar se refere a um carregamento trazido pelos Jesuítas que, para não pagar impostos, enterravam o tal ouro. A ideia de que os padres jesuítas que chegaram naquelas bandas tinham dinheiro e joias é muito difundida entre os ribeirinhos.

Os irmãos do Sr. Manoel expressaram uma coragem extrema para desenterrar o tesouro, fazendo um minucioso planejamento, munindo-se de armas como uma faca e uma chibata de couro de boi. Diferentemente daqueles que eram avisados em sonho para buscar o tesouro e que, em geral, tinham muito medo, como o caso da D. Bebezinha da história de D. Maria, os corajosos irmãos não foram avisados em sonhos. Talvez, por isso, não lograram êxito na empreitada, suspeita o entrevistado.

O Sr. Manoel relata outro caso da aparição do gritador:

Depois da Mangaba tem um carnaubal, um porto com o nome Barracão onde se tirava casca de mangue. Lá um homem ouviu o cara gritando. Aí ele parou a canoa, aí ele gritou, já lá no fim da Mangaba, ele gritou longe, lá no Carrasco. Aí o homem gritou também e o cara respondeu. Não deu cinco minutos e ele [o gritador] estava na beira do rio. Aí o homem ficou com medo e não encostou. Ele gritou e avexou⁸⁸ o grito, avexou. Ele não via ninguém, mas ouvia o grito bem. O homem saiu correndo de medo. Aí dizem que ele [gritador] encostou na canoa do homem e embarcou na canoa.

O gritador tinha essa habilidade de estar em vários lugares rapidamente, ele era “avexado”. Como relata o Sr. Manoel, *bem depressa o gritador já estava na canoa do homem que, por sinal, se assombrou*. Esse personagem era ouvido, mas não era visto, por isso os ribeirinhos o chamavam de *gritador*. Segundo o entrevistado, o grito causava muito medo. Por ordens de seu pai, eles tinham que se recolher cedo da noite para se proteger dessas “coisas”.

Cipriano (2010, p.04-05) afirma que as narrativas sobre botijas enterradas no Nordeste partem de diferentes tradições. A botija extrapola, pois, a definição de mero tesouro enterrado, passando a um constructo narrativo, sendo possível inscrevê-la em pelo menos cinco fortes tradições. A tradição ligada aos jesuítas, explicada através da crença de que eles teriam deixado riquíssimos tesouros em túneis e tumbas, espalhados pelo país; a tradição articulada aos cangaceiros, principalmente, relacionada aos bandos de Antônio Silvino e de Lampião; a tradição que associa as botijas às minas e, especialmente, aos sítios arqueológicos, sinalizadas pelas inscrições grafadas nas pedras; a tradição atribuída à permanência dos holandeses no Período Colonial; e a tradição relacionada aos antigos senhores de engenho em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

⁸⁸ A palavra avexar muito usada pelos ribeirinhos significa apressar, correr.

Nas entrevistas sobre as histórias de botijas da região dos Lençóis Maranhenses, percebem-se indícios de que os jesuítas esconderam tesouros na fazenda Santo Inácio no lugar definido pelos entrevistados como Santo Antônio, hoje chamado Cantinho. Da fazenda restam apenas ruínas de um velho cemitério. Segundo informações colhidas, na formação da cidade de Barreirinhas as pedras e outros materiais vieram da fazenda dos padres.

Dona Adelina Rosa da Silva,⁸⁹ que nasceu em 1925 e morou nos arredores do povoado Santo Antônio (Cantinho), retoma uma narrativa sobre uma botija de ouro enterrada, relembrando as histórias de seu pai:

Papai disse que os escravos moravam lá e depois quando eles saíram de lá, os chefes jogaram o ouro fora, enterraram. Disseram para o papai desenterrar esse ouro. Papai foi lá três vezes, mas no dia não se conteve e contou a história. Quando foi desenterrar, pegou a enxada, cavou, mas não encontrou nada, só uma cobra listrada e carvão. Não encontrou porque contou, não ficou só com ele.

Os tesouros dados por almas de outro mundo dependem de regras entre elas, ou seja, o escolhido recebe o aviso em sonho e deve manter segredo sobre tal aviso, do contrário, o tesouro se transformará em carvão. (CASCUDO, 1998, p. 862 apud CIPRIANO, p.05). Na história de D. Adelina, seu pai contou o segredo do ouro enterrado. Além disso, não houve sonhos. Então, não achou nada, apenas carvão e uma cobra listrada.

Ainda sobre as ruínas da Fazenda Santo Inácio, no povoado Santo Antônio, D. Maria Machado, conta que ouviu de sua mãe a história sobre uma escrava de confiança dos donos da fazenda. Relata que

Maria Vitória de Castro teve uma filha, Maximiana, a Maçu. A vó Antônia é filha da Maximiana [...]. Maria Vitória, ela era bisavó de mamãe. Ela assistiu um negócio que chegou lá. Eles [ladroões] iam levar os ouros deles lá [fazenda Santo Inácio]. Aí pegaram um pano, amarraram nela aqui, nos peitos da velha. Ela era gorda, tinha os peitos grandes. Ela era a mulher da casa, a mucama de confiança. Morava na casa da família rica, os fazendeiros portugueses. Rapidinho botaram o ouro dentro da roupa dela. Esse ouro era do uso das senhoras. Tudinho amarrado, ela saiu de dentro de casa com o ouro e foi para um ponto para os caras não levar.

Depois de tudo ela trouxe, voltou e devolveu o ouro aos donos. Aí os donos gratificaram ela com ouro. Cada dedo da mão tinha um anel de ouro, chamavam mão de ouro. Ganhou um anel para cada dedo e um cordão de ouro de um metro e meio. Ela era dona desse cordão. Ela guardou com ela. Dela ficou para a Maximiana, a filha. Da filha ficou para a Antônia Machado, até ficar para o tio Bebê. Entre os donos acho que foi vovô que vendeu metade do cordão de ouro. Eu sei que hoje a Antônia Maria [filha do tio Bebê] é dona dele. Quando tinha metro e meio dava duas voltas, tinha duas medalhas.

O tio Bebê deu o colar para a filha, como deu tudo para ela, até o porto. O porto era do meu avô. O tio Bebê ficou morando com ele até ele morrer, aí

⁸⁹ O depoimento foi dado a Baial Ramos e incluído na sua obra *A história de Barreirinhas* (2008, p.355).

ficou com tudo. Nunca saiu dali. Só saiu mesmo para o hospital, depois para o cemitério.

Ela conta essa história como um tesouro ganho, sem ser necessário seguir o ritual de desenterrar a botija, passando pelo sufoco do assombro. À Maria Vitoria de Castro foram confiados os colares, pulseiras, anéis e brincos de ouro das senhoras da família dos proprietários da fazenda. D. Maria conta que os proprietários tinham muito apreço pela mucama, pois era uma pessoa de muita confiança. Ela foi realmente a guardiã das joias das mulheres. Como recompensa, recebeu anéis e um colar grande, joias que lhe permitiram, após a liberdade, comprar uma casa para morar com sua família. A entrevistada afirma que a felizarda ficou morando nas circunvizinhanças da fazenda Santo Antônio. Já a sua filha, Maximiana, foi morar no povoado São Domingos com sua família, ali permanecendo com seus descendentes, sendo, provavelmente, uma das primeiras moradoras dessa localidade.

Acreditamos que o colar de ouro - citado por D. Maria, e que se encontra até hoje na posse da geração atual da família - significa resquícios do período da escravidão no município de Barreirinhas, ainda vivo na memória dos entrevistados. O enredo das histórias de botijas enterradas está ligado às aparições de visagens, fantasmas de mortos, pacto com o diabo e homens que viravam bichos. Os moradores das comunidades relataram muitas, cada uma com efeitos fantásticos e tenebrosos.

Dona Rosa relata uma história, muito contada entre eles nas tarefas corriqueiras. Trata-se do Sr. Chico Neto, um homem que virava bicho.

Uma vez estavam todos, mamãe e papai catando feijão, quando seu Chico Neto riscou aqui na porta e sentou numa cadeira e ficou a conversar. Seu Manoel Guilherme chegou e sentou na outra e começou a contar história de Trancoso da terra dele. Aí ele foi e disse assim: “Compadre, o senhor acredita que existe lobisomem? Compadre, será que existe mesmo? O seu chico Neto fez assim: ca,ca,ca,ca,ca [rindo]. Ele foi embora pra casa dele e seu Manoel ficou. Depois disse: “Até amanhã, comadre Rosa, ele falava assim. E o velho saiu. Quando chegou mais ali perto da casa que Isac tinha, a gente ouviu o sopapo. O lobisomem em cima do velho, e o velho arrancou pela faca, e o velho botando a faca no bicho, e o bicho em cima. Mas era um lobo, diz que dessa altura assim [faz o gesto]. Um cachorrão medonho. Aí diz que ele saiu subindo bem na porta da igreja, saiu o chinelo do pé, adiante caiu outro, aí ele se lembrou. Disse: “Oh, compadre Chico, você quer é comer ele”? Aí, quem foi, deu uma gaitada e desceu aqui na carreira que ia doido.

Dizem que o seu Chico Neto tinha um pacto com o inimigo. Ele prometeu um presente pra ele e não entregou, não pagou a promessa que tinha feito. E justamente todo mundo sabe essa história. Ele ficou muito tempo louquinho, louquinho, por resto ele perdeu a perna. A perna dele caiu em vida, apodreceu, caiu em vida. Depois que a perna caiu e foi enterrada, ele ainda viveu dez anos sem a perna, *pagou uma conta muito cara*, se é que ele tinha feito, né? Jesus amado, livrai-nos. E nós ouvindo a história e não sabíamos que era o velho

que tinha botado nele, o dito velho Chico Neto pra comer ele. Quando ele disse “Compadre Chico”, o homem riu e saiu correndo.

Nas palavras da entrevistada, o Sr. Chico Neto tinha um pacto com o diabo. Ele era criador de porcos numa ilha do Rio Preguiças. Segundo os comentários, ele fez esse pacto na ilha, para ser próspero. Nessa ilha havia um local onde ninguém entrava. Era o lugar onde ele se encontrava com o diabo. Dizem que o animal com o qual foi realizado o pacto ou amarração – conforme se referem os ribeirinhos - era apenas um porco especial que não podia ser abatido nem vendido.

A figura do diabo nas narrativas populares é encontrada em vários estudos de Freyre (2000); Cascudo (1998); Rosa (2001). Este define o diabo como uma espécie de “azougue maligno” que se faz presente em cada parte da natureza, rios, pedras, plantas, animais e em nós, numa dualidade entre o bem e o mal. Sendo que, nessa constante “travessia”, estamos tentando vencer o mal (ROSA, 2001, p.12).

No contexto dos ribeirinhos, as histórias sobre pactos com o diabo refletem, de forma pedagógica, que não se deve praticar atitudes fora da moral social da comunidade; do contrário, o pagamento será bastante caro, conforme exemplo dado na história contada por D. Rosa.

As narrativas sobre botijas, pactos com o diabo e homens que viram bichos são histórias que, no fundo, tratam de um sentido moral e organizativo da comunidade. Elas buscam mediar formação do caráter das pessoas que fazem parte do grupo social, principalmente quando se trata da avareza ou do esbanjamento. O sentido de acumulação em comunidades de autoconsumo pode gerar desarranjos sociais. Dessa forma, tanto a acumulação quanto o esbanjamento trazem um significado negativo.

4 - AS MUDANÇAS CHEGARAM

Neste capítulo trabalharemos as transformações que chegaram à região, a partir do advento da Petrobrás (na década de 1960), da abertura das estradas e da presença do turismo. Diante desse panorama, novas práticas foram introduzidas na região. Elementos externos passaram a interferir, de modo geral, nos processos de transportes de grande parte da população. Dessa forma, passou-se da navegação de canoa e barco a remo ou a vela ao barco a motor e aos navios; das longas caminhadas, ao uso de cavalos e jumentos; do jipe e caminhão ao avião; dos caminhos de areia aos de asfalto (estradas de rodagem).

Os ribeirinhos comentam sempre que era costume se deslocar a pé de um povoado a outro ou mesmo de uma cidade para outra pelas veredas que abriam, quando não tinham canoas nem animais de montaria. Como andarilhos, seguiam no compasso do seu tempo. D. Adelina confessa: “Eu viajei pelas lagoas para ir a São Luís, passei três dias andando para ir à festa de Ribamar”. Essa viagem era feita uma parte a pé e outra a cavalo.

Padroeiro dos pescadores, São José de Ribamar, festejado na cidade do mesmo nome, era muito reverenciado pelos ribeirinhos dos Lençóis Maranhenses, pois, sempre pediam bênçãos para uma boa pescaria ou para uma boa viagem sem riscos e perigos. No tempo do

festejo, que ocorre no mês de setembro, iam pagar as promessas feitas ao santo. Hoje, por uma série de fatores, houve certa redução no número de fiéis ribeirinhos à cidade ribamarense.

Os moradores mais antigos lembram que a região dos Lençóis Maranhenses ficou em relativo isolamento até a abertura das estradas. Antes, em muitos povoados, somente era possível sair ou chegar de canoa, de barco, a cavalo ou a pé. O Sr. Antônio Rodrigues⁹⁰ relata que,

Naquele tempo, para ir a São Luís por Primeira Cruz passava dois dias e meio. Ia de animal até Primeira Cruz, passando pelos Lençóis e depois pegava o barco. Só havia dois caminhos para ir a São Luís: no barco do Sr. Domingos Severino, o Ingapura, ou se ia caminhando pela areia nas dunas.

Dona Socorro Costa,⁹¹ hoje, com 83 anos, fala saudosa sobre seu pai Domingos Severino e sua lida com o barco nas viagens para São Luís - MA e Parnaíba - PI.

Meu pai tinha o barco Ingapura, era o nome do barco dele. Ele era comerciante. Todos iam comprar peixe lá em casa. Lá era o mercado de peixes. Às vezes tinha carne, ele tinha gado, matava e vendia. Ele fazia o comércio de Barreirinhas a São José de Ribamar, São Luís e Parnaíba. Ele carregava pessoas, às vezes de graça, e muitas mercadorias. Passava três dias viajando nos rios e mar. A alimentação do barco era comprada no Atins, peixe fresco, salgado e farinha. Meu pai tinha uma ilha onde plantava carnaúba e, às vezes, passava lá para pegar a cera e vender em Parnaíba. Tinha dois tipos de cera: a rosa e a escura. Aí, a viagem demorava mais.

Ainda em suas memórias, ao falar sobre a época do seu pai e sua atividade na navegação, D. Socorro Costa o recorda como um homem muito trabalhador e corajoso. Nunca recuava de nenhum obstáculo, sempre viajando dias e noites adentro.

Os primeiros caminhos por terra para a região de Barreirinhas datam de 1835, o que facilitou a ocupação humana na localidade. Esses caminhos uniam São Bernardo do Paraíba (atual município de São Bernardo do Maranhão) à freguesia de São José do Peraiá - Miritiua (atual cidade de Humberto de Campos). (RAMOS, 2008, p.22). As viagens a pé não eram raras. Os moradores caminhavam muitas léguas. D. Francisca diz que *os primeiros moradores vinham andando, paravam descansavam e continuavam*. Esses caminhos eram também a passagem de tropas de animais de carga que transportavam secos e molhados.

⁹⁰ Depoimento cedido a José de Ribamar Castro Ramos, sendo o relato incluído na obra *História de Barreirinhas*, publicada em 2008, p.346.

⁹¹ Entrevista realizada em dezembro de 2016. Dona Socorro colaborou nos mandatos do irmão Leo Costa, que foi prefeito por duas vezes na cidade de Barreirinhas. Atuou pioneiramente na formação da Cooperativa das Artesãs da região, que hoje está bem consolidada. Divulgou e ajudou a vender o artesanato local em feiras no país inteiro e, inclusive, fora do Brasil.

O Sr. Manoel da Silva esclarece que “*estrada não existia pra Barreirinhas. Na época de 50, só entrava jipe que tinha tração nas quatro rodas. Nesse tempo tinha os jipes, aí, quando passou da época de 60, começou a entrar caminhão em Barreirinhas*”.

Figura 30: Primeiros carros que entraram na região.



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Manoel Silva.

Outros moradores comentam que, antes da Petrobrás, um jipe e um caminhão tipo caçamba já entravam na região, vinham de Parnaíba vender mercadorias. O Sr. Manoel Silva relembra: “*Para a meninada era uma novidade, corriam atrás dos carros numa grande algazarra, com a curiosidade de pegar nos carros*”. Quando a Petrobrás chegou à região, apareceram também mais jipes, tratores, grandes navios, aviões e o hidroavião.

D. Socorro Costa lembra que, além do barco, o avião já era uma novidade na região na década de 1960. No entanto, era um transporte para poucos, ou seja, somente para aqueles que tinham recursos e podiam pagar. D. Maria, do povoado São Domingos, também recorda as formas de deslocamento e tece uma comparação com o modo atual.

As viagens eram de barco. Cavalo ou avião, isso era para poucos. O avião era da companhia Aliança Taxi Aéreo. Cada avião trazia só três passageiros e só para quem tinha dinheiro. Nós, para viajar, era na costa de burros ou caminhando pelas morrarias. No rio era de canoa a remo. Vivíamos à vara e a remo. Poucos tinham lancha motorizada. Essas *paco-paco*⁹² que hoje chamam também de rabeta, poucos tinham, tudo era no remo. Hoje eu vejo poucas canoas a remo, todos têm rabeta [motor]. Até os vendedores de manga têm rabeta.

Pela fala de D. Maria observamos que as novidades iam se inserindo aos poucos, principalmente nas formas de viajar, fosse nas embarcações que circulavam no rio, fosse no

⁹² Os ribeirinhos chamam canoas e pequenos barcos com motores de pouca potência de paco-paco, devido ao som que produz quando está em movimento. Já o termo rabeta foi adicionado pelo fato de o motor ser posicionado na parte traseira da canoa ou barco (no rabo - rabeta da canoa).

avião para aqueles que tinham posses. Os moradores das comunidades ribeirinhas com suas canoas a remo ou a vela esperavam pela maré e pelo vento. Quando D. Maria usa a expressão *vivíamos à vara*⁹³ e *a remo*, ela quer dizer que a vara era a forma como também conduziam suas canoas.

Figura 31: Crianças utilizando a vara e o remo para conduzir a canoa.



Fonte: Acervo da autora

Hoje, com a canoa a motor tipo paco-paco ou rabeta, as viagens ficaram mais rápidas. Dessa forma, os ribeirinhos podem sair de seus povoados a qualquer hora e voltar para casa, em breve tempo, para dar continuidade a tarefas corriqueiras. No entanto, nem todos têm acesso às canoas motorizadas. Ainda é comum as canoas a remo transitarem junto com as demais motorizadas.

4.1 - A chegada da Petrobrás

A chegada da Petrobrás à região foi um marco importante para as transformações nos níveis econômico, social e cultural da cidade, pois trouxe consigo o rádio, nos anos 60; as estradas (que se abriam diante da necessidade de transitar nas areias da região), a energia elétrica e televisão no 70 e, posteriormente, o telefone e o abastecimento de água encanada.

Segundo Ramos (2008, p.131), nesse período, foram iniciados os estudos de prospecção de petróleo na bacia de Barreirinhas, com várias sondas perfurando em determinadas localidades. Apesar de não ter permanecido por muito tempo, a presença da Petrobrás foi um período de destaque do município. D'Antona (2000) afirma que foi um momento marcante, pois trouxe mudanças com a instalação de infraestrutura urbana.

⁹³ Pacheco Filho (2011) estudou a respeito da navegação e das relações sociais ocorridas no rio Grajaú, focando no aspecto da navegação feita pelos grupos sociais chamados de *os vareiros*. Estes eram homens pobres de diversas etnias, que dedicavam anos de árduo trabalho na lida diária do transporte fluvial, conduzindo-o com varas. Na linguagem popular eram vareiros porque “varavam” os caminhos do rio Grajaú.

Um aparelho de televisão foi instalado na praça principal da cidade, tendo sido denominado de “teleposto” pelo povo. Ali vinham pessoas de vários locais assistir à programação, principalmente à noite. O sinal da televisão funcionava precariamente. Vale destacar que as comunidades ribeirinhas só foram contempladas com energia elétrica na década de 1980. À margem de todas as mudanças trazidas pela Petrobrás, os povoados continuavam em seu mundo de tarefas tradicionais.

Antes da Petrobrás, a fonte energética provinha de um motor a óleo que fornecia energia das 18 às 22 horas, apenas para o centro da cidade. Recordam os moradores antigos que o operador do motor, o Sr. Louzada, avisava quinze minutos antes de cortar o fornecimento de luz, piscando três vezes as lâmpadas dos postes, dando o tempo necessário da população se recolher em suas residências.

Os primeiros meios de comunicação e difusão na região dos Lençóis Maranhenses, segundo Ramos (2008), foram os serviços de alto-falantes, com horários e programação definidas. Existiram vários destes, também chamados de *Voz*. Entre elas se destacaram a *Voz da Igreja Católica*, a *Voz Municipal*, a *Voz da Casa Carvalho* e a *Voz do Comércio*.

O Sr. Manoel foi pescador por vários anos, depois virou comerciante, dedicando-se, também, à prestação de serviços de alto-falantes. Ele tinha, sob sua responsabilidade, a *Voz do Comércio*, onde trabalhou no âmbito da comunicação local. Sobre essa experiência, comenta:

Os aparelhos eu comprei de segunda mão em São Luís. Um rapaz queria vender os aparelhos. Aí adaptamos lá com alto-falantes. Não adaptamos para trabalhar na rádio porque ia me ocupar, eu era comerciante, aí teria que largar meu serviço e me dedicar. Eu queria com os alto-falantes. Então tinha todos os recursos lá no aparelho, o aparelho grande, assim, para instalar os microfones e a antena. Mas eu não quis esse tipo de coisa, a antena. Aí eu falava e circulava na cidade toda, muitos quilômetros. Eu não quis com o transmissor, porque eu não ia perder meu serviço. E, pra manter essa rádio, eu tinha que dar permanência nela todo dia, pra poder pegar algumas propagandas. Aí eu vi que não dava, porque eu trabalhava sozinho. Então, pensei em adaptar com alto-falantes. Aí nós botamos os alto-falantes numa mangueira ali na praça. Botamos em cima as quatro bocas e ele adaptou pra mim. Ela tinha todos esses recursos para falar com microfone. Aí mandei adaptar porque servia para a política. Eu podia mudar pra outro lugar, na hora que eu quisesse, levar pro interior, aí eu levava. Tinha as instalações que funcionavam com energia e com bateria. Assim foi que modifiquei de rádio transmissor para alto-falantes. Aí eu levava, quando a gente ia para as campanhas políticas no interior. [...] naquele tempo, década de 1970, eu gostava de política. Foi assim que foi minha rádio.

O Sr. Manoel seguia uma programação em sua *Voz do Comércio* que consistia em uma programação das 19 às 21 horas. Havia o horário das mensagens enviadas pelas (os) jovens namorados(as), paqueras e apaixonados (as). Havia os horários das propagandas do comércio

local. Essas propagandas eram uma forma de captar recursos para manter a *Voz* em atividade. Quando era tempo de política, a *Voz* acompanhava o candidato nos comícios pelos povoados, era feito um contrato autorizado pelo cartório eleitoral. Quando terminava o processo eleitoral, retornava à programação normal: músicas, avisos e propaganda comercial, tudo isso feito através de um contrato de quinze dias ou um mês para pagarem. As *vozes* dos alto-falantes informavam sobre todos os acontecimentos da cidade. As novidades trazidas pela Petrobrás como estradas, jipes, caminhões e aviões eram sempre noticiadas.

A Petrobrás chegou à região abrindo estradas para chegar aos possíveis poços de óleo ou gás. Essas estradas foram um marco para a região sair do tal isolamento, conforme palavras de vários entrevistados. De acordo com o Sr. Manoel Silva,

A Petrobrás, na década de sessenta e setenta, melhorou as estradas. Aí começou a entrar caminhão com tração nas quatro rodas, porque era só areia. Então de São Luís até São Benedito a estrada era de piçarra. Aí de São Benedito pra lá [Barreirinhas] começa a areia. São noventa quilômetros de São Benedito a Barreirinhas. Passava dois dias o caminhão pra chegar. Esses noventa quilômetros, ele passava dois dias viajando dia e noite, só parava pra dormir. Aí quando ele atolava, metia umas tábuas debaixo dos pneus, rodava e ia andando. Quando foi em setenta, melhorou. Botaram piçarra de Urbano Santos pra Barreirinhas... aí começou a entrar ônibus. Ele só ia até Urbano Santos, e de lá o jipe vinha buscar o pessoal de Barreirinhas [...]. Quando foi em setenta, parece que foi no governo de Antônio Olímpio [prefeito], aí ele botou piçarra do Sobradinho pra Barreirinhas. Aí foi que os ônibus passaram do Sobradinho até Barreirinhas.

A partir de 1970, a Petrobrás iniciou pesquisas de prospecção de petróleo na região, cujos resultados definiram sua exploração como economicamente inviáveis, pois não foi encontrado óleo, apenas gás (D'ANTONA, 1997, p.105). Novamente, o Sr. Manoel Silva, que vivenciou o período da Petrobrás na região, comenta a rotina da empresa:

A sede dela era ali onde é hoje o ginásio coberto. Ali era uma casa do Maximiano. A casa era muito grande de 10 a 20 quartos. Tinha um pátio grande. Os carros entravam ali, ficavam dentro do pátio, e a casa dava frente aqui para a avenida, dali ramificava. Os homens que trabalhavam em pesquisa, vinham toda tarde, saíam para o campo e voltavam para dormir. Aí depois de uns cinco anos de pesquisa encontraram os lugares de perfurar, aí veio a torre. Primeiro foi as pesquisas, depois vieram as duas torres de furar. Fizeram vários furos ali na Ladeira e vários no Cantinho. Depois que perfurou a região de Barreirinhas e Tutoia ela [Petrobrás] desceu para a Ponta do Mangue e dali desceu para o Caetés que hoje pertence ao Município de Santo Amaro. Pra lá ela demorou muito, pra lá encontrou petróleo. Lá em Barreirinhas o furo maior foi aquele da Ladeira que ela encontrou gás. Está lá o poço cimentado com placa avisando para ninguém fazer casa perto. Está o quadro lá. Em sessenta, ela chegou com os rebocadores.

No momento em que a Petrobrás incrementou as pesquisas para a prospecção de petróleo, iniciou-se um período de construção de estradas vicinais e a introdução de novos equipamentos de transportes terrestres, como o jipe e o caminhão com circulação mais intensa. O relato do Sr. Manoel Silva esclarece que

O município era todo bruto, sem nenhuma estrada, e ela [Petrobrás] levou alguns tratores, tratorzinho pequeno. A melhoria foi que ela abriu estradas para aqueles lugarejos que só vinha de cavalo. Aí ela tinha muito jipe. Agora benefício para a cidade ela trouxe mais ou menos. Pro município, ela comprava muito, tudo no comércio [...] ela ajudou muito o comércio. Na época que ela teve lá, o comércio cresceu um pouco. E quando ela saiu houve uma decadência no comércio. Todo mundo estava bitolado no dinheiro da Petrobrás. Uma parte de lavrador deixou de trabalhar, foi se empregar, outros foram vender galinha [...]. A Petrobrás beneficiou, mas foi um benefício falso, porque quando ela saiu todo mundo ficou bitolado naquele dinheiro [...] ela desapareceu, aí pronto. A Barreirinhas desceu numa tal situação que dez por cento do pessoal da cidade foi embora pra São Luís.

O encantamento que a Petrobrás trouxe para as pessoas de toda a região foi enorme. Muitos acreditavam que fossem gerados empregos e oportunidades para os de dentro, no entanto a empresa trouxe a mão de obra quase toda de fora. Por isso, o Sr. Manoel expressa que a *Petrobrás trouxe benefício falso*, pois não beneficiou a população local. Foram criadas falsas expectativas, já que poucos foram inseridos no *boom* trazido pela Petrobrás.

O Sr. Enéas Miranda Conceição fala da Petrobrás como ponto de partida para o município sair do isolamento: “*Aqui em Barreirinhas, deu petróleo e gás natural de primeira; na época saiu até na revista O Cruzeiro. O petróleo aqui foi uma coisa. Foi assim que começou o crescimento*”.

Esse tal crescimento referido pelo Sr. Enéas traz as marcas da modernidade brasileira, estudadas por José de Sousa Martins, na obra *A Sociabilidade do Homem Simples* (2000, p.21). Segundo o autor, a modernidade se manifesta na angústia cotidiana da incerteza em face do tal progresso linear, constituída pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico e acumulação de capitais, seguida da crescente miséria globalizada. A modernidade se propõe como estratégia de compreensão e de administração das irracionalidades e contradições da sociedade capitalista.

Nessa discussão a respeito do moderno e da modernidade, Latour (1994, p.15) alerta que

A modernidade possui tantos sentidos quanto forem os pensadores ou jornalistas. Ainda assim todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem de tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras ‘moderno’, ‘modernização’ e ‘modernidade’ aparecem, definimos por contraste um passado arcaico e estável. Além disso, a palavra

encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os antigos e os modernos.

José de Souza Martins reflete sobre ser preciso compreender as contradições da modernidade, especificamente no que diz respeito à realidade brasileira. Para Martins (2000, p.18) há uma interpretação de fundo positivista que reinstaura o escalonamento do processo histórico, pois relega ao passado e ao residual aquilo que supostamente não faria parte do tempo da modernidade, como por exemplo, o tradicionalismo dos pobres migrados do campo para a cidade, a cultura popular e a própria pobreza. Esses fatores seriam, então, manifestações anômalas e vencidas de uma sociabilidade extinta pela crescente e inevitável difusão da modernidade que decorreria do desenvolvimento econômico e da globalização.

Sob a ótica de Martins (2008), esse homem simples tem que inventar caminhos para superar as contradições dessa tal modernidade. Reitera o autor que o homem comum dividido e impotente, cria e recria ritos e procedimentos cotidianos. Recicla relações sociais, reapropria-se das tradições para enfrentar a privação de história e de compreensão plena que lhe impõe a modernidade, que o minimiza e o coisifica. Pressionado, ele adere, resistindo para viver e vencer a seu modo o mal-estar da sociedade da incerteza.

Para perceber esses mundos desencontrados, Martins (2000, p.61) utiliza o termo “fratura” para entender a história social marcada por transições na cotidianidade do homem simples mergulhado no processo modernizador, pois a modernidade anunciada com suas promessas de progresso linear não mostrou suas realizações realmente humanas, mas se pautou em um caráter ambíguo e cínico.

A chegada da Petrobrás, nessa época, alterou sensivelmente a vivência cotidiana, mudando aspectos econômicos e culturais. Essas transformações são percebidas nos relatos orais de todos os que recordam desse momento, falam das tecnologias em transportes como o avião, hidroavião, rebocadores, caminhões e jipes. Através de seu itinerário de busca pelo petróleo, indo até as longínquas morrarias (Lençóis Maranhenses), a empresa mapeou cada canto desses lugares. Ainda hoje encontramos suas marcas em poços lacrados dentro e fora do Parque.

No período da instalação da Petrobrás, houve demandas de serviços como moradia, bebidas e alimentação em geral. Algumas pessoas se beneficiaram desse momento. O Sr. Manoel nos conta sobre a venda de carne para a alimentação dos funcionários da empresa.

Sinésio e Cândido vendiam carne para a Petrobrás. Cândido fornecia para duas equipes da Petrobrás, as de montagem de torres. Cândido comprava o gado, entregava para o irmão. Aí ele matava e entregava para as equipes. Com trinta dias as equipes pagavam. Aquele dinheiro era revertido para comprar mais

gado. Não demorou, já estavam com mais contratos. Ganharam a confiança das empresas. Nesse tempo o couro era vendido seco, aproveitavam e vendiam para outros estados, no fim do mês enchiam um barco de couro para vender em Parnaíba, então sempre tinham dinheiro no bolso.

A entrada de novas pessoas (as equipes de trabalho da Petrobrás) movimentou a cidade, pois eram pessoas de vários estados brasileiros. Alguns desses homens se casaram com mulheres da região. Mas, junto com a empresa, vieram também algumas contendas com os moradores locais que sempre são lembradas. O Sr. João de Deus⁹⁴ relata um desses episódios conflituos entre as pessoas do lugar e os trabalhadores da Petrobrás:

Em uma noite de festa de carnaval houve uma briga entre os trabalhadores da Petrobrás e o povo da terra. Eles faziam a festa deles no salão Vitalina, e nós fazíamos a nossa no grupo velho. Eles saíam da festa deles e vinham dançar sem camisa na nossa festa, eles eram metidos e orgulhosos. Eles iniciaram a briga ao entrar em nossa festa. Na briga, o nosso pessoal deu neles e eles [da Petrobrás] se vingaram, matando brutalmente o finado Ozias.

Como está claro no relato do Sr. João, dançar sem camisa na festa do “povo da terra” era uma quebra de regra séria, pois, tanto na sede do município quanto nos povoados ribeirinhos, só se frequentava uma festa bem vestido. Nos povoados os preparativos para uma festa levavam meses. As costureiras ficavam cheias de encomendas de vestidos, camisas, calças e até paletós, que era chamado pelos ribeirinhos de “casca de banana”.

A briga que culminou com o brutal assassinato do Sr. Ozias pelos trabalhadores da Petrobrás gerou uma consternação geral entre todos da região. Contam com muita tristeza que nunca houve o julgamento dos culpados.

A empresa abandonou as pesquisas na década de 1980, no entanto muitos moradores ainda têm esperanças em relação a um possível retorno da Petrobrás gerando especulações e boatos, dado que os poços lacrados deixaram no imaginário local a expectativa de que ela voltaria para explorar o gás encontrado. Sobre essa expectativa, o Sr. Roberto Oliveira assim se expressa:

Aqui mesmo em Barreirinhas tem um serviço muito grande pra ser feito. Só ainda não foi feito por causa do IBAMA. E o serviço daqui dá para mais de três anos. Aqui já era pra ter sido feito. Só porque pega uma parte dentro do parque. Aí a burocracia pega toda aí. Só sei que a briga está pesada pra liberar esse serviço aí. O poço fica nas proximidades do parque, mas tem dentro do parque para ser feito também. Quem vai fazer isso aí não é a Petrobrás, ela já empurrou o angu pra outro [...] vão abrir um gasoduto desse poço pra refinaria, não sei se vai levar pra Bacabeira [...] Só que tá tudo camuflado pra não estourar a bomba.

⁹⁴Relato do Sr. João de Deus Dias. Incluído na obra *A História de Barreirinhas*, de José de Ribamar Ramos (2008, p.339).

Figura 32: Poço lacrado no bairro da Cebola na sede do município.



Fonte: Ataíde Jr.(2015, p.74).

O relato do Sr. Roberto deixa claro que alguém ainda aguarda a volta da Petrobrás. A presença da empresa na memória dos mais velhos e das gerações mais novas é uma constante. O fio de esperança de seu retorno à região com oferta de trabalho se torna viva no cotidiano dos moradores. É fato que os políticos de atuação nacional e regional usaram a narrativa da existência de poços de petróleo como moeda de troca de votos. A tal refinaria de Bacabeira, município da rota da rodovia MA-402, via região dos Lençóis Maranhenses, nunca se tornou realidade.

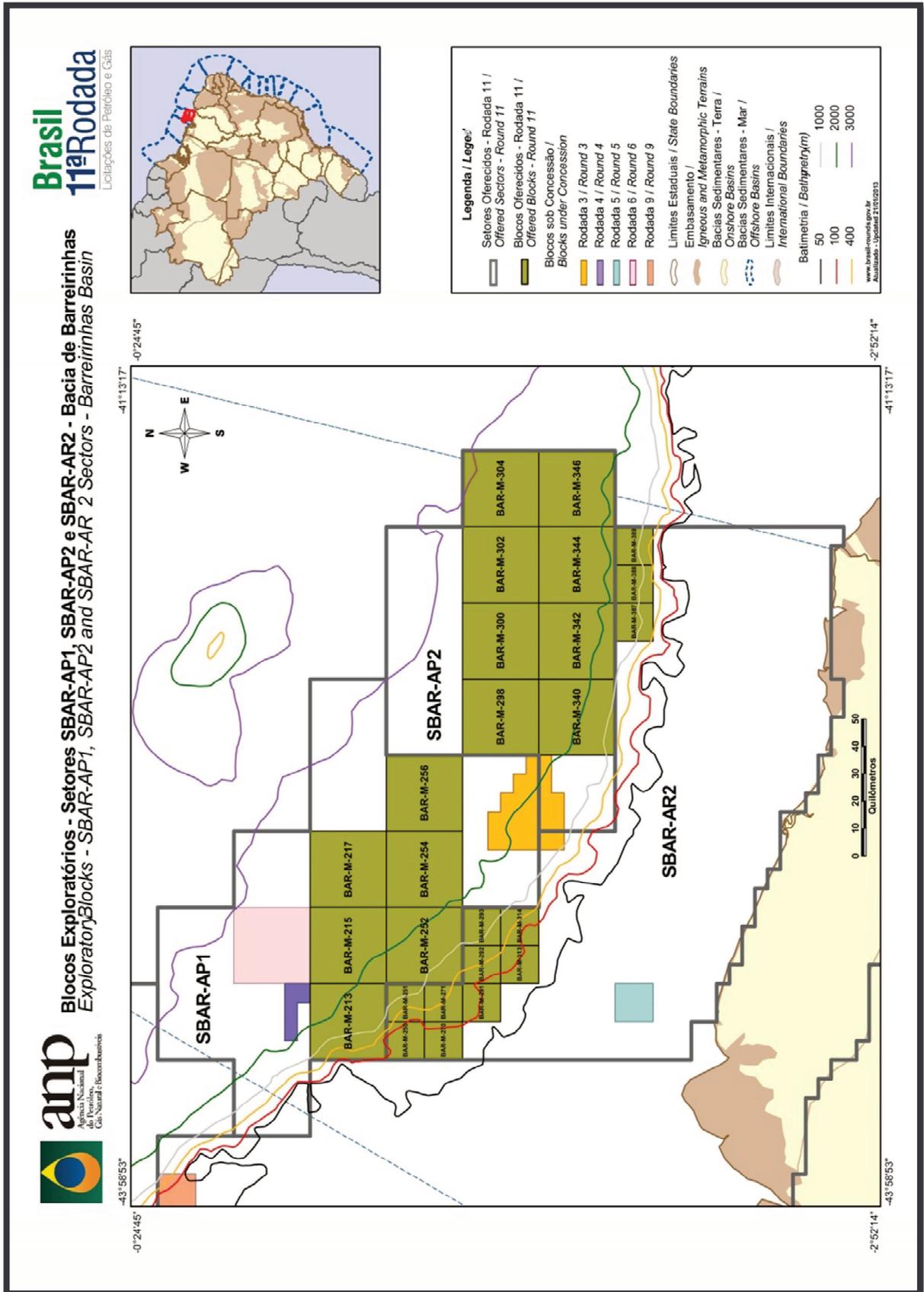
Os poços de petróleo voltaram a ser notícia, sendo esta divulgada em várias mídias, dos jornais tradicionais às mídias eletrônicas. A Secretaria de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Maranhão (SEDINC), no governo de Roseana Sarney, em 2011, divulgou esses fatos como uma oportunidade de negócios, também utilizando essas notícias como bandeira eleitoreira na época.

De acordo com dados da página eletrônica Geofísica Brasil (2012), a área chamada de Margem Equatorial Brasileira, formada pelas bacias da foz do Amazonas, Pará-Maranhão, Barreirinhas, Ceará e Potiguar são todas bacias de fronteira exploratória. Uma região com potencial petrolífero promissor caracterizado pelas descobertas comerciais e subcomerciais.

O Relatório Tecnologia Petrobrás (2012, p.22) expressa que a Petrobrás e o Institut Français de Recherche pour l'Exploitation de la Mer (IFREMER) organizaram dados de refração sísmica profunda e dados de batimetria⁹⁵ ao longo de seções na Bacia de Barreirinhas, litoral do Estado do Maranhão. A refração sísmica permite a visualização de feições mais profundas da geologia estrutural e complementa os dados de reflexão sísmica empregados usualmente pela indústria para a prospecção de óleo e gás. Os dados obtidos já foram incorporados ao processo exploratório da Petrobrás e permitirão ao grupo de interpretação exploratória da Petrobrás aprimorar os modelos de evolução dos sistemas petrolíferos daquela área, reduzindo incertezas geológicas e identificando novas possibilidades para prospecção.

Figura33: bacias petrolíferas na área de influencia de Barreirinhas

⁹⁵ Processo de mensuração da profundidade dos oceanos e mares com uso de sistemas acústicos (ecobatimentos) (RELATORIO DE TECNOLOGIA PETROBRAS, 2012, p.68).



Fonte: Agencia Nacional do Petróleo (ANP)

Na área do município de Barreirinhas constam bacias marítimas e bacias terrestres. Essas bacias fizeram parte da 11.^a rodada de licitação de óleo e gás da Agência Nacional do Petróleo (ANP). Foram ofertados 26 blocos no mar, com área total de 13.073 km², mas pela dificuldade de seu licenciamento ambiental, poderão ficar fora da rodada de licitação⁹⁶.

As informações pesquisadas em jornais e revistas, além dos documentos da própria Petrobrás, coincidem com as informações orais dos ribeirinhos a respeito dos acontecimentos da empresa em questão, denotando grande perspicácia desses grupos na busca de informações.

4.2 - *Navegar é Preciso: as mudanças nos caminhos dos pescadores-navegadores*⁹⁷ da região dos Lençóis Maranhenses

As tarefas realizadas por homens e mulheres na região dos Lençóis Maranhenses sempre tiveram e ainda têm os caminhos d'água como referência. Durante a pesquisa de campo, nossos entrevistados nos relataram suas longas viagens de canoa, barcos, navios. Sendo eles pescadores-navegadores, lavradores, artesãos, artesãs e comerciantes, todos trilhavam os riachos, rios e mares.

Eles nos falaram que, durante as tardes na cidade de Barreirinhas, quando o vento passava a soprar para o continente, o rio se enchia de barcos que se dirigiam ao porto: barcos a remo, barcos a vela, barcos a motor e canoas de todos os tipos. Aí vinham pescadores-navegadores, vinham extrativistas, vinham contrabandistas, e os comerciantes com suas cargas de mercadorias.

Os moradores das comunidades ribeirinhas experimentaram e experimentam as várias práticas de trabalho, indo da agricultura à pesca. Depois tornaram-se navegadores e comerciantes, já que eles mesmos faziam a venda do peixe e marisco. A habilidade em manejar as embarcações levou-os à aventura de viajar em grandes navios. O contato com o mar lhes deu a astúcia de conhecer as estradas marítimas que lhes conduziram a navegar para mais longe, em outras águas. O Sr. Gerônimo Ferreira⁹⁸ resume sua vida nos diversos setores:

Trabalhei na roça e depois comecei a trabalhar no barco. Trabalhei viajando de barco de São Luís a Belém; depois fui para o Rio de Janeiro, onde comecei a trabalhar em navios. Conheci o mundo inteiro. Por diversas vezes passei pelo canal de Suez. Depois de minha aposentadoria, eu vim para Barreirinhas, onde

⁹⁶ Informação disponível em < <http://www.geofisicabrasil.com.br/noticias> > acesso em 28/04/2011

⁹⁷ Por serem experientes conhecedores dos trajetos do rio e do mar, os pescadores se tornavam hábeis navegadores, chegando a viajar por longas distâncias, inclusive para outros países. Muitos se profissionalizaram como navegadores.

⁹⁸ Depoimento cedido a Baial Ramos, incluído na obra *História de Barreirinhas*, publicada em 2008, p.357.

estou até hoje. Deixei o Rio de Janeiro pelo rio Preguiças [...]. Eu fiz tudo na vida, dirigi barco no mundo inteiro, mas não sei ler nem escrever uma carta.

Muitos agricultores e pescadores-navegadores iniciaram suas atividades com as viagens constantes para Parnaíba no Piauí, cidade onde era fornecida a maioria dos produtos que eram vendidos no comércio do município de Barreirinhas. Também viajavam para adquirir produtos em Belém e São Luís. Em São Luís o comércio abrangia tecidos e outros produtos. Compravam em São Luís e vendiam em Barreirinhas. Os produtos eram variados: de secos e molhados a tecidos e confecções, materiais de pesca, instrumentos para trabalhar na lavoura e no extrativismo. Essas viagens foram o pontapé para outras, de longas distâncias.

Muitos entrevistados - ao lembrarem o trabalho de seus pais no extrativismo do manguê vermelho e da carnaúba, às margens do rio Preguiças - destacam a entrada de grandes navios que faziam o transporte de matérias-primas para a cidade de Parnaíba, para outras regiões do Nordeste e até para o exterior. Esse extrativismo era feito, em larga escala, por empresas que financiavam a produção da casca do manguê e da cera de carnaúba. O navio adentrava o rio Preguiças, pois, nos idos de 1940 e 1950, a profundidade do rio era maior, podendo, assim, os grandes navios entrar e ancorar em suas margens. O Sr. João de Deus Dias⁹⁹ nos relatou que “antigamente vinha navio até a Vila Regina apanhar casca de manguê para levar para Portugal onde era feita a tinta e eles traziam telhas e azulejos”.

Os navios que entravam na região para buscar a casca de manguê vermelho e a cera de carnaúba, como já mencionamos, funcionavam à base de motor potente, no entanto a maioria da população local navegava em canoas remo e barcos a vela. Mais tarde, a extração da casca do manguê acabou, e o extrativismo da carnaúba diminuiu.

A partir dos anos 60, a navegabilidade ganhou contornos diferentes. A entrada de navios na região também motivava a saída dos pescadores-navegadores em busca de outras formas de renda. Entra em cena a prática do contrabando de bebidas, cigarros e outros produtos industrializados que eram trazidos das duas Guianas (Francesa e Inglesa) e do Suriname. Esses pescadores-navegadores faziam essa longa distância por rotas alternativas, pois a fiscalização da marinha era muito forte. Saíam dos portos clandestinos sempre pela madrugada para não serem pegos pelos fiscais.

Os pescadores-navegadores seguiam pelo rio Preguiças, adentravam a foz do rio em direção ao mar. Como a viagem era clandestina, escondiam-se nas ilhas que compõem a costa maranhense e assim se safavam da fiscalização.

⁹⁹ RAMOS, (2008) Obra citada, p.337-341.

Figura 34: Mapa dos Lençóis Maranhenses e os caminhos que levam ao mar.



Fonte: Centro de Formação Cultivar/Florescer (adaptado por Alberto Miranda)

Figura 35: Recorte do mapa da América do Sul.



Fonte: Guiageografico.com/mapas (com adaptações)

As navegações exigiam dos navegadores uma grande perícia, pois o mar da costa maranhense é cheio de ilhas e bancos de areia com grande possibilidade dos barcos encalharem. Esses navegadores aprenderam habilidades de navegar em áreas difíceis e de longa distância, orientando-se pelos astros, ventos, cor da água e maresia. Dessa forma, trilhavam rotas marítimas saindo de Barreirinhas para Parnaíba, depois para o porto da Raposa em São Luís, e daí se dirigiam a Belém, Manaus e Barcarena. Esses portos, segundo alguns entrevistados,¹⁰⁰ eram todos clandestinos.

A estratégia para as longas viagens clandestinas era a seguinte: compravam o café em Parnaíba e o armazenavam nos barcos para o cheiro do café disfarçar outros cheiros, pois, nestas viagens também levavam a maconha no couro da raposa¹⁰¹. Cada couro pegava meio quilo de

¹⁰⁰ A respeito do contrabando na região, ocultamos os nomes dos entrevistados a pedido deles, pois muitos ainda têm receio de ser investigados. Como passaram por difíceis momentos, inclusive, a prisão, esse assunto é bastante doloroso para eles.

¹⁰¹ Essas viagens em que levavam maconha eram chamadas de *viagens no couro da raposa*. Como era necessária uma grande quantidade de raposas a serem capturados, os navegadores as encomendavam com bastante antecedência. Assim, chegavam aos portos clandestinos enormes fardos do couro da raposa. Os moradores relatam que, na região, na década de 1960, havia muitos animais silvestres, macacos, preguiças, patos selvagens e raposas, entre outros.

maconha. Passavam dois a três dias no porto, ensacando e costurando o couro da raposa cheio da maconha para a viagem. Para um ganho maior, levavam em média quinhentos couros de raposas. Quando completava um barco cheio dos produtos que levariam, eles zarpavam barra a fora para suas longas viagens. Chegando ao destino, trocavam sua mercadoria por uísque, lanterna, rádios, sandálias emborrachadas. Esses produtos passaram a circular no mercado da região dos Lençóis Maranhenses. Desse modo, vários produtos viraram necessidades por lá, principalmente as sandálias emborrachadas que se tornaram novidade muito desejada, pois, na época, ainda se calçavam os tamancos de tiras de couro e solado de madeira, feitos por artesãos locais.

Com a chegada de muitos trabalhadores da Petrobrás na região, o consumo de uísque aumentou consideravelmente, então, aqueles que traziam o produto o vendiam rapidamente. Nessas viagens, muitos conseguiram acumular dinheiro, mormente aqueles que tiveram a sorte de não serem pegos pela intensa fiscalização. Muitos, no entanto, foram presos, condenados e banidos. Perderam tudo e, ainda hoje, estão passando necessidades.

A navegação para Parnaíba (PI), São Luís (MA) e Belém (PA), assim como as viagens clandestinas para o Suriname e para as Guianas cessaram com o término das atividades da Petrobrás. A navegabilidade hoje ficou concentrada nos barcos e lanchas de turismo (jet-skis, voadeiras, iates etc.), bem como nas canoas que transportam o peixe, a mandioca, o capim para o cavalo, o buriti colhido nas margens do rio.

No processo de transformações que passa a região em estudo com estradas pavimentadas (MA-402), as distâncias agora se dão entre o rio e sua foz em função da atividade da navegação turística que se diferencia da navegação tradicional.

4.3 - A chegada dos padres com novas ideias aos povoados camponeses e ribeirinhos

As entrevistas com os ribeirinhos durante o trabalho de campo nos mostraram uma face que até então desconhecíamos. Foi a chegada de padres e freiras com ideias de organização, cooperativismo, sindicalização, além de assistência técnica agrícola e educação para os povoados camponeses¹⁰² e os ribeirinhos.

¹⁰² D'Antona (1997), obra já citada, faz um relatório dos povoados rurais longe do litoral da região dos Lençóis Maranhenses.

A chegada desses padres e freiras trouxeram para a região junto com a mística religiosa católica, ideias de uma produção agrícola mais organizada, inclusive encorajando no cuidado e replantio de espécies nativas como o buriti, caju, juçara e outras mais.

Dona Maria relata um pouco sobre a presença desses religiosos e sua importância para as comunidades rurais e os ribeirinhos da região.

Quando eles chegaram em 1960 e 1970 em diante, aqui era um lugar isolado, então, o padre Roberto trouxe com ele três freiras. As freiras eram canadenses e o padre era francês. Eles trabalhavam nos campos. Depois eu soube direitinho que eles eram da Pastoral da Terra. Muitos ficaram felizes com a vinda do padre, outros disseram que era padre comunista. Porque eles trouxeram muitas coisas diferentes para dentro do catolicismo, por isso chamavam ele de padre comunista. O prefeito era de outra religião, deu contrário com ele [padre]. As ideias dele eram muito arrojadas para nós. Ele foi formando e reunindo os trabalhadores rurais, por isso os políticos foram contra ele. Ele preparava a comunidade. Ouvi uma mulher, dona de muita terra, falando que ele formava era “comunidade”. Só porque eles chamavam o povo para se reunir. Eles traziam tantas coisas, trouxeram filmes, passavam o filme de como era o desenvolvimento na França e em outros países. Era para mostrar as coisas, as frutas dando muitas, aquele progresso de outro lugar, para o povo ficar por dentro de como são as coisas quando se trabalha. Nesse entremeio, tiveram a ideia de plantar o caju, foi outra coisa boa.

Esse grupo de religiosos com ideais vinculados à Teologia da Libertação¹⁰³ se embrenhou dentro das comunidades camponesas e ribeirinhas da região e incentivou-as a se organizarem em associações e sindicatos, criando assim o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, tanto na sede do município de Barreirinhas, como nos povoados. D. Maria conta como foi a primeira reunião de fundação do sindicato no povoado São Domingos:

Os padres fizeram a reunião. Botaram o livro na mesa para assinarem, para quem quisesse ser sócio vir ali e assinar. Um chegava, olhava. Outro chegava, olhava. Quando deu meio-dia, o livro lá, e ninguém tinha assinado. Todo mundo convocado para a reunião, chegava, olhava para o livro e dava para trás. Não assinava, com medo, porque não sabia o resultado do que ia acontecer. Uns diziam: “Foi a besta fera que chegou, é a guerra que vem”. Outros diziam: “Quando dá fé cai a bomba atômica aqui” ou “Isso aí é para convocar o povo para a guerra”. De fato, trabalhar é uma guerra. Quem

¹⁰³ Eric Hobsbawm (1995, p. 438) enfatiza que a América Latina trouxe uma intrigante e perturbadora novidade para a velha tradição esquerdista, basicamente constituída por seculares e anticlericais: o surgimento de padres católico-marxistas, que apoiavam e participavam de insurreições, chegando, até mesmo, a liderá-las. A tendência, legitimada por uma teologia da libertação, foi apoiada por uma conferência episcopal da Colômbia (1968), surgida após a Revolução Cubana. Então, de acordo com Silva (2006), a Teologia da Libertação se dá a partir das transformações sofridas pela Igreja Católica Romana, ao longo do século XX, precisamente na sua segunda metade. Esse movimento visa atuar na luta pelas classes empobrecidas das nações latino-americanas: camponeses expropriados do acesso à terra, proletariados moradores das favelas e subúrbios, entre tantos outros. Assim, é desenvolvida uma nova reflexão teológica voltada para os anseios e necessidades desses homens e mulheres.

levantou primeiro foi compadre Valdo. Ele era novo. Meu papai levantou também, depois os outros.

Em suas reuniões com os ribeirinhos e os camponeses, os padres e freiras orientavam sobre cooperativismo e técnicas agrícolas. Trouxeram noções de sustentabilidade ambiental, mobilizando essas comunidades a preservar as árvores nativas, como o buriti, o caju, a juçara, o bacuri e o pequi, frutos esses que eram a base da alimentação local. Nos vários povoados o padre Roberto Pourraz orientava sobre como trabalhar coletivamente nas plantações, na construção de casas ou na abertura de estradas. Em caso de necessidades extremas doava roupas e alimentos.

O envolvimento do Pe. Roberto Pourraz e das freiras com os ribeirinhos e camponeses era motivador. Segundo a entrevistada, eles acompanhavam os agricultores em suas hortas, plantios e áreas de extrativismo, sempre com muita atenção. D. Maria relembra um episódio em que o padre doa sua camisa para um homem que perdeu a casa num incêndio.

Minha tia Gina cuidava da roupa dele [padre] e disse pra nós que era até preciso remendar. Ele pediu para a família dele mandar roupa, mas também quando ele via um com necessidade, ele tirava a camisa e dava. Ele deu para um homem no São Domingos que sua casa queimou, era o senhor Sabino, ele deu roupa. Uma camisa, me lembro muito da camisa do padre Roberto, era de quadro. Vi o Sr. Sabino usando a roupa dele.

Como já foi dito, o extrativismo é uma prática dos moradores há décadas. Por exemplo, o buritizeiro é sempre aproveitado como fonte alimentar e de renda. Do fruto são feitos doces, garapas e licores, alimentos que mantiveram e mantêm a população. O extrativismo desse fruto ainda é bastante praticado, pois a palmeira do buriti passou a ser protegida pelo povo que dele se alimenta, faz o artesanato da fibra e dali tira seu sustento.

O mesmo ocorre com o cajueiro. No caso da produção da castanha, a orientação era o cuidado com os pés de caju, para que estes fossem mantidos nos quintais e junto das suas roças, assim seria garantida mais uma renda extra com a coleta planejada da castanha. Nativo abundante na região, o caju constituiu um fruto importante para os moradores. D'Antona (1997, p.94) enfatiza que entre o extrativismo e a produção organizada, a castanha se tornou a principal fonte de recursos do município, sendo importado para outros estados do Nordeste.

Figura 36: Armazém de compra, venda e distribuição de castanhas em Barreirinhas.



Fonte: Acervo da autora

A coleta do caju era mais uma tarefa feita pelos membros da família que, diariamente, recolhiam as castanhas, à medida que o fruto amadurecia e caía. A mão de obra familiar não dispensava parcerias com a vizinhança. Quando acumulavam uma grande quantidade de castanhas, transportavam-na para o município de Barreirinhas onde ficavam os depósitos dos compradores (D'ANTONA ,1997, p.95). Ainda hoje encontramos no município de Barreirinhas alguns armazéns que compram e revendem a castanha, tanto para dentro do Estado como para outras regiões.

Com ideias de empoderar camponeses e ribeirinhos, os religiosos ganharam o ódio dos políticos e proprietários de terras da região. A citação de D. Maria: *“Ouvi uma mulher, dona de muita terra, falando que ele [padre] formava era comunistidade”* expressa o sentimento de repulsa dos grandes proprietários em relação à chegada dos religiosos. Por outro lado, ela explica: *“O prefeito era de outra religião, deu contrário com ele”*. Vinculado a outra denominação religiosa, a autoridade municipal, prontamente, já se manifestava como opositor das ideias dos religiosos da Pastoral da Terra.

D. Maria complementa: *“Os crentes é que chamavam o padre de comunista.”* Nesse embate, os religiosos da Pastoral da Terra tiveram muita dificuldade de atuar na região, pois foram gerados boatos pelos seguidores da religião do prefeito de que o padre vinha disseminar discórdia. A perseguição foi violenta. D. Maria relata que o Pe. Roberto Pourraz foi espancado por um correligionário do prefeito. Entre os ribeirinhos e camponeses, esse triste acontecimento foi desolador. Esse fato culminou com a expulsão do padre pelos políticos locais.

No entanto, o legado deixado por ele e pelas freiras que o acompanhavam, foi relevante para deixar os moradores das comunidades ribeirinhas e camponesas mobilizadas em relação

aos seus direitos e às possibilidades de permanecer em seus lugares de origem vivendo daquilo que sempre fizeram com dignidade: seus afazeres tradicionais, principalmente depois de criado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Dona Maria relata o dia em que o Pe. Roberto foi embora da região dos Lençóis Maranhenses:

Aí ele foi embora. Lembro-me do papai chegar contando que eles [políticos e proprietários] faziam tudo para fazer raiva para o padre. Aí o Zezé do Zé Rodrigues deu nele. O padre Roberto resolveu deixar Barreirinhas. Ele levou um embrulho para o aeroporto. Quando chegou lá trocou a roupa no mato, botou a roupa nova e botou a roupa velha numa sacola vazia. Quando chegou na escadinha do avião, ele calçou um par de sapatos novos. O sapato velho ele bateu a poeira e deixou lá mesmo no chão. Subiu para o avião de sapato novo. Ele não levou nada de Barreirinhas. Mas o Evangelho diz que é assim. O conselho que Jesus deixou é este: “Quando chegarem num lugar que não for aceito pelo povo, quando o povo não gostar da palavra de Deus, era para bater até a areia dos pés e voltar para trás”. E assim o padre Roberto fez. Ele bateu a areia dos pés e voltou para trás. Mas ficou a irmã Suzana. Encontrei a irmã Suzana e ela me disse que o padre Roberto está na África.

A partir das Escrituras Sagradas, D. Maria faz uma reflexão, na tentativa de buscar um consolo diante de tanta injustiça e desprezo das elites locais para com as práticas do Pe. Roberto Pourraz, que tanto fez pelos camponeses e ribeirinhos da região. O firme envolvimento desses religiosos com a comunidade deixou agradáveis e tristes lembranças, pois sempre se emocionam quando falam desse período.

A atuação dos religiosos vinculados na defesa das comunidades ribeirinhas e camponesas dos Lençóis Maranhenses, assim como no restante do país, levou-os a serem rotulados de comunistas. Montenegro (2010, p.110) identifica que o rótulo *comunista* instituiu um dos campos de maior conflito entre a Igreja Católica e o Estado durante o período do regime militar no Brasil. Estabeleceu-se uma grande batalha discursiva de acusação e defesa entre Igreja e o regime, e a imprensa se transformou em palco privilegiado dessa disputa. Essas acusações antecipavam prisões, torturas, assassinatos e expulsões de padres de outras nacionalidades.

Apesar da expulsão dos religiosos vinculados à Teologia da Libertação, fruto das perseguições que aconteceram durante o regime militar, esses grupos de camponeses e ribeirinhos ganharam mais forças na consolidação de seus afazeres tradicionais, principalmente depois da criação do Sindicato Rural.

As sementes jogadas por esses religiosos produziram também um jornal escrito, segundo Ramos (2008, p.148), intitulado de *Jornal do Povo*, fundado em março de 1975. Teve

a colaboração da Igreja Católica, com a participação ativa da Irmã Suzane, religiosa dedicada nas causas das comunidades camponesas e ribeirinhas. O periódico noticiava o cenário político, econômico e cultural internacional e local da época.

4.4 - A abertura das estradas e a chegada do turismo

Quando nós perguntávamos sobre como eram as condições das estradas na região dos Lençóis Maranhenses, os moradores relatavam sobre as dificuldades de os veículos trafegarem pelos caminhos de areia. Em 1970, foram feitos de piçarra os trechos de São Benedito e Urbano Santos até Barreirinhas. Houve uma diminuição das dificuldades, mas em época de chuva ficava intrafegável. A viagem se estendia por até dois dias.

Em seus relatos, os moradores dizem que as estradas de piçarra amenizaram os problemas, pois a duração da viagem terrestre ficou menor. O trajeto ocorria pelos seguintes trechos: BR-135 (São Luís ao Entroncamento); BR-222 (Entroncamento-Itapecuru-Vargem Grande); MA-226 (Placas - São Benedito do Rio Preto e Urbano Santos) e MA-225 (Urbano Santos a Barreirinhas).

O percurso era de 345 km, como enfatiza o Sr. Manoel Silva. Alguns trechos da estrada não eram pavimentados, então a viagem sempre reservava surpresas inesperadas. Por exemplo, dormir na estrada quando acontecia problemas mecânicos com o ônibus, ou quando este atolava na estrada arenosa. Era preciso sempre levar suprimentos, como fósforos, velas, lanternas, alimentação e água. Não faltava horas de prosa e o famoso “frito na lata”, que consistia de farofa de frango ou carne para comer nessas horas de espera.

A rodovia MA-402, também conhecida por Translitorânea, foi um grande investimento inscrita no Plano Maior de Turismo¹⁰⁴ para interligar a Região dos Lençóis Maranhenses com as rodovias BR -222, BR-135 e com a capital, São Luís. Inaugurada em 2002, a rodovia MA-402 abriu a possibilidade da utilização dos vários tipos de veículos para se chegar à região dos Lençóis Maranhenses: ônibus, micro-ônibus, táxis, vans e, principalmente, o carro particular. Daí surgiram muitas cooperativas de transportes rodoviários com saídas diárias para a capital do Estado, favorecendo o fluxo de pessoas.

¹⁰⁴A partir do ano 2000, o Governo do Maranhão deu início aos processos de planejamento, organização, operacionalização e desenvolvimento do setor de turismo no Estado, pensando nessa atividade como instrumento de geração de receitas, de trabalho e de aumento dos índices de desenvolvimento local e regional (MARANHÃO, 2000, apud TASSO, 2010, p.30). Abordaremos com mais detalhes os planos governamentais no item sobre o turismo na região.

Analisando a sociedade, viagens e turismo, Krippendorf (2000) afirma que vivemos atualmente a *sociedade do automóvel*:

O carro se tornou símbolo de liberdade por excelência! Poder-se-ia quase dizer que nos concedemos um direito natural à motorização e à mobilidade individuais ilimitadas. Talvez esteja muito próximo, porém, o dia em que a própria mobilidade se autoaniquilará (KRIPPENDORF, 2000 p.15).

O autor citado sinaliza que essa mesma *sociedade do automóvel* pode ter desdobramentos nefastos no que concerne à transformação brutal em seus ambientes naturais, tornando também difícil a vivência de comunidades locais.

A rodovia MA-402 facilitou sair e chegar com rapidez, despertou o hábito de viajar. Assim, em dias de feriado prolongado, muitas pessoas se deslocam de vários lugares do Estado do Maranhão e de outros estados em direção à região dos Lençóis Maranhenses. Infelizmente essa rapidez é quebrada com o grande fluxo de carros gerando grandes congestionamentos.

Hoje, com a rodovia MA-402, a viagem dura em média três horas, quando em carro particular e quatro horas de ônibus coletivo intermunicipal. A estrada asfaltada diminuiu o tempo de viagem, principalmente entre São Luís e a região dos Lençóis. A viagem estimada em 500 quilômetros passou para 268 quilômetros.

Figura 37 - Mapa da Rodovia MA-402 – Translitorânea.



Fonte: Mapa Rodoviário

A rodovia MA-402 trouxe resultados positivos junto às contradições, pois os ribeirinhos que sempre reclamaram do isolamento da região, foram atendidos em suas reivindicações. Por outro lado, existem aqueles que acham a rodovia ruim, por trazer junto consigo mudanças

intensas, como a violência, em suas várias dimensões: assaltos, inchamento do trânsito, prostituição e degradação ambiental. Contudo, as comunidades ribeirinhas comemoraram a chegada da estrada, no que tange, por exemplo, a conduzir rapidamente um doente grave para a capital ou para distribuir a produção local, como a castanha de caju e o artesanato.

D'Antona (2000, p.64) reflete sobre as contradições em relação à estrada MA-402:

Então a estrada, vetor do progresso emerge como mal necessário. Trará soluções e problemas, dentre eles a degradação ou a dificuldade de preservação ambiental. Para o IBAMA, estradas facilitam o acesso e dificultam o controle. Para as comunidades rurais, estradas facilitam a vida.

A pauta da questão da transformação do lugar revelando conflitos de interesses e divergências vem junto com o discurso sobre o progresso e desenvolvimento que traz também a miséria, a degradação.

Escobar (2007, p.11 e 12) afirma que o reino da abundância prometido pelos teóricos e políticos nos anos cinquenta, em relação ao discurso sobre o desenvolvimento produziu o oposto: a pobreza em massa. Por quase 50 anos na América Latina, Ásia e África o “desenvolvimento” se tornou um evangelho pregado com intenso fervor. Inicialmente desenvolvido nos EUA e na Europa durante os anos seguintes, ao fim da Segunda Guerra Mundial, é ansiosamente aceito e melhorado pelas elites governamentais. Diante disso, o argumento do desenvolvimento deve ser visto como um sistema de representação, como uma “invenção”. Seu discurso e estratégia produziram exploração e opressão, dívidas, fome e degradação ambiental.

A ampliação do conjunto de estradas para a Região dos Lençóis Maranhenses já estava inscrita nos planos nacionais e regionais de turismo como instrumento de planejamento regional atendido pelo PRODETUR II incluindo os municípios de Barreirinhas, Santo Amaro, Humberto de Campos e Primeira Cruz, sendo estes prioritários para a implementação do projeto de sinalização turística rodoviária (BRASIL, 2008, p.30)

De acordo com o Programa de Turismo nos Parques - documento do Ministério do Meio Ambiente/Turismo, o município de Barreirinhas integra o Programa Nacional de Regionalização do Ministério do Turismo, fazendo parte dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional determinados pelo Ministério do Turismo para obter padrão internacional de qualidade. Junto com as regiões de Jericoacoara e do Delta do Parnaíba, a região forma o Roteiro Integrado Lençóis-Delta-Jeri, através de uma parceria com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2007, p.30).

Figura 38: Rota turística Jeri-Delta-Lençóis.



Fonte: Ministério do Turismo (Brasil 2007).

A construção da estrada que incorpora a chamada Rota das Emoções visa interligar a região dos Lençóis Maranhenses ao Piauí e, posteriormente, ao Ceará. Essa ampliação já integra a operacionalização do roteiro turístico entre esses três Estados, passando pelo Município de Paulino Neves (MA), região que integra o campo de energia eólica do Estado.

Figura39: Campo de energia eólica entre Barreirinhas e Paulino Neves – MA.



Figura: SECAP-MA.

O projeto do campo eólico estava contido no Plano Nacional de Turismo 2007/2010 que também traduzia as contribuições do turismo ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) 2007/2010, alinhando as suas respectivas ações: fortalecer o turismo interno e promover o turismo como fator de desenvolvimento regional. Os investimentos incluídos no Plano

Nacional de Turismo contemplaram a infraestrutura logística (construção e ampliação de rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, hidrovias); a infraestrutura energética (geração e transmissão de energia elétrica, produção, exploração e transporte de petróleo, gás natural e combustíveis renováveis); e a infraestrutura social urbana (BRASIL, 2007, p.11 a 13)

O Programa de Turismo nos Parques, elaborado pelo Ministério do Meio Ambiente junto com o ICMBIO, afirma que a rodovia MA-402, que liga São Luís, capital do Maranhão, a Barreirinhas, com um trajeto de 260 quilômetros, consolidou o fluxo turístico na região com variados grupos de visitantes (BRASIL, 2007, p.30).

As construções das rodovias se vincularam ao interesse centralizado nos Planos Governamentais de Turismo. Nas falas dos entrevistados, pincelam a ideia de que há décadas esperavam as estradas e somente as foram receber em finais do século XX. O Sr. Manoel desabafa: *Depois de velho que vejo as estradas chegarem, se dependesse apenas da nossa vontade nunca teria chegado.*

As estradas e o turismo intenso chegaram agradando a uns e desagradando a outros. Essa dualidade de opiniões ainda é fonte de debates na região tanto institucionalmente quanto informalmente. Em nossa pesquisa observamos os mais velhos das comunidades se colocarem muito resistentes ao uso das suas beiras de rios pelos turistas.

Os moradores comentam que a chegada do turismo nos Lençóis Maranhenses data da presença dos primeiros visitantes. De acordo com o relato do Sr. Antônio de Sousa Rodrigues,¹⁰⁵ “Chegavam às dunas muitos *hippies*¹⁰⁶ com suas mochilas. Tinham interesse em ver as dunas, gostavam do Atins, iam até lá na lancha do Orlando, do Raimundo Sousa ou do Candinho”. Outro morador, o Sr. João de Deus Dias¹⁰⁷ relata que “os *hippies* foram os primeiros a chegar, eles trouxeram a informação e o intercâmbio”. Já nas palavras do Sr. Enéas Conceição, o fenômeno do turismo aparece com a institucionalização do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM)

Os visitantes, chamados *hippies* pelos moradores, dormiam em barracas de *camping*, que armavam na duna principal da cidade, chamada de Morro da Ladeira. Quando era a hora da lancha de passageiros descer o rio, embarcavam. Se a perdiam pegavam qualquer barco de pesca e seguiam em direção ao povoado Atins, fazendo o percurso de descida do rio rumo ao

¹⁰⁵ Depoimento cedido a Baial Ramos, incluído em sua obra *História de Barreirinhas* (2008, p.346).

¹⁰⁶ Os moradores chamavam os primeiros visitantes de *hippies* devido à forma de se vestirem despojadamente, pois andavam de chinelos e se trajavam sem ostentação, sempre carregando mochilas às costas. Dormiam em qualquer lugar – debaixo de uma árvore, na beira do rio, da praia ou nas dunas.

¹⁰⁷ Depoimento cedido a Jose Ribamar de Castro Ramos, incluído em sua obra *História de Barreirinhas* (2008, p.339).

mar. Chegando lá levantavam novamente suas barracas ou ficavam nas cabanas (barracas) dos pescadores.

Krippendorff (2000, p.14) afirma que o ser humano não nasceu turista, mas traz em si a curiosidade e um sentimento nostálgico em relação aos lugares distantes que gostaria de conhecer. O turismo, como prática social, mudou ao longo da História. Cada nova definição consiste em uma nova tentativa de se conceituar algo que tem uma dinâmica dentro do processo de desenvolvimento capitalista. Para o autor viajar deixou de ser o desejo de fazer descobertas e passou a ser consumo de paisagens.

O turismo,¹⁰⁸ como o conhecemos hoje, constitui um fenômeno do século XX. Os historiadores admitem que o advento do turismo de massa iniciou-se na Inglaterra, durante a Revolução Industrial, com o despertar da classe média diante do transporte relativamente barato, o surgimento da indústria aérea comercial, após a Segunda Guerra Mundial, e o desenvolvimento da era dos jatos na década de 1950 (THEOBALD,1997 APUD BARBOSA, 2002, p.67)

Barbosa (2002, p. 11-12) afirma que as viagens sempre acompanharam o ser humano como se fossem um movimento físico e de ideias. Elas aparecem na História representando uma das mais remotas atividades humanas. Desde aqueles grupos que iam à procura de abrigo e alimentos como aqueles que se aventuravam movidos pela curiosidade de conhecer outros povos e lugares.

As entrevistas apontaram que outro marco para a presença de visitantes na região dos Lençóis Maranhenses se deu com a entrada da Petrobrás, pois, conforme mencionado, a abertura das estradas permitiu que tanto os que vinham a trabalho como os que tinham curiosidade chegassem na região. O Sr. Enéas relata:

O petróleo aqui foi uma coisa. Foi assim que começou o crescimento e o turismo. Mas depois com o registro das dunas, com o nome de Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, uma coisa que evidenciou foi Barreirinhas com sua beleza natural [...]. Com essa definição o turismo se tornou possível.

Ele menciona a Petrobrás como marco da entrada do turismo na região, ligando-a à dinâmica econômica, associando-a ao crescimento. No entanto, ao perguntamos ao Sr. Enéas se esse crescimento é bom ou ruim, ele responde: *“Espero que tenha um gestor que oriente e que o turismo seja articulado de uma outra forma. De forma gradual. E acompanhe tudo e seja*

¹⁰⁸ A palavra “turismo” teve sua origem no inglês *tourism*, originário do francês *tourisme*. Etimologicamente, vem da palavra *tour* (francês) que é derivada do latim *tornare* e do grego *tornos*, significando um giro ou um círculo, um movimento (THEOBALD,1997 APUD BARBOSA, 2002, p.67).

mais controlado para que não fique tão à toa as coisas, porque dessa forma fica muito desarticulado”.

A fala do Senhor Enéas, “*que o turismo seja articulado... e seja mais controlado*” reflete sua preocupação quanto à permanência do corpo de tradições do lugar. Ele espera que o progresso venha chegando *de forma gradual*. E quando ele diz: “*depois do registro das dunas...*”, fica claro que os moradores das comunidades e da sede do município costumavam falar *morrarias* e *dunas* antes da institucionalização do Parque Nacional. Após a institucionalização, foi criada a palavra Lençóis. Esse novo termo, divulgado excessivamente nos meios de comunicação de massa, passa a figurar também na linguagem dos moradores. Mais uma novidade ocorre na vida dos moradores: a inserção de novos vocábulos.

As iniciativas no campo das políticas públicas de turismo no Maranhão ocorreram, a partir de 1962, com a criação do Departamento de Turismo e Promoções do Estado do Maranhão, no governo Newton de Barros Belo. Ao longo do tempo, algumas ações de interesse turístico foram lentamente se estabelecendo e, em 1976, foi criada, por meio da Lei Delegada nº 98, a Empresa Maranhense de Turismo - Maratur (RODRIGUES, 2011, p.57).

Na década de 1980, os polos turísticos do Estado do Maranhão se concentravam em São Luís e Alcântara. Os recursos governamentais ligados à Empresa Brasileira de Turismo – Embratur, eram destinados à propaganda, infraestrutura e dinamização da rede hoteleira de São Luís e Alcântara.

Entre os anos de 1980 e 1990, são lançados os primeiros Planos Governamentais de Turismo para o Maranhão. A Maratur elaborou o Programa de Zoneamento do Estado, buscando conhecer o potencial turístico estadual, definindo a criação da zona litorânea do artesanato, formada por Araiões, Barreirinhas e Tutoia. No início de 1990, a Maratur promoveu o lançamento dos municípios de Carolina (no sul do Maranhão) e Barreirinhas (leste do Maranhão) como polos turísticos. Especificamente a região dos Lençóis Maranhenses abarcou os municípios de Humberto de Campos, Primeira Cruz, Santo Amaro, Tutoia, Paulino Neves, Araiões e Barreirinhas (MARANHÃO, 1994)

Conforme Rodrigues (2011, p.64), o potencial turístico do Maranhão foi inicialmente mapeado pelo governo do Estado e constituiu cinco polos. Posteriormente, foram incluídos mais quatro, formando nove polos.

Tabela02: Polos Turísticos do Maranhão

Polo	Municípios
Amazônia Maranhense	Luís Domingues, Turiaçu, Carutapera, Cândido Mendes e Godofredo Viana.
São Luís	Alcântara, São José de Ribamar, São Luís, Paço do Lumiar e Raposa.
Lagos e Campos Floridos	Cajari, Conceição do Lago-Açu, Lago Verde, Matinha, Monção, Pindaré-Mirim, Penalva, São Bento, São Vicente Ferrer, Viana, Vitória do Mearim, Pedro do Rosário, Arari e Santa Inês.
Cocais	Aldeias Altas, Caxias, Codó, Coelho Neto e Timon.
Munim	Rosário, Axixá, Icatu, Morros, Presidente Juscelino e Cachoeira Grande.
Chapada das Mesas	Balsas, Carolina, Estreito, Imperatriz, Porto Franco, São João do Paraíso, Riachão, Tasso Fragoso e Barra do Corda.
Delta das Américas	Água Doce do Maranhão, Araisos, Paulino Neves e Tutoia.
Floresta dos Guarás	Apicum-Açu, Bacuri, Cedral, Cururupu, Guimarães, Mirinzal, Porto Rico do Maranhão e Serrano do Maranhão.
Lençóis Maranhenses	Barreirinhas, Humberto de Campos, Santo Amaro do Maranhão e Primeira Cruz.

Fonte: Salão de Turismo do Maranhão (2009) *apud* Rodrigues (2011, p.64).

A institucionalização do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses acontece na década de 1980. Esse fato se tornou o principal fator para a chegada intensa do turismo na região dos Lençóis Maranhenses, na década de 1990.

A partir de 1999, foi elaborada pelo Governo do Estado do Maranhão uma nova política de turismo, intitulada Plano de Desenvolvimento Integral do Turismo no Maranhão – Plano Maior, voltado para o desenvolvimento do turismo local. Esse Plano estabeleceu as bases e as estratégias para as ações do governo, consolidadas em um instrumento técnico para avaliar o número de turistas no Estado. O Plano Maior também trazia o discurso de geração de emprego e renda (RODRIGUES, 2011, p.57).

O Plano Maior tinha como meta sua execução de 2010 a 2020, sendo dividido em três fases, a saber: 1ª) Diagnóstico da situação do Estado, base de análise de informações turísticas do Estado do Maranhão para exploração e elaboração de estratégias de desenvolvimento do turismo; 2ª) Plano Operacional subdividido em cinco programas (Maior Qualidade, Sensibilização da Comunidade, Oportunidade de Investimentos, *Marketing* profissional e

Treinamento); 3ª) Implantação do plano subdividida em duas etapas: Estruturação e Consolidação. (MARANHÃO, 2000, apud RODRIGUES, 2011, p. 58).

O Plano Maior dividiu o território estadual maranhense em 217 municípios, dos quais 19 foram considerados de interesse turístico, estando agrupados em cinco polos: Polo de São Luís, Polo do Parque dos Lençóis, Polo do Delta das Américas, Polo da Floresta dos Guarás e o Polo da Chapada das Mesas (MARANHÃO, 2002).

O Plano Maior, versão 2010/2020, foi relançado em 2011. Nessa versão amplia os polos turísticos no Estado. Além de São Luís, Parque dos Lençóis, Delta das Américas, Chapada das Mesas e Floresta dos Guarás, foram acrescentados o Polo Munim; o Polo Cocais; o Polo Serras Guajajara, Timbira e Kanela; o Polo Amazônia Maranhense; o Polo Lagoas; e o Polo Campos Floridos.

O Plano Maior do Estado do Maranhão somado ao Plano Nacional de Turismo do Governo Federal, lançado para o período de 2007-2010 e vinculado ao Programa Nacional de Aceleração do Crescimento (PAC), em parceria com os demais Estados, veio proporcionar investimentos em infraestrutura logística, energética, urbana e social. Dessa forma, proporcionou visibilidade a essa região com vocação turística. Dentre esses programas destacaram-se o Programa de Ações para o Desenvolvimento do Turismo do Nordeste – PRODETUR, e o Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia - PROECOTUR. Assim se definia o Plano Nacional de Turismo:

O sentido profundo deste Plano Nacional do Turismo 2007/2010 é a inclusão social. Trata-se de erguer pontes entre o povo brasileiro e as esferas de governo federal, estadual e municipal, bem como da iniciativa privada e do terceiro setor, para construir um lazer que seja também uma visão compartilhada da nossa terra, da nossa gente, da nossa imensa vitalidade econômica, cultural e ambiental. Trata-se de um importante estímulo para o turismo interno, que vai retribuir em empregos, desenvolvimento e inclusão social. Não se trata apenas de incentivar um negócio, mas de transformar em cidadania o direito de conhecer o nosso país e a nossa identidade (BRASIL, 2007, p.05).

O discurso presente no Plano Nacional do Turismo 2007/2010, em linhas gerais, visava desenvolver o turismo interno de forma teoricamente articulada com as tradições culturais de cada grupo social dos lugares denominados de turísticos. Para que isso se concretizasse entre as comunidades envolvidas, Krippendorf (2000, p.137-140) enumera algumas estratégias, dentre elas: 1) pregar um turismo suave e humano, reconsiderando as escalas de prioridade; 2) interpretar corretamente a noção de liberdade na política do lazer e do turismo; 3) distribuir melhor os fluxos de turistas; 4) criar condições para uma troca equitativa de relações

igualitárias; 5) não considerar o desenvolvimento do turismo como um fim em si e encorajar uma estrutura econômica diversificada; 6) centrar o desenvolvimento na utilização da mão de obra local; 7) destacar e cultivar o caráter local e nacional; 8) ser um consumidor crítico; 9) praticar um *marketing* turístico honesto e responsável; 10) treinar melhor os responsáveis pelo turismo; 11) preparar e educar os seres humanos para a viagem; e 12) manter nas mãos dos nativos o controle sobre o solo.

Em contrapartida, Barbosa (2002, p.70) percebe que o turismo ganhou uma definição técnica e oficial e se transformou em dados estatísticos com o intuito de registrar um padrão do turismo em nível mundial. A partir desse destaque, é gerada uma padronização própria do modelo capitalista de produção que em nada contribui para um turismo baseado na inclusão sociocultural.

As ações de campanhas publicitárias para a Região dos Lençóis seguiram sendo implementadas. Com a rodovia MA-402 concretizada, convergiu uma acelerada atividade turística. Nesse processo houve um fluxo turístico, tanto de visitantes como de projetos e investimentos na construção de pousadas, hotéis, *resorts* e casas de veraneio.

Figura 40: Logomarca de campanhas publicitárias.



Fonte: Salão de Turismo do Maranhão (2009) apud Rodrigues (2011).

Para estimular a divulgação da região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, foi lançada a campanha “Vote Lençóis”, realizada em 2007. Tal iniciativa partiu do Comitê Pró-Lençóis, através de parlamentares federais e estaduais, Secretaria de Turismo, do Jornal *O Estado do Maranhão* e do Sistema Mirante de Comunicação (TV Mirante), com o objetivo da candidatura do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses como uma das sete maravilhas naturais do mundo, promovida por uma fundação suíça.

Rodrigues (2011, p.73) complementa que, em meados de 2008, este foi o assunto que permeou as páginas dos jornais maranhenses com a finalidade de escolher o mais exuberante patrimônio natural do Brasil. A eleição reuniu internautas de todas as partes do mundo, no período de julho e agosto de 2007. Participaram da enquete, além dos Lençóis Maranhenses

(MA), o Arquipélago de Fernando de Noronha (PE), a Floresta Amazônica (AM), as Cataratas do Iguaçu (PR), a Gruta do Lago Azul (MS), o Pantanal (MT) e a Chapada Diamantina (BA). Os Lençóis Maranhenses foram escolhidos com um percentual de 30% de votantes.

Enfatiza Rodrigues (2011, p.73) que a ideia da campanha Pró-Lençóis como concorrente a uma das Sete Maravilhas Naturais do Mundo, traz a marca da mobilização dos indivíduos votantes, na perspectiva da mudança de posição de poder, tanto dos atores promotores locais da campanha quanto da posição dos Lençóis no espaço de poder turístico nacional e internacional, tudo embalado pela publicidade.

A intensa publicidade da região preocupa os antigos moradores. A fala do Sr. Enéas Miranda Conceição é bem expressiva, nesse aspecto.

Tudo modificou com o turismo. O turismo está na faixa de vinte e cinco anos aqui desenvolvido; agora ele precisa de um controle. Uma das coisas importantes para Barreirinhas foram as dunas, que deu vida ao ponto de atração, que passou a ser chamada oitava maravilha do mundo natural.

Essa exposição da região na mídia, por meio da televisão, jornais, folhetos de empresas turísticas, discurso governamental e internet, estimulou a autoestima de seus filhos, tanto os que ainda se encontram na região como aqueles que saíram em busca de outros interesses ali não encontrados. Hoje, muitos retornam para passar as férias e finais de semana ou mesmo para morar, como é o caso do Sr. Reges Reis¹⁰⁹: “... *me orgulho de ser filho de Barreirinhas, passei uma temporada em Fortaleza e depois voltei; não pretendo sair mais daqui onde moro com minha família.*”

Com o desenvolvimento do turismo na região as áreas das comunidades ribeirinhas passam a fazer parte dos pacotes turísticos, sendo divulgada pelas agências de turismo em diversos meios de propaganda. O *folder* é o meio publicitário mais comum, pois passa de mão em mão. Nele consta o roteiro turístico resumido para uma visualização rápida. São entregues logo na entrada da cidade por um exército de guias turísticos.

¹⁰⁹ Relato cedido a José Ribamar de Castro Ramos, incluído em sua obra *História de Barreirinhas* (2008, p.359).

Figura 41: Panfleto publicitário dos roteiros turísticos na região dos Lençóis

Passeios
Circuito da Lagoa Azul
Circuito da Lagoa Bonita
Flutuação na Cardoso
Praia do Caburé
Atins
Marcelino
Lagoa Verde
Santo Amaro do Maranhão
Casa de Farinha
City Tour em São Luis

Rota das Emoções:
Eleito pelo Ministério do Turismo entre 90 destinos,
o melhor Roteiro Integrado Turísticos do Brasil

JERI - DELTA - LENÇÓIS
PRAIAS DAS EMOÇÕES
BRASIL

LENÇÓIS - MA
DELTA - PI
JERI - CE

São Luis / Lençóis Maranhenses / Delta / Jericoacoara
Oceano Atlântico

Caminhada nos Lençóis Maranhenses
Cardosa: flutuação em Águas cristalinas
Passeio Náutico para Caburé
Praia do Caburé
Lagoa Azul
Passeio aos Lençóis
Artesanato local feito da palha de Buri
Lagoa Azul
Triha
Lagoa da Preguiça
Povoado de Mandacaru Farol das Preguiças
Vista panorâmica dos Lençóis Maranhenses

São Paulo Ecoturismo
Oferece:
- Reservas de Hotéis e Pousadas
- Transfer
- Roteiros personalizados
www.saopauloecoturismo.com

Fonte: Guias de Turismo de Barreirinhas.

Tabela03: Roteiro Turístico dentro da região dos Lençóis Maranhenses.

ROTEIRO	DESCRIÇÃO
Circuito Lagoas Azul, do Peixe e Bonita	Lagoas interdunares da Área do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM).
Circuito Comunidades do Parque	Passeio circundando as comunidades da Área do PNLM.
Circuito do Rio Preguiças	Passeio de barco saindo da sede do município percorrendo as comunidades ribeirinhas até chegar ao povoado Atins.
Circuito da Casa de Farinha do Tapuio	Visita à comunidade do Tapuio para observação da fabricação da farinha de mandioca.
Caminhada do Canto do Atins	Caminhada no entorno da comunidade pesqueira do Atins.
Circuito Cardoso	Banhos no rio Formiga, situado no limite dos municípios de Barreirinhas e Paulino Neves.

Fonte: Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo em Barreirinhas, 2011 (adaptado pela autora).

Os roteiros oferecidos por agências de turismo incluem as lagoas do ambiente do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e as paisagens naturais das comunidades ribeirinhas. Em períodos de estiagem,¹¹⁰ as agências de viagens procuram outros lugares para fazer os passeios turísticos. Nessa procura se voltam para os povoados ribeirinhos, frequentemente, sem levar em consideração os moradores que estão há mais de um século enraizados nestes locais. Convém destacar que eles estão muito atentos aos turistas que chegam.

Por exemplo, o ano de 2005 foi um ano de estiagem. Por isso, os donos das agências tentaram resolver seus negócios turísticos de outra forma, só que não esperavam a reação dos ribeirinhos do povoado Cardoso. No local, há um rio de águas cristalinas que formam pequenas corredeiras o qual passou a fazer parte do roteiro. A comunidade se revoltou com as visitas turísticas. Percebendo a chegada de turistas ciceroneados por agências de turismo, que inclusive são de pessoas de fora da região, a comunidade da Cardoso, através de sua Associação de Moradores, protestou, alegando que seu território estava sendo invadido por estranhos. Decidiram coletivamente interditar os locais de acesso ao rio, que passa por dentro de suas

¹¹⁰ Período durante os meses de setembro a dezembro em que o volume de chuva é baixíssimo. Acontece que as lagoas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses secam nesse período. Então, as agências de turismo procuram outros lugares para levar os turistas.

terras. Assim, após as manifestações, o caso foi negociado junto às prefeituras de Barreirinhas e Paulino Neves no sentido de se disciplinar as atividades turísticas na comunidade.

Na visão de Rodrigues (2011, p.63) é necessário que as políticas de turismo sejam feitas tomando como base o,

Resultado de discussões e de participação social, verificando-se as propostas dos vários setores que veem no turismo uma alternativa para o desenvolvimento do município, mas especialmente da população, grupos e comunidades que vivem cotidianamente o espaço local e que resguardam práticas e espacialidades que, mesmo não refletindo grandes incrementos e retornos econômicos para o município, traduzem qualitativamente elementos da identidade sociocultural e espacial que devem ser incluídos como parâmetros de definição de políticas públicas inclusivas e de desenvolvimento socioespacial local, que também devem incluir a promoção do lugar.

Nesse quesito percebemos que as comunidades ribeirinhas afetadas pelo turismo na região dos Lençóis Maranhenses vivem uma contradição entre o seu mundo, cercado de afazeres cotidianos, e o mundo daqueles que vêm de fora. Krippendorf (2000, p.83 e 84) expressa que entre o turista e a população local não há relações, pois na maioria dos casos, o encontro segue a lógica de um clichê, que é artificial e enganador. O autor complementa que os viajantes e a população local se encontram em situações completamente diferentes e até opostas. A liberdade e o prazer de um são o fardo e o trabalho do outro. O ambiente de férias se choca com o ambiente de trabalho, e a necessidade de repouso com as necessidades da existência. Alguns exploram essa situação, outros desenvolvem um sentimento de desprezo.

D'Antona (1997, p.55 e 56), em suas análises, percebe que o turismo parece ser irreversível quando o assunto é o consumo de paisagens em áreas de Parques Nacionais. O autor exemplifica o caso do arquipélago de Fernando de Noronha. Os pescadores foram incentivados a substituir as atividades extrativistas por outras ligadas ao turismo. Os pontos de pesca foram limitados. Os moradores foram incentivados a receber turistas em suas casas que, gradativamente, foram transformadas em pequenas pousadas. A finalidade era reequilibrar a Ilha, mas não surtiu efeito. O lixo aumentou, o açude teve que ser ampliado, os números de leitos para turistas triplicaram. Assim, também, o preconceito contra as atividades tradicionais dos moradores nativos.

O caso do Arquipélago de Fernando de Noronha retrata o exemplo de lugares que têm experiências conflitivas entre os nativos e os turistas. Nesse caso, o mais importante é o aprendizado que fica para assim reverter danos em outras regiões com vocação turística, tomando medidas que minimizem os impactos socioculturais e espaciais na intenção de mudar os padrões do turismo convencional praticado. Atrelado ao modelo de desenvolvimento

capitalista onde o mercado e a economia se imbricam como irmãs siamesas, o turismo assume suas ligações com o tal mercado. Dessa forma, o turismo joga com um discurso pleno de contradições.

Nesse contexto, Krippendorf (2000) enfatiza que a economia se distanciou do ser humano; colocou-se acima deste e trabalha para manter sua própria existência. Constatou-se que o custo suportado pela sociedade e pelo meio ambiente ultrapassa os benefícios adicionais alcançados. Essa constatação também se aplica ao setor de lazer e viagens, já que se criou nas áreas de descanso e regiões de férias um mercado de construção com leis próprias.

É fato que o fenômeno do turismo na região em estudo congrega em torno de si novos homens, novos valores culturais, novos empreendimentos e novas relações socioeconômicas que interferem nas práticas locais. Nesse bojo são contempladas as agências de viagem e turismo, empresas áreas e rodoviárias, hotéis, pousadas, restaurantes, bares, construtoras, consultores, publicitários, arquitetos, vendedores e atravessadores de artesanato e *souvenires*.

Os moradores que entrevistamos foram incisivos na crítica contra o turismo e contra os visitantes que chegam e que se espalham nas margens do rio em suas comunidades. O Sr. Isac desabafa: *“Vem dois ônibus de São Luís com sacola de bebida, comida e farofa para vir cagar dentro do rio, para dar de comer para papista [peixe]. Não tem banheiro que dê conta. Quando está de tarde vão embora, e o rio fica cheio de merda.*

Os ribeirinhos nada têm de ingênuos. Pelo contrário, fazem uma crítica voraz quanto ao uso de suas beiras de rio e riachos pelos turistas. Também percebem com clareza os impactos socioambientais da prática do turismo que vêm se instalando em suas circunvizinhanças.

5 - DOIS MUNDOS NAS MESMAS ÁGUAS: as diluições¹¹¹ e as permanências

A dualidade dos dois mundos nas mesmas águas se reflete em duas realidades bem distintas: as comunidades ribeirinhas com suas práticas cotidianas e os turistas que passam. Gradativamente, o turismo vai inserindo novos valores e práticas no meio, proporcionando uma nova dinâmica social. No primeiro momento, essas novidades causam alvoroço e admiração por parte de uns e desconfiança por outros dentro das comunidades. Nessa realidade o novo dialoga com os valores tradicionais na tentativa de resistir ou permanecer através dos ofícios, experiências e narrativas orais (histórias, causos, anedotas).

As rodovias provocaram a chegada do novo que é o mundo do turismo que passa a contrastar com o mundo dos ribeirinhos. Nesse contexto, percebemos uma temporalidade superposta: o turista correndo contra o tempo na ânsia de usá-lo para consumir seu roteiro de viagem e, por outro lado, os ribeirinhos em seu tempo de tarefas ainda cotidianas.

Bauman (1998, p.114) traz uma percepção instigante para compreendermos o mundo dos turistas quando explica que

[...] turistas que valem o que comem são os mestres supremos da arte de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e acima de tudo, eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. O turista guarda sua distância, e veda a distância de se reduzir à proximidade. É como se cada um deles estivesse trancado numa bolha de osmose firmemente controlada: só coisas tais, como as que o ocupante da bolha aceita, podem verter para dentro; só coisas tais, como as que ele ou ela permitem sair, podem vazar. Dentro da bolha, o turista pode sentir-se seguro. Seja qual for o poder de atração do lado de fora, por mais aderente ou voraz que possa ser o mundo exterior, o turista está protegido. Viajando despreocupadamente, com apenas uns poucos pertences necessários à garantia contra a inclemência dos lugares estrangeiros, os turistas podem sair de novo a caminho, de uma hora para a outra, logo que as coisas ameaçam escapar de controle, ou quando seu potencial de diversão parece ter-se exaurido, ou quando aventuras ainda mais excitantes acenam de longe. O nome do jogo é mobilidade: a pessoa deve poder mudar quando as necessidades impelem, ou os sonhos o solicitam.

¹¹¹ Na frase chave de Marx, *Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado*, ele expressa sinteticamente o mundo moderno, um mundo onde a força do modelo capitalista de produção transforma tudo por onde passa. Berman (1986, p. 15) enfatiza que ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, crescimento transformação e autotransformação - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia. Paradoxalmente une e desune a humanidade.

Na região dos Lençóis Maranhenses, o fenômeno do turismo em suas várias nuances¹¹² contrasta com as práticas dos ribeirinhos. Os que chegam para uma rápida visita têm seu tempo cronometrado para, em dois ou três dias, conhecerem os pontos divulgados nos roteiros turísticos da região, enquanto muitos ribeirinhos ainda têm suas atividades ritmadas pelas práticas tradicionais. D. Desa faz esta colocação: “*Eu trabalho porque eu sou daquele tempo, que ainda sujo meus pés de lama, plantei uns pés de banana, e tem que molhar, forrar.*”

Quando a entrevistada diz *eu sou daquele tempo*, percebemos claramente em sua fala uma clivagem entre dois mundos convivendo num mesmo ambiente. As práticas tradicionais dos homens e mulheres da beira do rio continuam vivas no presente. Nessa confluência de mundos (tempos) distintos – as comunidades ribeirinhas passam a sofrer algumas adaptações das novidades, ideias e coisas que chegam junto com a intensificação do turismo. Assim se dá a convivência com as tradições locais.

No bojo desses dois elementos, o turismo joga com a noção da temporalidade moderna com seus microtempos (tempo do roteiro turístico, tempos da pressa) bem definidos. Por outro lado, as comunidades ribeirinhas, com suas tradições arraigadas nas experiências de seus ancestrais, experimentam o tempo dos acontecimentos (nascimentos, batizados, casamentos, estações do ano, fases da lua e da maré).

A discussão sobre a questão de tempo e temporalidade foi e é tema de estudos de físicos e filósofos. Com base em Elias (1998, p.33), a ideia sobre o tempo evoluiu no decurso de um longo processo de aprendizagem que se propagou por gerações. Muitos fatos atestam que os homens nem sempre apreenderam as sequências de acontecimentos sob a forma que hoje representamos simbolicamente com o conceito de “tempo”. A experiência humana do que chamamos “tempo” modificou-se ao longo do passado e continua a se modificar em nossos dias.

Latour (1994) traz alguns questionamentos a respeito de tempo nas circunstâncias do mundo moderno. O autor se pergunta: O mundo moderno não é marcado pela flecha do tempo? Ele não devora o passado? Não rompe com este passado para sempre? E, sobre esse aspecto, tece a seguinte argumentação:

Ora, a passagem moderna do tempo nada mais é do que uma forma particular de historicidade. De onde nos vem a ideia de um tempo que passa? Da própria Constituição Moderna. A antropologia está aí para nos lembrar que a passagem do tempo pode ser interpretada de diversas formas, como ciclo ou

¹¹² O turismo convencional, localmente apelidado de bate-volta; o turismo de veraneio, aqueles que compram uma casa e viajam nos feriados e fins de semana; o ecoturismo, atividade praticada principalmente nas praias do Atins, que pela incidência de muito vento facilita a prática do kitesurf ou flysurf, esporte aquático que utiliza uma pipa e uma prancha com alças. Muitos campeonatos regionais, nacionais e até internacionais são ali realizados.

como decadência, como queda ou como instabilidade, como retorno ou como presença continuada. Chamemos de temporalidade a interpretação dessa passagem, de forma a distingui-la claramente de tempo. Os modernos têm a particularidade de compreender o tempo que passa como se ele realmente abolisse o passado antes dele (LATOUR, 1994, p.67 e 68).

Latour (1994, p.68) afirma ainda que os modernos guardam realmente a sensação de uma flecha irreversível do tempo. Como Nietzsche havia observado, os modernos têm a doença da história. Querem guardar tudo porque pensam ter rompido definitivamente com o passado. Então, Latour questiona: Estaremos tão distantes de nosso passado quanto desejamos crer? Não, já que a temporalidade moderna não tem muito efeito sobre a passagem de tempo. O passado permanece, ou mesmo retorna. E essa ressurgência é incompreensível para os modernos. Tratam-na então como o retorno do que foi recalçado. Fazem dela um arcaísmo.

As práticas trazidas pelo tempo do turismo estão em curso e se interpenetram no mundo das tradições e se fazem presentes em relação à terra, ao trabalho, à comunicação, aos transportes marítimos e/ou terrestres, ao aspecto arquitetônico e aos aspectos culturais.

Em relação à questão da terra, observamos que a especulação de terrenos é corriqueira devido à modalidade turística que se configura na região denominada de veraneio ou segunda moradia¹¹³. Nesse formato, a compra de terrenos para fazer casas de praia e campo se intensifica.

As “terras”, antes patrimônio familiar, entram no mundo da especulação imobiliária. Tinham limites aleatórios, agora ganham formas geométricas definidas e valores de mercado. Viram mercadorias em forma de lotes e terrenos. Até mesmo as terras públicas e comuns são “apropriadas” pelos tais empreendedores do turismo.

¹¹³ Para Tulik (2001, p.09) a residência secundária opõe-se à residência principal, e sua utilização compreende o uso temporário por períodos que podem ser prolongados ou não. A residência temporária, portanto, é um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente nos momentos de lazer, por pessoas que têm domicílio permanente em outro lugar. Diante desse conceito, alguns termos são usados como sinônimos: domicílio de uso ocasional, residência turística, residência secundária, segunda residência, casa de campo, de temporada, de praia, de veraneio, chalé, cabana, sítio, chácara de lazer ou de recreio. Todos esses termos expressam oposição a domicílio principal ou residência fixa. Na região dos Lençóis Maranhenses o turismo de veraneio trouxe a especulação de terras e terrenos da beira do rio, que se tornam os lugares preferidos para construção de pousadas, hotéis e casas de veraneio. Muitos moradores resistem e não vendem as áreas herdadas de seus familiares. Hoje, com as previsões de término da estrada que ligará o solo maranhense a Jericoacoara no Ceará, o turismo se espalhará para mais longe, desafiando as pressões sobre as comunidades ribeirinhas de Barreirinhas-MA.

Figura42: Moradias temporárias em construção no povoado São Domingos.



Fonte: Acervo da autora.

Diante da especulação de terras que assola várias áreas no circuito da beira do rio e suas comunidades se encontram esses novos valores chegantes. O Sr. Isac, morador do São Domingos, relata, num tom de revolta:

Lá o homem privatizou o canto da ilha. Tem muito mato para se roçar, plantar. Mas o dono não arruma. A gente não pode fazer invasão, que vem chumbo grosso. Porque os donos podiam chamar os pais de família: “Vocês querem plantar arroz, mandioca, banana, maxixe pra botar na cidade?”. Tá lá. Chão tão bom para arroz, macaxeira. Na vila Regina, se você quer plantar uma moita de capim para dar de comer pra uma rês [gado]...Eles não mandam plantar coisa que demore. É coisa passageira, planta que você tira com três meses, quatro meses. Por causa de que isso? Porque está na mão de rico.

Essas áreas da beira-rio (Canto da Ilha, Vila Regina), citadas pelo entrevistado, eram espaços antes partilhados pela comunidade para fazer suas roças. E, mais uma vez, o Sr. Isac faz um desabafo de revolta contra as práticas de mercado do turismo:

O rio está à vontade, mas está fechado as entradas para o rio. Então é preciso nós nos encostarmos num prefeito que ele acione a Marinha e venha liberar a área que é pra ser do povo. Não é para tomar. É pra tirar a cerca, e o prefeito ajeita um porto grande que faça a vontade de todo mundo, que todo mundo banhe, lave roupa, bote sua canoa. Aqui ficou pequeno, as canoas apanhando na beira do cais, se batendo uma na outra. A voadeira não tem mais pudor nos beijos do rio [...]. Mais de trezentas voadeiras pra lá e pra cá. Vai ficar algum peixe? As voadeiras aterram o rio, a areia vai chegando para o centro do rio.

Então é preciso ter um limite, vamos ter tudo no mundo, mas vamos ter um comportamento para poder usar uns com os outros. Quem é que vai olhar isso aí? O prefeito, que é do lado mais forte, não olha. Quem é que vai olhar? Eu falo, mas não sei resolver[...], mas se eu fizer uma canoa... Eu faço a canoa ele quer vender o colete, porque eu estou sem colete. Mas ele não vê o porto aonde eu vou encostar, aonde eu amarro minha canoa. Então quem vive neste

lugar aqui, se quiser comer um peixe, ou ele vai pescar ou então vai comer ovo, porque não pode comprar um quilo. E não posso comprar do meu vizinho porque ele vai vender lá para os donos de restaurantes que espera os turistas.

Então é preciso nós olharmos para nós mesmos, porque se nós não nos olharmos nós não nos vemos. Então é necessário a gente ver as coisas que todo mundo precisa na beira do rio desses aqui. Não resta dúvida que o barão tenha a pousada dele, mas também tem que ter o lugar do pobre, senão ele não come o peixe, não come o caranguejo, porque por onde ele vai buscar está fechado.

As fortes palavras do entrevistado são ricas em elementos de análise. Primeiramente, deixa claro a forma brutal das interferências que chegam nas comunidades ribeirinhas. Ao mesmo tempo, deixa explícito o conflito com os negócios do turismo. Pois os ribeirinhos se veem diante das dificuldades de realizar suas práticas cotidianas, como chegar e deixar suas canoas na beira do rio, lavar roupas, banhar, entre tantas coisas que era de costume.

Nessa visão da especulação de terrenos, os moradores acenderam a luz de alerta. No povoado São Domingos, por exemplo, foi tomada uma atitude junto à Associação de Moradores para dividir os terrenos ainda sobranes em lotes entre as famílias da comunidade. Assim garantiriam os espaços para construção de moradia para seus filhos, apesar de terem perdido uma grande parte de terras. A resistência para não perderem suas terras mostra que estão bastante receosos com essa nova ordem que tenta se estabelecer e que trouxe consequências dissonantes para seus pacatos modos de vida.

Dona Conchita relata a perda de um pedaço grande de terra onde o Governo do Estado na figura da Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA) construiu as bacias de estabilização de esgotos sanitários.

Quando pensamos que não, olha perdemos aquela parte todinha, como tu já olhaste. Que terreno bonito, o da lagoa de esgoto. Ninguém sabia, quando demos fé perdemos o terreno. Podia no dia de amanhã ser morada de pessoas daqui mesmo. Aí ficou só esse cantinho aqui. Aquela parte todinha foi tomada.

A implantação da estação de tratamento de esgotos através da construção de sistemas de lagoas de estabilização já estava inscrita nos Planos de Turismo, tanto regional como nacional, no intuito de receber os turistas nas altas e baixas temporadas. O lugar utilizado para construir o tal empreendimento era uma reserva de mata onde a comunidade fazia suas roças e utilizava como área de pasto para seus animais. Segundo os moradores, o local final de recebimento do esgoto deveria ser mais longe da comunidade. Entretanto, como requeria maiores recursos para fazê-lo, ficou por ali mesmo.

Alegando abrir diálogo com as comunidades envolvidas através das consultas públicas, a CAEMA, junto com representantes do governo da época, realizou tais audiências para ouvir a comunidade, no entanto, não deram direito de decisão e intervenção aos cidadãos.

Obviamente, o discurso dos engenheiros e peritos não foi traduzido na linguagem dos moradores. Conversando com muitos moradores sobre o caso, disseram que não entenderam *pataвина do que o doutor falou*.

Figura 43: Lagoas de estabilização de esgotos sanitários



Fonte: Acervo da autora

A apropriação do solo, tanto pelo governo para construção da infraestrutura turística, quanto pelos empreendedores, passa por cima dos interesses dos moradores dos povoados. É dessa maneira que se revela a perspectiva mercadológica do turismo. O interesse dos turistas na aquisição de terras faz com que os compradores pressionem os moradores mais antigos oferecendo bens como: quadriciclos, carros, lanchas (voadeiras), bens estes que constituem sonho de consumo para alguns. No entanto, há aqueles que resistem, como revela D. Rosa Amélia:

Seu Audy pensou em comprar uma terra minha, ele disse que achou bonita. Ele tem um “quadricículo” e anda nele. Ele me disse que queria me dar uma voadeira para eu passear com minha gente, ir para o Atins [...]. Eu disse: “Senhor, eu não quero voadeira. Não tenho condição de manter ela. Mesmo assim, eu já tenho uma canoinha a motorzinho”.

Na fala da entrevistada, percebemos sua resistência em relação ao negócio, a troca do terreno pelo quadriciclo ou pela voadeira. Muitos moradores afirmam que não vendem seus terrenos, apesar das ofertas dos compradores serem tentadoras. A vida cotidiana segue, apesar das interferências do turismo de veraneio. A identidade com o lugar se dá na maneira como esse grupo se reconstrói dia a dia na luta para permanecer no seu lugar de nascimento e vivência.

Na lista das interferências do turismo na região, as relações de trabalho, possivelmente, foram as que sofreram mudanças mais sensíveis na rede hoteleira, comércio em geral, área de lazer e diversão. Houve um redimensionamento em algumas áreas profissionais: barqueiros que

se transformaram em pilotos de transportes de turistas; mulheres das comunidades passaram a ser faxineiras, cozinheiras, arrumadeiras; agricultores e pescadores trabalham como vigias, porteiros, garçons, jardineiros e pedreiros. A faixa etária absorvida nesses postos de trabalho vai de 18 a 40 anos, absorvendo pessoas da região, mas também há muitas pessoas que vêm de outros lugares.

Apesar da interferência desmedida do mundo do turismo nas comunidades, observamos a presença dos ribeirinhos em seus espaços de vivência, seja lavando roupa, usando ou fixando suas canoas nos portos, seja usando suas casas de farinhas, sempre na luta diária, apesar das novidades trazidas pelo turismo.

Figura44: Mulher lavando roupas na beira do rio.



Fonte: Acervo da autora

Os irmãos Hugo e Odon Rocha, do povoado São Domingos, depois de passar alguns anos migrando à procura de trabalho fora do Estado do Maranhão, realizando trabalhos precários em empresas agroflorestais e minerais se dizem mais felizes hoje com seu retorno ao plantio de banana. Lembra o senhor Hugo¹¹⁴ que passava *quarenta dias no campo e vinte dias em casa; meu regime era dois por um; a refeição era por conta: café, almoço, jantar, merenda, dormida e passagem de ida e volta para a casa. Todo dia ao levantar pensava em casa.*

Essa vida migrante para trabalhos temporários, de certa forma, conduziu os irmãos Hugo e Odon a desenraizar-se por um período de sua comunidade. Mas, ao mesmo tempo, essa distância de casa fazia aumentar a saudade. Essa ida ao trabalho em outros lugares causava perdas, pois eles deixavam de ajudar seus familiares nas atividades da roça e da pesca. Diz o

¹¹⁴ Entrevista feita em junho de 2015.

Sr. Odon que cansou de estar longe de casa, então retornou às tarefas do cultivo de bananas no terreno da família no povoado São Domingos, nas margens do rio Preguiças. Hoje vivem dessa atividade que herdaram do avô. Os compradores vêm buscar as bananas na roça. Segundo Hugo, o bananal que cultivam dá um bom rendimento mensal à família.

Dessa forma, o retorno às tarefas antes feitas pelo avô, garante a eles a satisfação de trabalharem próximo da mãe, irmãos, tios, mulher e filhos, não necessitando mais fazer viagens à procura de serviço. Devido ao turismo, a demanda por alimentos e serviços é uma constante. Por isso, a produção de bananas dos Srs. Hugo e Odon tem venda garantida.

Figura 45: Sr. Hugo e seu irmão Odon colhendo a produção de bananas.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Outra prática ainda vista nas comunidades ribeirinhas, diz respeito à construção de barcos e canoas, posto que a navegação deixou um rico legado e constitui outra atividade que persiste. Segundo Ramos (2008, p.136), a região dos Lençóis Maranhenses concebeu uma herança em matéria de artesãos e construtores de barcos e canoas. Estes trabalhavam em estaleiros, na sede do município ou em povoados à beira do rio. Citam-se, com destaque os estaleiros dos Srs. Ovidinho, Cadadia e Tião, os quais desenvolviam essa prática com maestria.

Tal profissão ainda resiste nos dias de hoje nos quintais dos ribeirinhos, às margens do rio. Por exemplo, o Sr. Isac e o Sr. João Machado e filhos, moradores do povoado São Domingos, trabalham com encomendas de canoas e pequenos barcos, todos já adaptados para colocação do motor de popa. O Sr. João acrescenta ainda a seu trabalho o plantio da banana.

Essas práticas, consideradas tradicionais, ainda permanecem visíveis em muitas comunidades ribeirinhas. É fato que os novos ares trazidos pelo fenômeno do turismo trouxeram interferências, mas o aprendizado dessas habilidades tradicionais (artífices, navegadores e pescadores) bem como sua sintonia com o rio e o com o mar continuam sendo transmitidas às novas gerações.

Figura 46: Confeção de canoas no povoado São Domingos.



Fonte: Acervo da autora

Constatamos que várias dessas atividades são necessárias ao próprio turismo, pois o que é produzido localmente passa a atender tanto aos ribeirinhos quanto aos turistas de veraneio (aqueles que têm moradias temporárias). Todavia, o conjunto de saberes e fazeres das comunidades ribeirinhas dos Lençóis Maranhenses, especificamente, a carpintaria naval, constitui um rico patrimônio cultural¹¹⁵ que necessita de cuidados, no que tange à proteção pelas instâncias governamentais, para que possa se perpetuar através dos tempos.

Vale destacar que, a partir de 1980, foi realizada uma pesquisa por Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès sobre *Embarcações do Maranhão* cujo objetivo foi recuperar as técnicas tradicionais populares de construção naval e contar a história dos mestres-carpinteiros, calafates, pintores e veleiros, que guardam na sua memória a ciência e a arte da construção naval, transmitidas de pai para filho pela tradição oral.

Essa pesquisa culminou com o processo de inventário das embarcações artesanais do Maranhão. Dessa forma, foi concedido pelo Ministério da Cultura, em âmbito nacional, um

¹¹⁵ Pode ser considerado elemento do patrimônio imaterial de uma localidade, considerando que este se define, a partir do Decreto Federal 3.551/2000, como o conjunto dos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; e os mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas (DECRETO FEDERAL nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências). Disponível em <http://www.iphan.gov.br>. <acesso em: 09 ago 2014>.

prêmio na categoria de Inventário de Acervos e Pesquisas (ANDRES, 2008, p.168). Esse trabalho repercutiu na Construção da Estaleiro Escola em São Luís, no intuito de fomentar e preservar o saber dos mestres artesãos de embarcações.

Motta (2014, p.390) reforça que, em vários países, assim como no Brasil, evidencia-se que a noção de patrimônio – ante às dinâmicas atuais na arena internacional das políticas culturais - tem se convertido em importante produto cultural a ser comercializado no mercado turístico mundial, assumindo hoje um valor crescente de *ethnics commodities*, onde o patrimônio cultural é visto como fator de desenvolvimento local.

Nesse sentido, as políticas culturais a ele associadas emergem como estratégias de captação de fluxos turísticos de visão econômica e simbólica. Contudo, preocupação no que tange a essas tais *ethnics commodities* é sua apropriação pela lógica do desenvolvimento capitalista, pouco ou nada interessado na dinâmica local, no ser humano e sua vivência cultural, mas sim na possibilidade de agregar lucro aos negócios do turismo, transformando os bens culturais de um povo em negócios particulares.

Motta (2014, p.385) teme que os processos de globalização e as novas tecnologias de comunicação constituam ameaça à diversidade das culturas humanas, pondo em risco certos “repertórios culturais” e, com eles, memórias, identidades, conhecimentos, linguagens, saberes, técnicas etc. Nesse sentido, supõe-se que o incentivo à proteção, à promoção e à revitalização de certos conhecimentos tradicionais contribua decisivamente para que sejam preservados, ressocializados e transmitidos às gerações futuras, permitindo, desse modo, a formação de novas dinâmicas de pertencimentos comunitários e processos de reelaboração identitária.

Na comunidade São Domingos, as mulheres dividem as tarefas cotidianas do plantio das roças, hortas e do artesanato com as atividades de faxineira, arrumadeira e cozinheira em pousadas e casas de veraneio dos turistas. D. Rosa Amélia Santos fala sobre seu cotidiano nos períodos dos feriados prolongados, que é o momento em que presta serviços nesses locais.

Trabalho só por temporada. Eles [veranistas] ficam sexta, sábado e domingo. Eles pagam por temporada [...] eles dizem que a gente não é de carteira assinada. É só diarista. A gente não tem direito em nada [...] a gente também perde o tempo da gente. A gente não faz muita coisa, mas a gente tem a casa da gente, tem um canteiro, tem uma maniva [planta da mandioca] para plantar. Aí, dia de sexta-feira, eu não vou para o serviço [roça e canteiros] mas vou para lá limpar a casa, tanto eu como as outras [...]. Eu deixei o artesanato mais um pouco, para ir para ali [pousadas]. Continuo fazendo artesanato, mas não era como antes.

A entrevistada refere-se sobre a perda de tempo quando trabalha nas casas de veraneio dos turistas. Observa que o tempo dedicado para as coisas da roça, horta e artesanato (seus interesses principais) está menor. Ela expressa sua crítica ao trabalho temporário ao dizer: “... *a gente perde o tempo da gente*”. Esse “tempo perdido” pode ser relacionado, como afirma Bosi (2003, p.24), às horas vazias ou mortas que a sociedade industrial multiplica.

No povoado do São Domingos, especificamente, existem dois condomínios com moradias temporárias ou com casas de veraneio, duas pequenas pousadas e dois restaurantes, à beira do rio. Os dois restaurantes são de moradores da comunidade. Esses empreendimentos funcionam sazonalmente, em finais de semanas, período de férias e feriados. Esse fato determina incertezas na vida das pessoas que ali trabalham.

Quanto às moradias temporárias, ocorre uma alta rotatividade em relação aos proprietários que também passam a ser temporários, pois elas estão na rota da especulação imobiliária e rapidamente mudam de proprietários. As casas são vendidas e os antigos donos não voltam mais à comunidade, deixando as mulheres que fazem essa tarefa da faxina sem o pagamento do serviço feito. A falta de compromisso por parte dos moradores temporários para com as faxineiras deixa-as revoltadas. Completa D. Rosa Amélia: “*O Fábio foi outro. Ele vendeu a casa dele e ficou devendo a faxina. E aí, fica assim mesmo? Aí eles ficam tudo se achando, aí não tem condição, a gente também perde o tempo da gente*”.

As trabalhadoras dessas casas de veraneio se veem em situações novas, completamente diferentes de suas atividades domésticas tradicionais, inclusive a forma de temperar, cozinhar e cuidar da limpeza. Quando perguntamos a D. Rosa Amélia que atividades fazia na casa onde trabalhava, ela explicou:

Só na cozinha, na limpeza, alguma coisa assim. Eles só faziam me dar aquela dicazinha e me diziam: “Rosa, agora toma de conta. Aquilo que eu não sabia, eu dizia mesmo para eles: ‘Olha, eu não sei fazer essa comida’. Às vezes, eles davam o nome de uma comida que eu não sabia que comida era. Uma galinha que ela me falou. Eu disse: ‘Ah eu não sei que comida é essa’. Tem um nome essa comida. Aí eles disseram: “Rosa, como você não sabe, você faz a outra galinha que é mesmo cozida no tempero. E a Lucinha vai fazer essa ...”. Deu lá o nome da comida. Eu fiquei curiosa. ‘Vou perguntar pra Lucinha que comida é essa’. Dei um pulo lá, e ela me mostrou: -Aqui Rosa, é só mesmo no alho, na pimenta do reino, sal e óleo. Aí, vai cozinhando e vai dourando ela, bem douradinha.

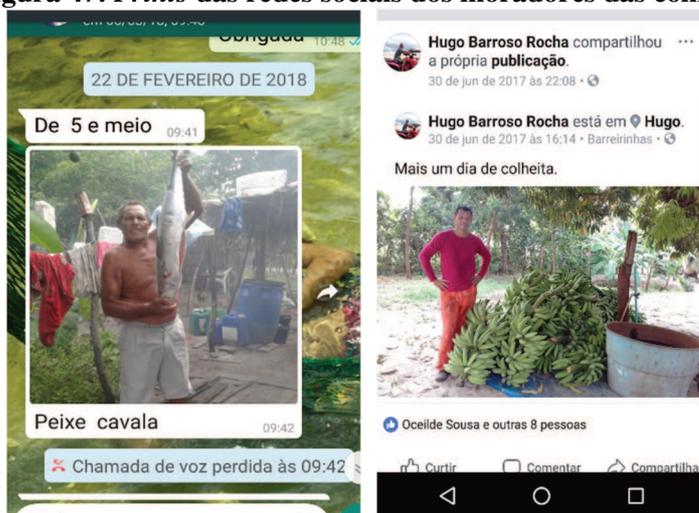
Na atual condição de trabalho, D. Rosa Amélia sente o estranhamento de tanta coisa fora do seu mundo e, mesmo sem saber como lidar com a situação, ela tenta se adaptar a novas receitas, novas formas de limpeza nas novas casas com uma arquitetura diferente da sua. Em suma, ela insiste em sua relação com as novidades do turismo.

No rol das mudanças trazidas pelo turismo, a dos transportes é bem evidente. Percebe-se, por exemplo, a inclusão do quadriciclo, da motocicleta, da lancha (voadeira, rabeta e iate), do *jet sky* e do jipe com tração para andar na areia. Na sede do município e nos povoados, o fluxo de carros nas estradas, tanto de asfalto quanto de areia, é intenso. A maioria desses bens de consumo é aquisição de empresários e moradores temporários que chegam à região. Já os moradores das comunidades levam 5 anos pagando um consórcio para comprar uma moto ou um quadriciclo.

Os moradores locais também aproveitam o bom fluxo do turismo na região e transformam suas casas em pousadas, beneficiando-se das altas temporadas do turismo. Outros se desfazem de algum patrimônio (terreno, sítio, casa ou gados) e compram um meio de transporte (lancha voadeira ou carro com tração nas quatro rodas) para fazer serviços de locação aos turistas nos circuitos da região.

No âmbito da comunicação, o celular e os computadores são elementos importantes, apesar de o sinal da Internet oscilar bastante. Não é raro encontrar pessoas jovens e idosos tentando se adaptar à tecnologia do celular e da Internet, utilizando as redes sociais para registrar os momentos e acontecimentos. Os irmãos Hugo e Odon, produtores de bananas, demonstram seus produtos nas redes sociais, enquanto os filhos dos pescadores exibem o peixe pescado pelo pai para ser visto pelos parentes.

Figura 47: Prints das redes sociais dos moradores das comunidades.



Fonte: Redes sociais (Facebook e Whats App) cedido pelos moradores

É fato que a popularização e difusão da tecnologia do celular e da internet beneficiam as comunidades. Através desses instrumentos, os ribeirinhos registram tudo o que fazem, em vídeos e fotos: a produção agrícola, as atividades da pesca artesanal, a fabricação artesanal de canoas, a confecção do artesanato a fabricação de farinha de mandioca, a extração do buriti, as festas e tantas outras práticas.

Um aspecto importante a ser observado é que a incorporação de bens como o quadriciclo (veículo que enfrenta os caminhos ainda de difícil acesso), a adequação de um motor de popa à canoa, uma antena parabólica, a motocicleta, o uso do celular e da internet não anularam por completo as práticas costumeiras do povo ribeirinho. Diante de estímulos modernos, a comunidade não se desfaz de suas tradições e, ao mesmo tempo, também se recria cotidianamente.

É comum ver-se, em meio aos turistas, a chegada dos ribeirinhos com suas canoas cheias de mandioca para as casas de farinha na beirada do rio, onde, reunidos com a família inteira passam o dia no trabalho do fabrico da farinha. Também chegam os pescadores e marisqueiros (os coletores de caranguejo, siris, sururus) com a produção do dia e seus apetrechos de pesca. Na época do buriti, chegam canoas e canoas cheias do fruto colhido nas margens do rio.

Figura 48: Registro do cotidiano local.



Fonte: Acervo da autora

Observa-se, então, que os ribeirinhos convivem e utilizam os meios tecnológicos, o quadriciclo, a voadeira, a televisão, o celular, a internet, que chegaram com mais intensidade junto com a infraestrutura do turismo. Tudo isso não fez com que se despartassem completamente das práticas tradicionais. As tradições impregnadas em suas experiências de trabalho e a visão de mundo místico-religiosa retratada em suas narrativas (histórias, contos,

anedotas) se mantêm viva, entretanto, com menor intensidade. O Sr. Edvan,¹¹⁶ do povoado Mangaba, relata onde ainda se contam histórias:

Sim, acontece sempre nas rodadas das conversas, nos velórios, outras coisas assim, sempre saem essas conversas. Umas pessoas dizem: “Ah eu não acredito”. Outras dizem: “Eu dou testemunho de ter visto”. Outro dia, a gente estava em uma reunião com lideranças políticas, comentando essas histórias. Aí, um rapaz lá de Brejo disse que não acreditava. Antigamente eu falava que não acreditava, mas depois que eu vi passei a acreditar.

As transformações econômicas e socioculturais, assim como a dinâmica do turismo dentro dos povoados ribeirinhos trouxeram mudanças nas formas de suas práticas cotidianas. As pessoas passaram a usar a luz elétrica, em vez da lamparina; as estradas de piçarra, em vez das trilhas e picadas dentro das matas; a moto, em vez do animal de montaria; o uso da canoa com motor, em vez da canoa a remo. Todas essas mudanças, nas palavras do Sr. Edvan, *foram minimizando essas coisas* (o repassar das narrativas).

Os espaços de socialização onde circulavam as narrativas (histórias e causos) dos ribeirinhos diminuíram, embora ainda utilizem alguns espaços, como as casas de farinha, as fontes e beira do rio, a pescaria, o trabalho da roça, o tecer do artesanato, a colheita do buriti, a preparação das festas (festejos religiosos), o banho no rio. Nesses momentos, o contar de histórias resiste no bojo das novidades do turismo.

Durante o trabalho de campo, visitávamos Dona Rosa, já ia dar seis horas da tarde, presenciamos suas netas afoitas para tomar banho no rio. D. Rosa logo se posicionou alertando que aquela era a hora do cabal d'água e da mãe d'água. Então percebemos que essas histórias ainda são contadas no intuito de dar limites às crianças, pois a somente a autoridade dos pais e responsáveis não freia a curiosidade pelas águas do rio. As narrativas tem muita serventia nestes casos.

O cotidiano dos ribeirinhos na região dos Lençóis Maranhenses se processa, de certa forma, como uma apropriação dos valores que chegam com o turismo, entre eles, o uso do quadriciclo, da moto e da canoa com motor de polpa para o trabalho da roça. Na dinâmica há também um processo de incorporação, ressignificação e resistência que faz com que essas comunidades percorram a tradição e a modernidade na busca de adaptação e reconstrução de suas identidades socioculturais. Por exemplo, todo ano o extrativismo do fruto do buriti é

¹¹⁶ Entrevista feita em dezembro de 2016. O Sr. Edivan Carvalho, morador do povoado Mangaba, tem 40 anos de idade, trabalha no plantio de mandioca e na confecção da farinha, mas também faz suas pescarias corriqueiras. É envolvido na Associação de Moradores do povoado, o que lhe proporciona contato e troca de experiências com pessoas de vários municípios circunvizinhos. É ativo e participativo na comunidade. Pela presença na Associação, ganhou o respeito dos mais velhos.

intenso, sendo que sua polpa é aproveitada tanto entre os ribeirinhos em sua alimentação, como em forma de doces e sorvetes vendidos aos restaurantes da região.

Castells (1999, p.78 e 79) avalia que um dos debates mais antigos dos estudiosos das Ciências Sociais refere-se ao desaparecimento de comunidades em razão da urbanização e suburbanização. O autor argumenta que atualmente as pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja vila, cidade ou subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social que dão margem a interpretações alternativas. As pessoas resistem ao processo de individualização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que geram um sentimento de pertença e, em muitos casos, uma identidade cultural e comunal.

Assim, as comunidades locais, construídas a partir da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, são fontes específicas de identidades. No entanto, essas identidades consistem em reações contra as condições impostas pela desordem global e transformações incontroláveis em ritmo acelerado. Desse modo, são construídos abrigos, mas não paraísos (CASTELLS,1999, p.84).

A história recente das comunidades ribeirinhas - São Domingos, Boa Vista, Mangaba e Atins - está aberta, assim como a dos vários grupos humanos. O encontro dos dois mundos, o dos turistas e o dos ribeirinhos, soma o embate na luta da permanência de vivências presentes na inserção de novos valores que chegam. Como sabemos, as identidades não são fixas, elas são construídas nas relações sociais.

O turismo, como mais uma prática do mercado capitalista, trouxe consigo muitas novidades tecnológicas que proporcionaram mudanças nos hábitos locais dos ribeirinhos, com alterações no contexto do trabalho, transportes, comunicação, alimentação, festas, urbanização.

Fica evidente que as mudanças nas relações de trabalho convergem para o que Gagnebin (1994, p.11), prefaciando *Obras Escolhidas* (volume 1), de Walter Benjamin, alerta sobre o enfraquecimento do ato de contar e ouvir histórias. Esse fato se inicia com o declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiam a existência de uma memória coletiva ligada a um trabalho e a um tempo partilhado, em um mesmo universo de prática e de linguagem.

Benjamin (1994, p.119), no ensaio intitulado *Experiência e Pobreza*, reflete sobre a privação do intercâmbio de experiência, afirmando que uma nova forma de miséria surgiu com o desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. Então, diz o autor, ficamos pobres. E complementa: “Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo de seu valor para recebemos em troca a moeda miúda do *atual*”.

Mas, no conjunto dos acontecimentos que chegam à região dos Lençóis Maranhenses, é notado um distanciamento entre o turista e o ribeirinho, assim como entre o empreendedor ligado ao ramo do turismo e a população que se torna mão de obra. Esse distanciamento deixa os ribeirinhos desconfiados quanto à inserção do turismo em seus espaços de intimidade como a beira do rio, que antes era usada exclusivamente para as tarefas cotidianas.

Sobre essa “invasão”, o Sr. Isac desabafa: “*Aí o turismo cresceu para matar o pobre, aqui ele trouxe foi lixo*”. Já D. Chica reclama que os peixes estão acabando devido ao barulho das lanchas no rio. O Sr. Enéas Conceição retruca: *Antigamente, o povo antigo não deixava que corresse com muita velocidade no transporte marítimo, porque essa onda ajuda a desequilibrar o rio*. O lazer dos turistas (os de fora) é acompanhado do barulho (lanchas, carros, música alta). Isso remete a um estranhamento para os de dentro (os ribeirinhos, sobretudo, os mais velhos).

Esse distanciamento entre o ribeirinho e aquele que vem de fora para apreciar paisagens ou para negociar, mostram em suas práticas enormes diferenças. Pois o nativo ribeirinho consegue ler nas entrelinhas do “estranho” a ausência de ligação com seu mundo real. Como já exposto, apesar da chegada do progresso, os moradores das comunidades não largaram completamente suas atividades tradicionais. E D. Rosa Amélia, faxineira num condomínio de casas de veraneio, volta a se pronunciar:

A gente tem a casa da gente, tem um canteiro, tem uma maniva¹¹⁷ pra plantar. O meu serviço era mais só o guardanapo [artesanato], era capinar um pé de maniva. Eu deixei o guardanapo mais um pouco, para ir para ali [condomínio]. Continuo fazendo guardanapo, mas não é como antes.

O distanciamento entre o turista e os ribeirinhos talvez seja um dado que leve homens e mulheres a cultivar a permanência de práticas ainda tradicionais. Mesmo trabalhando em atividades turísticas, reservam dias e momentos para retomar as atividades anteriores ao turismo. No caso de Dona Rosa Amélia, atualmente faxineira, vemos que reserva um tempo para cuidar de seu canteiro, de sua roça de mandioca e de seu artesanato (guardanapo).

As relações socioculturais dos ribeirinhos são elos que fortalecem a coesão social, sendo que as histórias ainda circulam nas comunidades em lugares comuns mantendo vivas as tradições e fortalecendo seu *ethos*. Reportando-se às narrativas e histórias, D. Desa diz que *a gente conta direitinho. Ainda existem essas coisas, tem gente que ainda vê*. Por sua vez, D. Rosa também confidencia: “*Os pescadores contam uns pros outros, aí vão comentar. Tu viste*

¹¹⁷ Parte do caule da planta adulta da mandioca destinado ao plantio. Corta-se o caule em pequenos pedaços e processa-se o plantio.

isso assim tal hora, no dia que você foi pescar? Aí eles dizem: eu vi tal hora desse jeito. Foi assim, tal coisa chegou na barraca, o fogo ainda estava aceso, era um vulto, é alto do chão”.

Dona Maria reitera: “*Sempre converso com os meninos que pescam e eu pergunto: vocês ainda veem coisas na água, essas coisas que tem que chamam de visagem? Os meninos dizem que existe que veem mesmo.* Dona Desa relata a história do genro que é pescador e sempre se depara com visagens da beira d’água¹¹⁸ na saída para a pesca:

O Ribinha da Cristina passou lá em casa e pediu um remo e foi pescar. Quando chegou ali no engenho, ele botou a rede e ficou ali pertinho, ele e outro rapaz. Aí ele ouviu bater por ali assim, quando ele ouviu um grito na rua da Boa Vista: “Eeeiii!!!” Ele escutou e pensou: ‘Lá vem um filho de uma égua!’ Quando chegou no engenho, ouviu de novo e ainda mais forte, quando chegou onde eles estavam soltou um eco medonho. Era doze horas. Eles pensaram: “Será que ele vai pisar nessa canoa aqui?”. “Rapaz, o negócio tá ruim, te segura rapaz!” Encostaram e se seguraram na popa da canoa. A *coisa* já caiu dentro d’água, foi uma queda grande dentro d’água. Eles não enxergaram nada. A coisa pegou a canoa e suspendeu a canoa pra riba. Eles ficaram dentro da canoa se segurando, a canoa subiu para a riba. O Ribinha disse: “Olha, filho de uma égua, solta minha canoa que eu não quero negócio contigo não, bandido. Te corto de facão já, já”. E ainda tornaram a suspender pra riba. O rapaz se sentou e se firmou e disse: “Mais do que Deus ninguém, vai tuas viagens que não te dou passagem, não”. Quando bateu do outro lado, só ouviu foi o grito. Mas diz o Ribinha que era grito de arrepiar cabelo. Pensei que essas *coisas* não passavam por dentro d’água, mas passa sim, senhora.

Dona Maria relata outra história de aparições de visagens em uma pousada na beira do rio, no povoado Boa Vista:

O vigia do Bambaé [pousada] estava sem sono, em pé, por lá fazendo a circulação do serviço dele de vigia. Era umas onze horas da noite, quando viu mexer para a cozinha. Aí ele vem na cozinha para ver quem mexia lá. Quando chegou lá, encontrou uma mulher, mas uma mulher bonita. Diz que esse homem conta que nunca tinha visto uma mulher bonita daquela. Aí diz que ele ficou suspenso do chão, a mulher com os cabelos bonitos. Ela falou: “O que você deseja? Pode me pedir que eu sirvo”. Ela estava limpando os pratos, arrumando, abriu o armário, tirou os pratos. Diz ele que ficou morto. Nunca pensava. Ele imaginou tirar o revólver da bainha, aonde que a mão dele não deu para tirar. Aí, num piscar de olhos, ele não viu mais a mulher. Ali onde é o Bambaé aparecia visagens, essa é uma das. Ali foi um engenho.

Os lugares atuais se encontram revestidos de memória, onde o antigo está bem vivo e é revivido na cabeça dos entrevistados. Ali onde funciona a pousada citada por D. Maria era um

¹¹⁸ Segundo o Novo Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (2004), o termo “visagem” significa fantasma ou visão. A palavra “visagento” amplia os significados. Segundo Galvão (1975, p.80), os bichos visagentos amazônicos dominam e controlam o ambiente natural, a mata e os rios. São como entidades protetoras que guardam a natureza contra sua depredação pelo homem.

antigo engenho. Nesse lugar há muitas histórias do passado que ainda se fazem presentes, mesmo nos ambientes das novas construções turísticas.

A realização das atividades tradicionais, ainda que menos intensa nestes espaços, como o artesanato, o cuidado com as criações de gado ou porco, uma roça, a pesca, o extrativismo do buriti, não enfraqueceu por completo. É aquilo que Meneses (1985) chama de *produções simbólicas do imaginário coletivo* local.

Nessas comunidades, nas narrativas contidas nas experiências de trabalho, nas experiências místico-religiosas, na relação espaço-rio-mar, percebe-se um corpo de visões de mundo onde perpassam elementos mágicos, extraordinários e fantásticos. As narrativas que contemplam a *cobra grande*, a *mãe d'água*, o *cabal d'água*, o *gritador*, o *cabeça de cuia* e outros bichos assustadores trazem aspectos de orientador pedagógico¹¹⁹, pois essas histórias existem nas comunidades como uma forma de resistência e preservação de suas tradições.

As entrevistas colhidas indicam que as narrativas das comunidades ribeirinhas dos Lençóis Maranhenses possuem uma validade social que auxilia a perpetuar um modelo de vida daqueles que transitam às beiras d'água.

Em 2010, na escola da comunidade São Domingos foi desenvolvido um projeto¹²⁰ envolvendo os idosos e as crianças no sentido de trocar saberes. Nesse trabalho, a memória de mulheres e homens velhos trouxe à tona histórias dos pescadores, agricultores e artesãos da comunidade, tornando-as acessíveis às novas gerações da localidade.

Os desenhos dos alunos refletem os espaços de relação com as narrativas ouvidas dos avós, dos pais e da vizinhança. As crianças mostram o rio e as matas do entorno, a festa de São Gonçalo, o pescador em seu barco e a mulher rezando em seu oratório; demonstram suas visões de mundo indo das experiências de trabalho às experiências místico-religiosas. O vínculo escola - comunidade é uma forma rica de fazer interagir os saberes, principalmente dos mais velhos com os mais novos.

¹¹⁹ Essas histórias e narrativas sobrenaturais dos ribeirinhos servem como guia no sentido de aprender a conviver com os perigos inesperados que reservam as águas do rio e do mar. Os enredos dessas narrativas trazem vários elementos que, assim acreditamos, desempenham um papel pedagógico, seja impondo limites, seja despertando atitudes e princípios que os levem a um bom convívio entre todos.

¹²⁰ Associação VagaLume, é uma Organização educativa não governamental que desenvolve atividades voltadas para projetos educativos. A metodologia VagaLume de criação de bibliotecas comunitárias é baseada no tripé Estrutura-Capacitação-Gestão, ou seja, a entrega de recursos materiais é acompanhada da formação de pessoas e do incentivo à gestão comunitária, sempre valorizando a cultura local. No povoado São Domingos foi feita uma oficina da Expedição VagaLume onde foi elaborada uma Cartilha intitulada Memórias da Vida, em outubro de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos seguir os itinerários das comunidades ribeirinhas na região dos Lençóis Maranhenses com a finalidade de entender o encontro entre o turismo que chegou com força e as práticas tradicionais das comunidades da beira do rio.

A pesquisa empírica nos mostrou dois mundos devidamente segmentados que se expõem na realidade local: por um lado, o turismo e seus negócios (espetáculos, multidões, comércio, especulação de terra); por outro, as comunidades ribeirinhas e seu cotidiano (rotina da pesca, agricultura, compadrios, festas, artesanatos, histórias, anedotas e causos). A entrada no campo de pesquisa e o consequente encontro com as comunidades ribeirinhas e suas memórias nos mostrou que as tradições desse grupo ainda resistem às interferências que o turismo trouxe. Nesse ínterim, buscamos entender ambos os cenários, a continuidade das tradições e o contexto que se alterou.

As mudanças na região vieram se processando desde a entrada da Petrobrás, no período de 1960. No entanto, a intervenção do turismo provocou uma intensidade de novos hábitos, principalmente a partir dos anos 80.

A pesquisa nos indicou, entretanto, que as narrativas baseadas em experiências tradicionais da população ribeirinha não estão esgotadas, apesar da aparente força hegemônica do turismo. Esses homens e mulheres constroem outras dimensões, reinterpretando as mudanças que chegam no sentido de reafirmar sua identidade. Pensamos que esse fato não é uma característica só dos ribeirinhos dos Lençóis Maranhenses, mas de grande parte de grupos sociais das regiões Norte e Nordeste.

O trabalho de campo e nossa aproximação com as pessoas das comunidades nos fizeram chegar mais perto do universo desse grupo e suas tradições. Assim, a luta diária, que vai dos cuidados com a roça e a horta, a paciência na confecção de canoas, a pesca, o artesanato, o contar histórias em seus espaços de tarefas mostram que a identidade dos ribeirinhos não se apagou, embora as mudanças intensas que o turismo está provocando tentem mostrar o contrário. O mergulho nas teias da vivência ribeirinha nos proporcionou perceber elementos fortes de suas tradições, marcados em suas experiências.

As práticas tradicionais, as histórias e os causos permanecem numa memória que ultrapassa a passagem do tempo. Nesse ínterim, os tempos se superpõem: o tempo dos ribeirinhos em suas tarefas tradicionais e o tempo do turismo. Assim, nos arriscamos a defender que na região dos Lençóis Maranhenses vários tempos são experimentados. Os ribeirinhos vivem a interposição entre o turismo e a tradição, numa tentativa constante de manter o tempo da esperança, o tempo que virá diante do conflito entre os dois mundos. Partindo desse contexto, a história desse grupo está aberta.

Em conclusão não buscamos encontrar um tempo perdido de uma sociedade esgotada, mas seguimos as pistas de um tempo presente em conflito.

Os Lençóis Maranhenses, região divulgada intensamente na mídia em geral, mudou o foco do turismo no Maranhão, principalmente após a construção da MA-402. Hoje, não é somente São Luís e Alcântara que os visitantes querem conhecer. Viajam 260 quilômetros a mais, saindo de São Luís, para chegar aos tão falados Lençóis Maranhenses.

Os planos governamentais de turismo, em âmbito nacional, estadual e municipal, trazem em suas entrelinhas a paisagem da região dos Lençóis Maranhenses e suas comunidades como um produto disponível. Uma estratégia principal dos Planos foi o investimento na propaganda. O efeito dessa propaganda contribuiu para a presença de muitos visitantes. Dessa forma, deu-se também a entrada de novos hábitos.

A inserção do município de Barreirinhas nessa nova atividade econômica intensificou a construção de imóveis destinados a hospedagens e casas de veraneio ou segundas residências, conduzindo a especulação de terras. Esse fato fez muitas comunidades se alertarem para o perigo que estavam correndo, despertando a união de todos para barrar a força do mercado de terras. No caso específico, a comunidade São Domingos, ainda conseguiu recuperar uma parte de suas terras destinadas à agricultura.

Em se tratando de lugares que congregam relações de trabalho tradicional e ambientes rurais versus a pressão do mercado, o conflito é presente. As mudanças que chegam mascaradas de desenvolvimento, atreladas a lógica do turismo como uma faceta do mercado do lazer com interesses particulares envolvidos, constituem um potencial efeito desarticulador da identidade local.

Nesse caso, nosso trabalho de pesquisa nas comunidades ribeirinhas reúne um grupo marcado pela interferência do turismo, que, no entanto, ainda preserva sua força cultural, permitindo manter sua identidade. A experiência desse grupo recomposta em suas práticas se encontra concretizado em seu cotidiano.

A pesquisa com as fontes orais nos ajudou também na recomposição de narrativas consubstanciadas em histórias, causos, anedotas e contos. Essas narrativas recompostas através de suas memórias trouxeram elementos para se entender a formação sociocultural das comunidades ribeirinhas do leste maranhense. Diante disso, faz-se mais que necessário salvaguardar esse patrimônio que pode se dissipar no tempo do turismo. Isso porque nem sempre modelos de práticas turísticas respeitam as comunidades envolvidas, sendo observado, às vezes, um completo descaso com os grupos que ali vivem. Na ânsia pelo lucro diante dos negócios do turismo, os ribeirinhos são negligenciados em seus direitos, como ficou claro na fala do Sr. Isac quanto ao uso da beira do rio.

O modo pelo qual é implementado o mercado turístico acaba por trazer uma dinâmica nova que pode gerar danos irreversíveis ao meio ambiente e à cultura local, modificando a paisagem e a vida sociocultural.

O desenvolvimento da presente pesquisa revela diferentes graus de ambiguidade entre os valores culturais de um grupo e a contemporaneidade com suas nuances. Nesse sentido observamos que as comunidades pesquisadas atualizam o passado (suas tradições) no presente (turismo).

Para entender o mundo dos ribeirinhos começamos historicizando os rastros de seus ancestrais na região. De onde vieram? Por que vieram? Por quais caminhos chegaram lá? Na trilha das nossas buscas, descobrimos um emaranhado de grupos humanos que povoaram a localidade: grupos indígenas Tapuios e Caetés, portugueses donos de engenhos das duas grandes fazendas da região, negros cativos, cearenses e piauienses fugindo das secas. Nessa viagem sobre os passos dos primeiros habitantes, a busca pelas margens dos rios, riachos e lagoas foi determinante para a manutenção da prole, de quem já estava lá e de quem chegava. Os relatos dos antigos moradores deixaram claro que os veios d'água eram considerados como uma *mãe* que acolhe e protege. Nesse ambiente é construído o *ethos* desse grupo da beira do rio.

O mundo ribeirinho e seu arcabouço cultural herdaram uma adaptação tradicional e formas de conhecimento ligadas aos recursos disponíveis e em consonância com as experiências das gerações anteriores. Tem-se, dessa forma, um saber acumulado e uma socialização dentro dessas formas adaptativas. A noção de pertencimento do grupo expressa-se quando lhes é feita a pergunta: De onde você é? E respondem: “sou povo de Mangaba”, “povo de São Domingos”, “povo de Atins”. Tateando nas teias das palavras através da pesquisa oral chegamos a um acervo de narrativas do povo ribeirinho. Todo esse conjunto de narrativas colhidas expressa suas experiências e vivências na beira dos rios, lagoas e riachos da região.

Na trajetória desta pesquisa, nossa intenção foi também fazer um mapeamento das narrativas orais (histórias, causos, crenças e provérbios locais), percebendo o contexto pedagógico entranhado nas experiências do grupo estudado. Na região dos Lençóis Maranhenses, assim como em outras localidades do nosso Estado, são encontradas redes culturais diversificadas e ricas que urge serem documentadas. Frente às mudanças bruscas que vieram com o turismo, esse mapeamento do conjunto das narrativas se faz necessário, no sentido de registrar o rico patrimônio cultural dos ribeirinhos estudados. Dessa maneira, contribuirá para construir subsídios de pesquisa no âmbito das ciências sociais e humanas.

As narrativas e histórias de vidas e experiências dos ribeirinhos encravadas no cotidiano contribuíram para refletir sobre a identidade desse grupo. Esperamos, com nossa pesquisa, acrescentar informações a futuros estudos sobre o conflito inerente às práticas tradicionais e às práticas ligadas ao turismo (sociedade de consumo), bem como interferências destas sobre aquelas.

Este estudo se torna relevante para as comunidades envolvidas com referência à valorização de seu *ethos*, pois os estudos históricos e sociológicos afirmam que a mentalidade colonialista trouxe em seu discurso o rótulo dicotômico: civilizado versus primitivo, estudado por Galeano (2010); Marini (2007); Castro-Gomez (1997); Fernández Retamar (1998); e Ribeiro (1993), sendo que este modelo dicotômico de pensamento foi e é analisado no sentido de possibilitar sua desconstrução. A nossa pesquisa a partir da oralidade e o cruzamento de outras fontes reforçam a importância da memória como reveladora das práticas sociais de grupos sociais invisibilizados, pois, através da memória, o conhecimento pode ser reconstruído.

As mudanças vindas com o turismo não apagaram da memória dos ribeirinhos suas práticas tradicionais. Para comprovar nossa busca, os relatos dos ribeirinhos foram relevantes. Em suas narrativas encontramos elementos de resistência e preservação de suas experiências e práticas tradicionais. Assim, a história de vida desse grupo mostra que a memória do passado se faz presente nos acontecimentos de hoje. Dessa forma, buscam recuperar o lugar de existência e de experiência. Nesse sentido, visualizamos que nem tudo são escombros, já que há um refazer-se a partir da memória impressa em suas narrativas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.W.B. Identidades, territórios e movimentos sociais na Pan-Amazônia. In: MARIN, R. E A. **Populações tradicionais**: questões de terra na Pan-Amazônia. Belém. UNAMA, 2008.

ALMEIDA, Alfredo W. B. **A ideologia da decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura no Maranhão.** Rio de Janeiro: Casa 8/ FUA, 2008.

_____, Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Estudos Urbanos e Regionais**, v.06, n, 1, Maio 2004.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em Historia oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES Andreia Duarte; JUSTO José Sterza. Histórias de pescadores: estudo com ribeirinhos desalojados por uma hidrelétrica. **Revista Psicologia Política**. Vol. 1. n° 22. pp. 309-328. Jul. – Dez. 2011.

ATAIDE, F. **Ocupação e o ordenamento do território turístico no município de Barreirinhas (Ma).** 2015, Universidade do Vale do Itajaí- Santa Catarina-Programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria, (dissertação de Mestrado).

BACZO, B. **A Imaginação Social.** In: Leach, Edmund et All. *Anthropos-Homem*. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Lask, T. (Org.) Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.

BARCELLOS, *Gilsa Helena. Desterritorialização e resistência tupiniquim: mulheres indígenas e o complexo agroindustrial da Aracruz Celulose(tese de doutorado UFMG - Programa Pós-graduação em Geografia, 2008. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-7MDM33>> acesso em_02 abr. 2015.*

BAUMAN, Z. **O Mal-estar da Pós-modernidade.** Tradução Mauro Gama; Cláudia Martineli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BENJAMIM, W. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia as Letras, 1986.

BRASIL, Decreto-Lei, n° 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília-DF, seção 1 de 8 de fevereiro de 2007, p.316. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2007/decreto-6040-7-fevereiro-2007-550693-norma-pe.html>> acesso em 02 de abril de 2017.

BACZO, B. **A Imaginação Social** In: Leach, Edmund et All. *Anthropos-Homem*. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BACIAS HIDROGRAFICAS MARANHENSES - Núcleo Geoambiental. Disponível em <http://www.nugeo.uema.br/?page_id=255> acesso em 23 de jun. 2014.

BOSI, Cleia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3.ed. São Paulo:Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Eclea. **O Tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Atelie Editorial, 2003.

BERGSON, H. **Memória e vida**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. **Comunidades tradicionais ocupam um quarto do território nacional**. Disponível em: <<http://www.fomezero.gov.br/noticias/comunidades-tradicionais-ocupam-um-quarto-do-territorio-nacional>>. Acesso em: 11 dez. 2011b.

BURKE, P. **O que é Historia Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTRO-GOMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e as ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO (Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais), 2005.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. **Crítica de la razón lanoamericana**. Barcelona: Puvill Livros, 1996.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**: a era da informação, economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CANEDO, Leticia B. Caminos de la memoria: parentesco y poder. Revista de História oral. São Paulo, N° 12.

CARICCHIO, Camilla de. Zona Costeira. Disponível em < Bio.ufba.br <http://www.zonacosteira.bio.ufba.br/Manguezais.html>>, acesso em mai.2017.

CONCEIÇÃO, Maria de Fátima C. Populações, sociabilidade e reordenação social na Amazônia. In: COSTA, M. J. J. (Org.). **Sociologia na Amazônia**: debates e experiências de pesquisa. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Coleção Terra Brasilis. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CATROGA, F. **Memoria, história e historiografia**. Coimbra: Editora Quarteto, 2001.

CANDAU, J. **Memoria e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975.

CASTRO-GOMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e as ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO (Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais), 2005.

CARVALHO, João Renoir Ferreira de. **As guerras justas e os autos de devassa contra os índios da Amazônia no período colonial**. Imperatriz-Ma: Editora Ética, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba**. Recife: PE, Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de, 2010

DA MATTA, R. **Ralativizando: uma introdução a antropologia social**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1981.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral, memória, identidades. In: **História oral, memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 09-66.

D'ANTONA, A. **O verão, o inverno e o inverso: sobre o modo de vida de comunidades residentes na região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, SP: 1997.

D'ANTONA, Álvaro O. de. O lugar do Parque Nacional na lógica dos Lençóis Maranhenses. In: **REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, 2000, Brasília.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DIEGUES, A. C. A pesca construindo sociedades: Leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004, 315p .

ESTÉS, Clarissa P. **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ELIAS, Nobert. **O processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Nobert. **Sobre o Tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ESCOBAR, A. **La invencion del tercer mundo: construccion y desconstruccion desde desarrollo**. Caracas.Venezuela: Fundacion Editorial el Perro y a Rana, 2007.

FERNANDES, Renata S. A memória dos lugares, dos objetos e os guardiões da memória na educação não-formal. **Revista de História oral**. São Paulo, N° 2, vol. 8, jul-dez, 2005.

FERRETTI, M. **Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias**. São Luís, UEMA Editora, 2000.

- FERRAZ, S. **O movimento camponês no Bico do Papagaio: Sete Barracas em busca de um elo.** Imperatriz, MA: Ética, 1998.
- FERREIRA, Luiza M. C. J. **Relatório parcial do projeto de pesquisa: Estudo do deslocamento de famílias camponesas às margens do rio Preguiças.** São Luis: SEMA/GERCOMA, 1994.
- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memoria Social: novas perspectivas sobre o passado.** Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- FRISCH, Michel; HAMILTON, Paula; THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO Et al. (Coord.) **Usos e abusos da historia oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GALVÃO, E. **Santos e visagens, um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas.** São Paulo: companhia Editora Nacional, 1976.
- GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** Tradução Sergio Faraco. Porto Alegre, RS.: L&PM, 2010.
- GAGNEBIN, Jean-Marie. Walter Benjamin ou a história aberta (Prefacio). In: BENJAMIM, W. **Obras Escolhidas-Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GRELE, R. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma critica construtiva à historia oral. In: FERREIRA & AMADO (orgs.). **Usos e abusos da historia oral.** 8ª edição, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 2006.
- GANDARA, G. S. **Rio Parnaíba... cidades-beiras (1850-1950).** 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília. Brasília, DF: 2008. 297 f.
- GOMES, Mércio, P. **Antropologia: ciência do homem.** São Paulo: Contexto, 2008.
- GOMES, M.P. **O índio na história: a saga do povo Tenetehara em busca da liberdade.** Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2002.
- GONZÁLEZ, Stephan, Beatriz. **Economías fundacionales.** Diseño del cuerpo ciudadano em González Stephan, B. (comp.) Cultura y Tercer Mundo. Nuevas identidades y ciudadanías Caracas: Nueva Sociedad, 1996.
- GIDDENS, A. **O mundo em descontrol.** Tradução: Maria Luiza X. Borges. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro. LTC, 1989.
- HALBWACHS, M. **Memória coletiva.** São Paulo: Editora Biblioteca Vértice, 1990.
- HARRITS, Kirsten F.; SHARNBERG, D. Encontro com o contador de histórias: um processo de aprendizado mutuo. **Revista de História oral.** São Paulo, N° 3, vol. 8, jun, 2000.

HELLER, A. **O cotidiano e a historia**. 3ª edição. São Paulo: Paz e terra, 1989.

HOBSBWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX- 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBWM, E.; RANGER, T(orgs). **A invenção das tradições**. Tradução: Clina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Tradução: Joao Paulo Monteiro. Sao Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

IBAMA. **Relatório de visita técnica à região dos Lençóis Maranhenses**, 1995.

IBAMA. Relatório de visita técnica à região dos Lençóis Maranhenses, 1995. ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Programa de turismo nos parques**. 2008. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/revistafinal.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística/População**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/conceitos.shtm>. Acesso em: 9 jun. 2011.

_____. **Relatório das cidades do Estado do Maranhão**. 2007.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. **A Balaiada**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

JOUTARD, P. La historia oral: Balance de um cuarto de siglo de reflexion metodológica y de trabajos. Papers- **Revista de sociologia**, Nº 47, Universitat Autònoma de Barcelona, 1995.

LAPLANTINI, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

LANDER, E.(org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e as ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO(Conselho Latinoamericano de ciências sociais), 2005.

LÖWY, Michael, A filosofia da história de Walter Benjamin. Revista **Estudos Avançados-USP**, n.16, 2002.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaios de Antropologia Simétrica**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: editora 34, 1994.

LENOIR, Remi (1998). "Objeto sociológico e problema social", in Patrick Champagne, Remi Lenoir & Dominique Merllié, **Iniciação à prática sociológica**, Petrópolis: Vozes.

LE GOFF, J. A historia nova. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a história**. Lisboa: edições 70, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et. al. Campinas-SP. Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antonio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. *Revista Princípios*. Natal (RN), v. 20, n. 33 Janeiro/Junho de 2013, p. 449-484

LOZANO, J.E A. Prática e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA & AMADO (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

MARANHÃO. Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais do Estado do Maranhão. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Turismo do Maranhão. **Diagnóstico dos principais problemas ambientais do Estado do Maranhão**. São Luís: Lithograf, 1991. 193p.

_____. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro**. São Luis: SEMA, 1994.

_____. Secretaria de Estado do Turismo. **Plano Maior - 2002**. São Luís, [s.n.], 2002.

MARTINS, Jose de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____, José de Souza. **Sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **A aparição do demônio na fábrica**. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MEMÓRIAS DA VIDA. Barreirinhas: [s.n.] 2010. (Cartilha artesanal produzida por membros da comunidade durante oficina do Projeto Vagalume, em outubro de 2010).

MATOS, Olgaria. A narrativa: metáfora e liberdade. **Revista de História oral**. São Paulo, Nº 4, jun, 2001.

MONTENEGRO, Antônio T. **história, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTTA, Antônio. Patrimônio. SANSONE, L.; FURTADO, C, A. (Orgs) In: **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador- Ba: EDUFBA, 2014.

MAROCCO, Beatriz (Org). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos Universidade, 2012.

MAGALHAES, Maria do S. R. A lenda do cabeça-de-Cuia: estrutura narrativa e formulação do sentido. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras** da universidade do Passo Fundo, v.7, nº 01, p.151-160, jan/jun.2011.

MARINI, R. M.; MILLÁN, M.(Coord.). **La teoria social LatinoAmericana**. Mexico:DF. Edições El Cabalito, Universidad Nacional Autonoma de Mexico, 1995.

MENEZES, E. Diatahy B. de. Prometeu e Pandora entre o Espelho e a Máscara, ou Fantasia, ordem e mistério no moinho do sentido (mito e ideologia) . **Revista de História (USP)**, São Paulo, SP, v. 118, p. 97-159, 1985.

O'DWYER, Eliane C. Os quilombos e as fronteiras da antropologia. **Antropolítica**, n. 19, p. 91-111, 2º semestre, Niterói, 2005.

ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1998.

PACHECO FILHO, A. K. **Varando mundos: navegação no vale do rio Grajaú**. 2011. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2011.

PEREIRA, Madian de Jesus F. “Filhos do Rei Sebastiao”, “Filhos da Lua”: construções simbólicas sobre os nativos da Ilha dos Lençóis. **Revista Cadernos de Campo-USP**, São Paulo, SP, n.13, p. 61-74, 2005.

PINTO, Julio P. Os muitos tempos da memória. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 17, novembro de 1993.

PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 17, novembro de 1998

PATRIMÔNIO IMATERIAL. Disponível em: portal. <http://www.iphan.gov.br/portal/><acesso em: 09 ago 2014>

QUINTAL, Raimundo. **Levadas da madeira Caminhos da Água, Caminhos de Descoberta da Natureza**. Secretaria Regional do Turismo e Transportes da Madeira, 2009. disponível em < <http://www.madeiraislands.travel/pls/madeira/wsmwdet0.detalheconteudo> > acesso em: 02 de abr. 2017.

RAMOS, B. **História de Barreirinhas**: portal dos Lençóis Maranhenses. São Luís, [s.n.]: 2008.

RAMOS Carmem B. **A ação do turismo nos lençóis maranhenses: a Comunidade São Domingos entre a tradição e a modernidade**. 2012. Dissertação (Mestrado) -Universidade Estadual do Maranhão, São Luis, 2012.

RETAMAR, R. F. **Caliban e outros ensaios**. São Paulo: Editora Busca Vida, 1988.

RIBEIRO, D. **O processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Editora civilização Brasileira, 1983.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 8º edição. Rio de Janeiro: RJ, Jose Olympio Editora, 2001.

ROCHA, Everardo P.G. **O que é etnocentrismo**. 5º edição, Brasiliense, 1988.

RODRIGUES, Linda Maria “**O Segredo do Brasil**”: os sentidos do lugar turístico no discurso da propaganda oficial sobre os Lençóis Maranhenses. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara-SP, 2011 (Tese de Doutorado).

REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTOS, Boaventura S. (Org) **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SADER, Regina. Lutas e imaginário camponês. **Tempo Social: Revista Sociologia USP**, São Paulo, nº02, 1º sem. 1990

SANTOS, Maria V. **A Balaiada e a insurreição de escravos no Maranhão**. São Paulo: Ática, 1983.

SÁNCHEZ, Pilar D. Las fuentes orales y la construcción de relatos biográficos: mujeres trabajadoras em la ditadura franquista. In: LLONA, Miren (Coord.). **Entreverse**: teoria y metodologia pratica de las fuentes orales. Bilbao: Universidad del Pais Vasco, 2012.

SÁ, Lais Mourão. **O pão da terra**: propriedade comunal e campesinato livre na Baixada ocidental maranhense. São Luis: EDUFMA, 2007

SILVA, Sandro, R. F. **Teologia da Libertação**: revolução e reação interiorizadas na Igreja. Rio de Janeiro-RJ. Universidade Federal Fluminense, PPG História Contemporanea, 2006 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Sislene C. **Filhos do Taim**: estratégias para defesa e uso de um território. Universidade Federal Do Maranhão-Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, São Luis-Ma, 2009 (dissertação de Mestrado).

TELLES, Janaina Almeida de. Os segredos e os mitos sobre a Guerrilha do Araguaia (1972-1974). **História Unisinos**, vol. 18, nº3, set/dez 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: historia oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMPON, E.P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. História Indígena: 500 anos de despovoamento. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de Povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

TRAVANCAS, I. A entrevista no jornalismo e na Antropologia: pesquisando Jornalistas. In: MAROCCO, Beatriz (Org). **Entrevista: na pratica jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos Universidade, 2012.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **A procura das Bandeiras Verdes**: viagem, missão e romaria movimentos socioreligiosos na Amazônia oriental. Tese de Doutorado apresentada a Departamento de Antropologia. UNICAMP- Campinas- São Paulo. 2001.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1998.

ZILBERMAN, Regina Práticas narrativas, oralidade e memória. In: TETTAMANZY, Ana Lucia L. et al. (Org.). **Sobre as poéticas do dizer: pesquisas e reflexões em oralidade**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de Pós-graduação **Carmem Barroso Ramos**, do curso de Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS de São Leopoldo-RS, que pode ser contatado pelo e-mail carmembarr@gmail.com e pelo telefone (99) 984122690. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com a população ribeirinhas dos povoados de São Domingos, Tapuío e Atins no município de Barreirinhas-Ma, visando, por parte da aluna desenvolver o projeto de tese do curso de doutorado intitulado "**MEMORIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: as transformações culturais nos Lençóis Maranhenses**". Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

x JOSE ASSIS SOUSA

Assinatura

Imperatriz, 12 de OUTUBRO de 2015

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de Pós-graduação **Carmem Barroso Ramos**, do curso de Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS de São Leopoldo-RS, que pode ser contatado pelo e-mail carmembarr@gmail.com e pelo telefone (99) 984122690. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com a população ribeirinhas dos povoados de São Domingos, Tapuio e Atins no município de Barreirinhas-Ma , visando, por parte da aluna desenvolver o projeto de tese do curso de doutorado intitulado “**MEMORIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: as transformações culturais nos Lençóis Maranhenses** ”. Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

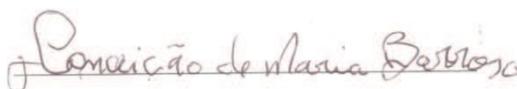
Audivan Carvalho Costa

Assinatura

Imperatriz, 12 de Setembro de 2015

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de Pós-graduação **Carmem Barroso Ramos**, do curso de Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS de São Leopoldo-RS, que pode ser contatado pelo e-mail carmembarr@gmail.com e pelo telefone (99) 984122690. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com a população ribeirinhas dos povoados de São Domingos, Tapuio e Atins no município de Barreirinhas-Ma, visando, por parte da aluna desenvolver o projeto de tese do curso de doutorado intitulado “**MEMORIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: as transformações culturais nos Lençóis Maranhenses**”. Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

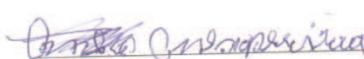


Assinatura

Imperatriz, 13 de OUTUBRO de 2015

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de Pós-graduação **Carmem Barroso Ramos**, do curso de Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS de São Leopoldo-RS, que pode ser contatado pelo e-mail carmembarr@gmail.com e pelo telefone (99) 984122690. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com a população ribeirinhas dos povoados de São Domingos, Tapuío e Atins no município de Barreirinhas-Ma, visando, por parte da aluna desenvolver o projeto de tese do curso de doutorado intitulado “**MEMORIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: as transformações culturais nos Lençóis Maranhenses**”. Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

 _____ (Semi. ANALFABETO)

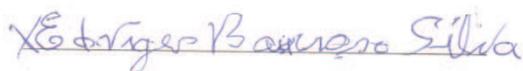
Assinatura

Imperatriz, 10 de Janeiro de 2016

ANESIO DINIZ PEREIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de Pós-graduação **Carmem Barroso Ramos**, do curso de Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS de São Leopoldo-RS, que pode ser contatado pelo e-mail carmembarr@gmail.com e pelo telefone (99) 984122690. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com a população ribeirinhas dos povoados de São Domingos, Tapuio e Atins no município de Barreirinhas-Ma, visando, por parte da aluna desenvolver o projeto de tese do curso de doutorado intitulado "**MEMORIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: as transformações culturais nos Lençóis Maranhenses**". Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.



Assinatura

Imperatriz, 11 de outubro de 2015

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de Pós-graduação **Carmem Barroso Ramos**, do curso de Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS de São Leopoldo-RS, que pode ser contatado pelo e-mail carmembarr@gmail.com e pelo telefone (99) 984122690. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com a população ribeirinhas dos povoados de São Domingos, Boa Vista, Mangaba e Atins no município de Barreirinhas-Ma , visando, por parte da aluna desenvolver o projeto de tese do curso de doutorado intitulado “**MEMORIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: as transformações culturais nos Lençóis Maranhenses** ”. Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Maria Machado

Assinatura

Imperatriz, 03 de março de 2015

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de Pós-graduação **Carmem Barroso Ramos**, do curso de Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS de São Leopoldo-RS, que pode ser contatado pelo e-mail carmembarr@gmail.com e pelo telefone (99) 984122690. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com a população ribeirinhas dos povoados de São Domingos, Boa Vista, Mangaba e Atins no município de Barreirinhas-Ma , visando, por parte da aluna desenvolver o projeto de tese do curso de doutorado intitulado “**MEMORIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: as transformações culturais nos Lençóis Maranhenses** “. Minha participação consistirá em conceder entrevistas que serão gravadas e transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A aluna providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.



Assinatura

Imperatriz, 18 de junho de 2015

Sr. Isac Machado (70 anos)

Entrevista realizada em junho 2015- Povoado São Domingos

- Com quem o senhor aprendeu a fazer canoa?

Eu tava pescando, tinha muita muriçoca e chuva, eu pedi a Nossa Senhora que me desse uma esmola, não só dali pudesse viver, não sabe e aí um eu pedi a meu tio Babá irmão do papai que me desse um serrote, uma encho e uma plaina... e aí eu comecei , e aí eu pedi a Deus que pudesse me desviar de certas coisas. Eu sei que não tinha letra, e quando chegou tive que fazer curso na marinha pra continuar o serviço. Eu me aperriei pagando 1.200 reais na época, me sacrifiquei. Peguei uma carteira. Trabalhei no canteiro da Alcoa, mas eu tinha feito primeiro o curso na marinha pra poder pegar esta posição.

Quando a gente briga vai ganhar a guerra. .. eu tive que enfrentar. Em todo lugar que você chega...você toda vez tem que ser o melhor. Não tenha cerimônia da sua imagem, Jesus não teve cerimônia da dele, mesmo apanhando ainda dizia, eu sou o rei de Jerusalém. Então você é o rei da sua imagem, você não pode esconder ela, não se suje pra poder não ter medo de representar, então é isso que é a verdade.

Não só do pão vive o homem, também não só da água. Quando Deus subiu ao céu deixou o mundo para nós. Nos temos que está nesse mundo e se virando, porque ele tava aqui , o pão não dava, ele encheu a cesta, pega esses pedacinhos e reparte... e hoje quem vai fazer isso é nós.

- O turismo é uma coisa boa para vocês?

Não foi bom pra nós, sabe por quê? Porque aqui enquanto você comia um quilo de carne por oito reais, você ta comprando por quinze. O quilo de peixe, que pega bem aí no rio, que você podia comprar por cinco e seis, ta comprando pó 15. Então quer dizer o turismo foi bom pra o prefeito, a turma da administração da cidade, é um crescimento. Mas pra população do lugar que não ganha nada daqui, aqui eu só ganho um troco porque sei fazer canoas...e o que não sabe fazer isso. Vai fazer o que? um monte de enxada pra cavar o que? Porque antigamente cavava esse chão pra plantar essa banana pra se comer e vender, hoje vem de fora, feita a trator aguado de avião e caboco não faz nada, vai roubar, fumar maconha, porque não tem nada pra ele fazer. O prefeito recebe o dinheiro que vem de fora mete nos bolsos e deixa a população toda fora. Até o pagamento de quem ganha uma merreca ainda falha. Aí o turismo cresceu pra matar o pobre...aqui ele trouxe foi lixo. Vem dois ônibus de São Luis com sacola de bebida, comida e

farofa pra vim cagar dentro do rio pra dar de comer pra papista, não tem banheiro que dê conta. Quando dá de tarde vão embora, e o rio cheio de merda.

Veja se o turista chega aqui pra botar um setor de um trabalho. Outra coisa aqui, um bocado de mocinha, em vez de ta ajudando em casa, vai jogar bola, a mãe fica fazendo em casa um café, enchendo a água, lavando a louça e ela vai brincar na rua. Com pouca tã na polemica, nem bem acaba o imbigó, porque o menino estufou o imbigó, é obrigado a cair no pé do negocio. Por causa de quê? Não tem administração do prefeito. Aqui ta totalmente errado. Não sei quem é o sabido pra administrar, pra normanizar. Aqui quem é prefeito, nunca teve um estudo de diminuir e se diministrou, foi mandado pelo diministrador.

Eu perguntei ao vereadores, o que faz o vereador? Porque só vem pedir não é vereador e esmoleu. Como é que a câmara de vereador não chega dentro de São Domingos, no mamédio, ou outro setor. Todo mundo recebe seu dinheiro, bolso e uma Toyota na porta. Ele vão pegar o carro dele... se você estudar pra diminuir ou se você se candidatar você não ganha porque você sabe administrar, quem vai ganhar, você sabe quem? É o ladrão, corrupto que é da bandidagem.

Um barco eu faço do tamanho que você queira, a largura, a grossura, todo tipo, o motor procuro. Porque a gente sabe pra chegar até aqui fiz curso na marinha, fiz barco.

Sexta feira fechou a feira. Chame o encarregado de limpeza, é pra amanhecer segunda feira a feira pintadinha, arrumada. Trabalho dia e noite. Cada um paga 50 reais por cada barraquinha do tamanho de uma bandeja de vender pão, mas paga 50. E por que que tá lá o monte de lixo, porque tá lá sujo, por que que ta caindo uma banda, caindo a outra. Diministração não sabe fazer. Tá sentado só pra: venha, venha, no rodo como quem vai puxando farinha torrada pra dentro do saco.

Vou chamar as autoridades e explicar que antigamente no porto grande se tecia curral de vara de tucum, de najá pra botar no rio pra pescar peixe. Veio andando, vem vindo foi apresentado o dono do beijo do rio. Hoje ta um beco. Um bar de um lado e um bar de outro. Ninguém salta mais, sábado, domingo tá lotado(terminado pro pessoal do lugar). Lá na frente onde era o porto do vovô, hoje é um bar no porto, lá é privatizado. Então lá na frente o rio fez uma distancia de fazer um porto pra lavar um animal, saltar uma carga que realmente não tem casa, só tem do lado de cima. Os companheiros fizeram o que? Quando não eles cercaram a parte do rio onde pode uma pessoa descer com carga e saltar. Eu quero levar o prefeito lá, procurar a marinha e liberar uma área pro povo. Então no porto grande hoje é um beco um bar

do lado outro de outro, nós não podemos saltar. Saltar nem encostar com carga, no beijo de um rio pesqueiro, né. E lá na frente os vizinho do outro lado da estrada do beijo do rio que não tem ninguém, que é da marinha, cercaram. Se agente amarra uma canoa, o cara solta do moirão como se fosse quem. Então tem que ter um prefeito tem que ter uma autoridade, tem que acionar a marinha pra vim liberar um porto pro povo. Porque nos não temos, não pode encostar lá nada porque ta privatizado. As autoridades não botam a marinha aqui, botam é o IBAMA, se agente corta um pau pra fazer um carvão o IBAMA não deixa, impede de você cortar um pau e marinha não ta porque? Lá na mariana no Piau, a distancia acho que dá uns 2 km pra chegar nos portos e a cidade perto da Parnaíba. Quer dizer que lá tem ordem, tem lei, caranguejo é por tempo que se tira. E aqui é absoluto, o cabra faz o que tem vontade, depende você ter dinheiro. Ter dinheiro aqui você tem tudo na vida. E vem amedrontando a população, acabou-se tudo, ta acabando. Nós vamos correr pra onde? O negocio aqui ta feio e ficando mais pior. Nós pra banhar, não banha mais. O rio ta a vontade, mas ta fechado as entradas pro rio. Então é preciso nós se encostar prum perfeito que ele acione a marinha e venha liberar a área que é pra ser do povo. Não é pra tomar, ele tira a cerca e o prefeito ajeita um porto grande que faça a vontade de todo mundo, que todo banhe, lave roupa, bote sua canoa. Aqui ficou pequeno, as canoas apanhando na beira dos cais, se batendo uma na outra. a voadeira, não tem mais bodor nos beijos do rio – a raiz da Jussara e do mangue ta limpinho como outra coisa, porque a maresia é como beira de costa, mas de trezenta voadeira pra lá e pra cá vai ficar algum peixe? As voadeira ateram o rio, a areia vai chegando pro centro do rio. Então é preciso ter um limite, vamos ter tudo no mundo, mas vamos ter um comportamento pra poder usar uns com os outros, quem é que vai olhar isso ai, o prefeito que é do lado mais forte não olha, quem é que vai olhar. Eu falo mas não sei resolver, porque eu não conheço, seu fulano da marinha, mas se eu fizer uma canoa e ele cismar de ela não andar, ele faz. Eu faço a canoa ele quer vender o colete porque eu to sem colete e não vê o porto aonde eu vou encostar, aonde eu amarro minha canoa. Então quem vive neste lugar aqui se quiser comer um peixe, ou ele vai pescar ou então vai comer ovo, porque não pode comprar um kilo. E não Posso comprar do meu vizinho porque ele vai vender lá pro turista... donos de restaurantes que espera os turistas pra comprar de 25 reais o kilo de 30 ou 40 depois de pronto vai valer esse dinheiro. Então é preciso nós olhar pra nos mesmo, porque se nós não se olhar nós não se vê. Então é necessário a gente vê as coisas que todo mundo precisa na beira de rio desses aqui. Não resta duvida que o barão tenha a pousada dele, mas também tem que ter o lugar do pobre também, senão ele não come o peixe, não come o caranguejo, porque, por onde ele ir buscar, ta fechado. A tendência é comprar o beijo do rio todo e fechar. Vamos ter limite, pera aí... hoje os poços, você enfia um cano de chão a dentro pra poder beber água,

porque lá no rio toda hora você vai lá buscar, tá interditado a água. Sábado e domingo todo mundo ta dentro do rio, caboco mete uma lata de cerveja uma tora de galinha água pra dar de comer pra papista, La mijá, La namora dentro d água, deixa as camisinhas dentro d água, tudo dentro d água. Então o seguinte, não ta uma porqueira? O óleo de cozinha dos bares e restaurantes jogam tudo na água, os ossos jogam na água. tá faltando é uma boa administração, uma referencia de procurar saber o que tá errado, conversar com quem ta vendo os erros. Porque nós não podemos dizer nada aqui, quem tem um bar é um barão aqui no nosso lugar, é alta categoria.

Pessoas ainda trabalham na Vila Regina?

Não La o homem privatizou, canto da ilha é outro, muito mato pra se roçar, plantar. Mas o dono não arruma. A gente não pode fazer invasão, que vem chumbo grosso. Porque os dono podiam chamar os pais de família, vocês querem plantar arroz, mandioca, banana, maxixe pra botar na cidade.tá lá. Chão tão bom pra arroz, macaxeira. Na vila Regina se você quer plantar uma moita de capim pra dar de comer pra uma réis...eles não mandem plantar coisa que demore, é coisa passageira, planta que você tira com três meses, quatro meses. Por causa de que isso, porque ta na mão de rico. Rico gosta de maltratar a população, mas precisa. Se botar uma roça o IBAMA imbarga, ta cortando a beira do rio, ta desmatando... e as voadeiras secando o rio. Na levada não se passava com a maré seca, hoje passa um barco, porque elas tão cavando. O IBAMA ta passando por dentro do que ta mal feito, mas se você cortar um pau vem lhe multar. O IBAMA é de quem? É do mesmo grupo Sarney, que o filho dele é o presidente do IBAMA. Ai quem que vai dizer que ta ruim. Bateu lá na mão do homem tem multa. Ai o pobre é sofrer. Quem é que vai ser advogado de pobre? Não tem dinheiro.

Entrevista realizada em outubro 2015 (povoado São Domingos)

Quais atividades você faz no condomínio?

Era só na cozinha, na limpeza alguma coisa assim. Eles só faziam me dá aquela dicazinha e me diziam: Rosa agora toma de conta. Aquilo que eu não sabia, eu dizia mesmo para eles: olha eu não sei fazer essa comida. Às vezes eles davam um nome de uma comida que eu não sabia que comida era. Uma galinha que ela me falou. Eu disse : ah eu não sei que comida é essa. A galinha era assim, é só tratada e aí só no alho e pimenta do reino e o sal. Tem um nome essa comida, aí eles disse, como a rosa não sabe, rosa você faz a outra galinha que era mesmo cozida no tempero. E a lucinha vai fazer essa, deu lá o nome da comida. Eu fiquei curiosa. Vou perguntar pra lucinha que comida é essa. Dei um pulo lá, ela me mostrou. Aqui Rosa , é só mesmo no alho, na pimenta do reino e sal, óleo, aí vai cozinhando e vai dourando ela, bem douradinha.

Como você foi trabalhar no condomínio do clube do jipe?

A dona Julia do seu Adelino, eles (visitantes) vinham sempre comprar gelo, ela (dona Julia) botou a plaquinha, aí eles vinham comprar. A moça perguntou se ela (Julia) não sabia de uma pessoa pra trabalhar, fazer faxina, limpeza lá (no condomínio). Aí ela veio aqui falou comigo.

Você gosta de trabalhar como diarista pra eles?

Eu gosto de trabalhar com eles. São bom, mas eu nem sei como vai ficar, porque ontem fui lá, o seu Murilo (vigia) me disse que já venderam a casa. Eles tão em São Paulo, o filho deles adoeceu, um rapaz novinho... eles já deu ordem pra vender a casa e já vem outras pessoas. Não sei se esses outros vão me contratar.

Quantas casas têm nesse condomínio?

10 casas.

Qual o ritmo do teu trabalho lá?

Trabalho só por temporada (feriado), ficam sexta, sábado e domingo. Eles pagam por temporada. Não assinam a carteira. Nós tava conversando eu e a Francisca. Ela tava falando assim: eles são um tipo de gente, ela (dona) me disse que era só pra abrir a casa dela. Disse: Rosa tu abre a casa e deixa correr um vento. Ora como vou abrir essa casa pra não limpar ela, né. Mesmo ela forrada, ela suja...eu digo assim a gente alimpa e eles não dão nem uma gratificação. Eles diz que a gente não é de carteira assinada. É só diarista. A gente não tem

direito em nada. Como a Francisca, essa moça pagava, contratou ela pra pagar 200 reais por mês, aí ela limpava a casa, molhava a grama e ta com mais de um ano que não vem mais e agora ela vendeu a casa. E aí só o dinheiro dessa menina ta dando mil e pouco. E aí que paga?

A Francisca tava dizendo assim: eu não vou mais trabalhar pra essa gente de Sarney, que são tudo miserável, não paga a gente. Tudo empresário, Fabio, Pepé e Vitoria...ela trabalha com o Fabio e a Vitoria. O Fabio foi outro, ele vendeu a casa dele e ficou devendo a faxina pra ela, não pagou. E aí fica assim mesmo? Aí eles ficam tudo se achando, aí não tem condição, a gente também perde o tempo da gente. O que a gente não faz muita coisa, mas a gente tem a casa da gente, tem um canteiro, tem uma maniva pra plantar. Aí no dia de sexta feira eu não vou pro serviço (roça etc) porque eu vou pra lá alimpar a casa, tanto eu como as outras. E aí? Eles vendem (casa) e não dão uma satisfação mais pra nós.

Quantas mulheres trabalham como faxineira no condomínio?

São cinco

O que você fazia antes de trabalhar no condomínio?

O meu serviço era mais só o guardanapo (artesanato), era capinar um pé de maniva. Eu deixei o guardanapo mas um pouco e aí pra ir pra ali (condominio). Continuo fazendo guardanapo, mas não é como antes.

O pessoal do condominio se relaciona com vocês aqui do São Domingos?

São bem amigos, eles tem seus conhecidos, aí eles compram galinha, gelo, gás. Qualquer coisa procura o comercio. Eles ficam perguntando pra gente, onde tem isso assim mais perto, tanto faz pra mim como pras outras daqui do São Domingos pra não ir lá na rua (centro ou sede do município). Eles diz que compra aqui pra ajudar o comercio daqui.

Seu aldy, ele pensou em comprar uma terra minha, ele disse que achou bonito. Ele tem um quadriciclo e anda. Ele me disse que queria me dá uma voadeira pra eu passear com minha gente, ir pro Atins...Eu disse: senhor eu não quero voadeira não, eu tenho condição de manter ela. Mesmo eu já tenho uma canoinha a motorzinho. Aí depois ele tornou falar com seu Murilo pra perguntar se eu não queria vender lá.

Como vocês usavam essas terras onde esse senhor quer comprar (lá no São Benedito)?

Nós deixemos ali, nós plantava ali, como meu pai saiu para os Piau (povoado), aí ficou lá o chão e o povo começou tomar de conta, botar gado dentro, porque tem um capinal enorme, são cinco capinal: capim touceira, gengibre, tudo tem. Aí nós fazemos assim, deixemos ali e tamo plantando lá nos Piau. Acabamo de chegar agorinha de lá... A gente planta maniva.

Ai ele(morador do condominio) foi e disse assim: Rosa, mas ali é dá associação, voces são da associação? Eu disse: é. Ele disse:porque tu não chama a presidente da associação? Quem é? Ele perguntou. Eu disse: é a Z. Ele disse não é bom trazer ela aqui pra conversar comigo, pra gente trazer alguma coisa de bem pro lugar. Eu disse: é bom. Como eles querem fazer alguma coisa a bem do povo, falou assim. Eu ainda nem falei pra ela não. Nem sei se ela quer aceitar isso. É uma gente que fica tudo com medo. Porque bem aqui se Paulo era um rapaz de São Luis, aí ele queria também ajudar o povo do lugar, fazer um posto. Só sei dizer que ficou tudo desmantelado, com medo do homem, aí nunca se ajunta.

Eles são umas pessoas sabida, como esse O que mora ali, ele já foi vereador, prefeito...a gente até pensou que ele ia pedir voto pra nós o ano passado, mas aí parece que ele adoeceu, aí ele parou...não entrou...aí como ele sabe, assim de muita coisa, ajuntar como diz seu A pra eles fazer uma associação, eles lá com o povo daqui. Ele disse: não seria bom? Eu disse: era seu A.

Eu trabalhava na Receita Federal. Existia a coletoria federal. Terra de marinha era registrada, o livro de cadastro e eles eram registrados. Caiu muito essa maneira de registrar. Existe agora para catalogar o IBGE. Tinha a parte da marinha e parte terrestre para registrar os ocupantes. Hoje há um descaso. Trabalhei quase vinte anos na receita e a gente registrava as terras.

Barreirinhas cresce de uma maneira muito rápida que eu chamo inchando. Barreirinhas com o turismo ta crescendo muito. Não temos mais a receita federal. Hoje tudo é mais pratico e imediato. Antigamente o registro tinha mais segurança que era um registro mais acentuado. A Barreirinhas hoje ela não tem uma organização de vinte anos atrás.

O Petróleo em Barreirinhas é uma evidencia. Ninguém sabe porque esses políticos não.... aqui em Barreirinhas deu petróleo, gás natural de primeira, na época saiu até na revista cruzeiro. O petróleo aqui foi uma coisa. Foi assim que começou o crescimento e o turismo, mas depois com o registro das dunas. Com o nome de Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, é uma coisa que evidenciou, foi que Barreirinhas com sua beleza natural... esse porque é considerado a 8ª maravilha do mundo natural...com essa definição o turismo tornou-se impossível.

Tem grupos internacionais comprando terras ?

Tem demais. Muita gente, paulista, essa região de Boa Vista e São Domingos, as terras de seus ancestrais, tem um avanço muito grande desses moços que tão adquirindo terras. Essa é também uma das causas das pessoas querer ficar por aqui, outra coisa nosso clima, muito agradável.

Como o senhor vê grande quantidade de embarcações no rio preguiças?

Antigamente, o povo antigo não deixavam que corresse com muita velocidade no transporte marítimo, porque essa onda que provoca ajuda a desequilibrar ecologicamente o rio.

Eu gostaria de dizer aos alunos (não estou mais lecionando) que Barreirinhas não prestavam muita atenção, não tinha uma assistência básica necessária.e hoje o ex-governador da Roseana demoliu a praça, da bonita e simples, a nossa praça do trabalhador rural com a enxada nas costas que eu desenhei quando era secretario de educação, e foi feito de concreto, quando Barreirinhas fez 100 anos de vila no tempo do mandato de Antonio Olimpio. Não devia ter demolido o cãs que era de concreto, os bancos de uma boa madeira, e fizeram de madeira de quinta, um lixo.

Os bancos da beira rio e da praça eram dessa madeira Pau d'arco e a peroba e toda praça feita com tijolos de cerâmica fabricada aqui e muito bem feita e bonito. Representei as quatro coisas (pé de palmeira- Jussara, caju, um pé de mandioca e o peixe) ta tudo se acabando...

Para o senhor esse crescimento é bom ou ruim?

É positivo, porque mostra a evolução, atualiza. Agora espero que tenha um gestor que oriente e que o turismo seja articulado de uma outra forma. De forma gradual e acompanhe tudo e seja mais controlado para que não fique tão a toa as coisas. Porque dessa forma fica muito desarticulado. Então Barreirinhas não pode crescer assim. Por exemplo, um prefeito que tenha um planejamento a gente nota que não tem, essa câmara, Jesus me acuda...as leis de diretrizes da cidade não é atendida...

Como era as cercas?

Era usado o mangue, vinha da praia. Tudo era cercado de madeira. Cada um tinha sua propriedade.

Sobre o mangue vermelho:

Ele conservam não só a roupa. Ele tem uma espécie de essência, resina que é higiênico, evita determinadas coisas, ele ajuda a proteger o próprio pescador.

Eu conheci um pessoal, uns pescadores que iam pra praia, iam lá pra vassouras. Lá tinha grande concentração, o Alazão, esses dois pontos pesqueiros. E era a grande concentração deles, onde eles se alojavam, na parte do alazão e Vassouras. Tinha a Vassouras dos Justinos e as Vassouras dos Farias.

Pra onde ia o mangue vermelho?

Os pescadores da nossa região nordestina, quase todos os lugares andei, eu vi isso e também noutras partes do Maranhão. O mangue serve. a madeira pra fazer canoa, as tabuas de mangue manso e com o vermelho e tudo. O vermelho é mais consistente. O mangue vermelho é de muita importância. Pode fazer um banco, uma cadeira, uma coisa...e tem mais durabilidade, tudo isso.

Criação de gado

A criação de gado, aqui ela desenvolveu mais ou menos a partir dos anos 40. Ela teve um certo desenvolvimento. As pessoas mais antigas, as comunidades, como Morro Alto, Alto Bonito, que era dos Carvalhos. Morro Alto era dos Ataides, Conrado o pai deles era um velho um pouco metido a rico. Eu me lembro que quando eu era pequeno ele dizia que para se viver não era preciso estudar muito.... o velho Pedro Ataide, lá no Morro Alto foi um grande criador de

gado, como a família Godinho que era de origem portuguesa. Eles estavam aqui desde o final do século XIX, XVIII. Estão estas famílias desenvolviam gado pouco a pouco.

Manuel Carlos Godinho neto era o patriarca foi eles que aqui compraram aquela região, que era a fazenda dos macacos, arrendaram a Vila Regina, que é em frente a Mangaba. Passou a se chamar Vila Regina por causa de uma moça que deu origem: Regina Maria Godinho e ai ficou.... depois venderam para o Marcos Jacob. Ele comprou.

A vila Regina foi produtora de carnaúba porque no final da guerra eles usaram muito a carnaúba. Ela foi utilizada como uma espécie de combustível. A cera faz também a cola e tudo.

O povoamento de São Domingos e mangaba ela remonta ao final do século XIX. Eu nasci ali no São Domingos. São Domingos e Mangaba tudo aquilo ali é meu povo...as pessoas lá trabalhavam na agricultura, produziam farinha, agora dado a aproximação com Mangaba se aglutinou a Barreirinhas. Hoje em dia quase todo mundo tem sua venda. O povo da mangaba é muito ativo, não é família atrasada. Ali já deu muita gente importante que ajudou esta Barreirinhas.

O povoado de São domingos?

Ele ta muito aproximado da sede e com este desenvolvimento no final do século XX, ela é mais aproximada à bairro. Ali está aquele porto, ali é bem desenvolvido. Eu acho um povo respeitoso como o povo de Mangaba, com ouvia meu avô falar, tem muita vergonha. Não é um povo pra estar enganando os outros nem nada. Mangaba e São Domingos são mesmo que irmãos. Outra coisa são muitos unidos.

Como chegou as pessoas aqui?

Eu trabalhei na Receita Federal até fechar. Cada pessoa que tinha suas terras e imposto- o imposto, tudo era pago na receita(chamava coletoria federal). Era uma fonte de orientação não só das terras, todos os direitos eram controlados. Pagava também os abonos, direitos da mulher do trabalhador e outros controles de impostos. Tinha os terrenos de marinha. Parte do pessoal da mangaba, muita gente tinha os talãozinho. Eles pagavam uma pequena taxa de ocupação o T.O que chamavam. Custou muito, hoje em dia não sei como está a modificação...tô aposentado.

Tudo modificou com o turismo. O turismo ta na faixa de 25 anos aqui desenvolvido, agora ele precisa de um controle. Uma das coisas importantes, foi Barreirinhas, as dunas que deu a vida e ponto de atração e passa a ser chamada de a 8ª maravilha do mundo natural.

D. Rosa Machado 65 anos (povoado Atins)

Entrevista realizada em março de 2015

Sim o trabalho na agricultura alcançamos assim: nós todo mundo trabalhávamos em comum. Todos juntos, numa beleza. Os nossos produtos, eles eram guardados, não tinham venda, era só pra manutenção, né. Nossos artesanatos, eu fazia pote, por uma hora dessas chegava com o barro, botava num lugar certo e molhava e de manhã cedo amassava e sentava todo mundo pra trabalhar de tarde, todo tinha seus 6,7,8 potes prontos cada companheira e aquilo ali já ia pra

ser raspadinho, depois já ia para o sol, pra semana já ia pra ser queimado e vendido e esse capital era pra nós se vestir, todos da família. Todos da família se vestiam do seu próprio trabalho. Por ano, aí o saldo guardava pra no inverno, quando não tivesse nós ter com que se manter. O legume pela mesma forma, né. O serviço de casa, nós pisava o arroz, as vezes de tardinha assim pra comer na roça amanhã bem cedinho. Não tinha maquina de pisar, lá era mão era braço brabo, pisando mesmo firme pra comer arroz piladinho, novo e gostoso, né. A pesca, nós tinha nossos guezinhos, não era linha, era gué, diz caniço. E depois apareceu a caçoeira. Nós tinha a nossa caçoeira e pescava mais papai, botava na beira dos paus ou mesmo no meio do rio que era pro arenque né. E pegava peixe que dava pra almoçar e jantar e ainda avizinhava (partir com o vizinho). Salgava aquelas tigelas, alguidarzinho cheios de peixe pra comer dois ou três dias assadinho, beleza. Isso eu alcancei. Meus pais botavam currau aqui embaixo perto da Vassoura. Pegava aqueles guaribuzão. E assim que a gente foi crescendo, todo mundo tinha o que fazer. Papai trabalhava com tijolo. Eu era lavadeira de pau (umas pecinhas de madeira que entra dentro da grade, agente limpava lá pra sair com facilidade). Eu lavava esses buracos do tijolo. Todo mundo trabalhava. A Concita era fazedeira de tijolo. Por resto ela até já cortava telha e tudo isso a gente fazia, tudo com animo né. O chapéu, a rede de palha, a rede de linho pra nós dormir. Todo mundo tinha suas redes pra dormir. No verão era de palha de buriti e a de fio era a do inverno.

A turma que pesca tem uma história de dizer assim: que na beira da costa existe um batatã. Batatã pode ser o que? Pode ser uma visão de pessoas que diz que morreram afogadas, pode ser coisas d'água. Uns falam que foi os anjos mal que Jesus jogou do céu abaixo. E quando a Bíblia sagrada, quando ele chegou no trono e que achou alguém querendo mais de ele, então parte desse povo que se acha que anda pelo mundo velando. E assim que a gente pode até discordar e que tem alguém lá no mar. Tudo tem dono. O mar tem dono, a terra tem dono. Justamente na terra tem o currupira, que são as visões da mata. E no mar tem os cabal d'água.

Como é os cabal d'água ?

Os cabal d'água diz que são umas criancinhas tudo louras, mal vestidas, não é bem arrumadas, não é calçado, são uns pessoal assim diferente da gente. Eu te digo com certeza. Eu tenho uma certa visão que eu durmo e eu desapareço do Atins. Verdade pura. Como se eu estivesse sonhando, viajo pra cá (pro São Domingos). Quando chego bem ali, naquele pé de ladeira, sempre eu paro lá, mas eu atravesso caminhando no meio desse rio aí, é sim senhora. Nessa caminhada que eu venho eu salto no porto grande do São Domingos e aqui no porto grande eu olho a estrada que ainda tem caminho pra frente.

Onde os cabal D'água moram?

Eles se encontram na beira do mar. Eles estão entre o mar e a terra, na beira do mar.

Eles fazem mal ou fazem bem?

Eles não fazem mal a ninguém, eles estão fazendo na verdade a missão deles. A missão deles é andar. Eles não meche com ninguém.

Alguns dizem que são pessoas que já morreram e estão fazendo suas penitencias, até porque tem alguém que diz que chega até abalar as redes. E pra dá o chá ainda bate no bumbum deles, eles bulam da rede no chão. Todos que vão barraca de seu João Lourenço vê. Vê essa pessoa andando na beira d'água. E ai a gente atribui que não coisas tão assim difícil. Que seja alguém que esteja em seus trabalhos na noite.

Onde e contam essas histórias?

Os pescadores contam uns pros outros, ai vão comentar. Tu viu isso assim, assim tal hora, no dia que você foi pescar? Ai eles dizem: eu vi tal hora desse jeito, Foi assim, tal coisa chegou na barraca, o fogo ainda estava aceso, era um vulto, é alto do chão. Que eu também já vi, minha filha. É alto do chão, a pessoa não fala, a pessoa vai uma viagem. Ai que eu digo que é uma missão que eles vem fazer. Porque eu já olhei. E aquilo que passa acola que você tá olhando você, quando enxerga você se assusta, porque não é coisa pra estar no nosso meio. É pra estar no meio deles. Cada qual tem seus horários de passar seus caminhos, no caso, o caminhos deles. Então são os caminhos deles, não é pra nós passar. Todo mundo sabe disso que não cabe a nós. Bem aqui no alazão perto do morro do boi tinha esse mesmo “negócio” então o pessoal falava que tinha sido um vaqueiro que morreu a quarenta nos atrás nesse campo aqui do Rio Novo. Que o moço morreu, deu agonia caiu do cavalo e morreu no morro quente, no sol quente e diz que este cidadão apareceu nessa barraca, lá no alazão, lá no morro do boi. Apareceu lá, e muita gente via quando a pessoa entrava de casa a dentro.

Foi na pesca eu e Anesio, quando a gente viu lá vinha aquele molequezinho caminhando dentro d'água, caminhando, caminhando, ai ele jogou a tarrafa, o peixe riscou perto do igarapé e ele jogou a tarrafa. Quando ele jogou a tarrafa a tarrafa voltou, ele sentiu aquele frio, ai ele disse: te queta rapaz, passa teu caminho que passo o meu, ai ele puxou a tarrafa. Quando ele puxou a tarrafa não tinha coisa nenhuma dentro. Tinha muito peixe Mas o cabalzinho, assim pequenininho ia passando a viagem dele por dentro d'água, o meninozinho, como se fosse assim uma criatura, ninguém sabe se era macho ou se era femea, mas era uma visão da água,

ele não viu só uma vez não viu mas de dez. essa história é verdadeira. O pessoal fala que morreu afogado lá no igarapé, viu. Pode ser que tenha ou possa ser que não. Pode ser que seja só um alerta. Porque tem também a visão de nosso anjo de guarda, sabia dessa? O anjo bom nos acompanha e as vezes nós tamos até se atrevendo a enfrentar alguém que nos guia. A gente não quer aceitar que alguém nos acompanhe, né.

Uma certa noite nos estava todos fazendo chapéu lá, a gente contava fazendo chapéu, bote, cortando linho, trocando fio pra fazer rede. Ai quando lá vem uma cachorrada, latindo, latindo, quando o fogo surgiu, e muita gente viu isso. Um foguinho surgiu e alguém falou assim: ali naquele foguinho tem uma novidade, vamos correr atrás, e foi nesse terreno bem aqui, onde é a casa do tio Bebê.

Era dinheiro. só que a pessoa convidou uma. Porque se apareceu só pra você, não é pra convidar aquele pra ir não. Você tem que ir sozinha, e a pessoa foi e convidou o companheiro. Disse: vamos ali que ali tem um “negocio”. Porque ele dormiu pensando naquela arrumação. Que fogo veio, veio até onde parou. Quando dormiu ele sonhou. Uma pessoa disse assim: vai lá. Lá tem uma coisa pra ti. Vai lá. Tem uma coisa pra ti lá. Ai ele ficou receando, foi e convidou um companheiro. Disse: vamos ali comigo. Foram, quando chegou la ele cavou no lugar que a pessoa disse direitinho pra ele, e a pessoa era uma mulher. Ai ele convidou a pessoa e foi, quando chega lá cavou, cavou no lugar e quando chegou no ponto certo ele encontrou a vasilha, mas a vasilha não tinha coisa nenhuma dentro. Fez sumir, porque não era pra eles dois, só era pra ele só. Ai ele ficou com medo não pisou mas lá, porque ele não tinha coragem de ir só. Se ele tivesse ido só o tesouro tava lá.

O fogo é sinal de tesouro?

É, porque é claridade. O gatinho com olhos luminosos, a noite os gatos tem olhos luminosos parece fogo. Esse foi uma luzinha acessa que tava lá, tipo uma laparinazinha.

Quais suas lembranças das Histórias de mãe d'água ?

A mãe d'agua buliu comigo viu filha. Foi como te falei que eu tenho esse negócio, e sempre, sempre eu to vendo esse povo. É um cidadão, são assim de bermuda, o cabelo é assim louro. As pessoas não ligam pra gente, é o que eu veja na estrada (do rio), ele estão caminhando em uma estrada deles, até de costa pra estão. Nunca me deram uma palavra. Porque eu tinha uma suspeita que nós tínhamos um banho no rio toda seis horinha, depois do serviço ia banhar e lá nós mergulhava e o tambor rufava no fundo da agua. Eu assistia esse tambor até uma hora de

relógio, eu participava até as cantigas, eu atuava. Era eu era a santa (irmã), era a adriana, pode perguntar pra ela. Quantas vezes nós mergulhava no fundo da água, com aqui de fundura (na cabeça), no tronco do mourão da canoa do papai, ai o tambor estava rufando, tem mais uma cabacinha com continhas que faz assim olha (faz o gesto de tocar). A cabaça de cujuba, coloca a continha e faz assim e batia assim abalando (repete o som num objeto). Ai o tambor rufava e cantiga cobria. O tambor rufava e o tambor rufava, que quando terminava aquela toada bonita que cantavam excelente, uma coisa que eu me encabulo demais. Era muito agradável, minha irmã, era muito animado. Não era coisa atoa não senhora. Eu nunca vou dizer que dentro d'agua não tem coisa, porque tem.

Eu sai mas a Conchita, tai ela viva e sã, atravesssei esse rio nadando. Depois desse dia nunca mais. Naquela banda de lá tem uma croa grande de areia bem alvinha. Ela disse se nesse rio tiver mãe d' água eu quero trazer daqui qualquer coisa na minha mão, vamos Rosa, eu disse vamos, e mergulhamos pro fundo d' água cada uma tirou uma mão cheia de terra da croa, quando abrimos a mão cheinha de terra que ela abriu aqui a mão, na mão dela tinha a metade de um botão e na minha mão tinha outra. Com dois furos cada um em cada mão. Eu soltei e disse: nunca mais eu venho aqui. Eu já acostumada a ver o tambor rufar bem aqui no mourão, nós escutava, minha irmã, horas esquecida o tambor rufando aquelas cantigas bonitas, até certos tempos eu ainda cantava elas, eu lembrava. Depois eu tirei da minha mente assim um pouco, porque eu tenho que mudar para os hinos da igreja, né, mudei. Mas eu tinha aquilo na mente, eu era cabaceira do tio Bebé (tocava cabaça no tambor da comunidade). Quando nós ia pra São Benedito (local onde tinha o ritual do tambor de Seu Bebé) nós era cabaceira eu e minha irmã (Adriana). Tio Bebé botava aqui na frente os tambozeiro e nós ficava atrás batendo a cabacinha, aquilo fazia assim: chiqui, chiqui, chiqui (o som que ela faz com a boca)...

Aqui na região tinha muito tambor?

Tinha. Tinha o Celso oliveira que eu sempre ia lá. É o moço da Tratada que trabalha no Santo Inacio, também cabaceira, batia cabaça pra ele. Ele recebia o caboclo por nome caboclo cearence. Ele dizia assim: (canta a música) “Eu sou caboclo cearence, eu sou caboclo cearence,” aquilo chega chiava assim. Acho porque escutava muito, é porque ainda hoje eu vejo.

a estrada é uma estrada grande que vem lá daquele começo daquele mangal, lá perto da casa da Conchita, tira certinho pelo meio do rio. Esse rio aqui eu to cansada de atravessar, caminhando a pé enxuto como eu tô aqui, olha. Aquelas pocinhas d' agua as mais fundas dá bem aqui em mim (mostrando que fica rasa). Isso era tão forte que precisei dizer pra mamãe, tio Bebé, porque

eu não duvidava que não tinha, mas acontece que tinha aquilo na minha mente que ali tava aquele pessoal. E a mamãe tomou o tio Bebê da mão de um homem, o cabal d'agua, ia levar ele. Justamente foi a história do rapaz dos Piau (lugarejo próximo), que o pai dele disse lá as palavras que dava o menino pra ele (cabal d'agua), ai o menino sumiu do beijo da lagoa da esperança, ficou o chinelo, ficou o quilincho de açúcar, ficou a roupinha do menino toda direitinho lá, esse menino se sumiu até o dia de hoje, nunca acharam o corpo naquela lagoa. Onde ele foi? Ele foi consumido por esse pessoal. É verdade.

E as histórias do engenho da Zizu?

Contam que no porto da Zizu as lavadeiras saiam da agua sentavam na beira d'agua, lavavam suas vestes, estendiam tudinho pra enxugar. Muitas pessoas viram essas mulheres. Santa (irmã) viu foi perfeitinho aqui perto no porto do Isac, nesse tempo era um beiral ela foi chegando e viu elas sentadas lavando roupa na perna. Quando a Santa chegou e elas viraram e enxergou a Santa, a mamãe, a Desa (irma) conta, a Santa contava que quando ela viu que alguém chegava ela caiu na agua e pronto sumiu. Foi sim senhora, foi verdade. Eu não cheguei a ver acordada. Eu faço é desaparecer de lá (Atins) e amanheço o dia ruim cansada de sono da viagem, eu fico assim pensando, meu deus eu fui lá no São Domingos atravessei o rio a pé enxuto, no meio do rio tem uma estrada, ai a gente pensa se o povo (da agua) é bom ou ruim. Mas de existir as coisa na agua existe.

Agora o pesadelo da alma que eu vi lá no Atins, isso eu lembro demais, nesse tempo tinha morrido um rapaz na beira d'agua, irmã do Pedro bruno aqui, o Orlando chegou lá meio dia e pegaram ele, eu fui olhar. Seu Manoel era o nome dele. Botaram na lancha do Orlando e trouxeram, fiquei assim pensando: oh meu deus a dita vai ficar muito triste, a mulher que mora aqui na ladeira. Ai quando foi um dia eu sai fora na porta, eu disse assim: menino Anésio tá pro mar, tá até pescando mas esse irmão da Delina aqui, tinha ido pescar, nesse tempo estava dando mito pitiu na beira da costa, em frente a nossa casa. Quando eu sai fora na porta, a lua nova bonita, clareando bem já, eu podia ir lá nos poços lá fora pegar uma agua porque os homens vão sair de madrugada e vai precisar de agua pra passar café, que eu ali, minha filha pensando assim: será que vão custar. Quando eu to assim lá vem o homem, lá vem o homem, vem caminhando na rua certinha. O homem trajado, a calça era perfeitamente a que vi homem vestido, a camisa do mesmo jeito, azul clarinha longe. Aqueles branco encardido, sabe? Roupa de pescaria, né.ai eu fiquei assim olhando certinho pro homem assim, é o homem, ele levava um negocinho assim nas costas. E eu olhando, olhando, que quando o homem confrontou assim comigo, eu disse: oh meu deus ele vai alto do chão. Eu que disse assim comigo sozinha ele vai

alto do chão. Eu dei um grito tão grande minha filha com um pulo pra cima, que eu trisquei esse pé bem no meio da casa e o outro pé eu já pisava lá pertinho onde eles(marido) estavam, pertinho da cozinha. E eu disse: se existir uma pessoa que vai embora sua viagem esse dai foi um. Eu comecei a chorar, ai o anesio chegou e começou me ralhar: conversa menina, pois vamos lá. Eu agarrei uma banda dessa e o odon no outro braço e saímos no dito caminho que eu vi o homem, não tinha rastro de coisa nenhuma no mundo, eu disse era o homem que ia a viagem dele, agora que tá despachado daqui do Atins, e era o homem.

Diz que é chamar a gente diz assim: vamos embora fulano de tal (fala o nome da pessoa) vamos fulano de tal pra tua casa, pra tua morada ,que essa aqui não te pertence. Nós sabemos que aqui não é nossa morada aqui estamos só a passeio em cima deste mundo

Quem era essas mulheres do porto da Zizu?

Eram as mães d'agua. Baiadeiras do fundo d' agua

E as historias de lobisomem?

Eu vi lá no atins. Eu estava fazendo chapéu dez horas da noite, ai o anesio ia pescar de madrugada. Ele disse assim; Ana rosa eu vou dormir porque eu vou sair mais cedo. Então eu disse vou fazer chapéu pra de manhã cedo gomar. E eu tinha quebrado um coco pra fazer uma tapioca pra mim fazer a merenda dele pra ele levar. Nesse todo mundo novo coco não fazia mal. Eu raspava o coco bem fininho tirava um pouco de sumo fazia a tapioca e banhava a tapioca com o sumo do coco, dobrava, botava ali e cobria pra ele levar pra comer. Eu tirava uma pra mim e a outra era pra ele levar pra merendar. Ai que eu ali naquele serviço, a lua estava baixinha, ai lá vem uma cachorrada medonha, eu disse: valha me deus, que negócio é esse. Eu corro pra dentro de casa. Quando chego dentro de casa eu deixei a luz no chão e segurei a caixa de fosforo e abri a janela. Quando abri a janela, lá vai um jumento que era um medonho, minha filha, acredita. Esse jumento tinha uma lata em cada lado da orelha. E ai saiu o maior tendeu maior do mundo. O cabelo da gente chega fica alto (arrepinado) e esses cachorro em cima e o bicho estragado de cabeça assim... e não foi só eu que vi não, muita gente viu. E desceu de costa abaixo. Diz que era do santo amaro o lobisomem- diz que é a mula sem cabeça, que é o pai que namora com a filha, que diz que tinha pra esse pessoal desse jeito. O pessoal fala assim, sabe lá. Só sei te dizer que a fé do homem quando sai da mente dele, que não existe deus ou que deus não pode fazer algo pela vida dele acontece isso.

Uma vez estava todos, mamãe, papai, catando feijão, quando seu chico neto riscou aqui na porta e sentou numa cadeira e ficou a conversar. Seu Manoel Guilherme chegou e sentou na outra e começou a contar história de Trancoso da terra dele. Ai ele foi e disse assim o velho: compade o senhor acredita que existe lobisomem? Ele disse: compade será que existe mesmo? O seu chico neto fez assim kkkkkkkk (rindo). Compade você ainda diz isso. Também ficou, ele foi embora pra casa dele, e o velho ficou, ficou, depois disse: até menhã comade Rosa, ele falava assim. E o veio saiu. Quando chegou mais ali assim de uma casa que Isac tinha, a gente viu o sopapo, o lobisomem em cima do velho, e o velho arrancou pela faca, e o veio botando a faca no bicho e o bicho em cima, mas era um lobo, diz que dessa altura assim. Um cachorrão medonho. Ai diz que saiu subindo bem na porta da igreja, saiu o chinelo do pé, adiante caiu outro, ai ele se alembrou. Disse: oh compadre chico você que é comer ele. Ai quem foi foi deu uma gaitada e desceu aqui na carreira que ia doido. Dizem que o seu chico neto tinha um pacto com o inimigo. Ele deu um presente pra ele e não entregou, não pagou a promessa que tinha feito. E justamente todo mundo sabe essa história. Ele ficou muito tempo louquinho, louquinho, por resto ele perdeu a perna. A perna dele caiu em vida, apodreceu, caiu em vida. Depois que a perna caiu e foi enterrada, ele ainda viveu dez anos sem a perna, pagou uma conta muita cara, se é que ele tinha feito, né. Jesus amado livrai-nos. E nós ouvindo a história e não sabíamos que era o velho que tinha botado nele, o dito velho chico neto pra comer ele. Quando ele disse: compadre Chico, ele riu e saiu correndo. Esse velho contava essa história com os olhos cheios de terra de tanto jogar a faca no caboco, perdeu até o chinelo graças a deus agra tem muita comunidade essas coisas não existe mais.

Essas histórias de lobisomem tem ainda muito no rio novo. Aqui essas conversas de lobisomem terminou, mesmo que exista, é muito difícil ver facilmente. Mas muita gente viu, o Antônio zozino foi atacado na Mangaba por ele também, pelo velho chico neto. Ele chegava pra as pessoas e perguntava se as pessoas queriam ver o lobisomem, se tinha vontade de ver. Ai as pessoas diziam: é se eu ver eu não corria não, podia contar, demorava pouco quem era estava aqui virado num inseto qualquer.

E as historias de benzimento?

A respeito dos benzimentos uma colega minha sempre me contava que ela rezava pra mal olhado, ela rezava pra vento virado, ela rezava pra dor de dente, pra frieira, pra inseto de frieira de pé de criança que fica todo cortado e garantia que morria, que sabe benzer de frieira, sabe benzer de fogo selvagem, aquela doença que pipoca a pessoa, ela disse que tudo que ela rezava, a força da oração era o credo em morto. Morto e sepultado essa enfermidade que eu estou

fazendo este trabalho (a doença). Ela rezava as três ave Marias que é aquelas três contas acima da cruz de cristo do terço. As três ave Marias são a força do benzimento. A pessoa pode discordar dessa história de benzimento, mas existe. Até porque nós sabemos que está no livro de Marcos, conta que foi uma missão que Jesus mandou os discípulos fazer. Faça isso em meu nome, faça essa cura em meu nome, aí também volta a fé, lá vem a história da fé. Para tudo tem que ter fé. Vai fazer isso com fé, vai benzer tem que ter fé, você peça com fé.

O fogo do olho d'água

Mamãe nos contava quando ela saía do São Domingos pra barreirinhas e quando ela chega perto da pedreira (planta) ela e uma língua de fogo muito grande que clareou a vargem toda e ela ficou muito assustada, a ponto de cair, que deu vontade dela voltar. Nessa época era longe das casas, longe de gente. Depois ela passou e fogo lá ficou, se estralando todo. Ela passou e depois o fogo acalmou. Ele saía para alguém também, porque muita gente via. Quem via corria, mas teve gente não corria. Dizem que era um tesouro que tinha lá.

O homem que morreu e foi enterrado com o dinheiro

Ribamar Constantino, tocador ele tocava sopro, ele adoeceu do pulmão, tão novo ainda. Ele disse pra mulher dele que sabia que ia morrer, ele ficou muito triste, passou a ficar cabisbaixo, aí ele disse pra ela: oh Ribamar arriba tua cabeça, e ele disse você não sabe, a vida dele tá se acabando, ali foi demora pouca. Ele disse assim pra ela: pegue aquela roupa acoleta que ele quer vestir, tirou a estava vestido e jogou assim, tinha seiscentos reais dentro e pegou a outra que tinha, que ela pensava que estava sem nada dentro. Ele tinha pensado que ela tinha tirado o dinheiro já. Isso foi verdade. Ele segurou nas mãos dela e caiu pra trás, tinha acabado de morrer. Tinha dado banho nele, ajeitado já em vida, só fizeram botar no meio da casa e ajeitaram a roupa tudinho, trocaram, drobaram a que ele morreu, porque ninguém pode mais mexer, só dobraram e botaram debaixo da cabeça dele, botaram no meio da casa, fizeram o velório, enterraram. Quando acabaram de enterrar ele chegou perto dela e disse: oh mulher quero pedir que vc mande abrir a sepultura e tirar tal roupa assim, assim que botaram debaixo da cabeça dele, porque ele não pode ficar com esse dinheiro junto com ele, não dá certo. Ele pensou que era impressão, já que o dono da casa saiu assim imediato. Aí no outro dia de novo, e no outro de novo. Aí ele via ele pessoalmente. Quando ela ia dando na vista dele ele se escondia dela. Com sete dias ela foi na cova dele, fizeram a visita de cova...quando foi seis hora, ele vem entrando de casa dentro. Ela diz valha minha nossa senhora, que esse homem quer, aí ele pegou a sanfona, sentou numa cadeira e o pau arrochou. Ela olhava via só o som. Com sete dias

ela não dormia e não comia mais. Ela é viva ela conta essa história. Estava desassossegada, ela veio na barreirinha, quando chegou no hospital falou pro dois enfermeiro pra ajudar ela nessa tarefa, ai foi ela falou com os cavador, ai eles disseram. Ai o médico disse pra ela só cavar do lado da cabeça, deixar o corpo como estava. Ele vou um ferro que desse pra furar sem bulir no resto do corpo.... ai assim fizeram. Cavaram do lado da cabeça, quando descobriram o caixão certinho, ai colocaram o pé de cabra e arrancaram a peça de madeira, ai o enfermeiro meteram um ferro e puxaram a dita roupa que ele tinha dito pra ela direitinho. Ela disse lá está acola. Ai puxaram de debaixo da cabeça dele, diz o rapaz que contou essa estória, que a permuta estava enxutinha, anão tinha coisa ruim nela, o rapaz, o enfermeiro olhou, e tinha trezentos reais dentro, do jeito que disse pra ela. Pegaram a bermuda tiraram o dinheiro e jogaram novamente a roupa no buraco e deram o dinheiro pra ela. Dizem ela pegou esse dinheiro doou todo. Pagou o pessoal que fez o serviço. A gente vê essas coisas em sonho nem sempre é ruim, pois ele não queria o dinheiro junto dele, era pra ela tirar o dinheiro de junto dele porque estava fazendo mal pra ele.

Roberto Oliveira(40 anos) povoado Boa Vista - entrevista realizada em março 2015

Conte um pouco das suas andanças em busca de trabalho?

Porque você sabe no Maranhão emprego é aquela situação lá embaixo. Hoje que a demanda do emprego, hoje que ta melhorando, mas na época que eu comecei, aqui mesmo em Barreirinhas pra gente ganhar um dinheiro mais fácil, tinha que sair lá pra fora procurar o caminho dessas equipes, dessas empresas de pesquisa de petróleo e ganhar o tempo.

- Com que idade você saiu para trabalhar fora?

Comecei com a idade de 20 anos.

- Onde estas firmas atuam?

Hoje ela está em quase todos os Estados. Essa mesmo que eu trabalho, ela está com mais de ano, ela tá com três anos no Maranhão.

- Que empresa é esta?

É a Georadar.

- Quais as atividades dessas empresas?

Pesquisa de petróleo. Elas prestam serviço pra Petrobrás. Como hoje tem várias empresas em nosso país que tá na mesma função, ela tanto trabalha pra Petrobrás como hoje essa aqui que tá no maranhão, ela trabalha pra OGX do Eike Batista.

- Você gosta desse trabalho?

A gente só faz as coisas o que gosta. Se a gente não gostasse a gente não faz.

- Quantas pessoas trabalham nessa empresa?

A gente trabalha com 1.000 homens. Daqui de São Domingos tem uma porção deles. Tem mais ou menos uma faixa de 40 pessoas ou mais. Tem mais gente da sede e de outros bairros, de outros estados. Sai gente de todos os lugares. Agora mesmo tem um rapaz que ta indo pra lá sexta feira. Ta indo fichar pra lá, trabalhar.

- Qual o tipo de trabalho feito nessa empresa?

A gente abre picada na mata, nos terrenos onde é permitido a gente trabalhar, ai faz plantação de materiais de dinamite, aí vem espalhando o material que faz o registro que capta os dados que eles querem pra descobrir petróleo.

Aqui mesmo em Barreirinhas tem um serviço muito grande pra ser feito. Só ainda não foi feito por causa do IBAMA. E o serviço daqui dá pra mais de 3 anos. Aqui já era pra ser feito. Só porque pega uma parte dentro do Parque. Aí a burocracia toda tá aí. Só sei que a briga ta pesada pra liberar esse serviço aí, que é o poço ali da Ponta da Pedra. O poço fica nas proximidades do Parque, mas tem outro dentro do Parque pra ser feito também. A briga já ta feia a muito tempo. Quem vai fazer isso aí não é a Petrobras, ela já empurrou esse angu pra outro. aí ela só vai pegar quando tiver pronto. Vão abrir um gasoduto desse poço pra ir para a refinaria, não sei se vão levar pra Bacabeira... Só sei dizer que já vão abrir o poço aí. Só que tá tudo camuflado pra não estourar a bomba.

- Como se deu os conflitos nas cooperativas de lanchas e toyotas?

Botaram o Danilo, presidente da cooperativa, aí entrou o Miltinho(prefeito). Aí o Danilo, não que foi que fez com a cooperativa. Quando os caras pensaram que tavam pagando a cooperativa pra eles rodarem, o Danilo abriu mão para um cara botar 17 lanchas de 20 e 30 passageiros cada uma. Aí os caras que tinham uma lancha pequena ninguém queria. Aí os caras caíram. Aí a cooperativa, porque os cooperados saíram fora por isso. Aí vamos supor: eu tenho uma lancha, tu tem uma e a outra tem 17 lanchas que, só uma lancha duas vezes mais do que a minha, com conforto e tudo mais pra levar e trazer. Aí vai que eu tenha a minha lanchinha pequena. Alguém quer ir na minha. A mesma coisa que esse cara queria fazer com as lanchas, queria fazer com os carros. Aí o pessoal meteu o pé na parede, negativo. Aí que vale Deus que eles acordaram. Já tinha a cooperativa. Os próprios cooperados e os que trabalhavam no ramo também. São duas cooperativas que tem aqui. Assim se reuniram as duas e foram no IBAMA. Aí o IBAMA disse: não, a agente não aceita gente de fora não. Aí se vocês quiserem podem se organizarem e registrar a cooperativa de vocês...aí so entra os carros que é selado hoje. Aí hoje a gente está tranquilo. Aí acabou com a historia, mas se tivesse feito que nem a outra, ele já tava com a frota de 20 e poucos carros pra jogar na cooperativa, tudo pronto. Tem gente que já estava aqui a 10 anos, desde quando começou o turismo.

- Me fala sobre a abertura das ruas no São Domingos?

O caminho de fora é antigo, que hoje botaram por nome de rua de fora. Que vai lá perto da tia Concita. É esse caminho que direto vai sair lá. Hoje ta uma rua, daí até lá o São Domingos. O pessoal tudo ta comprando, aí foi tempo que começou a associação da Boa Vista, aí foram e repartiram entre os sócios. Cada qual seus pedaços, hoje tem sócio que não tem terreno não, eles venderam. Uns vendem, só que a associação tem uma comissão, aí a associação libera. Vamos supor: eu sou um sócio, aí eu vou vender meu terreno pra ti, aí por exemplo por 10 mil conto, aí eu tenho que pagar dos 10 mil contos que vou receber da tua mão, pra tu poder liberar o documento pra ti, eu tenho que dá 10% pra associação. No São Domingos é do mesmo jeito. Mas no São domingos tem uns que pagam, outros não, e ninguém vai atrás não.

Se tu vê as casas que tem pra ali. É casas medonhas. Esse terrenão não é gente daqui não. Ali onde era o Zé Raimundo Ferreira. Alí só tem mesmo o lugar onde ele é enterrado, ele é enterrado ali, detrás da pousada das rosas...quando ele era em vida, ele vendeu uma parte, aí foi dividido também com os herdeiros, aí foi repartido entre o irmão. Ele tinha um irmão pras bandas de

Arari, ninguém conhecia, aí quando ele foi aparecer... Aí ele partiu com os filhos, que é o João Ferreira. Aí os filhos foram vendendo e no finalzinho só ficou um pedacinho bem pequenininho. Depois ele arrumou uma mulher que cuidou dele até quando ele morreu. Eu não sei se a mulher já vendeu o pedaço.

Aquelas áreas de terras dali do São Domingos pra ali repartiram e os donos foram vendendo pros ricos. Agora diz que ta no projeto aí que vão asfaltar até lá. Vão levar a piçarra até na Mangaba. Lá tem a casa do deputado Marcos Caldas.

O papai foi e vendeu um terreno para um cabra de São Luis. Aí o cabra de São Luis vendeu pro filho de Carlito ali, aí o filho de Carlito foi rachou o terreno bem no meio. Vendeu não sei por quantos mil. Ficou com a outra banda e vendeu pro Marcos Caldas e ele ta fazendo um prédio do tamanho de uma semana.

Se tu vê as casas que o Diniz tem ali no Cantinho. Quando vou pra lá passo bem em frente delas.

O problema daqui é que não tem assim, vamos supor, não sei o que o pessoal tão vendo aí pra frente que ninguém sabe. Mas a gente está desconfiando de alguma coisa. Ninguém sabe o que é. A gente mesmo daqui já desconfiou, porque, olha terreno que lá pra gente não vale nadinha, se a gente dizer assim, me dá 20 mil nesse terreno. Ele não diz nem tu é feio, só faz coçar aqui o ladinho. Terreno que nós que tamos aqui a não sei quantos anos, a gente vê o terreno bonito. Bonito pra fazer uma casa, mas você bota dificuldade, tenho que fazer um poço, fazer isso fazer aquilo. Pra fazer olha o suor que derrama.

Às vezes o terreno por vinte mil reais não tem nada, somente a cerca e o mato. Aí quando passa uns dias começa a construir. Quando você pensa que não está com uma casa mais de 80, 100 mil reais, 200 mil. Aí vai mura, aí quando mura está valendo 500 milhão de milhão de reais. Aquele cara, o Mamesio ele comprou aquele terreno ali na época, da Zulina, foi 80 mil. Hoje chega lá com 5 milhões. Só as casas que ele já fez, o terreno, o sitio de coco todos botando. Só casa lá parece que tem 3 ou 4 casas grandes. E está murado todinho, não é só na frente da casa não. Ele pegou murou foi tudo.

Ali pra cima tem terreno que a água alaga quando chega no inverno. O cara chega mete o tratosaõ pra cima com caçamba aterra tudinho, mete um alicerce no tamanho que é o terreno...as vezes faz um açude no fundo, alteia o terreno todinho e pronto.

Essa minha casa aqui outro dia veio um médico que trabalha em São Luis. Chegou aqui botou 100 mil nela. Eu disse: não, não tá pra vender, por enquanto. Não vou vender ainda não. Se eu vender essa daqui por 100 mil, aí o que que ele ia fazer, ele ia ampliar só um pouquinho, daqui a alguns dias valia 200 mil. Essa casa aqui eu estou com cinco anos trabalhando pra acolá e ainda não terminei.

Essas pousadinhas bem ai de Roseana, esses conjuntinhos aí...aí tudo é vendido. Cada qual aí tem seus donos. As vezes você vê aqueles chalezinhos ali, mas se tu entrar lá por baixo você vê as lanchas que tem lá, tudo encostada lá debaixo duma garagem lá que tu te admira. Lancha que o chalé não chega nem aos pés. Lancha de valer 250 mil reais. As vezes eu saio daqui, vou tomar um banho, aí eu vejo. Vejo o cara (quando eles tão aí) pegando e levando no carrinho e colocando lá dentro d'agua...quando eles vão embora chega o cara do tratorzinho e leva pra guardar. Aí tem esse meu vizinho ele trabalha de vigia. Ele ganha um salário mínimo. São em torno de 10 a 15 pessoas que trabalha lá pra manter tudo limpo, tudo bonitinho e fazer a vigilância, e tudo ganha o salário mínimo, 700 contos.

MAIS ALGUMAS IMAGENS DAS COMUNIDADES PESQUISADAS

Crianças em seu dia a dia



Levantamento do mastro no festejo religioso do povoado Boa Vista



Chegando com capim para os animais



Dona Rosa e Maria em suas tarefas



Os barcos de pesca viajando em direção à foz do rio



À beira do rio, os turistas e os ribeirinhos



Dia de consertar as redes de pesca



Mulheres nas fontes (margem do rio Preguiças nos fundos dos seus quintais) lavando roupas



Novos transportes

